CEC 2014

Congresso de Extensão e Cultura

memória e muitos tempos

Anais do evento

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Ubirajara Buddin Cruz – CRB 10/901

C749a Congresso de Extensão e Cultura da UFPel (1. : 8-12 set 2014 : Pelotas)

Anais do...: memórias e muitos tempos [recurso eletrônico] / 1. Congresso de Extensão e Cultura da UFPel ; org. Francisca Ferreira Michelon, João Fernando Igansi Nunes, Denise Marcos Bussoletti. – Pelotas: Ed. da UFPel, 2015. 810p. : il.

Modo de acesso: <wp.ufpel.edu.br/congressoextensao>

ISSN: 2359-6686

1.Extensão. 2.Cultura. 3.Universidade. I.Michelon, Francisca Ferreira. II.Nunes, João Fernando Igansi. III.Bussoletti, Denise Marcos. IV.Título.

CDD: 378.175

CEC 2014

Congresso de Extensão e Cultura

memória e muitos tempos

Prof. Mauro Augusto Burkert Del Pino
Profª. Denise Marcos Bussoletti
Comitê Executivo

Prof. Adalberto dos Santos Júnior
Prof. Carlos Alberto Oliveira da Silva
Profª. Celina Maria Britto Correa
Profª. Denise Marcos Bussoletti
Prof. Evandro Piva
Profª. Francisca Ferreira Michelon
Prof. José Everton da Silva Rozzini
Profª. Márcia Alves da Silva
Profª. Nóris Mara Martins Pacheco Leal
Coordenadores

Joice Soares
Secretaria do CEC

Maria Jandira Salum
Taís Ulrich Fonseca
Mateus Schmeckel Mota
Thayse Pereira Siqueira
Claudia de Oliveira Farias
Camila da Silva Corrêa
Gabriela Bacelo Heidrich
Glauco Roberto Munsberg dos Santos
Isadora Peixoto Pickersgill
Juliana Caroline da Silva
Luis Renato Macedo Sanches
Priscilla Santana do Espírito Santo
Renan Bandeira Curi Halal
Thiago das Neves Lopes
William Lobato
Vinícius Camargo Zientarski
Comissão Organizadora

Prof. João Fernando Igansi Nunes
Diretor de Arte

PET Artes Visuais
Identidade visual do CEC 2014

Pedro Pazitto Galhardi
Designer Gráfico e Editorial do CEC 2014

Aline Alvarez
Designer Digital do CEC 2014

Tuany Borges
Editoração Eletrônica dos Anais do CEC 2015

CEC 2014

Congresso de Extensão e Cultura

memória e muitos tempos

Comitê de apoio

Adienez Nobre Parada Castro
André Maragno
Andreia Santos Peixoto
Andressa Da Rocha Bastos
Andressa Pedreira Fraga
Bárbara Ponzilacqua Silva
Bianca Lemons
Bruna Madruga Pires
Camila Beatriz Bonatto
Camila Cardoso Neves
Carla Simone Da Silva Mota
Carolina Da Motta Tavares
Carolina Ortiz Machado
Chayane De Souza Vianna
Claudio Puccinelli Pickersgill Filho
Cristina Campos
Cristina Vilela Acosta
Daniel Krolow Retzlaff
Daniele Bonow Robledo
Daniele Vitor Barboza
Darlan Radtke Bergmann
Ediléia Strelow Leal
Eliana Menezes De Souza
Elizenda Roschildt
Elliott Centeno
Emily Costa Silveira
Gabriela Gonzalez Peronti
Gabriela Soares Waichel
Gentil Siqueira
Glauco Roberto Munsberg
Ildaiane Pintanela Vergara
Isabela Mazzini
Isadora Augusta Da Silvieira
Izadora Peixoto Pickersgill
Jana Paim
Jessica Oliveira De Souza
João Pedro Rodrigues Da Conceição
Juane Leivas Oliviera
Juliana Balota Gomes
Juliana Caroline Da Silva
Juliana Silva Ribeiro
Kelen Daiane Ferreira Escalante
Kelly Karine Maldaner
Kethelyn Giulian Pedebos Oliveira
Kevin Borges Garcia
Kevin Veloso Almeida Lorgani
Larissa Baladam
Léticia Da Silva Souza
Léticia Ribeiro
Lieni Fredo Herreira
Luis Henrique Porto Oliveira
Maibi Da Silva Macedo
Luísa Martins Miler
Maitê Lemes Curtinaz
Manuella Dos Santos Garcia Vanti Carvalho
Maraísa Carine Born
Maria Cristina Pedrozo
Mariane Da Silva Bélem
Mariane Fernandes Safons
Marilene Brum Bohner
Marili Gomes Pedrozo
Marisa Peres Leonetti
Martha Alves
Matheus Neiverth
Melissa Quatrin
Midiã Reichow Dos Santos
Milena Oliviera Do Espiríto Santo
Milena Vaz Da Silva
Monaliza Da Costa
Muriel Hammes Afonso
Niziéli Cazarotto Barbosa
Pablo Daniel Campos López
Paloma Heine Quintas
Pâmela Tanasovichi Rosa Souza
Paula Renata Carniel Quevedo
Priscila Silveira Dos Santos
Rafael De Moura Pernas
Rafael Gonçalves Da Silveira
Rafael Teixeira Chaves
Rafaella Coi Araújo
Raíra Pereira Velasques
Reginaldo Dias Porto
Rochele Valente Moura
Rodrigo Fernandes Dos Santos
Silvio César Silva
Suelen Farias Pereira
Tássia Maria Konzen
Tatiane Müller
Ticiane Pinto Garcia
Vanessa Conrado
Vanessa Corrêa
Verônica Mendes Borges Barbosa
Wagner Roveder
Yuri Zivago Yung Grillo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 9

ÁREAS, 19

COMUNICAÇÃO, 21

CULTURA, 63

DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA, 219

EDUCAÇÃO, 225

MEIO AMBIENTE, 405

SAÚDE, 467

TECNOLOGIA E PRODUÇÃO, 723

TRABALHO, 783

APRESENTAÇÃO, 9

Memória e muitos tempos

O que foi
e
o que é
como se sempre fosse
no campo sem fronteira
e na fronteira sem limites

Aldyr Garcia Schlee

Ao adotar como tema do I Congresso de Extensão e Cultura "a memória e seus muitos tempos" a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura busca alcançar a emoção verdadeira que nos faz celebrar os 45 anos da UFPel como um excepcional acontecimento. Esta é a matriz da identidade deste evento, não somente como um desejo de encontro com cada gesto e cada ação que fizeram parte da nossa história, mas também como uma celebração ativa de nossos rastros, como cintilações instigantes na direção de um outro tempo que também é o futuro.

Cabe a extensão universitária o exercício da memória como expressão daquilo que foi, daquilo que é, como se sempre fosse. A realização deste I Congresso de Extensão e Cultura se revela assim como um marco sintetizador de nossas raízes e horizontes.

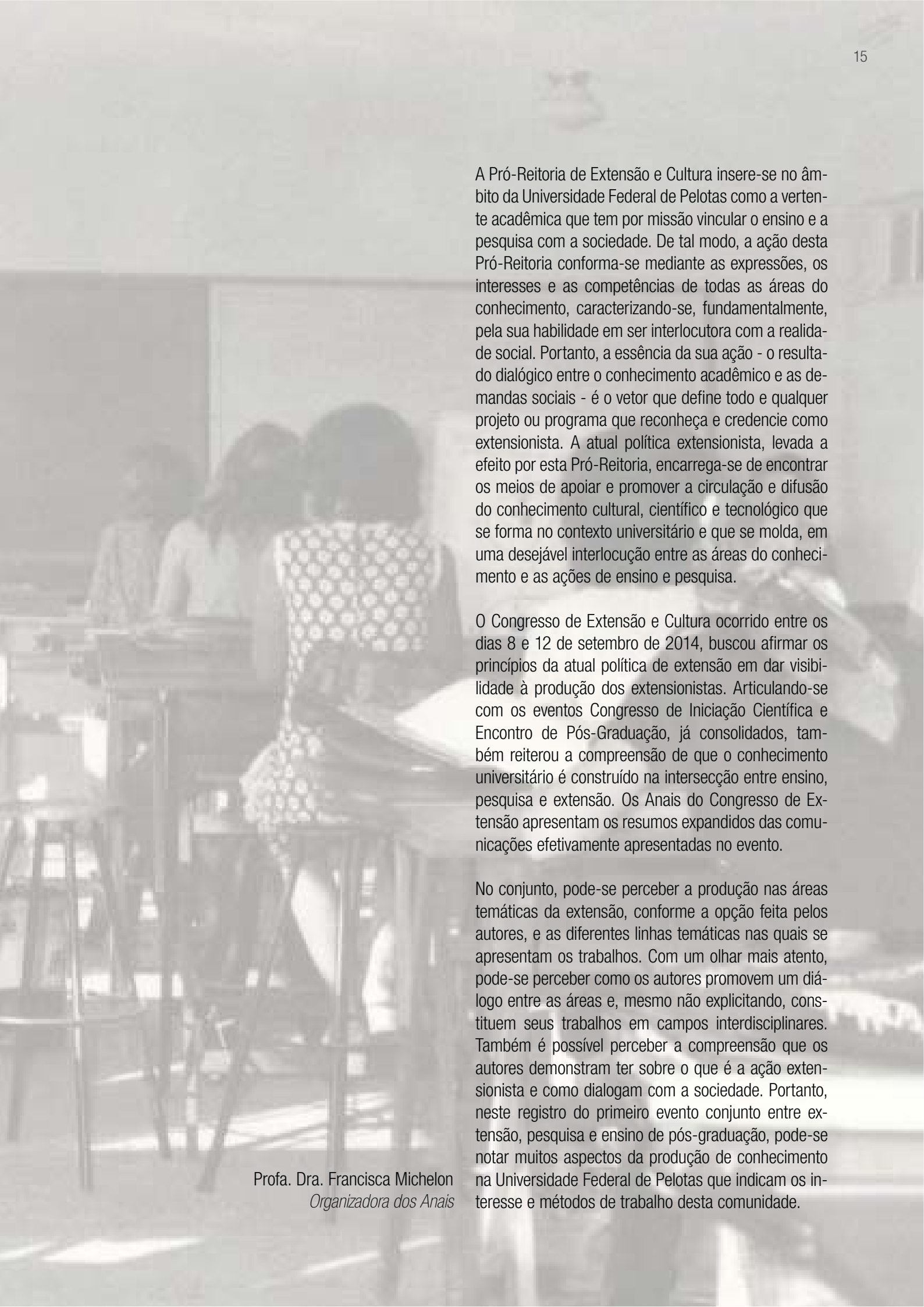
Que os próximos anos traduzam tempos e realidades onde a universidade, e a extensão pela sua missão e compromisso, cada vez mais contribuam na construção de laços com a sociedade e com a produção de valores e conhecimentos incansavelmente inseridos na paisagem de uma fronteira sem limites. Resta ainda desejar que a leitura das próximas páginas propicie ao leitor a experiência, pelas linhas e entre-linhas, de tudo isto. Boa leitura!

Profa. Dra. Denise Marcos Bussoletti
Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Universidade Federal de Pelotas

Aldyr Garcia Schlee (Jaguarão/RS,1934)
Escritor, jornalista, tradutor, desenhista, foi professor da Universidade Federal de Pelotas, onde atuou como Pró-Reitor de Extensão e Cultura no período de 1989 a 1992. Também como docente atuou na UFRGS e PUCRS. Doutor em Ciências Humanas com graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela UFRGS, é um intelectual com expressiva trajetória em pesquisa. Como escritor, sua obra é reconhecida pela intensa e premiada produção literária. Recebeu o prêmio da Bienal Nestlé de Literatura Brasileira por duas vezes e cinco vezes o Prêmio Açorianos de Literatura, entre outros. Como jornalista, igualmente sua trajetória foi intensa: redator e planejador gráfico do jornal Última Hora, criou o jornal Gazeta Pelotense, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo em 1963 e foi fundador da Faculdade de Jornalismo da UCPel, tendo sido expulso durante a ditadura militar no Brasil, quando foi preso e respondeu a processos por subversão. Como desenhista, seu grande destaque foi a criação do uniforme verde e amarelo da seleção brasileira de futebol, que venceu o concurso promovido pelo jornal carioca Correio da Manhã em 1953 e, após, oficializado pela Confederação Brasileira de Desportos tornando-se conhecido como a Camisa Canarinho.

Prêmio de Extensão Aldyr Garcia Schlee

A inspiração para instituir o Prêmio de Extensão com o nome do literato Aldyr Garcia Schlee veio de um contexto no qual a trajetória profissional deste intelectual ilumina a grandeza do conceito de extensão universitária que se tem neste momento, sem, de modo algum, fazer dele genérico e despersonalizado. Contribuiu para a escolha ter sido este professor Pró-reitor de Extensão durante a primeira gestão eleita por voto da comunidade universitária nesta instituição. De igual natureza é a motivação que fez instituir o prêmio em si, entendendo-o para além do destaque, como um sinalizador dos valores que se desejam enquanto metas: a compreensão de que a universidade é uma instituição que produz conhecimento necessário, de que este conhecimento é de todos que o necessitam e de que é um meio para que se chegue a tempos mais solidários. Portanto, mais do que premiar extensionistas, artistas, agentes culturais, projetos e programas de extensão que sejam significativos dentro dos critérios da Política Nacional de Extensão, deseja-se lançar luz nas ações que tenham impacto cultural e social. Pretende-se que este prêmio realce ideias, obras e iniciativas que atuem como extrovertores do conhecimento técnico, científico, cultural e artístico ou que impactem a realidade estética, simbólica e social. Deseja-se, também, que faça jus, este prêmio, ao nome que leva, sinalizando a força do excelente intelecto quando praticado por um coração movido pela atenção ao humano.

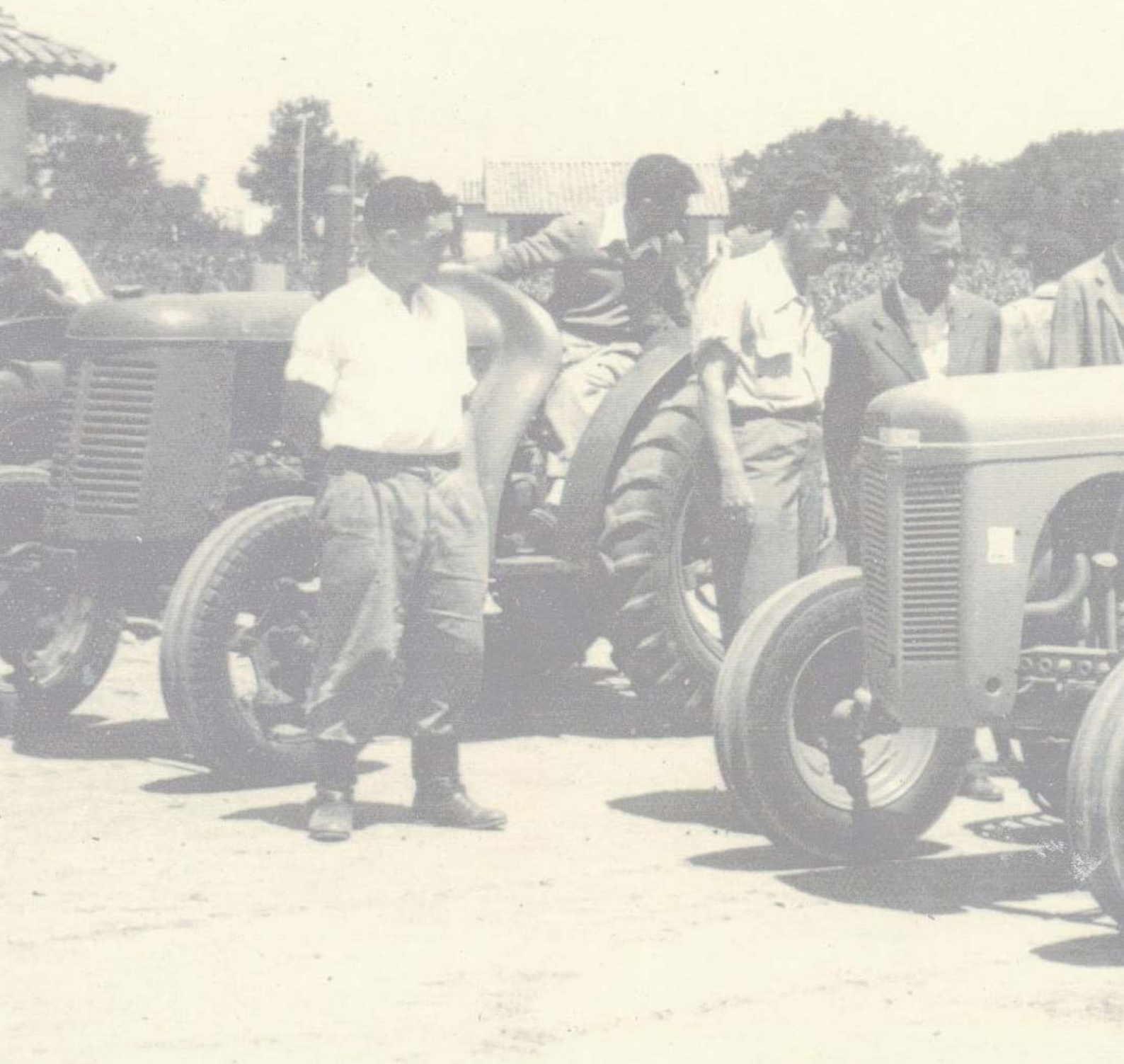


A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura insere-se no âmbito da Universidade Federal de Pelotas como a vertente acadêmica que tem por missão vincular o ensino e a pesquisa com a sociedade. De tal modo, a ação desta Pró-Reitoria conforma-se mediante as expressões, os interesses e as competências de todas as áreas do conhecimento, caracterizando-se, fundamentalmente, pela sua habilidade em ser interlocutora com a realidade social. Portanto, a essência da sua ação - o resultado dialógico entre o conhecimento acadêmico e as demandas sociais - é o vetor que define todo e qualquer projeto ou programa que reconheça e credencie como extensionista. A atual política extensionista, levada a efeito por esta Pró-Reitoria, encarrega-se de encontrar os meios de apoiar e promover a circulação e difusão do conhecimento cultural, científico e tecnológico que se forma no contexto universitário e que se molda, em uma desejável interlocução entre as áreas do conhecimento e as ações de ensino e pesquisa.

O Congresso de Extensão e Cultura ocorrido entre os dias 8 e 12 de setembro de 2014, buscou afirmar os princípios da atual política de extensão em dar visibilidade à produção dos extensionistas. Articulando-se com os eventos Congresso de Iniciação Científica e Encontro de Pós-Graduação, já consolidados, também reiterou a compreensão de que o conhecimento universitário é construído na intersecção entre ensino, pesquisa e extensão. Os Anais do Congresso de Extensão apresentam os resumos expandidos das comunicações efetivamente apresentadas no evento.

No conjunto, pode-se perceber a produção nas áreas temáticas da extensão, conforme a opção feita pelos autores, e as diferentes linhas temáticas nas quais se apresentam os trabalhos. Com um olhar mais atento, pode-se perceber como os autores promovem um diálogo entre as áreas e, mesmo não explicitando, constituem seus trabalhos em campos interdisciplinares. Também é possível perceber a compreensão que os autores demonstram ter sobre o que é a ação extensionista e como dialogam com a sociedade. Portanto, neste registro do primeiro evento conjunto entre extensão, pesquisa e ensino de pós-graduação, pode-se notar muitos aspectos da produção de conhecimento na Universidade Federal de Pelotas que indicam os interesse e métodos de trabalho desta comunidade.

Profa. Dra. Francisca Michelon
Organizadora dos Anais



do Todo para a Parte - da Parte para o Todo

A memória, prática do sujeito interfaceado entre a essência do Eu “je” legado por Edmond Couchot (2004) e o seu coletivo, está para o compartilhamento latente de outros tempos e assim, de muitas memórias tais como as que se manifestam nesses traços gráficos. Como profere Guattari (2001), os rastros habitam as máquinas sistêmicas e são desejosos de quem os operam em escrita e leitura.

CEC escreve-se com o tipo Bebas Neue Regular. Extremamente geométrica, atribui caráter de precisão pela simetria e regularidade. A partir da tipografia Simplifica somada a Bree Serif, ambas na variação regular, enunciam-se as características retóricas de uma escrita clara, limpa e graciosa que dão forma ao lettering. Seus pesos/contrastes dividem a leitura caracterizando evento e temática.

Como exegese sígnica de um sistema de ordem própria e categorias específicas, a sintaxe visual do primeiro Congresso de Extensão e Cultura apresenta esta configuração gestáltica: o todo não é a soma das partes, seus resultados nascem das relações complexas que se estabelecem entre si. A partir da fotografia museificada, desvela cenas de trabalho, convivência social e contextos de produção coletiva que formatam vetores para uma narrativa de valores técnicos e de afetos. Afetos de quem recorda, afetos de quem conhece e assim, reconhece o imaginado mundo do passado. São como janelas evoluídas do quadro da pintura, fendas para outros tempos, expandindo os limites do espaço vivido para as experiências compartilhadas. Projeção que sugere orbita, sua identidade visual é composição de narrativa fílmica: carece do tempo percorrido para a leitura aleatória entre os espaços que pulsam seus próprios contextos. CEC - memórias e outros tempos é representado aqui como fluxos sem ordem externa, que são acionados e devem ser lidos.

Prof. Dr. João Fernando Igansi Nunes
Coordenador do projeto de Identidade Visual

ÁREAS, 19

COMUNICAÇÃO, 21

CULTURA, 63

DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA, 219

EDUCAÇÃO, 225

MEIO AMBIENTE, 405

SAÚDE, 467

TECNOLOGIA E PRODUÇÃO, 723

TRABALHO, 783

ÁREAS, 19

EDUCAÇÃO, 225

(DE) FORMAÇÃO DE ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA

LEDESMA, Giovana Letícia Nilen
Aluna do Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo/ UFPel

SILVA, Adriane Borda Almeida da
Professora Adriane Borda Almeida da Silva DAURB/ FAURB/UFPel, coordenadora.

Estratégias lúdicas de deformações de imagens com o propósito de gerar ilusões de ótica seguem sendo utilizadas para surpreender e promover a atenção. No campo específico das artes, como na reconhecida obra "Os Embaixadores", de Hans Holbein, 1533, ou em um contexto mais próximo e atual como na obra da artista gaúcha Regina Silveira. O uso dos efeitos anamórficos recentemente se estendeu para muitos outros campos. A anamorfose se refere à distorção da imagem de um objeto, de tal maneira que esta somente corresponde com a representação da forma deste objeto quando observada de um ponto de vista específico, e que ao mesmo tempo, confirma e desafia as regras da perspectiva linear (COLLINS, 1992). As representações anamórficas, de acordo com LIMA (2006), tiveram origem há aproximadamente 700 anos, na China, principalmente utilizando cilindros espelhados. A imagem da esquerda na Figura 1, ilustra como esta mesma técnica segue sendo explorada, provocando sempre surpresa ao observador. CABEZOS, CISNEROS e SOLER (2014) afirmam que os primeiros tratados sobre anamorfose são os de Vignola, de 1562, e o de Bárbaro, de 1568, destacando que um dos casos mais simples do estudo de tais tipos de deformações é a anamorfose plana, realizada sobre um plano oblíquo ao observador. Atualmente, esses efeitos de óptica se tornaram populares especialmente com as instalações de rua do artista Julian Beever, tendo apoio para veiculação das imagens através da Internet. As anamorfoses são exploradas também para a resolução de problemas do cotidiano, por exemplo, de localização de sinalizações de trânsito, ou ainda com propósitos comerciais, buscando chamar a atenção pelo inusitado e surpreendente destas representações, como em campos de futebol e propagandas televisivas de empresas automobilísticas, conforme ilustrado na sequência de imagens da Figura 1.

Em BROD (2011) temos o relato da realização de deformações anamórficas planas, por meio de técnicas digitais de representação, utilizando imagens do patrimônio arquitetônico da cidade de Pelotas. A Figura 2 ilustra os resultados deste estudo, e com a repercussão positiva da experiência1, foi dado prosseguimento ao desenvolvimento de ações de valorização do patrimônio, contando com o apoio da Prefeitura Municipal de Pelotas. Utilizando especialmente da referência das instalações de Julian Beever2, BROD (2011) a partir

Figura 1: Na sequência, o logotipo da 10ª Bienal Brasileira de Design Gráfico, propagandas impressas em campos de futebol, sinalizações de trânsito
Fonte: Banco de imagens livres da internet, 2014

da deformação de um elemento da paisagem, propõe a formação de um ponto de interesse turístico e de valorização do patrimônio. Observamos na imagem da direita da Figura 2 que, após a experiência, houve o interesse em apreciar e fotografar o objeto concreto. Conforme registrado no estudo referido, alguns entrevistados no momento desta experiência, embora o trajeto fazendo parte de sua rotina, nunca haviam parado para contemplar tal elemento.

Em XAVIER (2013) observamos o registro do uso da anamorfose como estratégia para o desenvolvimento de tecnologia social, com a caracterização de "cenários motivacionais" afim de promover a requalificação do espaço urbano. O conceito de Tecnologia Social foi de acordo com a abordagem de KAPP e CARDOSO (2013), autores que reforçam a necessidade de empoderamento, de desenvolvimento de uma autonomia coletiva. Nesta perspectiva, foram representados elementos urbanos como bancos e lixeiras para que, de maneira lúdica, sejam visualizados como elementos que requalifiquem o espaço urbano e, de certa maneira, como no caso da lixeira, promovam momentos de educação ambiental. Este trabalho, referindo-se ao mesmo contexto em que foram desenvolvidos os trabalhos de BROD (2011) e XAVIER (2013) busca estruturar oficinas dirigidas a professores e estudantes da rede pública de ensino.

Metodologia

Nos materiais didáticos que estão sendo produzidos, apresentamos a história, os tipos e aplicação da anamorfose em campanhas publicitárias, na arte, no urbanismo e na ciência, e a sua fundamentação matemática, a partir de conceitos trigonométricos, fazendo uma relação com os conteúdos apresentados no Ensino Médio. O processo de deformação anamórfica também é descrito, fazendo uso do método de edição de imagens registrado em XAVIER (2013).

1) Revisão bibliográfica para a compreensão da história, do conceito, das técnicas (tradicionais e digitais) e aplicações da anamorfose. Reconhecimento do conceito de tecnologia social como marco referencial para a estruturação das oficinas.

2) Estruturação das oficinas, incluindo o desenvolvimento de materiais didáticos.

3) Execução: oferecimento de oficinas nas escolas da rede pública de ensino, tanto para professores, quanto para os estudantes.

4) Análise dos resultados, através da aplicação de questionários, incluindo a avaliação sobre a percepção dos estudantes e professores com relação a oficina ofertada.

5) Sistematização dos resultados e disponibilização dos materiais de maneira livre, para uso didático.

Figura 2: À esquerda a exemplificação do uso de uma quadrícula de referência para a geração da anamorfose plana. Na sequência, o registro de uma ação com a representação anamórfica da cúpula do Grande Hotel, Pelotas, RS
Fonte: Brod, 2011

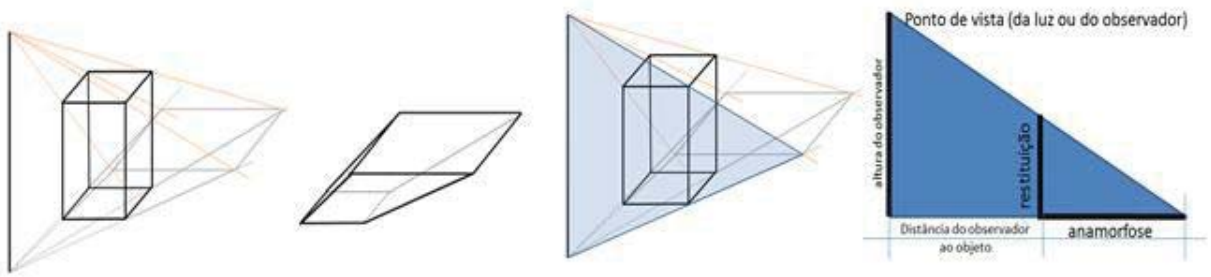


Figura 3: Relação da anamorfose e sua restituição de acordo com a posição do Ponto de vista
Fonte: Ilustrações da autora, 2014.

Resultados

Os resultados são parciais. A etapa de revisão bibliográfica, especialmente a partir de CABEZOS, CISNEROS e SOLER (2014), permitiu compreender a história da estruturação do conceito e das técnicas de anamorfose, observar os tipos e aplicações sob diferentes propósitos, como em campanhas publicitárias, na arte, no urbanismo e na ciência. A partir de LIMA (2006), está sendo possível compreender a fundamentação matemática dos efeitos anamórficos. A Figura 3 ilustra os esquemas que estão sendo gerados para compor os materiais didáticos a serem utilizados junto às oficinas. São utilizados conceitos de trigonometria para serem conectados aos conteúdos veiculados junto ao Ensino Médio. Com isto delimitamos o público adequado para serem direcionadas as oficinas. Podemos observar, no esquema da direita na Figura 3, que a imagem restituída tem dimensões que variam de acordo com a posição do Ponto de vista, determinado pela altura e distância do observador. As técnicas abordadas incluem as construtivas manuais e as computacionais, buscando o uso de ferramentas livres e gratuitas.

Conclusão

Observamos que os trabalhos anteriores utilizados como referência subsidiam o processo de estruturação das oficinas em termos históricos e conceituais de uso e aplicação das técnicas de anamorfose. Permitem construir expectativas positivas em relação aos resultados possíveis através das oficinas: de que os momentos de ensino/aprendizagem possam ser mais prazerosos, por meio da introdução de um método lúdico. A anamorfose é usada aqui como estratégia para o desenvolvimento de tecnologia social, estruturando e construindo cenários motivacionais, afim de promover uma requalificação do espaço urbano e, em alguns casos, a educação ambiental. As deformações anamórficas computacionais, feitas em softwares livres permitem a inclusão digital, através do conceito de empoderamento. Entretanto, o estudo ainda se encontra em estágio inicial, na fase de desenvolvimento dos materiais didáticos.

Referências

BROD, Gutavo Alcantara; SILVA, Adriane Borda Almeida da; PIRES, Janice de Freitas. Anamorfose na praça: um encontro do real e do virtual. XV Congreso de la Sociedad Iberoamericana de Gráfica Digital – SIGRADI, 2011.

CABEZOS, Pedro; CISNEROS, Juan; SOLER, Felipe. Anamorfosis, su historia y evolución. Revista Expresión Gráfica Arquitectónica.n. 23, año 19, pp 148-161. Universitat Politécnica de Valencia, España, 2014.

COLLINS, D. Anamorphosis and the Eccentric Observer (part 1 and 2). Leonardo Journal, v. 25, n. 1 e 2, p. 73 – 82, 179 – 187. São Francisco, EUA. 1992

COSTA, Adriano Borges (Org); RIBEIRO, Manuella M.; SERAFIM, Milena P.; DIAS, Rafael de B.; JESUS, Vanessa M. B. de; DAGNINO, Renato P.; BAGATTOLLI, Carolina; ABREU, Kate D. R. de. Tecnologia Social e Políticas Públicas. São Paulo: Instituto Pólis; Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2013.

DAGNINO, Renato. A Tecnologia Social e Seus Desafios. [s.l.]: [s.n.], 2001.

FIGUEIREDO, Cintia D. Correia; SANTOS, Claudemilson dos. Oficina de Anamorfose: Uma nova forma de aprendizagem. UNESP, Universidade do Estado de São Paulo, 2009.

KAPP, Silke; CARDOSO, Adauto L. Moradia e tecnologias sociais: um extrato do marco teórico da rede Morar TS. In: Cardoso, Adauto L. Morar-TS Tecnologias Sociais aplicadas à Habitação de Interesse Social. Encontros nacionais da ANPUR: Desenvolvimento, planejamento e governança. Anais. Recife, 2013. 15v. Acesso em: 12/04/2013. Disponível em: http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/ article /viewFile /4665/4533

LIMA, Rosmari Aparecida Ferreira. Anamorfose: a matemática na anamorfose. UNIMESP – Centro Universitário Metropolitano de São Paulo, 2006.

XAVIER, Pamela Quintana; BROD, Gustavo Alcantara; BORDA, Adriane. Edição de Fotografia para a Construção de Cenários Motivacionais. XXII CIC UFPel, 2013.

Referências eletrônicas

Anamorphic 3-D Images with Photoshop [1]. Disponível em: http://www.instructables.com/id/Anamorphic-3-D-Images-with-Photoshop/?ALLSTEPS. Acesso em 10 de Dezembro de 2013

Semana de Turismo movimenta Pelotas. Jornal Tradição. 2013. Disponível em: http://www.jornaltradicao.com.br/site/content/cultura_e_turismo/index.php?noticia=8225. Acesso em 20 de Novembro de 2013.

Site oficial de Julian Beever. Disponível em: http://www.julianbeever.net/. Acesso em Dezembro de 2013.

A INFLUÊNCIA DA COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO

ÜCKER, Rochele Dallmann
Aluna do Bacharelado em Jornalismo/UFPel, bolsista ProExt/UFPel

ALVES, Rozane da Silveira
Professora do CLMD/UFPel, coordenadora do Programa de Extensão Rede Colabora

A partir da concepção de que há significativa resistência na inclusão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas escolas brasileiras da rede pública, o presente trabalho pretende observar quais e de que forma atividades jornalísticas podem contribuir positivamente nesse processo, entendendo o impacto que as TIC causam nesse ambiente.

As considerações, aqui observadas, foram possíveis a partir da experiência no Rede de Colaboração UFPEL – Escolas Públicas da Região Sul do Rio Grande do Sul para inclusão das TIC no ensino (Rede Colabora), programa de extensão da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O objetivo deste programa é auxiliar os professores das escolas participantes em suas dificuldades no uso das TIC, principalmente no ensino.

De acordo com Alves (PONTE apud ALVES, 2014), durante muito tempo foi empregado o termo "computador" para fazer referência aos recursos computacionais. Com o surgimento e diversificação de impressoras, scanners, bem como outros periféricos que podem ser acoplados ao computador, passou-se a referenciá-los como Tecnologias de Informação (TI). Quando essas tecnologias foram associadas aos equipamentos de telecomunicação, ampliou-se o termo para Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Portanto, quando nos referimos às "Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)", estamos falando em softwares, câmeras fotográficas, celulares, gravadores etc. Enfim, dispositivos que permitem a produção, edição e armazenamento de conteúdo.

De modo geral, se compreende que a principal função do jornalista é a de "produzir notícias". O jornalista é o elo que une o cidadão à sociedade em que vive. Para que seu papel social seja cumprido, ele deve elaborar um trabalho livre de preconceitos que busque informar e ao mesmo tempo incitar à reflexão.

Atualmente, a equipe "Rede Colabora" é formada pela coordenadora, vice- coordenadora e bolsistas de diversas áreas (Administração, Ciência da computação, Cinema, Letras e Jornalismo), além de contar com a colaboração de parceiros, professores e servidores da UFPel.

O programa, que teve início em março de 2014, deverá atender até o final deste ano dez escolas da rede pública na região sul, localizadas em Bagé, Capão do Leão, Piratini, Morro Redondo, Pelotas, São Sepé e Vila Nova. A expectativa é que o programa continue em

2015 e, ao final, tenha atendido cerca de 20 escolas na região sul do Estado, promovendo a interação entre os professores das escolas e a UFPel e também a parceria entre professores das escolas participantes.

Duas pesquisas sobre o tema, realizadas por Porto (2009) e Lopes et al (2010), somadas às entrevistas feitas com os responsáveis pelas escolas que serão atendidas pelo programa, indicam que os principais obstáculos encontrados por educadores para fazer uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no planejamento de aula são: não saber manusear as TIC ou como as incluir na prática pedagógica; laboratórios sem verba para manutenção de equipamentos ou fechados; e falta de tempo dos docentes.

No que se refere ao programa Rede Colabora, no primeiro contato com as escolas, houve resistência por parte dos diretores, talvez por descrédito ou desmotivação, mas após explicação mais detalhada sobre a proposta, aceitaram participar. Porém, após e-mails sem retorno, percebeu-se que a comunicação com as escolas também deveria ser planejada de forma dinâmica e atrativa, para que o retorno viesse de forma espontânea.

Como cada uma das escolas têm as suas particularidades, cada uma irá receber atendimento de acordo com suas especificidades. Cada ator desse processo atuará, principalmente, em sua área, porém, de modo que forme uma rede colaborativa.

Metodologia

Todas as atividades previstas pelo programa, tais como cursos, palestras, assessorias e execução de projetos nas áreas de atuação dos professores são oferecidas por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle. Visitas presenciais para auxiliar no aprendizado dos conteúdos trabalhados são realizadas por solicitação da escola, atendendo o seu calendário e disponibilidade de seus professores.

Considerando que o programa está sendo executado em sua quase totalidade, através da rede de internet, e que já foi percebida debilidade na comunicação entre equipe e escola, está sendo feito o acompanhamento e análise das atividades realizadas ou que serão realizadas via Web, a fim de identificar quais procedimentos devem ser empregados para corrigir esse revés. Logo, reuniões semanais da coordenação com a equipe de bolsistas promovem a discussão, avaliação e redirecionamento das atividades.

Resultados

Levando em consideração que o educador é o principal personagem deste processo de inclusão, o primeiro passo foi investigar quais eram suas dificuldades e trabalhar a partir desse ponto, considerando as possibilidades de cada escola (equipamento, espaço e horário disponível).

Entre as ações já previstas, com base nas dificuldades acusadas, estão: a promoção de cursos de edição e criação de vídeos; a proposta de projetos que utilizem Tecnologia de Informação e Comunicação; a criação de um grupo de discussão para os profissionais envolvidos; e um site para consulta e divulgação dos trabalhos realizados durante esse período.

Das atividades planejadas, três evidenciam-se como incumbência do profissional jornalista: produzir textos de fácil compreensão para apresentação do programa e atividades que serão realizadas; acompanhar as visitas às escolas e documentar as ações para, posteriormente, produzir material informativo; e abastecer um canal de comunicação (avisos e notícias). Entre as ações já realizadas estão a investigação e análise de mais de 100 vídeos, bem como das práticas de professores no Ensino Fundamental e Médio, que servirão de exemplo para os tutores (professores da universidade) no planejamento de estratégias de ensino com o uso das TIC.

Em relação à comunicação da Rede de Colaboração, todas as práticas e materiais serão disponibilizados através das TIC (Ambiente virtual de aprendizagem, e-mails, Moodle, Skype, sites de redes sociais etc.), assim decidido uma vez que foi levada em consideração a afirmação dos professores em relação à escassez de tempo.

Dessa forma, cada educador poderá trabalhar no horário que for mais adequado para si. Embora que, se solicitado auxílio pela escola, serão feitas visitas presenciais.

Quando o programa foi inicialmente proposto, não foi percebida a necessidade de incluir um aluno do curso de Jornalismo como participante, mas, logo que foi constatada a dificuldade na comunicação, a vaga foi inserida, com o encargo de tornar a comunicação mais dinâmica e atraente aos participantes do Rede Colabora. Sendo assim, entende-se que o sucesso do programa depende de boa comunicação, interna e externa à "rede".

Conclusão

Hoje, existem livros, revistas, jornais, filmes, músicas e muitos outros produtos disponíveis para download ou consulta online na Web. Essa digitalização da informação causa uma quebra de barreiras (tempo e espaço) e paradigmas (qualquer pessoa pode pesquisar sobre o que preferir). Dessa forma, enquanto o conteúdo for livre, o acesso é irrestrito a quem quiser usufruir dele.

No que tange ao objetivo do programa, ou seja, estimular e auxiliar educadores a incluir as TIC como ferramenta pedagógica, devemos ressaltar que tais instrumentos somente agirão em benefício da educação se bem empregados. O "filtro" é o próprio indivíduo que deve saber selecionar um bom conteúdo.

Em 1999, quando as mídias ainda não dominavam o cotidiano das pessoas, o sociólogo francês Wolton (2007) já alertava que "o acesso a toda e qualquer informação não substitui a competência prévia, para saber qual informação procurar e que uso fazer desta" (p.88). Portanto, é imprescindível que o educador saiba tanto usar esse recurso como vetor para o conhecimento como também orientar seus alunos para que façam o mesmo.

O conhecimento e as ações de um componente da equipe que está acostumado a lidar com textos e atividades que visam informar de maneira objetiva vêm apenas a somar nesse trabalho. Além do que, o jornalista é ensinado a comunicar-se com a "massa" e, com isso, pode atingir uma gama muito maior de "público". O jornalismo é apenas mais um dos "sujeitos" que têm interesse em como essas novas tecnologias são utilizadas, uma vez que essas são responsáveis por inúmeras mudanças que ocorrem dentro do cenário em que ele atua.

Além disso, a internet é o espaço mais democrático que existe hoje. Se apenas o conhecimento é sinônimo de liberdade, é natural desejar que as novas tecnologias e a Web ajam como uma janela para um novo futuro. Devemos usar esse progresso tecnológico como aliado na busca por um novo cenário, em que a inclusão social seja realidade e não utopia.

Referências

ALVES, Rozane da Silveira. Práticas dos professores universitários na UFPel: utilização das TIC no ensino. 2014. 234f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

PORTO, Tânia Maria Esperon. Inserções de Tecnologias e Meios de Comunicação em Escolas Públicas do Ensino Fundamental: uma realidade em estudo. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, jul/dez, 2009, v. 10, n. 2, p. 34-59.

WOLTON, Dominique. Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2007. 231p.

Referências eletrônicas

LOPES, Roseli de Deus et al. O uso de computadores e da internet em escolas públicas de capitais brasileiras. In: Estudos & Pesquisas Educacionais, vol.1, Fundação Victor Civita, 2010, p. 275-336. Disponível em: <http://www.fvc.org.br/estudos-e-pesquisas/livro-1-2010.shtml>. Acesso em: 2 agosto. 2014.

A PROVINHA BRASIL DE MATEMÁTICA NO PROJETO NOVOS CAMINHOS

DAL MOLIN, Claudia Moraes
Graduanda de Licenciatura em Pedagogia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

RANGEL, Gilsenira de Alcino
Professora do Departamento de Ensino FaE/UFPel, orientadora e coordenadora

Denominado inicialmente de "Projeto Novos Caminhos: três saberes em busca da melhoria da qualidade de vida de pessoas com síndrome de Down", o projeto Novos Caminhos teve suas atividades em 2007, envolvendo três unidades da UFPel: FaE, ESEF e IAD (atual CEAD) com o objetivo de proporcionar melhor qualidade de vida às pessoas com síndrome de Down (SD). Eram oferecidas aos jovens atividades pedagógicas (leitura, escrita, conhecimentos matemáticos, históricos e geográficos), atividades artísticas (pintura, serigrafia, artesanato...) e atividades físicas (handebol, basquetebol, padel, futebol), além disso participantes frequentavam aulas de natação e computação.

Devido a dificuldades na distribuição da carga horária e no espaço para realização das atividades, em 2008 as Unidades da ESEF e do IAD modificaram seus horários para a parte da tarde, ficando apenas as atividades pedagógicas de segunda à sexta-feira pela manhã.

O projeto, atualmente, é composto pela coordenadora, uma Psicopedagoga colaboradora e mãe de uma aluna do projeto; uma bolsista, 9 acadêmicos do curso de Licenciatura em Pedagogia; um já Licenciado em Ciências Sociais, denominados professores-aprendizes e, o público alvo do projeto, que são 12 jovens e adultos com Síndrome de Down e Deficiência Intelectual.

Para promoção da inclusão social dos alunos participantes do projeto, são ministradas aulas pelos professores-aprendizes sendo estes, previamente orientados pela coordenadora e pela Psicopedagoga. As aulas são caracterizadas como educação nãoformal, e sempre são possibilitadas situações de aprendizagem que estes alunos não tiveram oportunidade de vivenciar na idade escolar, em escolas regulares.

Os alunos são distribuídos em duas turmas, uma em processo de alfabetização, denominada "Alfabetização" que funciona das 9h às 11h e a outra, é composta por alunos já alfabetizados, chamada "Avançada", que funciona das 8h30min as 11h30min.

Dentre tantos aspectos envolvidos no nosso propósito de promover a inclusão social, está o aspecto das habilidades matemáticas. A solução de situações-problema é algo necessário e constante em nosso dia a dia. As habilidades matemáticas estão presentes em

muitas destas situações: fazer compras, conferir o troco, medir superfícies, relacionar formas são exemplos disto. Para que um cidadão seja autônomo e capaz de não depender dos outros para fazer o que quiser, é necessário que estas habilidades também sejam desenvolvidas.

Neste trabalho, apresentaremos resultados da Provinha Brasil de Matemática, aplicada aos alunos da turma de alfabetização e em seguida, estes resultados servirão de subsídios para a futura prática dos professores-aprendizes.

Metodologia

Para a realização deste trabalho, utilizamos um instrumento de avaliação diagnóstica, que traz questões com respostas objetivas de múltipla escolha, utilizado pelo MEC para diagnosticar os níveis de alfabetização matemática dos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental de todo o país, chamada Provinha Brasil de Matemática (PBM). Através deste instrumento o MEC ajuda às secretarias de educação e os professores na elaboração de um mapeamento sobre os níveis de alfabetização matemáticas nas quais seus alunos se encontram, para a partir daí direcionar o trabalho de modo a auxiliar no planejamento das aulas e melhoria das desigualdades no ensino, entre outros.

Utilizamos os seguintes componentes do kit da Provinha Brasil de Matemática, edição de 2011: Guia da Aplicação – possui as orientações que são lidas pelo professor aos alunos, ele deve realizar a leitura apenas dos itens que possuem um megafone ao lado; um Caderno do Aluno que possui apenas as opções de resposta de cada questão e por vezes, o enunciado da questão ou algumas imagens de apoio.

É o próprio professor quem aplica e corrige o teste. Este é aplicado à toda a turma no mesmo momento e os alunos são orientados a não copiar a resposta do colega, nem dizer a resposta em voz alta.

Aplicamos a Provinha para os alunos da turma Avançada, por eles já serem alfabetizados e seguimos as mesmas orientações presentes no Guia de Aplicação: as questões foram repetidas no máximo 2 vezes.

Resultados

Como resultado desta aplicação, obtivemos o seguinte percentual de acertos:

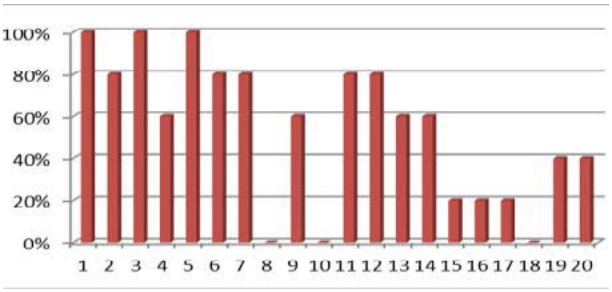


Gráfico 1: Percentual de acertos na PBM 2011
Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir dos resultados obtidos na PBM

No gráfico 1 vemos o desempenho dos alunos na PBM. Podemos observar que o desempenho foi acima de 60% até a questão 14 e a partir daí, percebemos uma pequena queda. O que explicaria isto é a complexidade das últimas questões da avaliação, que inicia exigindo habilidades mais fáceis, como contagem, relação quantidade versus representação, identificação de quantidades, e as últimas questões, exigiam habilidades mais complexas e um certo grau de abstração em algumas situações. Algumas possuíam o apoio de imagem, outras possuíam apenas o enunciado.

Vejamos agora o desempenho por aluno:

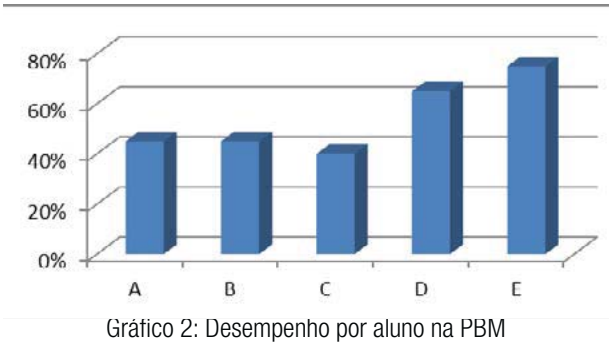


Gráfico 2: Desempenho por aluno na PBM
Fonte: Gráfico elaborado pela autora a partir dos resultados obtidos na PBM

O gráfico 2 mostra como foi o desempenho de cada aluno na PBM. Observamos que os três primeiros alunos não alcançaram 60% de acerto. Lembrando que não há uma média de acertos determinada na PBM, mas sim, a partir da quantidade de acertos – independentemente da complexidade das exigências – são determinados níveis de aprendizado[1], os quais devem ser superados ao final do ano letivo.

Rangel (2010) e Pimentel (2012) em seus estudos relacionados à Síndrome de Down, nos mostram como deve ser o trabalho direcionado às estas pessoas, em quais aspectos podem possuir mais dificuldades e como pode ocorrer o processo de ensinoaprendizagem. Deste modo, trabalhando em uma perspectiva de inclusão, os alunos devem recebem o mesmo con-

teúdo e as mesmas atividades, porém, este deve ser adequado às dificuldades que cada um deles apresenta, o que demanda uma avaliação diferenciada. Assim, a aplicação da PBM nos moldes que é determinada, sendo aplicada para toda a turma ao mesmo tempo, pode prejudicar o aluno.

Dos 5 alunos que frequentam a turma Avançada, três deles trabalham. Esta informação torna-se ainda mais válida para nós pelo fato de que os alunos que trabalham, foram os que obtiveram mais acertos na PBM (C, D e E), embora o percentual de uma aluna seja o mais baixo de todos, a média de acerto dos alunos que trabalham ainda é mais alta do que a média de acerto das alunas que não trabalham. Neste sentido, vale salientar os estudos de Rangel (1992) e Carraher et al (2006) ao afirmarem que o ensino da matemática não ocorre apenas na sala de aula, e deve levar em conta também as experiências diárias dos alunos.

Podemos considerar então, que o ambiente em que o indivíduo convive também traz aprendizagens. A aluna que obteve mais acertos trabalha em um supermercado. Este pode não ser o principal fator justificador deste dado, mas acreditamos ser um fator influente que os demais não possuem, já que ela convive quase que diariamente em um ambiente em que os números estão presentes em todos os momentos.

Os demais alunos, não trabalham nesta área, porém consideramos que possuem um bom desempenho no que se refere à habilidades matemáticas.

Por outro lado, outro fator agravante que pode ter feito a média de acertos não ter ultrapassado os 50% (49,5%), é a dificuldade que pessoas com Síndrome de Down e Deficiência Intelectual possuem no que se refere à interpretação textual, atenção, cálculo e pensamento abstrato (SCHWARTZMANN, 2003), bem como a característica de memória de curto prazo, no caso mais específico das pessoas que possuem a síndrome.

Conclusão

Através deste trabalho e da análise dos resultados acreditamos cumprir com nosso objetivo inicial, que é dar subsídios aos professores-aprendizes a respeito das habilidades matemáticas que nossos alunos possuem e o que precisa ser trabalhado acerca do que ainda não foi alcançado nesta área.

Este resultado nos mostra ainda que ao participarem do projeto, os alunos tornamse mais autônomos, deixando de depender única e exclusivamente dos pais ou responsáveis para tudo, reforçando a imagem de que são pessoas capazes de ter uma vida normal, como qualquer outra pessoa.

Nosso trabalho torna-se ainda muito mais gratificante ao vermos a evolução destes jovens e adultos não só no que se refere à aprendizagem, como também na administração do salário, no caso dos que já trabalham, por exemplo, que são os alunos da turma Avançada.

Relacionando todas estas aprendizagens e experiências a este trabalho, concluímos que o resultado da PBM poderia ser melhor aproveitado por professores se a avaliação fosse aplicada individualmente a cada aluno. Isso permitiria ao aplicador questionar o aluno a respeito do motivo pelo qual marcou tal resposta, possibilitando descobrir o tipo de raciocínio de seus alunos.

Acreditamos que esta conclusão possa fazer muita diferença, pois já constatamos que ao questionar o aluno a respeito da resposta marcada pode-se perceber que, por vezes, eles possuem determinadas habilidades matemáticas, porém o que ocorre é que pela dificuldade em reter as informações necessárias, no caso da SD, por exemplo, ele não compreende o enunciado e acaba marcando qualquer alternativa.

Notas

1. Nível 1: até 4 acertos; Nível 2: de 5 a 10 acertos; Nível 3: 11 a 14 acertos; Nível 4: de 15 a 18 acertos; Nível 5: de 19 a 20 acertos.

Referências

BRASIL, MEC/INEP. Provinha Brasil – guia do aplicador. Brasília, MEC/INEP, 2011.

BRASIL, MEC/INEP. Provinha Brasil – caderno do aluno. Brasília, MEC/INEP, 2011.

CARRAHER, Terezinha, CARRAHER, David e SCHLIEMANN, Ana Lúcia. Na vida dez, na escola zero. – 14ª ed. – São Paulo: Editora Cortez, 2006.

PIMENTEL, Susana Couto. Conviver com a Síndrome de Down na escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012

RANGEL, Ana Cristina Souza. Educação matemática e a construção do número pela criança: uma experiência em diferentes contextos socioeconômicos – Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RANGEL, Gilsenira A. Alfabetização e síndrome de Down. In Diálogos entre linguística e educação: a linguagem em foco / Otilia Lizete de Oliveira Martins Heing, Cátia de Azevedo Fronza (Organizadoras), Blumenau: Edifurb, 2010.

SCHWARTZMAN, José S. e Col. Síndrome de Down. São Paulo: Memnon, 2003.

A TEMÁTICA INDÍGENA NA EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS DE APLICABILIDADE DA LEI 11645/2008

FRIZZO, Gabriela Neves
Aluna do Bacharelado em Turismo/UFPEL, voluntária

MENDES, Jaqueline de Mattos
Aluna de Licenciatura em História/UFPEL, voluntária

ALTMANN, Lori
Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia/ICH/UFPel, Orientadora e Coordenadora

Este trabalho pretende apresentar uma experiência educativa desenvolvida num Projeto de Extensão, que teve a participação de docentes e discentes de Antropologia (graduação, mestrado e doutorado), Turismo, História e professores, funcionários e alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nestor Elizeu Crochemore da área rural de Pelotas/RS.

O projeto envolveu pesquisa, troca de experiências e construção de proposta de como trabalhar a temática indígena em sala de aula. Contou com a participação de assessores externos e da comunidade Mbyá Guarani, da Tekoá Kapi'i Ovy, localizada nas proximidades da escola. Pretende-se debater aspectos da interface Antropologia e Educação, no contexto de aplicação da lei 11.645, tendo como plano de fundo culturas escolares infantis e juvenis numa escola rural.

As pessoas envolvidas estão presentes durante todo o processo, ou seja, na construção, no desenvolvimento e na avaliação do projeto. As propostas são apresentadas e dialogadas antes da execução de cada etapa.

Metodologia

Foram utilizados filmes, histórias e atividades artísticas para a abordagem das temáticas. A troca de visitas entre a comunidade indígena e a escola propiciou aproximação, visando a superação de imagens estereotipadas a respeito dos povos indígenas. O diálogo entre antropologia, em especial a Etnologia Ameríndia e a educação, são de longa data, mas em muitas ocasiões estiveram permeadas de críticas mútuas vinculadas a implicações políticas e metodológicas, baseadas numa história de relações desiguais entre povos indígenas e a sociedade brasileira.

Resultados

Apesar de existir uma produção acadêmica limitada, encontramos registros nos quais a antropologia volta-se para a educação, seja ela educação indígena, educação escolar indígena ou em sentidos outros. O projeto de extensão mostrou como estes dois campos do conhecimento, o antropológico e o educacional, podem sair fortalecidos ou mesmo transformados nes-

te diálogo. O conhecimento produzido, bem como os desafios teóricos e metodológicos que tal diálogo nos propiciou, em especial no que se refere à dimensão etnográfica das práticas e das pesquisas desenvolvidas ajudou a repensar a formação proposta no bacharelado em Antropologia e por sua vez auxiliou professores a repensar conteúdos e práticas educacionais desenvolvidas em sala de aula com crianças e adolescentes.

Figura 1: Fotografia do Coral Mbyá Guarani da Tekoá Kapi'i Ovy
Fonte: Fotografia da orientadora e coordenadora, 2014

Conclusão

A educação escolar ocorre em um contexto multicultural e de relações interculturais e é fundamental percebermos as formas como as diferenças são engendradas e colocadas em relação a partir de processos educativos. Problematizar conflitos que surgem nessas relações e explicitar como essa abordagem interdisciplinar aproxima-se dessas situações poderá fornecer elementos de interpretação e análise para a qualificação do processo educativo.

Referências

BALLIVIÁN, José M. Palazuelos (org.). Artesanato indígena Kaingang & Guarani: territórios indígenas - região sul. São Leopoldo: Oikos, 2011

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; VENZON, Rodrigo Allegretti. Pensando a Educação Kaingang. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2010, pp. 105-123. COMIN - Cadernos para a Semana dos Povos Indígenas - 2011, 2012 e 2013.

LUCIANO, Gersen José dos Santos. (Org); Série Vias dos Saberes nº1: O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, MEC, UNESCO, 2006. (Col. Educação para Todos).

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe. ROSA, Helena Alpini. BRINGMANN, Sandor Fernando (Orgs.). Etnohistória, História Indígena, e Educação: contribuições ao debate. Porto Alegre: Pallotti, 2012 (69-88).

SILVA, Aracy Lopes da, GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org). A Temática Indígena na Escola: Novos Subsídios para Professores de 1º e 2º Graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

VIERTLER, Renate B.. A adaptação de mitos indígenas na literatura infantil brasileira. In: SILVA, Aracy L. da (org.). A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEVOS, Rafael. A mata é que mostra nossa comida (Kaingang). Os seres da mata e sua vida como pessoas (Mbya-Guarani). Duração: 30min; 27 min

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. Iraí, Terra Kaingang. Vídeo, 1992, 15min. DERRAIK, Marcia. Projeto Povos Indígenas: Conhecer para Valorizar. Vídeodocumentário, 2011, 24 min.

AMBIENTE ENRIQUECIDO COMO FERRAMENTA AUXILIAR AO APRENDIZADO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MOREIRA, Candida Soares
Aluna do Curso de Nutrição UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

LISBOA, Jéssica Teixeira Rodrigues
Aluna do Curso de Enfermagem UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

STOLL, Francieli Elisa
Aluna do Curso de Ciências Biológicas UFPEL, voluntária

MACHADO, Caroline dos Santos
Aluna do Curso de Farmácia UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

GAMARO, Giovana Duzzo
Professora Departamento Bioquímica/CCQFA/UFPel, orientador e coordenador

Educar é promover a aquisição de novos comportamentos. As estratégias pedagógicas desenvolvidas pelo educador no processo ensino-aprendizagem são estímulos que levam à reorganização do sistema nervoso em desenvolvimento, o que produz as mudanças comportamentais (GUERRA et al, 2004). Atividades relacionando o cotidiano com os saberes escolares são de grande importância para ressignificação do conhecimento. Essas atividades são importantes ferramentas que auxiliam no processo ensino-aprendizagem (BORGES, 2002; KRASILCHIK, 2000). Nesse contexto, as atividades práticas são uma das formas de mobilizar a atividade do aprendiz, em lugar de sua passividade (BORGES, 2002). Além disso, esse tipo de atividade é importante para incentivar o prazer pelo conhecimento científico. A pesquisa em neurociência tem demonstrado que o conhecimento e o aprendizado são dinâmicos e que estímulos externos aumentam a capacidade cognitiva, sendo importante em todo período escolar. A aprendizagem e cognição são as novas formas de conhecer, que tem como objetivo a fundamentação teórica que sirva de referencial para a contextualização do funcionamento do ciclo do aprendizado onde acontece o entender, o aprender e o fixar (RACHID, 2012).

A neurociência pode ser ensinada na escola com vários exemplos relacionados ao cotidiano. Além disso, nas últimas décadas tem crescido o interesse sobre questões relacionadas ao cérebro e seu papel em nosso cotidiano. Esse fato tem estimulado o estudo do tema tornando a aprendizagem mais interessante na escola. A neuro- aprendizagem tem foco capaz de informar, sensibilizar, mobilizar e, consequentemente, criar uma nova visão da aquisição do conhecimento e da cognição com pessoas comprometidas com o processo de aprendizagem do estudante (RACHID, 2012). Estudos tem demonstrado que um ambiente rico em variedade de estímulos aumenta o número de sinapses no hipocampo. Essa estrutura cerebral está envolvida com a formação de memória. Mudar a rotina mobilizando diferentes comportamentos, introduzir o inesperado mobilizando a ajuda de diversos sentidos e diferentes estruturas cerebrais. Comprovar que somos capazes de resolver um enigma, de achar a armadilha escondida em uma adivi-

nhação, de construir uma coisa que parecia impossível com os meios que nos são dados, produz um prazer saudável, desconhecido por aqueles que nunca decidem colocar em andamento seu intelecto (BATLLORI, 2006).

O presente trabalho tem por objetivo fazer um relato de atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão "Descobrindo a Ciência na Escola", vinculado ao Programa Vizinhança da Universidade Federal de Pelotas – RS, junto à escola Municipal Ferreira Viana.

Metodologia

Após reuniões junto à professora de Ciências da escola Ferreira Viana, foram elaboradas as atividades para trabalhar com os alunos que foram realizadas em ambiente diferente da escola. Os alunos foram até a UFPel durante uma ação do Programa Vizinhança, onde diversos projetos estavam sendo expostos. As atividades foram aplicadas em 20 alunos da 7ª série do turno da manhã. Esses alunos foram escolhidos por já terem conhecimento prévio do conteúdo. As atividades foram constituídas por apresentação de diversos testes por meio das quais eram introduzidos conceitos básicos de neurociência. Foram aplicados 4 testes visando testar diferentes habilidades e sentidos. Os testes aplicados foram: Teste de atenção, Teste de palatabiliadade e indução, Enigma dos copos intercalados e Teste do conflito de cores. O teste de atenção foi constituído por um vídeo onde era apresentado um jogo de basquete. Antes do início do vídeo era realizada uma pergunta: "Quantos passes o time de branco realizava ao longo do jogo?". Ao final do vídeo era realizada outra pergunta: "Se o aluno tinha percebido um macaco que passava no meio do jogo fazendo piruetas". Este teste busca elucidar questões relacionadas à atenção direcionada do cérebro em relação a uma determinada tarefa que nos é proposta.

O teste de palatabilidade e indução era composto por oito copos, contendo solução de água e sacarose a 10%, pigmentadas com diferentes corantes alimentícios, aos quais correspondiam a sabores de sucos bastante usuais. Também estava disponível aos alunos um copo contendo suco de laranja, a fim de induzir o indivíduo a determinar o sabor dos demais "sucos" experimentados. O objetivo deste teste era demonstrar ao aluno, que a associação prévia entre cor e sabor, pode de certa forma, ludibriar o cérebro quando experimentam a solução com sacarose.

O enigma dos copos intercalados detinha-se no desenvolvimento do raciocínio lógico. Dispostos sobre a mesa estavam doze copos em forma circular, onde seis deles estavam vazios e os demais preenchidos com solução pigmentada com corante. Os copos cheios estavam organizados no círculo lado a lado e os vazios da mesma forma. A proposta da atividade era alterar a organização dos copos no círculo, através de três movimentos deixando-os intercalados, sem modificar sua localização. A solução do enigma se dava por meio da transferência do líquido de três copos cheios para outros três copos vazios, sem de fato alterar a localização dos copos no círculo.

O teste das cores, conhecido como "teste de Stroop", é constituído por uma lista de palavras, cada uma com uma cor diferente. Em voz alta, apenas as cores deveriam ser ditas, gerando um conflito cerebral. O objetivo era, justamente, fazer com que o indivíduo percebesse esse conflito no cérebro, que é causado pelos hemisférios direito e esquerdo, pois o lado direito do nosso cérebro tenta nos dizer a cor enquanto o lado esquerdo insiste em ler a palavra.

Resultados

De maneira geral, todas as atividades demonstraram resultados satisfatórios, onde o público alvo foi estimulado a interagir ativamente dos testes propostos, gerando assim a curiosidade dos mesmos pela temática da neurociência. As atividades foram propostas de forma democrática e convidativa. Para os participantes, todos os testes serviram de motivação para o interesse em entender quais funções cerebrais estavam envolvidas em cada atividade, além disso, dispúnhamos de um modelo pedagógico de cérebro, juntamente com um atlas de anatomia, que permitiu aos envolvidos, conhecerem mais a respeito da anatomia cerebral e quais hemisférios eram responsáveis pelas suas atuações nos jogos propostos. O teste de maior dificuldade, segundo os participantes, foi o enigma dos copos, por envolver raciocínio lógico gerando grande interesse na atividade, devido o grau de complexidade. Os jogos são um elemento importante no processo de ensino e aprendizagem, pois, instigam a curiosidade e a própria aprendizagem de maneira alegre e eficaz (CONTIN; FERREIRA, 2008). Além disso, quando questionados sobre a importância de estudar Ciências na escola: 10 alunos consideram ser importante, 4 muito bom ou importante e 6 médio ou interessante. Quando foram questionados sobre memória todos os alunos (20) relataram que, somente às vezes,

conseguem lembrar-se do que aprendem.

Conclusão

A partir dos relatos dos alunos e de seu comportamento podemos concluir que as atividades propostas aproximaram o público com a temática da neurociência, trazido de maneira lúdica, elucidativa e convidativa. No que se refere ao ensino de Ciências, tão importante na formação das crianças, adolescentes e jovens, aprendizagens significativas e consistentes do conhecimento humano podem proporcionar o desenvolvimento de novas consciências e, desse modo, desenvolver de forma mais plena as potencialidades da vida na sociedade e no ambiente. Tal fato vai além das iniciativas, ações e mudanças que têm se mostrado incapazes de atingir o modelo de ensino de ciências, isto é, o modelo centrado na reprodução de conteúdos escolares que apenas precisam ser repetidos no âmbito da própria escola (MALDANER; ZANON, 2004).

Além disso, segundo descrito em Zaro et al. 2010, a neuroeducação é importante para determinar condições específicas que auxiliam o aluno no processo de aprendizagem. Estudantes aprendem melhor quando motivados e quando recebem um "feed-back" de seu aprendizado. Um espaço como proposto pela ação do Programa Vizinhança onde os alunos estavam motivados em um espaço de aprendizagem diferenciado provavelmente será uma importante ferramenta que poderá ser utilizada no contexto escolar buscando auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

Referências

BATLLORI, J. (2006). Jogos para treinar o cérebro. Tradução de Fina Iniguez. São Paulo: Madras.

BORGES, T. Novos rumos para o laboratório escolar de Ciências. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, Florianópolis, SC. v.19, n.3 p 291-313, 2002.

GUERRA, L.B.; PEREIRA, A.H.; LOPES, M.Z. Neuroeduca - inserção da neurobiologia na educação. Anais do 7º encontro de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais Belo horizonte, 2004.

KRASILCHIK, M. Reformas e realidade o caso do ensino de ciências. São Paulo em Perspectiva, v.14, n.1, p.85-93, 2000.

CONTIN, R.C.; FERREIRA, W.A. (2008). Jogos: Instrumentos pedagógicos no Ensino da Matemática.

MALDANER, O.A.; ZANON, L.B. (2004). "Situação de Estudo – uma organização do ensino que extrapola a formação disciplinar em Ciências". In: MORAES, R.; MANCUSO, R. Educação em Ciências: produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Editora Unijuí.

RACHID, I. (2012). "Construindo a excelência em gestão escolar: curso de aperfeiçoamento: Módulo VIII – O impacto da neurociência na sala de aula". Secretaria de Educação. Recife: Secretaria de Educação do Estado.

ZARO, MA; ROSAT, RM; MEIRELES, LOR; SPINDOLA, M.; AZEVEDO, AMP; BONINI-ROCHA, AC; TIMM, MA. (2010) Emergência da Neuroeducação: a hora e a vez da neurociência para agregar valor à pesquisa educacional. Ciência & Cognição vol 15(1):199-210

ANÁLISE, CLASSIFICAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE DADOS VIA PENSAMENTO COMPUTACIONAL: RELATO DE ATIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL

FINKENAUER, Plínio Junior
Aluno do Bacharelado em Engenharia de Computação/ UFPel, bolsista PROEXT/MEC

REISER, Renata Hax Sander
Professor do Centro de Desenvolvimento Tecnológico/ UFPel, orientador

FLESCHMANN, Ana Marilza Pernas
Professor do Centro de Desenvolvimento Tecnológico/ UFPel, orientador

PIANA, Clause Fátima de Brum
Professor do Centro de Desenvolvimento Tecnológico/ UFPel, orientador

CAVALHEIRO, Simone André da Costa
Professor do Centro de Desenvolvimento Tecnológico/ UFPel, orientador/coordenador.

Concebido como um conjunto de técnicas que utiliza fundamentos da computação para solucionar problemas gerais, o Pensamento Computacional (PC) contribui para a resolução de problemas considerando não apenas a compreensão do comportamento humano, mas principalmente a integração dos conceitos de projetos de sistemas e sistematização de algoritmos da Ciência da Computação (WING, 2006). Dada a crescente onipresença de ferramentas computacionais em atividades diárias de estudantes e profissionais, defende-se a necessidade de difundir o PC como uma forma não apenas de abordar problemas complexos que permeiam o cotidiano, mas também de aprender eficientes formas de solucionar tais problemas (NRC, 2010). Entende-se que as escolas de ensino fundamental constituem um meio relevante para a inserção do PC no sentido de estimular o desenvolvimento efetivo do raciocínio lógico-dedutível.

Sob esse panorama, organizações como Computer Science Teachers Association (CSTA), International Society for Technology in Education (ISTE) e National Science Foundation (NSF) lançaram o Computational Thinking in K-12 Education – Leardeship Toolkit (Toolkit), proposta inovadora de atividades didáticas integradas às competências próprias da computação e fundamentais para a disseminação do PC no contexto escolar (CSTA et al., 2011).

O presente trabalho está inserido no escopo do projeto EXP-PC: Explorando o Pensamento Computacional para a Qualificação do Ensino Fundamental, cuja meta é sensibilizar a rede de ensino local para a relevância do ensino dos fundamentos da computação desde a educação fundamental.

Este artigo apresenta os principais resultados de uma aplicação piloto visando a definição e aplicação de metodologia apropriada para análise, classificação e organização de dados via PC para estudantes do quarto ano do ensino fundamental. A Seção 2 descreve a metodologia. O perfil da amostra e o relato das avaliações dos resultados obtidos é descrito na Seção 3. Na sequência tem-se as Conclusões e a Bibliografia.

Metodologia

O desenvolvimento da atividade didática apresentada neste trabalho se baseou no material proposto pelo livro Computer Science Unplugged (2010). O livro contém uma série de atividades lúdicas a serem aplicadas em turmas do ensino fundamental, expondo conceitos fundamentais da Ciência da Computação sem requerer o uso de computadores. A atividade lúdica adaptada, denominada Batalha Naval (ABT), objetiva apresentar conceitos introdutórios de algoritmos de busca. Dentre as competências a serem trabalhadas, e distinguidas pelo Toolkit, destacam-se: algoritmos e procedimentos, decomposição de problemas e análise de dados. Dentro do contexto do projeto EXP-PC, a adaptação foi viabilizada para aplicação semanal, em encontros de 1 hora e 30 minutos, a alunos do quarto ano do ensino fundamental da rede pública municipal.

Como motivação e instrumento lúdico para abordagem das competências supracitadas, aplicou-se o modelo de Jogo Batalha Naval (JBN), no qual os jogadores têm de encontrar a posição do navio do oponente. Para a disputa das partidas, os alunos se organizam em duplas e utilizam tabuleiros constituídos de duas tabelas preenchidas com navios igualmente distribuídos. O mesmo exemplo de tabuleiro, numa versão ampliada, foi construído para instruir os alunos com a demonstração do JBN. Nas tabelas, os navios são representados pelas letras do alfabeto, e durante as partidas, ao serem selecionados, também são codificados a partir de números inteiros. Em toda rodada do JBN, cada tabela é utilizada por um membro da dupla, o qual é identificado como capitão ou pirata. Com o objetivo de descobrir a posição do navio adversário com o menor número de tentativas possível, tem-se que: (i) o capitão, ao escolher um navio, utiliza a tabela na qual os navios estão com números; (ii) o pirata, para encontrálo, usa a tabela com os navios em branco, demarcando os palpites. No início do jogo, cada aluno seleciona um navio numerado e o comunica à respectiva dupla. Na sequência, eles se alternam palpitando qual letra eles acreditam ser a pertencente ao navio informado. A Figura 1 apresenta um modelo de tabuleiro utilizado. Maiores informações acerca do material desenvolvido e planos de aula das aplicações em sala podem ser encontrados no wiki do projeto EXP-PC (http://inf.ufpel.edu.br/exp-pc/).

A atividade ABT foi organizada em três tarefas, descritas a seguir:

i. Tarefa I: A proposta do primeiro encontro é apresentar aos alunos as instruções do jogo JBN e, simultaneamente, o método de busca linear (MBL), estrutura utilizada pelos computadores para a busca de dados que consiste em percorrer determinado conjunto de forma sequencial, ou seja, uma pesquisa que considera a análise de elemento por elemento. Para elucidar o método, os alunos utilizam os tabuleiros com os navios numerados aleatoriamente. Para encontrar o navio adversário no MBL, demanda-se, no pior caso, uma comparação de cada um dos navios com os demais.

ii. Tarefa II: No segundo encontro é exposto o método de busca binária (MBB) que segue o paradigma da divisão e conquista, dividindo o problema em instâncias menores. Aqui os alunos utilizam o mesmo modelo de tabuleiro da tarefa anterior, porém com os navios numerados dispostos em ordem crescente. Dessa forma, para encontrar o navio adversário eles são orientados a palpitar na posição do meio da tabela; e ao verificar se a mesma é maior ou menor que o alvo, desconsideram metade do conjunto de navios inicial a cada tentativa.

iii. Tarefa III: Na terceira aula, introduz-se o conceito de hashing - estrutura computacional que otimiza a busca subdividindo os elementos em subconjuntos menores facilmente manipuláveis. No método baseado em hashing (MH), tem-se um novo modelo de tabuleiro, com navios distribuídos em 10 colunas. A descoberta do navio do oponente depende da descoberta da coluna a qual o mesmo pertence. O

MH requer uma operação de soma dos algarismos que compõem o número do navio comunicado e módulo 10 (o qual se abstrai, selecionando o último

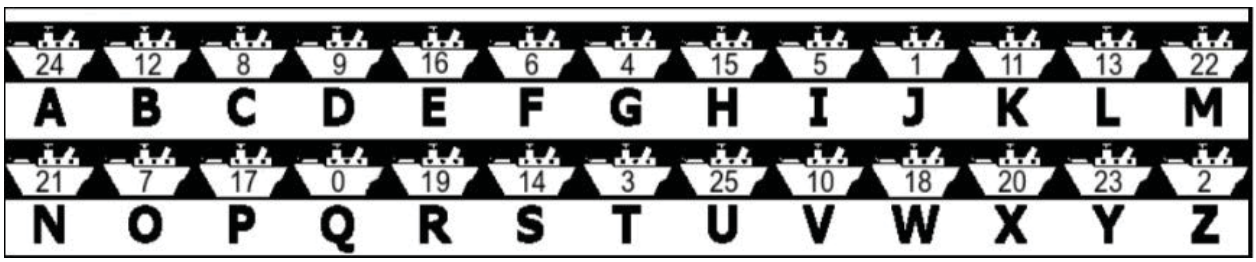


Figura 1: Tabuleiro do jogo Batalha Naval
Fonte: Computer Science Unplugged, 2010.

dígito desta soma). Para verificação do aprendizado e incremento das competências do PC propostas na atividade Batalha Naval, realizou-se um teste anterior e posteriormente ao início e término das tarefas, cada qual compreendendo uma questão relacionando as habilidades estimuladas. Além disso, ao final de cada tarefa, aplicou-se uma avaliação abrangendo os conceitos vistos e discussão da eficiência dos métodos trabalhados.

Resultados

A metodologia da ABT, planejada em conjunto pelo bolsista PROEXT/MEC, grupo de colaboradores do Projeto EXP-PC e supervisão dos orientadores, foi aplicada em duas turmas: (i) turno da manhã (22 alunos); (ii) turno da tarde (24 alunos). A idade dos alunos variou entre 9 e 13 anos (82% com 9 - 10 anos). Com relação ao sexo, 63% dos alunos era do sexo masculino enquanto 37% era do sexo feminino.

As avaliações das tarefas compreenderam questões com valores diferentes:

(i) arefa 1 compreendeu duas questões, Q1 e Q2, valendo 2,5 e 7,5 pts respectivamente;

(ii) tarefa 2, também duas questões, Q1 e Q2, valendo 5,5 e 4,5 pts, respectivamente; (iii) arefa 3 com três questões, Q1, Q2 e Q3, valendo 2, 5 e 3 pts, respectivamente.

A descrição da pontuação dos alunos, por questão e total, nas avaliações de cada tarefa é apresentada na Tabela 1. Note-se que o número de alunos avaliados variou entre as tarefas: 43 na tarefa 1; 34 na tarefa 2; e 42 na tarefa 3.

Na tarefa 1, tem-se pontuação máxima para 90% dos alunos na Q1 e 50% dos alunos na Q2. Na Q2, os alunos apresentaram desempenho mais baixo e muito mais heterogêneo, e pontuação total variou de 0 a 10, com média 6,9, evidenciando que o desempenho geral dos alunos foi regular, mas a variabilidade muito grande. A análise dos resultados por turma indicou desempenhos diferenciados entre as turmas, em ambas as questões. Verificou-se para a Q1 que o desempenho da turma da tarde (média 2,4 e coeficiente de variação 20%) foi superior e mais homogêneo que o da turma da manhã (média 2,0 e coeficiente de variação 50%); mas para a Q2 a turma da manhã (média 6,8 e coeficiente de variação 21%) superou muito o desempenho da turma da tarde (média 3,1 e coeficiente de variação 103%). A mesma análise pode ser feita para as demais tarefas.

O teste aplicado antes e depois da execução das atividades compreendeu quatro questões, sendo a questão 3, valendo 3 pontos, relacionada com as habilidades desenvolvidas com a ABT. A Tabela 2 apresenta a pontuação dos alunos nesta questão e os resultados do teste de significância para o ganho dos alunos, por turma e geral. O ganho foi mensurado pela diferença entre as pontuações alcançadas no pós e no pré- teste. Em ambos os testes, as pontuações médias das turmas foram semelhantes. Com relação ao ganho, verifica-se que tanto a turma da manhã (média 0,38) quanto a turma da tarde (média 0,18) apresentaram valores médios próximos de zero. A significância desses ganhos foi verificada através do teste t para

Questão	Tarefa 1 - MBL (n=43)							Tarefa 2 - MBB (n=34)							Tarefa 3 - MH (n=42)						
	Média	DP	Min	Q_1	Md	Q_3	Max	Média	DP	Min	Q_1	Md	Q_3	Max	Média	DP	Min	Q_1	Md	Q_3	Max
1	2,2	0,8	0	2,5	2,5	2,5	2,5	4,1	1,6	0	3,9	4,0	5,5	5,5	1,7	0,7	0	2	2	2	2
2	4,8	3,1	0	2,5	6,3	7,5	7,5	2,8	1,6	0	1,2	3,3	4,5	4,5	4,6	0,9	0	4,8	5	5	5
3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2,4	1,2	0	3	3	3	3
Total	**6,9**	**3,2**	**0**	**5**	**7,5**	**10**	**10**	**6,8**	**3,1**	**0**	**4,7**	**8,0**	**9,5**	**10,0**	**8,7**	**1,8**	**4**	**7**	**10**	**10**	**10**

Nota: n=número de alunos; DP=desvio padrão; Q_1=primeiro quartil; Md=mediana; Q_3=terceiro quartil, Min=menor, Max=maior valor.

Tabela 1: Descrição do desempenho geral dos alunos das duas turmas, por questão e total, nas Tarefas 1, 2 e 3, na Atividade Batalha Naval.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados obtidos nas avaliações.

Turma	Antes		Depois		Ganho							Valor da hipótese	T	Valor p
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Min	Q_1	Md	Q_3	Max			
Manhã (n=16)	2,3	0,87	2,6	0,72	**0,38**	1,33	-2	-0,2	0,4	1,5	3	0	1,129	0,2768
Tarde (n=19)	2,5	0,67	2,7	0,52	**0,18**	0,64	-0,7	0	0	0,5	2,3	0	1,210	0,2421
Geral (n=35)	2,4	0,77	2,7	0,61	**0,27**	1,00	-2	0	0	0,8	3	0	1,582	0,1230

Nota: n=número de alunos; DP=desvio padrão; Q_1=primeiro quartil; Md=mediana; Q_3=terceiro quartil; Min=menor, Max=maior valor.

Tabela 2: Descrição da pontuação e do ganho dos alunos na questão 3 do teste aplicado antes e depois do desenvolvimento das atividades e resultados do teste de significância para o ganho, por turma e geral.

Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados obtidos nas avaliações.

amostras pareadas, com alfa=0,05. Enquanto o teste indica não haver ganho significativo com o desenvolvimento da atividade, as avaliações das tarefas evidenciam desempenho dos alunos variando de regular (tarefas 1 e 2) a muito bom (tarefa 3).

Conclusão

O relato da experiência da aplicação piloto colabora na identificação de melhorias e adaptações necessárias para futuros trabalhos do Projeto EXP-PC. Tendo em vista o panorama apresentado e os resultados obtidos, acredita-se que a atividade represente um passo para a inserção e contribuição das competências apresentados pelo PC no contexto escolar e consequente aproximação das comunidades acadêmica e local.

Referências

WING, Jeannette M. Computational Thinking. Communications of the ACM, New York, v. 49, n. 3, p. 33-35, 2006.

NRC, National Research Council. Report of a Workshop on The Scope and Nature of Computational Thinking, 2010. Disponível em: http://exploringcs.org/wp-content/uploads/2010/09/NationalResearchCouncil.pdf. Acesso em 02 de agosto de 2014.

CSTA, ISTE, NFS. Computational Thinking in K–12 Education – Second edition, 2011. Disponível:http://www.csta.acm.org/Curriculum/sub/CurrFiles/472.11CTTeacherResources_2ed-SP-vF.pdf. Acesso em 02 de agosto em 2014.

BELL, Tim, WITTEN, I.H., FELLOWS, M. Computer Science Unplugged, 2010. Disponível em:http://csunplugged.org/sites/default/files/activity_pdfs_full/unpluggedTeachersMar2010 -USletter.pdf. Acesso em 02 de agosto de 2014.

APLICAÇÃO DE CONCEITOS DE NEUROCIÊNCIAS AO CONTEXTO ESCOLAR POR MEIO DE ATIVIDADES LÚDICAS

LISBOA, Jéssica Teixeira Rodrigues
Aluna do Curso de Enfermagem UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

MOREIRA, Candida Soares
Aluna do Curso de Nutrição UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

SILVA, Adriana Lourenço da
Professora do Departamento Fisiologia e Farmacologia/IB/UFPel

TAVARES, Rejane Giacomelli
Professora Departamento Bioquímica/CCQFA/UFPel

GAMARO, Giovana Duzzo
Professora Departamento Bioquímica/CCQFA/UFPel, orientador e coordenador

Atualmente existe a necessidade da realização de atividades que tornem possível a integração entre os saberes produzidos na Universidade e sua aplicação junto à comunidade escolar. Tal prática é importante para tornar os conteúdos científicos escolares dotados de significado para o aluno. Faz parte desse processo, além da contextualização, tornar possível que o aluno expresse suas idéias a respeito de determinado tema proporcionando uma troca de conhecimentos entre o educador e o educando. Uma vez que, a construção do processo de ensino-aprendizagem é baseada no conhecimento prévio dos alunos (Freire, 2004). Desta forma a neurociência que é um ramo da biologia vem sendo trabalhada de forma interdisciplinar. Diante disso, os conteúdos abordados nessa área do conhecimento são passíveis de exemplificação de situações do cotidiano, estimulando o aluno a aprender de forma diferenciada por meio da motivação (Herculano-Houzel 2002). Educar é promover a aquisição de novos comportamentos. As estratégias pedagógicas desenvolvidas pelo educador no processo ensino-aprendizagem são estímulos que levam à reorganização do sistema nervoso em desenvolvimento, o que produz as mudanças comportamentais (GUERRA et al., 2004). A escola é um espaço onde estas práticas tomam forma levando ao desenvolvimento de um educando reflexivo, atuante, questionador e motivado a aprender coisas novas. O desenvolvimento na área das neurociências e de suas subáreas têm contribuído para elucidar a diversidade cerebral de cada aluno que está diretamente relacionada aos processos de aprendizagem. O professor precisa compreender que existe uma biologia, uma anatomia e uma fisiologia no cérebro que aprende, tornando-se necessário, portanto, que o professor entenda o funcionamento do substrato neurobiológico do aluno para que possa ressignificar sua prática pedagógica (RELVAS, 2010). Assim, o projeto de extensão “DESCOBRINDO A CIÊNCIA NA ESCOLA” visa realizar a transposição de saberes produzidos na Universidade para que sejam aplicados junto à comunidade escolar. Durante o ano houve integração de alunos e professores da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) com a comunidade da Escola Municipal Ferreira Viana, que possui cerca de 500 alunos de ensino fundamental, que oferece excelente espaço

para desenvolvimento de atividades. Além disso, o corpo docente da escola está sempre disposto a desenvolver novas estratégias para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos. Nesse contexto, o presente estudo tem por objetivo, abordar o comportamento e interesse dos alunos sobre os temas relacionados à neurociência desenvolvidos nessa escola. Para tanto foram elaboradas diferentes formas de abordagem do tema proposto. Inicialmente aplicação de um questionário, seguido por atividades em oficinas de neurociência onde eram abordados diversos temas relacionados ao assunto por meio de atividades lúdicas, conforme a FIGURA 1.

Figura 1: Atividades lúdicas no Laboratório Ciências da Escola.
Fonte: Fotografia da autora, 2013

Somando-se a isso, foi desenvolvida uma palestra seguida de apresentação de vídeos, FIGURA 2. Logo após execução das oficinas realizou-se o levantamento das percepções dos alunos sobre as atividades.

Figura 2: Palestra seguida de apresentação de vídeos
Fonte: Fotografia da autora, 2013

Metodologia

Durante o ano de 2013 foram realizadas diversas atividades com 20 alunos da 7ª série, turno da manhã da Escola Municipal Ferreira Viana. A média de idade dos alunos era de 14 anos e 4 meses. Em um primeiro momento os alunos foram entrevistados para verificarmos seus conhecimentos prévios a respeito do sistema nervoso e suas funções biológicas. O instrumento de avaliação utilizado foi um questionário contendo 10 questões de múltipla escolha. As questões com maior distinção de resposta foram escolhidas para serem focadas nas oficinas. Sendo elas:

Você sabe como aprendemos o que vemos na escola?

O que são neurônios?

A unidade básica do sistema nervoso é?

O olfato é importante para o paladar?

Quem comanda os movimentos do nosso corpo?

Após o diagnóstico dos pontos relevantes do conteúdo iniciamos as oficinas de neurociências que foram constituídas por meio de atividades diferenciadas e motivadoras buscando elucidar conceitos, que foram diagnosticados no questionário, como pontos de confusão. A estratégia aplicada foi, em um primeiro momento, a realização de uma palestra interativa contendo vídeos e atividades diferenciadas com intuito de testar a capacidade de memória e atenção.

Logo após, os alunos foram direcionados ao Laboratório de Ciências da Escola onde eram realizadas atividades práticas em forma de jogos para testar os diferentes sentidos, além de testes de memória e atenção com intuito de verificar a aprendizagem dos alunos. De acordo com Batllori (2006), o jogo tem como objetivo desenvolver diversas habilidades dentro das quais podemos citar: a socialização, agilidade de raciocínio, concentração, abstração, pensamento lateral, habilidade matemática e viso-espacial, coordenação motora fina, percepção, seqüência, atenção seletiva, memória de trabalho e liderança. Além do desenvolvimento de capacidades para elaborar estratégias e análises, de saber competir, de focar nas soluções e de solucionar os desafios. Ao finalizar as atividades os alunos emitiram sua opinião a respeito das atividades propostas de forma escrita e anônima, para que ficassem à vontade para expressar suas opiniões verdadeiras. Desses relatos podemos destacar algumas opiniões importantes que demonstram aceitação das atividades:

"A aula foi muito legal, pois ajuda o cérebro a se desenvolver..."

"Eu achei muito legal, diferente e interessante. Eu me diverti muito foi muito bom..."

"Adorei muito, deveriam vir mais vezes na escola"

*"Eu gostei muito desta atividade fiz coisas que nun*ca

vi *as brincadeiras da memória fizeram eu descobrir coisas que eu não sabia mesmo, gostei muito espero ver vocês outras vezes...".*

Resultados

O questionário nos possibilitou observar que os alunos possuíam um conhecimento prévio das estruturas do sistema nervoso, pois todos responderam de forma satisfatória a idéia de que o cérebro faz parte do sistema nervoso central e que fica dentro do crânio. Porém, alguns se confundiram com questões mais complexas a respeito das funções biológicas exercidas por tal órgão.

Após a realização da oficina os alunos demonstraram possuir maior intimidade com o assunto, portanto os resultados obtidos por meio das atividades demonstraram que eles conseguiram associar o conteúdo de uma forma mais organizada. Ao finalizar as oficinas vários alunos relataram nunca terem tido atividades desse tipo, divertidas e interessantes, também ressaltaram que deveríamos manter atividades diferenciadas como essas todos os anos. Portanto, os alunos perceberam a diferença entre aprender a neurociência de uma forma diferenciada, pois ocorreu por meio de um ambiente enriquecido mais atrativo e diferente do qual estão habituados a aprender. Esse fato foi importante para estimular o interesse dos alunos pelo conteúdo abordado auxiliando no sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Conclusão

Diante do exposto podemos observar a mudança de comportamento dos alunos frente a atividades diferenciadas, demonstrando maior motivação e interesse sobre o conteúdo tornando-o mais atrativo e assim facilitando o aprendizado. Desta forma a aplicação de múltiplas estratégias utilizando, estímulos visuais, auditivos, táteis, acompanhados de senso de humor e afetividade possibilitam a transmissão do conhecimento de uma forma contextualizada para cada aluno. Construímos a partir desta ação, um modelo interdisciplinar de ensino, tentando associar as funcionalidades do cérebro através da representação de situações cotidianas. Portanto a construção de tais modelos é necessária para a compreensão destas situações e para que o indivíduo possa agir diante delas.

Referências

BATLLORI, J. Jogos para treinar o cérebro. Tradução de Fina Iniguez. São Paulo: Madras, 2006.

RELVAS, M.P. Fundamentos biológicos da educação: despertando inteligências e afetividade no processo de aprendizagem. 4ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

HERCULANO-HOUZEL, Suzana. O cérebro nosso de cada dia: descobertas da neurociência sobre a ida cotidiana. 2.ed, Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2002.

Referências eletrônicas

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários para a prática educativa. Editora: Paz e Terra AS, São Paulo. 2004. Disponível em: http://www.webdelprofesor.ula.ve/nucleotachira/oscarg/materias/epistemologia/lectur as/freire.pdf

GUERRA, L.B.; PEREIRA, A.H.; LOPES, M.Z. Neuroeducação- inserção da neurobiologia na educação. Anais do 7º encontro de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais Belo horizonte, 2004. Disponível em: http://www.uel.br/ccb/biologiageral/eventos/erebio/painel/T51.pdf

ARTE E EDUCAÇÃO EM OFICINAS DE ARTESANATO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

FERNANDES, Mara Gislaine Domingues
Aluna do curso de Artes Visuais do Centro de Artes/ UFPel, bolsista PROEXT/UFPel

SILVA, Márcia Alves da
Professora do Departamento de Fundamentos da Educação/FaE/UFPel, coordenadora do projeto.

Este trabalho é parte de um programa de extensão em andamento, denominado "Gênero, educação e arte: artesania, arte popular e formação em oficinas de criação coletiva", que busca articular diversas ações, partindo da iniciativa de professores/as e pesquisadores/as da Faculdade de Educação e do Centro de Artes da UFPel, no sentido de promover atividades de arte e/ou artesania, com públicos diversos e que contribuam para um processo de emancipação e empoderamento dos/as participantes, reconhecendo as atividades promovidas como processos de formação e, portanto, educativos. Essa experiência tem sido financiada pelo Edital PROEXT 2014.

Nosso programa de extensão busca incorporar grupos com perfis distintos de mulheres da região vinculados a diversos grupos de vulnerabilidade social, além de discentes da UFPel; professores/as e alunos/as da rede de ensino. A união destas diversas iniciativas e sua configuração em um Programa articula pesquisa, ensino e extensão acadêmicos e amplia o alcance das ações implementadas. A proposta é interdisciplinar e se ancora, especialmente, nos estudos de gênero e na arte-educação. Neste texto abordamos especificamente a experiência das oficinas de artesanato que temos encaminhado com alunos e alunas de EJA da Escola Municipal Piratinino de Almeida, localizada no bairro Areal, na cidade de Pelotas/RS.

O artesanato é visto aqui como uma importante ferramenta para o trabalho com o grupo. As oficinas se materializam como espaços de construção coletiva e de trocas de experiências de vida e de trabalho onde, aos poucos, a intenção é que os/as participantes valorizem o que fazem, reconheçam o artesanato como arte e não como algo 'menor' e que possam, inclusive, se constituir como uma possibilidade de geração ou ampliação da renda familiar.

O referencial da arte-educação (DUARTE JR., 2001) procura oferecer o suporte teórico do trabalho artesanal, incluindo todo o planejamento das oficinas. Importante salientar a sensibilidade que a equipe do Proext procura ter com as pessoas envolvidas, reconhecendo seus saberes e incorporando seus desejos e opiniões em todo o processo, isso quer dizer que partimos do conhecimento das pessoas, jamais impondo nosso olhar sobre o grupo, mas sim construindo com o grupo

a caminhada coletiva de todas as envolvidas, sejam tanto as assentadas como as acadêmicas.

Metodologia

As oficinas de artesanato realizadas pelo Proext buscam desenvolver a criatividade, a coordenação motora, o controle da ansiedade, aumentando o poder de concentração, além de possibilitar a satisfação em cada participante de se reconhecerem capazes de criar peças lindas com as próprias mãos.

A proposta metodológica adotada é inspirada na corrente denominada pesquisaformação, a partir do referencial construído por Marie-Christine Josso (2004) entre outros pesquisadores. Trata-se de perceber o processo criativo e de vivência estética nas oficinas também como parte da uma trajetória de vida de todos os envolvidos, enquanto uma oportunidade para se refletir sobre sua trajetória, na perspectiva de se projetar o futuro, tanto do grupo como individualmente, num processo que Josso denomina de "caminhar para si".

Além disso, os momentos coletivos possibilitam a troca de experiências de vida, constituindo-se num fortalecimento enquanto grupo. Os/as docentes das turmas de EJA participaram e acompanharam ativamente todo o processo, o que contribuiu para uma maior aproximação entre professores/as e alunos/as.

Figura 1: Grupo de alunos/as de EJA da Escola Piratinino de Almeida em oficina do Programa de Extensão Proext
Fonte: Acervo do Programa. Junho de 2014

Para a efetivação das oficinas optou-se por uma metodologia tendo como referencial a proposta pedagógica proposta por Paulo Freire, compreendendo que o aprendizado é algo dinâmico e construído coletivamente, respeitando os saberes individuais. Neste sentido, a proposta foi construída coletivamente com a direção da escola, professores e alunos/as de EJA da referida escola. As técnicas a serem trabalhadas foram decididas pelos próprios/as estudantes em conjunto com parte da equipe do Proext – formada pela coordenadora e pela bolsista do Programa, autoras deste texto.

Resultados

Durante o primeiro semestre de 2014 foram feitas oficinas de construção de personagens em papel machê, luminárias em garrafas pet e bolsas e acessórios em caixas de leite. Importante ressaltar a preocupação com o meio ambiente, onde sempre privilegiamos a reutilização e o reaproveitamento de materiais.

No Programa de Extensão (Proext) Gênero, Educação e Arte: artesania, arte popular e formação em oficinas de criação coletiva, os resultados obtidos são muito positivos e abrangem vários aspectos, que vão desde o aumento da autoestima, a descoberta da pessoa como sujeito de sua própria história, o desenvolvimento da cidadania, além da possibilidade da aprendizagem com o artesanato poder se constituir num incremento na fonte de renda familiar.

Nesta perspectiva, as Oficinas de Criação Coletiva (MEIRA, 2007), agregam Educação, Trabalho, Artesanato e Arte, para resgatar potencialidades criadoras, expressivas, sensíveis e de conhecimento de seus participantes, além de ressignificar suas práticas profissionais e existenciais. A Arte assume fortemente, neste trabalho, dentre seus inúmeros sentidos, o caráter de criação coletiva, de expressão, de linguagem, de evento configurador de sentidos que se dirigem às experiências auto-formadoras das pessoas envolvidas, no campo do trabalho humano e da formação da sensibilidade.

Figuras 2 e 3: Oficina de confecção de luminárias de garrafas pet com alunos/as de EJA da Escola Piratinino de Almeida
Fonte: Acervo do Programa. Junho de 2014

Deste modo, nossa proposta propõe a união entre arte e educação, na figura de uma educação estética que, através da arte e seus processos, possibilite vivências para criação coletiva e de formação.

Conclusão

De acordo com a obra de Paulo Freire (FREIRE, 2011), precisamos alimentar e manter uma profunda crença na pessoa humana e na sua capacidade de construir-se como sujeito da história. Também precisamos manter uma postura política firme e coerente com as causas do povo oprimido, alimentando uma capacidade de sonhar e de ter esperanças, somado com a ousadia de fazer e de lutar pelo que se acredita. E junto com isto a humildade de quem sabe que nenhuma obra grandiosa se faz sozinho e que é preciso continuar aprendendo sempre. Para isso, lutar para a educação do povo visando eu este transforme a realidade, construindo-se uma pedagogia que valoriza o saber popular.

Deste modo, nossa caminhada é longa e se soma a muitas outras iniciativas. Pensamos que a escola precisa aprende a dialogar com os saberes que o/as alunos/as trazem, especialmente o/as alunos/as de EJA, que se constitui num público que por vários motivos, a escola já havia os/as excluído.

Atualmente nosso programa de extensão está em fase de execução e planejamos ampliar nossa atuação no segundo semestre deste ano, levando a proposta (que já ocorre em diversos locais) para outras escolas envolvendo tanto alunos como docentes de EJA de outras instituições de ensino, tanto municipais como estaduais.

Referências

DUARTE Júnior. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. 5 ed. São Paulo: Criar, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004. MEIRA, Mirela Ribeiro. Metamorfoses pedagógicas do sensível e suas possibilidades em oficinas de criação coletiva. 2007. 148 f. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ATENÇÃO INTEGRAL A CARROCEIROS E CATADORES DE LIXO DE PELOTAS

ARAUJO, Luciana Oliveira de
Aluna do Programa de Pós-graduação em Veterinária/ UFPel, bolsista CNPq

BUENO, Verônica La Cruz
Aluna do Programa de Residência Multiprofissional em área da saúde, bolsista MEC

OLIVEIRA, Ricardo de
Aluno do Curso de Medicina Veterinária/UFPEL, bolsista ProExt/UFPel

KICKHOFEL, Luan de Andrade
Aluno do Curso de Medicina Veterinária/UFPEL, bolsista ProExt/UFPel

NOGUEIRA, Carlos Eduardo Wayne
Professor adjunto do Departamento de Clínicas Veterinária da Faculdade de Veterinária /UFPel, coordenador.

A utilização de cavalos para a tração de carroças é uma atividade física exaustiva e comum no Brasil. Apesar do desenvolvimento tecnológico de veículos de transporte, ainda se encontram em centros urbanos, carroças tracionadas por equinos, recolhendo lixos, entulhos e realizando pequenos fretes, entre outras atividades (MARANHÃO et al., 2006).

Muitas famílias fazem uso da carroça como seu meio de sustento ou complemento da renda. A sustentabilidade dessas pessoas depende diretamente da saúde animal, pois, sem eles, torna-se mais difícil realizar longos trajetos à procura de produtos recicláveis para a venda. O cavalo é, portanto, o meio de trabalho e de sustento para estas famílias, tornando-se indispensável à manutenção da saúde e bem estar do animal.

Equinos criados em ambientes inadequados e em condições estressantes apresentam maior probabilidade de desenvolver doenças que acarretam, além do sofrimento animal, a redução de seu desempenho no trabalho (SCARPELLI, 2010).

O projeto de extensão "Ação de atenção a carroceiros de catadores de lixo de Pelotas, RS", atende aproximadamente 700 famílias carentes do município de Pelotas, RS, realizando atendimento a equinos de tração com atendimento ambulatorial e de triagem. O atendimento ambulatorial médico veterinário aos cavalos de carroça busca levar aos carroceiros e catadores de lixo do município de Pelotas/RS, um auxílio para melhor desenvolver a atividade, com enfoque na saúde e bem estar dos equinos, além de proporcionar uma maior conscientização da população sobre as principais doenças, nutrição e alimentação destes animais.

É fornecido atendimento gratuito aos animais em posse de proprietários cadastrados no projeto, além de oferecer esclarecimentos sobre o manejo e sanidade animal. Em paralelo ao atendimento clínico dos equinos, atividades complementares, como capacitação e encontros recreativos também são realizados com as famílias de carroceiros.

O programa de extensão possui caráter interdisciplinar e está ligado a Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Este projeto alinha-se ao Programa de extensão "Ação interdisciplinar de atenção a carroceiros e catadores de lixo de Pelotas- RS", tendo como foco as

famílias de catadores de lixo.

O objetivo deste trabalho é relatar os atendimentos realizados a equinos destinados ao serviço de tração cadastrados no projeto de extensão de atenção a carroceiros de catadores de lixo de Pelotas, RS, e as características da casuística acompanhada, no período de janeiro de 2009 a dezembro de 2013.

Metodologia

Foi desenvolvido um estudo retrospectivo no período de janeiro de 2009 a dezembro de 2013, utilizando dados dos animais atendidos pelo projeto de extensão "Ação de atenção a carroceiros de catadores de lixo de Pelotas, RS", no qual é realizado o atendimento gratuito a cavalos de tração, pertencentes a famílias de baixa renda do município de Pelotas/RS.

Os proprietários foram cadastrados conforme seu perfil sócio econômico, e os animais atendidos, passaram a ter um cadastro junto ao projeto, através do qual foi realizado o acompanhamento dos casos, desde atendimentos de rotina, procedimentos realizados, controle sanitário e tratamento instaurado. Os cavalos foram tratados no ambulatório e no caso de necessidade de atendimento em nível hospitalar, encaminhados ao Hospital de Clinica Veterinária da UFPel, situado no município de Capão do Leão, RS.

Resultados

Foram realizados 1617 atendimentos aos animais cadastrados no projeto de extensão "Ação de atenção a carroceiros de catadores de lixo de Pelotas, RS", levando em consideração o primeiro atendimento, assim como os atendimentos de retorno e revisão de rotina. Dos animais examinados, 403 animais apresentaram alterações clínicas musculoesqueléticas, 119 equinos tiveram alterações gênito urinárias, nos quais foram incluídos os casos de diagnósticos de gestação, 96 animais apresentaram problemas gastrointestinais, como cólica e diarreia, 13 animais apresentaram deficiências nutricionais como única alteração, 112 dos cavalos apresentaram distúrbios do sistema respiratório, 13 apresentavam alterações cardiovasculares, 157 animais vieram ao ambulatório apresentando sinais clínicos referentes ao sistema tegumentar, 21 com enfermidades oftálmicas, seis animais com alterações neurológicas e 677 atendimentos foram realizados para revisão e controle anti-helmíntico dos animais.

O gráfico 1 apresenta a casuística acompanhada durante os anos de 2009 a 2013, no qual foi observado maior acometimento do sistema músculo esquelético, confirmando os dados encontrados por Oliveira (2009). Este maior índice se deve ao tipo de atividade realizada pelos animais, a sobrecarga de trabalho e desinformação dos proprietários (OLIVEIRA, 2009).

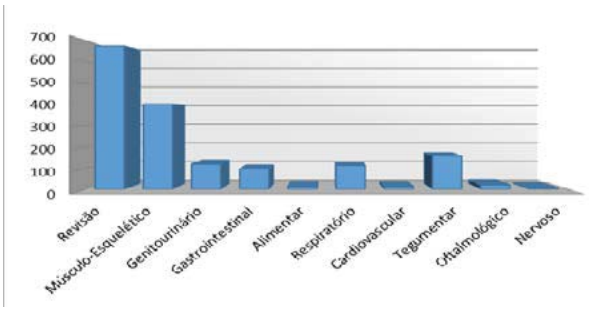


Gráfico 1: Casuística acompanhada no ambulatório veterinário, no período de 6 janeiro de 2009 a 15 de dezembro de 2013.
Fonte: Dados obtidos pelo autor

O maior número de casos relacionados ao sistema músculo esquelético encontrado neste estudo (403/1617) está relacionado a erros de ferrageamento, ausência ou imperfeição de casqueamento, somados, provavelmente, a lesões decorrentes da permanência exaustiva de horas de trabalho e tração além de sua capacidade corporal. Os equídeos se sustentam sobre os cascos, os quais são expostos ao solo e à ação mecânica de vários agentes além de ser uma área bastante sensível, desse modo um bom ferrageamento é essencial para a qualidade de vida destes animais (D'AVILA, 2003). O mau ferrageamento, o uso de materiais inadequados e as trocas frequentes podem provocar lesões graves nos cascos dos equídeos, tornando estes animais mais susceptíveis a problemas músculos esqueléticos.

Embora poucos animais tenham sido encaminhados ao ambulatório com queixa de deficiência alimentar, a grande maioria dos animais atendidos apresentava baixa condição corporal e deficiências nutricionais. De acordo com SILVA FILHO et al. (2004), pesquisas demonstram que a maioria dos equídeos de tração apresentam certo grau de subnutrição, com escore corporal abaixo do recomendado, principalmente para animais dos quais se exige trabalho diário e intenso. Questão esta que, além de resultar em menor capacidade de trabalho, torna os animais suscetíveis a doenças. A maioria dos animais atendidos (667/1617) foi levada pelos proprietários para revisão do estado geral de saúde e para tratamento anti-helmíntico, refletindo a adesão ao projeto e a conscientização dos proprietários dos animais. A manutenção da sanidade animal

torna- se um fator importante para a execução da atividade, refletindo em melhora do trabalho de tração, além de qualidade de vida e bem estar animal.

De 1617 animais atendidos no ambulatório no período, apenas 83 animais necessitaram ser encaminhados ao Hospital Veterinário da UFPel por apresentares alterações que necessitavam de cuidados intensivos sendo 16 destes animais para tratamento cirúrgico em decorrência de afecções do trato gastrointestinal. O aparecimento de problemas gastrointestinais, como a cólica, ocorre devido ao manejo incorreto dos animais, em função da falta de informação e condições financeiras dos proprietários, sendo ofertada ao animal uma alimentação precária, como alimentos de baixa qualidade e/ou a sobrecarga de grãos, da mesma forma que descreve White (2006) e até mesmo restos de alimentos.

Três animais foram encaminhados ao Hospital veterinário da UFPel para realização de eutanásia, por apresentarem lesão graves incuráveis ou debilidade extrema e tratamento ineficaz com prognóstico desfavorável. O número de encaminhamentos para o HCV--UFPel encontra-se descrito no gráfico abaixo (gráfico 2).

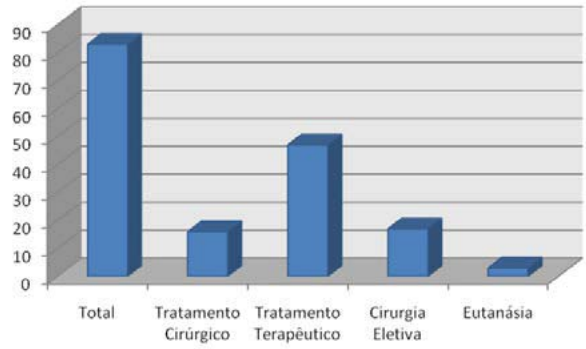


Gráfico 2: Número de encaminhamentos para o HCV-UFPel realizados no ambulatório veterinário, durante o período de 6 de janeiro de 2009 a 15 de dezembro de 2013. (n=83).
Fonte: Dados obtidos a partir de levantamento realizado pelo autor.

Os carroceiros não possuem um local adequado para manutenção dos seus equídeos, o que os leva a colocar seus animais em terrenos vagos na cidade ou periferia, utilizando como "piquetes" improvisados. Estes locais são pequenos terrenos com presença ou não de algum tipo de cobertura vegetal, ou no quintal de suas próprias casas. Algumas vezes estes terrenos podem ser cercados com arame liso ou farpado, telas, postes de madeira, muros entre outros, raramente têm um abrigo para o animal se proteger do sol ou de outras alterações climáticas e na maioria das vezes tem lixo. Essa prática está relacionada a uma série de problemas como: exposição dos animais a materiais que provocam ferimentos; risco de ingestão de corpo estranho ou substâncias tóxicas durante o pastoreio ou procura por alimento, exposição dos equídeos a roubos e agressões.

Frente à ausência de informações necessárias aos cuidados com seus cavalos com relação à alimentação e saúde há necessidade de projetos que busquem informá-los e conscientizá-los de práticas de manejo adequadas aos seus equídeos de forma que esses possam ser utilizados para o trabalho, com melhor desempenho, melhor saúde e menos sofrimento, promovendo assim, um melhor relacionamento entre seres humanos e animais (OLIVEIRA et al., 2007).

Conclusão

O elevado número de animais saudáveis que foram encaminhados ao ambulatório para revisão comprova a importância do trabalho realizado pelo projeto de atenção a carroceiros e catadores de lixo junto aos proprietários destes animais. A capacitação oferecida aos proprietários para que ocorra o manejo apropriado dos animais, melhorando a saúde e o bem estar dos equinos, além de trazer melhorias na condição socioeconômica dos carroceiros, oportuniza aos acadêmicos o envolvimento social, o exercício da cidadania e da medicina equina, além da prática do bem-estar animal e o desenvolvimento de pesquisas a partir das ações de extensão.

Referências

D'AVILA, N. A. Lesões de casco observadas em equinos de tração leve da cidade de Uberlândia-MG. 2003. 18 f. Trabalho de conclusão de curso (Medicina Veterinária) – Instituto de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

MARANHÃO, R.P.A.; PALHARES, M.S.; MELO, U.P.; REZENDE, H.H.C.; BRAGA, C.E.; SILVA FILHO, J.M.; VASCONCELOS, M.N.F. Afecções mais frequentes do aparelho locomotor dos equídeos de tração no município de Belo Horizonte. Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia, Belo Horizonte, v. 58, n.1, p.21-27, 2006.

OLIVEIRA, L. M; MARQUES, R. L.; NUNES, C. H.; CUNHA, A. M. O.; Carroceiros e Equídeos de Tração: Um Problema Socioambiental. Caminhos da Geografia – Revista on line. V.8, n.24, Dez/2007, p. 204-216.

SILVA FILHO, J.M. Manejo alimentar dos animais de tração da regional Pampulha, Belo Horizonte, MG. In: 7º ENCONTRO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, 2004, Anais... Belo Horizonte: Pró Reitoria de Extensão, 2004 v.7 p.34-37.

SCARPELLI, E. M. Bem estar equino. Mundo Equestre. Clínica Veterinária. V.32, 2010.

WHITE, N.A. Equine Colic: II. Causes and Risk for Colic. In: 52 Annual Convention of the American Association of Equine Practitioners – AAEP. San Antonio, TX, USA. Ano 2006.

BRINCANDO NA ESCOLA: DIREITO, PATRIMÔNIO E FORMAÇÃO

FRANCO, Daiane Santim
Aluna do Curso de Pedagogia, bolsista PROBEC/UFPel

SCHUBERT, Gisele Álvaro Ney
Aluna do Curso de Pedagogia, bolsista PROBEC/UFPel

WÜRDIG, Rogério Costa
Professor da FaE/UFPel, coordenador

Este trabalho discute a primeira fase do Projeto de Extensão "Brincando na Escola" da Faculdade de Educação/UFPel desenvolvida entre agosto de 2013 a fevereiro de 2014, em duas escolas públicas estaduais de Pelotas, uma de ensino fundamental completo, outra de ensino fundamental incompleto e uma terceira de educação infantil do munícipio de Capão do Leão. Participaram deste trabalho 17 estudantes do curso de Pedagogia/UFPel, 1 estudante do curso de Educação Física/UFPel e cerca de 150 crianças, bem como as professoras responsáveis, coordenadoras e direção. O projeto foi solicitado pelas equipes diretivas que buscavam "resolver" ou "amenizar" os tensionamentos presente no recreio escolar. Alegavam, num primeiro momento, que as crianças "não sabiam brincar", "brigavam muito" e "só corriam pela escola". Além disso, questionavam se as crianças estariam desaprendendo de brincar. Frente a essa demanda e considerando que o recreio é um momento transmissão da cultura infantil (DELALANDE, 2003,2005) onde as crianças podem ficar soltas, conversar, descansar, fazer amigos, acertar contas e brincar muito num curto espaço de tempo (WÜRDIG, 2007), optamos por desenvolver o referido projeto num tempo maior, com uma turma de cada vez, durante o período das aulas, num momento diferenciado do recreio. Dessa forma, procuramos garantir, preservar e ampliar a cultura lúdica[1] e, ao mesmo, qualificar a formação inicial das pedagogas através do exercício de uma docência brincante, isto é, onde a brincadeira seria ponto de partida e de chegada de cada aula. Objetivamos ainda mais especificamente, analisar e compreender o brincar na educação infantil e nos anos iniciais, planejar e desenvolver atividades lúdicas, considerando as experiências das crianças ocorridas dentro e fora contexto escolar, dialogar com as crianças e com as professoras acerca do significado do brincar, bem como repensar dos espaços e tempos destinados ao brincar. A primeira etapa[2] do projeto foi encerrada em fevereiro de 2014 e atualmente encontra-se em fase de desenvolvimento da segunda etapa[3].

Metodologia

Acreditando que a professora pode ter um papel importante nas brincadeiras ao combinar observação, participação e proposição nas diferentes atividades lú-

dicas (CERISARA, 2002; BORBA, 2007), dirigimo-nos, inicialmente, ao pátio da escola, durante o recreio, para observar os jeitos e formas das crianças brincarem. Além das brincadeiras, percebemos brigas e muita correria4. Conversamos, também, com as crianças para identificarmos o acervo lúdico preferido, tanto na escola como em casa. Do contato com as professoras responsáveis pelas turmas, fomos informados sobre o material, sobre a freqüência (presença e/ou ausência) de brincadeiras nas rotinas e de algumas dificuldades de relacionamento entre as crianças. Definimos, neste mesmo contato, os dias e horários em que seriam realizadas as atividades lúdicas nas escolas. As atividades foram realizadas pelas acadêmicas (duplas/trios), uma vez por semana, num tempo que variava entre 45 e 60 minutos. Ao final de cada aula conversávamos com as crianças para saber qual brincadeira tinham gostado mais, esta seria a primeira brincadeira a ser realizada no próximo encontro. O planejamento contemplava as preferências das crianças e as sugestões das acadêmicas, garantindo diversos tipos de brincadeiras (FRIEDMANN, 1996). Em média eram realizadas entre cinco e seis brincadeiras por aula. As crianças no decorrer das aulas estavam sempre dispostas a brincar, mas algumas se mostravam "agressivas" para com os colegas e, por isso, tiveram que "reaprender" a brincar ou brincar de outra forma. No início os meninos só queriam jogar futebol e as meninas não queriam brincar, não interagiam com meninos e vice-versa. Aos poucos, as crianças foram gostando de brincar juntas, preferindo brincadeiras como: Água e Gelo; Batatinha Frita 1, 2, 3; Ovo Podre e Caçador. Encontramos dificuldades com a falta de material/espaço e reduzido repertório de brincadeiras indicado pelas crianças. Contudo, as dificuldades encontradas não impediram que a experiência fosse repleta de aprendizagens e de um sentimento que parecia esquecido: "como é bom brincar". Paralelo aos encontros semanais nas escolas para brincar com as crianças, ocorriam, na Faculdade de Educação/UFPel, outros encontros, também semanais, entre as acadêmicas e a coordenação do projeto, contemplando, de forma alternada, as seguintes atividades: estudos sobre a cultura lúdica; planejamento, orientação e discussão sobre atividades desenvolvidas na escola; oficinas de brincadeiras; viagem de estudo; organização e desenvolvimento do "Brincando na rua"; sessões de vídeos sobre o brincar na infância; seminário para compartilhar experiências e saberes brincantes; exposição de fotografias das crianças em situações lúdicas. Semanalmente, após o encontro na escola, todos os participantes compartilhavam suas experiências e brincadeiras, discutiam as principais dificuldades e procuravam alternativas que favorecessem e garantissem o brincar na escola.

Resultados

Com relação aos resultados, percebemos que as crianças solucionavam os conflitos com diálogo, brincavam na escola sem brigas e brincavam em casa com os amigos, irmãos e primos com as brincadeiras que aprenderam no Projeto. Semanalmente, após o encontro na escola, todos os acadêmicos compartilhavam suas experiências e brincadeiras, discutiam as principais dificuldades e procuravam alternativas que favorecem e garantissem o brincar na escola. Ao mesmo tempo em que os estudantes exerciam a docência brincando com as crianças, contribuíam para a ampliação do repertório de brincadeiras. A importância do brincar foi amplamente vivenciada, aprofundada e referenciada ao longo do projeto, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento como direito de todas as crianças e como patrimônio da humanidade que precisa ser garantido e preservado. As professoras, por sua vez, reconheceram que tempo/espaço para jogos e brincadeiras na é imprescindível para a construção da cultura lúdica infantil. Além disso, ratificaram a importância da parceria entre a Universidade e as demandas das escolas públicas.

Conclusão

A Universidade precisa investir em projeto de extensão que atendam às demandas oriundas da comunidade, especialmente das escolas públicas. Apesar de todo o esforço, ainda foi difícil aproximar estudantes universitários, equipe diretiva e professoras responsáveis pelas turmas. Os estudantes tiveram poucas oportunidades para dialogarem com as professoras acerca do direito e da importância do brincar, bem como das várias estratégias que utilizaram para brincar com as crianças. Esse é um aspecto que precisa ser ajustado na continuidade do Projeto. O envolvimento dos estudantes em outras atividades da escola, bem como encontros avaliativos e lúdicos com os professores poderão qualificar o trabalho desenvolvido. Além disso, é necessário ampliar os estudos e pesquisas acerca do brincar na vida das crianças. Nesse sentido, acreditamos que este projeto possa contribuir com a valorização e garantia de tempo e espaço para as crianças

brincarem dentro e fora da escola, com a formação lúdica das acadêmicas e com a qualificação da prática pedagógica das professoras.

Notas

1. Cultura lúdica a partir dos estudos de Brougère (1997, 2002, 2004) e da pesquisa desenvolvida por Würdig (2007, p. 122) está sendo entendida como "o repertório de brincadeiras, incluindo brinquedos, suas histórias e fantasias e traquinagens criadas, aprendidas, repassadas, adaptadas e transformadas entre as crianças mais velhas e mais novas, entre os meninos e as meninas, num determinado lugar, num determinado contexto histórico-social".
2. Contato e combinações com as escolas; divulgação do projeto na UFPel; formação das acadêmicas participantes do projeto; contato com as crianças, identificação do repertório de brincadeiras, reconhecimento do espaço e material disponível; oficinas teórico-práticas de brincadeiras; estudos e pesquisa sobre brincadeiras; planejamento e desenvolvimento das brincadeiras com as crianças; orientações e registros das brincadeiras; seminário para compartilhar as experiências lúdicas.
3. Dar continuidade às atividades desenvolvidas na primeira fase; organização e implementação da exposição "Imagens Brincantes" em diferentes espaços; curso de formação continuada para os professores das instituições envolvidas; divulgação e apresentação do projeto em eventos científicos; análise dos relatórios e discussão com as escolas; oferta de disciplina optativa articulada ao projeto. 4 Na pesquisa desenvolvida por Würdig (2007, p.75-76) com crianças dos anos iniciais acerca dos sentidos do recreio, os dois mais indicados, por ordem de importância, foram os seguintes: "1.sentido de brincar e divertir-se, que implica, fundamentalmente, brincar com alguém e brincar de alguma coisa; 2.sentido de brigar, que envolve desde uma luta, debochar, provocar ou implicar, passando por revidar ou defender-se de uma provocação ou agressão até bater realmente em alguém".

Referências

CERIZARA, Ana Beatriz. De como Papai do Céu, o Coelhinho da Páscoa, os Anjos e o Papai Noel foram viver juntos no céu. In: KISHIMOTO, Tizuko (org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

BORBA, Angela. O brincar como um modo de ser no mundo. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra; NASCIMENTO, Aricélia (orgs.) Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: ME – SEB, 2007.

BROUGÉRE, Gilles. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1997.

BROUGÉRE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: KISHIMOTO, Tizuko (org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

BROUGÉRE, Gilles. Brinquedos e companhia. São Paulo: Cortez, 2004.

DELALANDE, Julie. A socialização sexuada na escola: o universo das meninas. La lettre du grape – Revue de l'adolescente – numero 51, mars, 2003.

FRIDMANN, Adriana. Brincar: crescer e aprender – o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

WÜRDIG, Rogério Costa. O quebra-cabeça da cultura lúdica – lugares, parcerias e brincadeiras de criança: desafios para políticas da infância. Tese (Doutorado) - Centro de Ciências Humanas, UNISINOS, São Leopoldo.

Referências eletrônicas

DELALANDE, Julie. A sociedade infantil não é completamente autônoma. La societé enfatine n´este pás complèment autonome. (Entrevista). 2005. Disponível em: htpp://www.snuipp.fr. Acesso em 07.jul.2014.

CENTRO DE ENSINO E EXPERIMENTAÇÃO EM EQUINOCULTURA DA PALMA (CEEEP)

VIEIRA, Patricia Soares
Medica Veterinária Residente no Hospital de Clínicas Veterinárias/UFPel

CRESPO, Eduardo Py
Aluno do Curso de Medicina Veterinária/UFPel, bolsista PROEXT/UFPel

CALDEIRA, Graziele da Silva
Aluno do Curso de Medicina Veterinária/UFPel, bolsista PROEXT/UFPel

FORNARI, Leonardo Motta
Aluno do Curso de Medicina Veterinária/UFPel, bolsista PROEXT/UFPel

NOGUEIRA, Carlos Eduardo Wayne
Professor do Departamento de Clínicas Veterinárias da Faculdade de Veterinária/UFPel, coordenador

A população mundial de equídeos esta estável nas últimas décadas, sendo estimada atualmente em 113.473.522 animais, onde destes 58.770.171 são equinos, 43.496.677 asininos e 11.206.674 muares (FAO, 2008). A população nacional de equinos é a quarta maior do mundo, com cerca de 5.600.000 animais (IBGE, 2008). A distribuição mundial dos equinos, asininos e muares entre continentes e/ou países reflete aspectos produtivos, sanitários, legais e culturais (FAO, 2008), sendo que o agronegócio equino no Brasil movimenta cerca de R$ 7,5 bilhões gerando cerca de 3,2 milhões de empregos diretos e indiretos (LIMA et al.,2006).

A partir da segunda metade do século XX, destacam-se as atividades de esporte, lazer e agronegócio equino destacando-se os vários fornecedores de insumos, produtos e serviços para a criação, como medicamentos, rações, ferrageamentos, atendimentos veterinários, serviços de treinadores, além do ensino e pesquisa (LIMA et al., 2006).

Este trabalho tem o objetivo de apresentar e descrever as principais atividades desenvolvidas no CEEEP, com ênfase na sua real importância para os alunos, proprietários bem como o envolvimento com a sociedade.

Metodologia

Apartir do convênio existente entre a Polícia Rodoviária Federal (PRF), Ecosul e UFPel (Hospital de Clínicas Veterinárias - HCV/UFPel), os equinos capturados em via pública pela Empresa Ecosul/PRF, são alojados em uma determinada área do CEEEP (Figura 1) e posteriormente tratados em caso de necessidade e mantidos com os devidos cuidados.

Figura 1: Equinos que se encontram no Centro de Ensino e Experimentação em Equinocultura da Palma (CEEEP).
Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Na realização dos trabalhos de rotina com esses animais, são deslocados do HCV, funcionários, alunos de graduação/bolsistas (ClinEq), médicos veterinários residentes, pós graduandos e professores, visando desta forma a realização de atividades com os animais, como a execução de aulas práticas para estudantes de disciplinas pertencentes ao curso de Medicina Veterinária, assim realizando a integração das atividades de ensino, pesquisa e extensão, fator primordial para a formação dos alunos, aplicadas a rotina de campo.

Dentre as atividades realizadas no CEEEP, destacam-se o manejo nutricional e sanitário dos equinos, onde é realizado o arraçoamento dos animais, vacinação antirábica, contra adenite e vermifugação periódica dos mesmos.

Também são realizadas avaliações ortopédicas dos animais, onde os alunos podem acompanhar na prática a anatomia do aparelho locomotor, alterações associadas a este sistema, além da realização de casqueamento e ferrageamento periódico.

São desenvolvidas atividades de ensino, pesquisa e extensão na área de reprodução de equinos, pesquisas com éguas não gestante, gestantes e garanhões, além de treinamentos e capacitação para os alunos, funcionários e profissionais para atuar no campo.

Estão em fase de implantação pesquisas em fisiologia do exercício e metabolismo do cavalo atleta, além da realização de treinamento e orientação às pessoas envolvidas com treinamento físico do cavalo de esporte.

Resultados

Os equinos ao serem removidos das rodovias pela empresa Ecosul, passam a ter os cuidados necessários, tanto em relação à alimentação como tratamento de alguma enfermidade presente assim utilizando esta oportunidade para capacitar alunos e criadores e consequentemente integrando ensino, pesquisa e extensão juntamente com os alunos e profissionais da área.

A partir da realização do manejo nutricional e sanitário adequado, esses animais passam a ter uma melhor condição corporal e de saúde respectivamente, evitando, eliminando e reduzindo ao máximo a incidência de doenças no rebanho e sua possível transmissão as pessoas em contato com esses animais.

O desenvolvimento de pesquisas, projetos de ensino e extensão nas áreas de ortopedia, reprodução e futuramente fisiologia do exercício e metabolismo do cavalo atleta, proporcionam o desenvolvimento, aprimoramento e difusão dos conhecimentos, assim realizando o treinamento dos alunos universitários e consequentemente integrando os conhecimentos teóricos à prática profissional.

Com relação à realização de pesquisas e estudos em fisiologia do exercício e metabolismo do cavalo atleta, tem-se além da realização da orientação às pessoas envolvidas com treinamento físico do cavalo de esporte, o melhor preparo dos animais e menores índices de lesões provocadas por treinamentos errôneos.

Conclusão

O CEEEP apresenta-se extremamente importante para suprir as necessidades locais e formar profissionais de alta capacidade técnica e de relacionamento interpessoal com os proprietários dos animais que venham a ser atendidos. Propicia um maior bem estar para esses equinos e ao mesmo tempo uma oportunidade dos alunos ampliarem seus conhecimentos e aplicar na prática os ensinamentos teóricos.

Referências

FOOG AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS. Disponível em: <http://www.fao.org/home/en/> Acesso em: 14 de ago. 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Produção da pecuária municipal. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home> Acesso em: 14 de ago. 2014.

LIMA, R.A.S.; SHIROTA, R.; BARROS, G.S.C. Estudo do complexo do agronegócio cavalo. Piracicaba: ESALQ/USP, 2006. 250p.

CLINEQ – GRUPO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM MEDICINA DE EQUINOS

OLIVEIRA, Douglas Pacheco
Aluno do Curso de Residência Multiprofissional UFPel

ROMAN, Mariane
Aluna do Bacharelado em Medicina Veterinária/UFPel

OLIVEIRA, Laura Corrêa de
Aluna do Bacharelado em Medicina Veterinária/UFPel

CURCIO, Bruna Rosa
Professor Associado de Terapêutica da Faculdade de Veterinária/UFPel

NOGUEIRA, Carlos Eduardo Wayne
Professor Associado de Clínica Médica de Equinos Faculdade de Veterinária/UFPel, coordenador.

O ClinEq é um grupo de ensino, pesquisa e extensão em medicina de equinos, formado por alunos da graduação, pós-graduação, e professores que desenvolve projetos nas áreas de clínica, ortopedia, cirurgia, neonatologia e reprodução equina.

A partir da segunda metade do século XX, destacam-se as atividades de esporte, lazer e agronegócio equino destacando-se os vários fornecedores de insumos, produtos e serviços para a criação, como medicamentos, rações, ferrageamentos, atendimentos veterinários, serviços de treinadores, além do ensino e pesquisa (LIMA et al., 2006).

O grupo realiza projetos de pesquisa e extensão, além de cursos técnicos de curta duração voltados para estudantes, profissionais e criadores e cavalos. Os projetos de extensão são realizados no Ambulatório Veterinário, no Hospital de Clínicas Veterinária – UFPel, no Centro de Equoterapia da APAE, Jóquei Clube de Pelotas e na Brigada Militar de Pelotas.

Atualmente o grupo é composto por 20 graduandos em Medicina Veterinária, 5 mestrandos, 3 doutorandos, 4 médicos veterinários residentes, dois professores, como coordenador e vice coordenador e vários professores associados em atividades de apoio.

O grupo tem por objetivo desenvolver atendimentos, treinamentos e trabalhos científicos com responsabilidade e qualidade que sirvam de referência para os profissionais da área e formar médicos veterinários qualificados para o mercado equino, com a missão de trabalhar de maneira correta assegurando a saúde e bem estar dos equinos.

Metodologia e Resultados

São realizadas reuniões semanais para a organização da rotina do grupo, as rotinas são realizadas nos projetos de extensão, sendo divididos em vários cenários. O grupo realiza projetos de pequisa nas áreas de obstetrícia e neonaologia em criatórios da raça Puro Sangue Inglês, além de projetos relacionados ao metabolismo energético e fisiologia do exercício na raça Crioula. Promove cursos de casqueamento e ferrageamento, curso de ultrassonografia, ginecologia e andrologia em equinos. Os cursos são de curta duração e voltados para estudantes e profissionais das áreas.

No ambulatório veterinário é ralizado atendimento gratuito a cavalos de carroça de pessoas de baixa renda do Município de Pelotas. São realizados dois encontros semanais, nas terças e quintas, com atendimento das oito horas da manhã ao meio dia. O ambiente de trabalho possibilita aos estagiários e residentes grande variedade de casos clínicos possibilitando um cenário diversificado para o treinamento e aprendizado dos alunos, tendo como um reflexo a melhoria da saúde pública, pois os animais tem sua saúde controlada e os propietários não tem custo com o atendimento e tratamento veterinário(PAZ,2013). Anualmente são atendidos em média 300 equinos, e quando necessário, esses equinos são encaminhados ao Hospital de Clínicas Veterinária da UFPel – HCV.

No Hospital de Clínicas Veterinária da UFPel, no setor de grandes animais são atendidos em média 450 equinos. Os graduandos do ClinEq atuam ajudando na rotina do hospital, auxiliando os residentes nos procedimentos realizados, em plantões diurnos e noturnos, quando necessário. Os professores coordenam os residentes em Clínica Médica de Equinos nas tarefas e realizam procedimentos complexos, como cirurgias abdominais. Também nas dependencias do hospital, ficam as éguas gestantes que fazem parte dos experimentos com reprodução e neonatologia do Clineq, e futuramente essas égua serão encaminhadas para o Centro de Ensino e Experimentação em Equinocultura da Palma.

Os residentes e os graduandos do ClinEq atuam em conjunto no Centro de Ensino e Experimentação em Equinocultura da Palma, onde estão alojados em média 40 equinos em manejo em pastagem melhorada. Esta área serve para realização de treinamento e capacitações em equinocultura, possibilitando aos alunos ver e praticar o manejo de equinos.

No Joquei Clube de Pelotas, os residentes e pós graduandos sob orientação dos professores, são responsáveis pela revisão dos animais e acompanhamento das corridas. Os residentes e pós graduandos trabalham como responsáveis técnicos das provas, realizando o exame físico dos animais que irão participar das corridas, e acompanhamento dos páreos, para garantir a sanidade e bem estar dos equinos e caso ocorra algum acidente durante a prova, possam prestar atendimento médico veterinário.

Os graduandos do ClinEq participam desdes evento realizando as tarefas de exame clínicos dos animais. Isto promove a interação do médico veterinário com os proprietários dos cavalos de corrida, promoção de eventos com segurança para os animais, os proprietários e para o público. Tambem proporciona aos graduandos experiências, permitindo conhecer o ambiente de provas equestre, e atuando de forma prática com orientação.

No Centro de Equoterapia da APAE atende os equinos, revisando semanalmente os animais que participam dessa importante atividade multidisciplinar. Quando os equinos apresentam uma alteração grave são encaminhados ao Hospital de Clínicas Veterinário para tratamento intensivo. Esta atuação permite acompanhamento clínico e profilático, promovendo a saúde dos equinos e colaborando com o projeto da APAE que tem importante papel na abilitação e reabilitação de crianças e pessoas com necessidades especiais. Proporcionando aos integrantes do ClinEq a experiência e aprendizado nessa modalidade equestre.

Os equinos da polícia montada da Brigada Militar de Pelotas/RS são revisados semanalmente. Os graduandos juntos aos residentes realizam a inspeção dos animais e quando necessário tratamento intensivo, estes animais são envaminhados ao HCV. Esta atuação mantem a sanidade dos animais e promove outro cenário de aprendizado para os participantes do grupo.

Anualmente, o grupo realiza Dias de Campo, que é realizado em Haras de Puro Sangue Inglês e Cabanhas de Cavalo Crioulo na região Sul e da Campanha/RS, para apresentar aos graduandos as instalações de um criaório de equinos, discussão de casos com os profissionais da região e interação com trocas de experiências. Isto promove crescimento e atualização dos profissionais na área e proporciona ver a realidade de produção de equinos aos alunos participantes do grupo.

Com 16 anos de grupo, o ClinEq tem publicado, até a atualidade, mais de 300 artigos científicos em revistas, anais de congressos, anais de eventos e congressos internacionais. Tem 3 livros publicados com temas de neonatologia equina e oftalmologia de equinos. Já são mais de 10 projetos de pesquisa executados e no momento existe pelo menos 5 em execução. Pelo menos 30 veterinários se formaram com passagem pelo grupo, com treinamento diferenciado para entrar capacitado no mercado equino, 25 veterinários com pós-graduação com formação junto ao grupo e atuando no mercado da região e em todo o Brasil e exterior. Atualmente, duas graduandas do ClinEq fazem intercâmbio nos Estados Unidos, aprimorando seu conhecimento no estudo equestre.

Com os resultados alcançados pelo projeto ClinEq,

que tem realizado o ensino para a capacitação de profissionais treinando-os para o mercado de trabalho competitivo, produzindo pesquisa para responder questões do meio equestre, com qualidade e seriedade para encontrar melhorias no conhecimento na área de medicina equina divulgando e difundindo através da extensão para qualificar o meio, favorecer o bem estar e saúde dos equinos e desenvolvimento social da região.

Conclusão

O ClinEq, grupo de ensino, pesquisa e extensão em Medicina de Equinos tem realizado a capacitação de profissionais para o mercado de trabalho competitivo, produzindo pesquisa para atender a demanda da indústria equestre. Fomenta a extensão, difundindo o resultado de diversos trabalhos, favorece o bem estar e saúde dos equinos e desenvolvimento social da região.

Referências

PAZ, Cahuê Francisco R. et al. PADRÃO BIOMÉTRICO DOS CAVALOS DE TRAÇÃO DA CIDADE DE PELOTAS NO RIO GRANDE DO SUL. Ciência Animal Brasileira, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 159-163, jun. 2013. ISSN 1809-6891. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/vet/article/view/13078/14514>. Acesso em: 30 Ago. 2014. doi:10.5216/cab.v14i2.13078.

COLEÇÃO CADERNOS DE BIOQUÍMICA

SILVA, Rafael Silva da
Aluno do Curso de ENGENHARIA AGRONÔMICA/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

GOMES, Ana Paula Rozado
Aluna do Curso de ENGENHARIA AGRONÔMICA /UFPel

OLIVEIRA, Denise dos Santos Colares de
Professor DE BIOQUÍMICA/CCQFA/UFPel, coordenador

O aumento do conhecimento nas diversas áreas das Ciências Biológicas, da Bioquímica e da Biologia Molecular, em particular, tem causado um dilema para os professores envolvidos com o ensino nestas áreas: enquanto o conhecimento aumenta, é impossível aumentar a carga horária das disciplinas proporcionalmente (VIEIRA et. al., 2001; REGIS et al., 2001).

As disciplinas da área de Bioquímica são, tradicionalmente, consideradas como das mais difíceis pelos alunos nos primeiros semestres de seus cursos de graduação. Tal fato se deve, entre outros fatores, às deficiências trazidas pelos estudantes em sua vida escolar e à complexidade dos conteúdos abordados, bem como à sua elevada quantidade. De acordo com Beckhauser et al. (2006) o estudo da Bioquímica exige do aluno uma capacidade de abstração além de conhecimentos prévios de outras ciências para um bom desenvolvimento da disciplina.

Para suplantar as dificuldades é essencial que o aluno disponha de material de apoio para seu estudo, o qual não deve se resumir às anotações feitas em sala de aula. É sabido, entretanto, que a maioria dos estudantes não tem o hábito de lançar mão de livros para o estudo nas diferentes disciplinas. A justificativa costuma ser a complexidade que os mesmos apresentam, com conteúdos que em muito extrapolam os vistos em aula, além de, em alguns casos, estarem organizados de forma diferente, dificultando o acompanhamento. Por outro lado não há, nas bibliotecas, exemplares suficientes para todos.

A elaboração da Coleção Cadernos de Bioquímica pretende suprir uma necessidade verificada ao longo dos anos: que os alunos disponham de um material com linguagem acessível, que contemple os conteúdos abordados em aula e que permita que eles interajam de forma mais intensa com as disciplinas, incrementando seu aproveitamento.

Os objetivos gerais do projeto são, através da edição de livros com conteúdos desenvolvidos em aula, propiciar uma maior interação dos estudantes de graduação com as disciplinas de Bioquímica ministradas tanto na UFPel como em outras universidades; servir de material de apoio para estudantes de pósgraduação que necessitem relembrar os conteúdos básicos a fim de poderem seus estudos; e permitir que egressos da universidade que necessitem rever determinados as-

suntos da área tenham um material acessível.

Metodologia

A execução do projeto se dá através da realização de revisão bibliográfica e confecção das figuras. A revisão é feita nas bibliografias comumente utilizadas pelas disciplinas e também em artigos científicos. Para a confecção das figuras é utilizado o programa ACD/ ChemSketch © (Freeware Version).

Procura-se, quando possível, utilizar as figuras como importante elemento na explicação dos tópicos de modo que o estudante, ao analisá-las, encontre as informações necessárias ao seu entendimento. As imagens, aliadas ao modo pelo qual aparecem no livro, podem dizer muito e, por vezes, dizer bem mais aos que se atentarem para elas. Unindo as imagens e o layout dos livros, a atuação do professor e o texto escrito, muito mais será percebido pelo aluno e tanto mais ele aprenderá (RIBEIRO; LIMA, 2009). Ainda, segundo os mesmos autores, linguagem, imagens e ações são transformadas em representações mentais e são, ao mesmo tempo, elementos constituintes indispensáveis para a existência das representações mentais. Trata-se da complexa trama que se insere na construção do conhecimento.

Resultados

Até o presente momento foram confeccionadas as imagens relativas aos conteúdos de Carboidratos, Lipídeos e Aminoácidos. Dessas, um exemplo de cada é mostrado nas Figuras 1, 2 e 3, respectivamente.

A Figura 1 representa a formação de estruturas cíclicas pelos monossacarídeos. O aluno deve compreender porque elas são formadas, quais os grupos químicos envolvidos, que tipo de anel é formado e qual anômero é gerado.

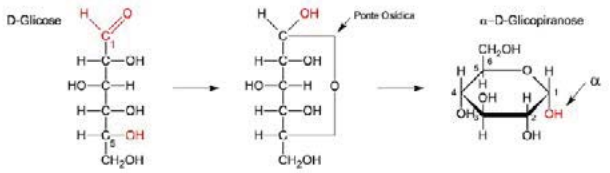


Figura 1: Formação de estrutura cíclica a partir da D-Glicose
Fonte: Elaborado pelos autores

Através das indicações dadas na figura pode-se verificar que ocorre uma reação intramolecular entre o grupo carbonil do carbono número um e o hidroxil do número cinco, gerando uma estrutura cíclica de seis átomos chamada de anel piranosídico. Nessa, o C1 passa a ser assimétrico e recebe o nome de carbono anômero. A posição do grupo hidroxil desse carbono define a forma anomérica gerada, nesse caso a alfa.

Na Figura 2 se encontra a representação da série de ácidos graxos de 18 átomos de carbono, indicando a posição das ligações duplas em cada um deles.

Na Figura 3, por outro lado, encontra-se a representação da formação da ligação peptídica, na qual se pode facilmente observar os grupos envolvidos e a liberação de água.

Conclusão

É consenso, entre os professores, que cada vez mais os alunos têm entrado nas disciplinas de Bioquímica com menor conhecimento de temas básicos que são fundamentais para seu entendimento, como Biologia, Química e Física, por exemplo. Também é notória a dificuldade da maioria na leitura e interpretação de textos, o que, por si só, dificulta o aprendizado.

Como consequência dessa realidade tem-se que os docentes precisam investir parte das aulas ensinando conteúdos que se supunha aprendidos e também gastam mais tempo para ensinar os das próprias disciplinas, o que praticamente inviabiliza um maior aprofundamento que se espera na universidade.

Nesse contexto, a Coleção Cadernos de Bioquímica tem um importante papel ao se constituir em um material que apresenta os conteúdos básicos de cada disciplina de uma forma que facilite o entendimento pelos alunos. Dessa forma, quer-se auxiliar os professores, para que possam obter melhores resultados na aprendizagem, e os alunos, para que superem as enormes dificuldades que trazem e que tenham despertado em si o gosto pelo estudo da Bioquímica, uma disciplina tão importante e que é base para os estudos aprofundados que permitem descobertas que influenciam na vida de todas as pessoas.

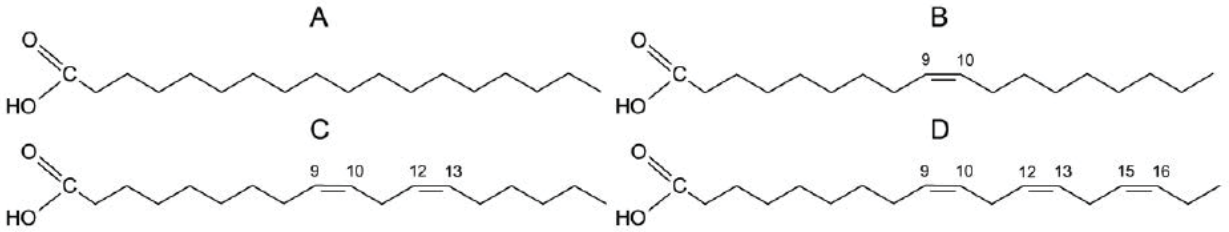


Figura 2: Ácidos graxos de 18 átomos de carbono: (A) ácido esteárico, saturado; (B) ácido oleico, monoinsaturado; (C) ácido linoleico, poliinsaturado; (D) ácido linolênico, poliinsaturado
Fonte: Elaborado pelos autores

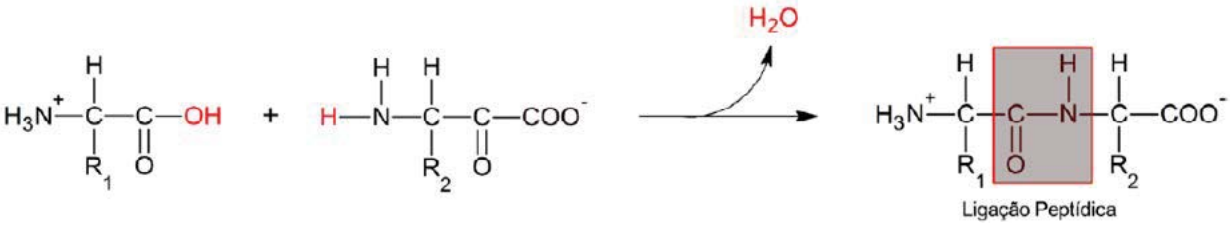


Figura 3: Formação da ligação peptídica entre dois aminoácidos
Fonte: Elaborado pelos autores

Referências

BECKHAUSER, P.F.; ALMEIDA, E.M.; ZENI, A.L.B. O Universo discente e o ensino de Bioquímica. Revista Brasileira de Ensino de Bioquímica e Biologia Molecular, v. 2, n. 6, p. 1-4, 2006.

REGIS, W.C.B.; GONÇALVES, M.L.G.S.; SANTORO, M.M. Avaliação das potencialidades de um curso prático de bioquímica na implementação do ensino teórico em cursos profissionalizantes. Revista Brasileira de Ensino de Bioquímica e Biologia Molecular, v. 1, n. 2, p. 5-11, 2001.

VIEIRA, L.Q.; NICOLI, J.R.; PRADO, V.F.; SANTORO, M.M.; TEIXEIRA, S.M.R.; BEMQUERER, M.; BEIRÃO S.L. Abordagem prática para o ensino de bioquímica. Revista Brasileira de Ensino de Bioquímica e Biologia Molecular, v.1, n.1, p. 20- 26, 2001.

Referências eletrônicas

RIBEIRO, E.N.; LIMA, F.J. Estudo da comunicabilidade das imagens: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola inclusiva. Revista Brasileira de Tradução Visual, v. 3, 2010. Disponível em: http://www.rbtv.associadosdainclusao.com.br/index.php/principal/article/viewFile/46/5 5. Acesso em 31/07/2014.

CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA DIGITAL NA ÁREA DE REPRESENTAÇÃO GRÁFICA A PARTIR DA EXTENSÃO: UM MÉTODO

PERONTI, Gabriela Gonzalez
Aluna do Curso de Arquitetura e Urbanismo/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

PIRES, Janice de Freita
Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo/FAURB/UFPel, co-autor e co-orientador

SILVA, Adriane Borda Almeida da
Professor Associado/FAURB/UFPel, orientador e coordenador.

Este trabalho registra uma reflexão sobre uma ação extensionista realizada no âmbito do Projeto OFICINAS de Ensino Aprendizagem de Gráfica Digital, FAURB/UFPel. Este Projeto foi estruturado em 2005 e segue sendo desenvolvido até o presente momento. Compreende o oferecimento de cursos de extensão dirigidos essencialmente ao reconhecimento das potencialidades das tecnologias digitais junto às práticas de representação gráfica, aplicadas às diferentes áreas do conhecimento. Pelo menos nos últimos quatro anos, foram oferecidos, em média, vinte cursos a cada ano. A demanda se justifica pelas especificidades da área de representação gráfica como, por exemplo, por ainda existir muitos profissionais que não passaram por processos formativos que incluíam as tecnologias digitais, ou pelo acelerado ritmo de evolução tecnológica o qual exige um desencadeamento constante de processos de apropriação de novas tecnologias ou de versões atualizadas das mesmas. Desta maneira, o Projeto OFICINAS tem o propósito de promover a construção de uma cultura digital, não somente em contextos profissionais, mas também junto aos contextos formativos. Particularizando-se a formação para atividade projetual de arquitetura, em um primeiro momento, deparava-se com restrições à inserção das tecnologias digitais em etapas iniciais de projeto, por parte do corpo docente de disciplinas de Projeto. Normalmente, havia o incentivo de uso apenas nas etapas de documentação arquitetônica e de apresentação das ideias já concebidas, e ainda em estágios avançados de formação. Por consequência ou não das ações formativas promovidas por este Projeto de Extensão, atualmente os meios digitais de representação tem permeado cada vez mais as etapas de concepção, inclusive em estágios iniciais de formação, seja por iniciativa dos próprios estudantes ou mesmo motivados por alguns professores. Tais consequências sempre estiveram caracterizadas como metas deste Projeto, partindo da expectativa de que as tecnologias potencializam a prática de projeto. O presente trabalho realiza uma reflexão sobre a contribuição deste Projeto, observando-se uma Oficina em particular, para a anunciada construção de uma cultura digital junto às práticas projetuais de um contexto específico.

Metodologia

O método de desenvolvimento das OFICINAS vem sendo aperfeiçoado ao longo destes quase dez anos de desenvolvimento do Projeto. O processo de estruturação das oficinas, dirigido ao tema de representação para a prática projetual de arquitetura, compreende as seguintes etapas;

1. Identificação da demanda específica

As oficinas foram criadas com o objetivo de suprir demandas identificadas através dos próprios projetos e práticas do grupo, mas também de auxiliar demandas externas a ele. Como grupo de pesquisa da área de representação gráfica digital há uma preocupação contínua em atentar ao surgimento de novas tecnologias e a apropriação de tal conhecimento se dá integrado à pesquisa. Neste contexto, as oficinas de extensão tornam-se uma maneira de difusão do conhecimento para além do próprio grupo, mas também se caracterizam como forma de apropriação do conhecimento para os próprios integrantes do grupo. As solicitações externas podem partir de professores, alunos e profissionais devido a alguma carência relacionada a apropriação das tecnologias digitais que seria sanada com o conteúdo das oficinas.

3. Etapa de revisão

Identificando estudos no campo da arquitetura que se valem do uso das tecnologias digitais de representação. E, ao mesmo tempo, buscando reconhecer o estado da arte das tecnologias digitais que possa indicar aplicações que potencializem a prática de arquitetura, tais como técnicas de visualização avançada em realidade aumentada e fabricação digital de modelos físicos, como por impressão 3D e corte a laser.

4. Apropriação das tecnologias a serem abordadas

A proposta de atividades formativas inclui o desenho da atividade didática e dos materiais didáticos. O desenho da atividade didática parte da revisão do tema a ser estudado e da identificação ou seleção das técnicas e tecnologias que possam apoiar práticas didáticas relacionadas a tal tema. A estruturação de materiais didáticos de apoio às atividades é feita de maneira a se associar integralmente os conceitos, as técnicas e tecnologias envolvidas.

5. Desenvolvimento do material didático

O material de apoio para as atividades de extensão é geralmente desenvolvido por bolsistas do grupo de pesquisa a partir de materiais estruturados para as disciplinas que abordam técnicas tradicionais e digitais de representação. Adota-se a proposta de configurar tais materiais a partir da descrição de processos de representação que apoiem a resolução de problemas projetuais de arquitetura, sem configurá-los como tutoriais. Os materiais produzidos são reformulados a cada oficina dada a partir da colaboração dos participantes e da identificação das dificuldades encontradas durante o seu desenvolvimento.

6. Oferecimento da oficina

As oficinas são oferecidas de acordo com a demanda, sem haver uma periodicidade préestabelecida. O número de horas de cada oficina é estabelecido de acordo com as características da atividade, as quais podem ser isoladas ou conectadas com outras oficinas que caracterizam diferentes estágios de apropriação do conhecimento tratado no grupo de pesquisa.

7. Avaliação

Existe uma proposta de avaliação das oficinas através de um questionário aplicado aos participantes de cada edição, a fim de verificar se houve a percepção e apropriação da cultura digital através de sua incorporação nas disciplinas de projeto, tanto pelos estudantes como professores.

Desenvolvimento

Nesta seção do trabalho descreve-se o desenvolvimento de uma oficina em particular, tendo-se em vista a participação efetiva da primeira autora, nas etapas de desenvolvimento de materiais didáticos e aplicação, tratando do tema de representação do objeto arquitetônico através da obtenção da planificação de modelos digitais para a construção de modelos físicos, inicialmente como bolsista voluntária e logo como bolsista de extensão da PREC/UFPel. A oficina em questão foi intitulada como “Do modelo digital ao físico” e vem sendo desenvolvida e oferecida há quase dois anos, a partir de uma demanda de uma disciplina de geometria em estágio inicial de formação de arquitetura, Geometria Gráfica e Digital 3/FAURB/UFPel, a qual desenvolve o estudo de superfícies curvas através de atividades de análise e representação gráfica, por técnicas tradicionais e digitais, de obras de arquitetura reconhecidas (PIRES et al, 2011). Os exercícios de planificação aproximada de tais superfícies (RODRIGUES, 1960), tradicionais no ensino de Geometria Descritiva, inicialmente eram desenvolvidos exclusivamente por técnicas manuais. Logo, se passou a utilizar recursos digitais para planificar estas superfícies, devido a precisão alcançada por estas técnicas. Na sequência buscou-se representar fisicamente tais modelos, im-

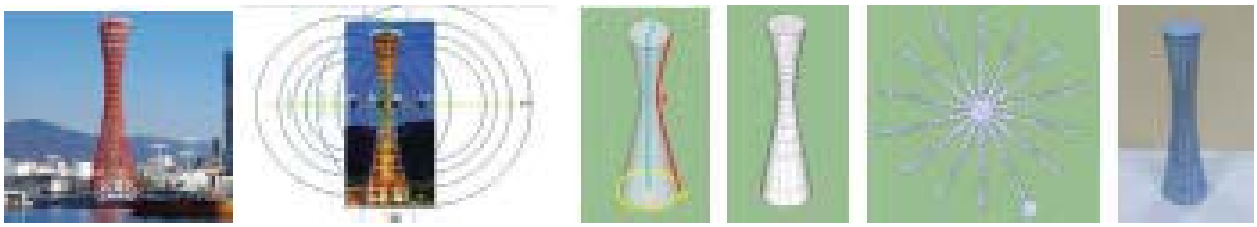


Figura 1: Etapas propostas para o estudo de superfícies curvas: identificação de uma obra de arquitetura a ser representada; análise geométrica da obra; representação gráfica digital; planificação de sua superfície e construção do modelo físico em papel da superfície representada
Fonte: Modelos produzidos pela estudante Graziele Leitzke, na disciplina Geometria Gráfica e Digital 3, da FAURB/UFPel, 1º semestre de 2014

Figura 2: Modelos físicos em papel desenvolvidos em oficina ocorrida no primeiro semestre de 2014.
Fonte: Estudantes da disciplina Geometria Gráfica e Digital 3, FAURB, UFPel.

Figura 3: Modelos físicos em papel desenvolvidos em oficina ocorrida no primeiro semestre de 2014.
Fonte: Estudantes da disciplina Geometria Gráfica e Digital 3, FAURB, UFPel.

primindo-se em papel as planificações e promovendo-se a montagem das maquetes. A Figura 1 ilustra as etapas da atividade proposta.

A adoção de tecnologias que executam a planificação precisa de formas de revolução possibilitou qualificar o processo de confecção de maquetes físicas por planificação aproximada de superfícies curvas. Entretanto, ainda se investiga os parâmetros de modelagem e planificação que auxiliem o processo de montagem dos modelos físicos. Portanto, os materiais didáticos estão em constante desenvolvimento e reformulação, buscando sanar as dificuldades encontradas na execução das atividades. As figuras 2 e 3 ilustram os resultados obtidos com as oficinas oferecidas durante os anos de 2013 e 2014, observando-se os tipos de modelos físicos gerados pelos estudantes, representativos de obras de arquitetura reconhecidas.

Resultado

Um dos resultados refere-se a efetiva contribuição ao desempenho dos estudantes quanto a manipulação de um determinado software de modelagem digital, o que influencia diretamente auxiliando-os na criação de formas complexas e esboços rápidos de projetos. Tais esboços, que durante o processo projetual apoiam o lançamento do partido arquitetônico, tinham no desenho a mão seu principal meio de materialização. A partir da inserção das técnicas digitais de representação e visualização, promovida em parte pelo projeto "Oficinas", o modelo digital passa a ser utilizado para apoiar a etapa de concepção, além de representar o projeto em sua etapa de finalização, gerando-se modelos digitais mais complexos e detalhados do que os de concepção, e modelos físicos. A tecnologia digital incentiva criatividade e liberdade formal. O conteúdo das oficinas possibilita que os alunos adquiram maior autonomia de concepção da volumetria, tornando possível através da tecnologia digital a construção de maquetes de formas complexas. No entanto, tais resultados dependem da aplicação de instrumentos de avaliação, conforme referido na metodologia.

Ainda se tem como resultado o próprio conteúdo da oficina formatado e digitalizado o qual poderá ser utilizado para a inserção em disciplinas de projeto, da técnica adotada, além de apoiar futuros cursos de extensão.

Conclusão

Este estudo tratou de refletir sobre as consequências de mais uma ação do Projeto OFICINAS frente à proposta de construção de uma cultura digital. O desenvolvimento desta ação seguiu um método anteriormente estabelecido no âmbito do Projeto, que está fundamentado na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, confirmando a aplicabilidade. Esta indissociabilidade fica caracterizada pela interação estabelecida entre a detecção da demanda junto a um contexto de ensino, o desenvolvimento de técnicas e métodos de representação junto a um contexto de pesquisa, o compartilhamento e experimentação em um contexto de extensão e o retorno dos resultados tanto para a pesquisa como para o ensino. A partir do oferecimento da Oficina houve um incremento nas práticas didáticas da disciplina curricular a qual foi detectada a demanda. A continuidade do estudo permitirá observar a transcendência do processo de apropriação das técnicas de representação desenvolvidas na Oficina para as disciplinas de Projeto. O quanto os estudantes e profissionais se apropriam do conhecimento tratado em suas práticas projetuais, tendo em vista que todas as Oficinas tem caráter aberto à comunidade. O quanto este conhecimento, veiculado pelos próprios estudantes que passaram pela ação de extensão em questão, pode propor outras dinâmicas no âmbito de disciplinas de Projeto. De qualquer maneira, considera-se que a ação já reafirmou uma cultura que vem sido construída no âmbito da própria disciplina desde o ano de 2011, permitindo que a única das práticas da disciplina que ainda não estavam totalmente permeadas por tecnologia digital, a de planificação e construção de modelos em papel, se estabelecesse com procedimentos digitais.

Referências

PIRES, Janice; NUNES, Cristiane; VASCONSELOS, Tássia; SILVA, Adriane B. A. Trajetórias de Geometria na Arquitetura. In: XX GRAPHICA Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico e International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design, 2011, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, Escola de Belas Artes, 2011.

RODRIGUES, Álvaro. Geometria Descritiva: Projetividades, Curvas e Superfícies. 1a ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico Ltda, 1960.

CULTURA DE SEGURANÇA DESDE CRIANÇA: UMA AÇÃO INCLUSIVA DIANTE DO OLHAR EM RELAÇÃO À CULTURA DE SAÚDE E SEGURANÇA DESDE A INFÂNCIA EM COMUNIDADES DE PELOTAS E REGIÃO

RODEGHIERO NETO, Italo
Aluno do Bacharelado em Engenharia de Produção/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

HERBSTRITH, Helena das Neves
Aluna do Curso de Engenharia de Produção/UFPEL, voluntária

GOMIDE, Diogo Soares
Aluno do Curso de Engenharia de Produção/UFPEL, voluntário

ANDRADE, Isabela Fernandes
Professora do Centro de Engenharias/UFPel, orientadora

FRANZ, Luis Antonio dos Santos
Professor da Engenharia de Produção/CEng/UFPel, orientador e coordenador.

Segundo o Anuário Estatístico da Previdência Social, somente no ano de 2012 ocorreram cerca de 705 mil acidentes de trabalho no Brasil. Este dado é considerado satisfatório, para alguns autores, quando comparado ao número do ano de 2011, onde ocorreram em torno de 720 mil acidentes (MPS, 2014). Dentre os diversos caminhos para prevenir a ocorrência destes eventos, é possível citar caminhos que busquem instituir a criação de uma cultura de Segurança e Saúde do Trabalho (SST) nos empregados de diversos setores, por parte das empresas ou interesse pessoal dos próprios trabalhadores. Um caminho que pode contribuir para a mudança cultural relativa à SST reside exatamente em ações junto às crianças.

Dessa forma, o projeto, denominado "Cultura de segurança desde criança: uma ação inclusiva diante do olhar em relação a cultura de saúde e segurança desde a infância em comunidades de Pelotas e região", está sendo desenvolvido de forma a contribuir com ações neste sentido, contemplando o planejamento e construção de instrumentos educativos a serem aplicados em escolas. Seu objetivo é contribuir para a absorção da cultura de Saúde e Segurança nas crianças da cidade de Pelotas e região, que serão futuros trabalhadores.

Metodologia

O projeto de extensão apresentado parcialmente aqui se encontra em sua segunda edição – a primeira ocorreu entre março e dezembro de 2013. O detalhamento das atividades é apresentado neste trabalho, considerando aspectos de ambas as edições, com maior ênfase à edição de 2014.

Considerando-se as duas edições, pode-se dividir o desenvolvimento do projeto em três fases distintas. A primeira fase do projeto, que teve grande parcela realizada em 2013, consistiu em analisar, estudar e contextualizar as atividades que seriam utilizadas junto ao público alvo do projeto. Na segunda fase, iniciada ainda nos meses finais de 2013, as atividades e resultados observados em campo foram amplamente discutidos com vistas a orientar um ajuste de ações e de

instrumentos didáticos a serem utilizados nas escolas. Na sequência das discussões e já no âmbito da edição de 2014, ocorreu efetivamente a construção dos instrumentos a serem utilizados em campo, denominados como "kit didático". Este kit é composto por um plano de aula do projeto, o qual é apresentado às escolas com vistas a ser avaliado e aprovado antes dos encontros com as crianças. O plano de aula contém uma explicação detalhada das atividades a serem desenvolvidas, incluindo ainda previsão de recursos físicos a serem utilizados e tempo estimado para cada atividade. Por fim, na terceira fase do projeto, totalmente inserida no contexto da edição do projeto de 2014, o kit didático é aplicado em campo.

O kit didático está estruturado de forma a permitir o diálogo entre as crianças e os responsáveis pelo projeto. Dessa maneira, a utilização de projetor multimídia foi o recurso escolhido para a ilustração de imagens de profissões, visto que tem como objetivo instigar os alunos a participarem das dinâmicas. Posterior a apresentação das imagens com profissões, as crianças realizam um desenho do profissional que elas desejam ser no futuro. Este desenho tem como objetivo verificar se a criança possui uma visão prévia, resgatada de seu cotidiano, em que o profissional utiliza proteções ou recursos que permita a ele atuar de forma mais segura fazer com que a criança ilustre o profissional escolhido de uma forma segura e protegida. Caso não se perceba na percepção dos alunos aspectos físicos voltados à segurança do trabalhador retratado por ele, os extensionistas fazem as explicações necessárias, transmitindo a ideia de equipamentos de proteção individual (EPI) e a sua forma de utilização. Após a explicação do que se trata EPI, é aberto um espaço para que as crianças possam ter contado com os equipamentos.

A Figura 1a, 1b, 1c e 1d apresentam a compilação de alguns registros visuais das dinâmicas desenvolvidas.

Terminada a interação das crianças com os equipamentos, é realizado um intervalo de descanso para as crianças. Após o intervalo, elas retornam e realizam a atividade chamada "provinha", que consiste em um instrumento de verificação dos conceitos apresentados antes do intervalo, contendo três exercícios ilustrativos.

O primeiro exercício consiste atribuir relação entre itens dispostos em duas colunas, em que são apresentadas imagens de equipamentos em uma coluna à esquerda e, em outra, sua utilização. O segundo exercício, chamado identificação do erro, consiste na apresentação de duas imagens contendo um erro na utilização dos EPI, sendo pedido ao aluno que identifique-o e descreva como seria a correta utilização. Por fim, o terceiro exercício consiste em um caça palavras, em que se encontram nome de profissões e equipamentos vistos durante o encontro.

Encerrando o encontro, desenvolve-se um conjunto de três dinâmicas lúdicas na forma de gincana. Dividimos a turma em equipes e realizamos as atividades como jogos de adivinhação, de mímica e de forca, relacionando ao máximo o assunto abordado durante o dia com estas brincadeiras.

Resultados

No ano de 2014, vem sendo desenvolvidas diversas atividades no sentido de aprimorar o kit didático e ainda a realização de um encontro com os alunos de escolas da região. Este encontro ocorreu em uma escola pública, com uma turma de 4º ano composta por 21 alunos.

Ao questionar os alunos sobre o que seria segurança no seu entendimento, de modo geral, verificou-se diversas respostas que indicavam familiaridade com o tema como, por exemplo, o cuidado ao atravessar a rua, não ficar perto do fogão, entre outras. Os alunos relataram que cada profissão possui um modo de pro-

Figura 1a, 1b, 1c e 1d: Alguns registros de imagens das atividades realizadas
Fonte: Arquivo de imagens do projeto, 2013

teção como, por exemplo, o construtor que utiliza o capacete e, o goleiro, as luvas. Os relatos apontaram uma diferença de percepção das crianças abordadas na edição atual, referente aquelas abrangidas em 2013. Em relação aos EPI, eles sabiam, como exemplo, as utilidades dos equipamentos, relatando que a máscara do soldador desempenha a função de não deixá-lo cego com a luz.

O perfil de comportamento dos alunos foi oposto ao verificado na edição de 2013 do projeto, em que parte da turma estudada se encontrava agitada e dispersa em certas atividades, animadas e participativas em outras, fato que podemos explicar por se tratarem de crianças de menor faixa etária, conforme expos Pereira et al. (2013). Em relação a "provinha", as crianças não apresentaram restrições em realizá-la, desenvolvendo as atividades e apresentando um desempenho exposto na Figura 2. Esta ferramenta foi criada para se esclarecer o quanto que os alunos aprenderam durante as atividades e, através do número de acertos, encontrar dados quantitativos do conhecimento adquirido pelos mesmos.

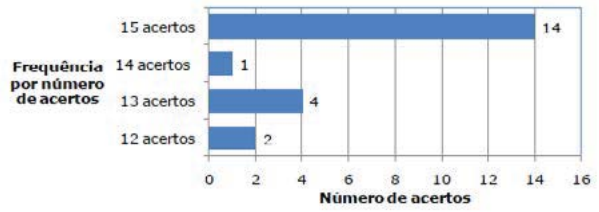


Figura 2: Frequência de desempenho de acordo com o número de acertos
Fonte: Elaborado pelos autores

Fazendo uma breve comparação dos resultados obtidos nas atividades de campo entre os anos de 2013 e 2014, pode-se destacar que no corrente ano o grau de conhecimento entre os alunos, em um primeiro momento, se apresenta superior ao do ano passado. Fato que deve estar relacionado a diferença de idade entre as crianças, em 2013 as crianças tinham entre 7 e 10 anos, já em 2014, participaram crianças com idade de 9 a 11 anos. A faixa etária pela qual optou-se em 2014 proporcionou uma maior compreensão do assunto por parte do alunos. Outro ponto que cabe ser ressaltado refere-se ao entusiasmo das crianças, que em 2014 superou as expectativas, mostrando-se interessadas na maior parte do tempo. Novos encontros já foram agendados em escolas de Pelotas com vistas obter-se um universo amostral mais significativo.

Conclusão

Decorrido cerca de um ano de projeto - edições 2013 e 2014 - pode-se concluir que os resultados apontam a ganhos satisfatórios em termos de facilitação de diálogos com as crianças e assimilação sobre o tema. Pode-se afirmar também que, após a avaliação qualitativa e quantitativa das atividades realizadas e juntamente com o entendimento dos alunos em relação ao assunto proposto, as alterações realizadas durante a segunda fase do projeto vêm sendo positivas, sendo difícil a entrada do projeto nas diferentes escolas daquelas que já foram frequentadas.

Cabe ressaltar ainda que o instrumento didático desenvolvido para utilização nesta edição do projeto permitirá a obtenção de dados passíveis de tratamento quantitativo, o que propiciará constatações mais objetivamente mensuráveis dos conhecimentos adquiridos pelos alunos. Pode-se afirmar que este foi um dos desafios identificados a partir do desenvolvimento deste projeto em 2013, visto que não se aplicava um método preciso de medição em relação a absorção dos conhecimentos transmitidos às crianças, conforme pode ser verificado em Pereira et al. (2013). Espera-se que, no segundo semestre de 2014, seja possível realizar outros nove encontros em escolas diferentes, a fim de obter uma amostra maior da compreensão das crianças a partir do kit.

Referências

PEREIRA, P.M.; ROSA, L.K.; RODEGHIERO NETO, I.; ANDRADE, I.F.; FRANZ, L.A.S.. Um levantamento quanto à cultura de segurança e saúde entre as crianças matriculadas no ensino fundamental. In: XXII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas – CIC 2013, 2013, Pelotas. XXII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas – CIC 2013, 2013. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/cic/arquivos/2013/EN_02895.pdf>, Acessado em: 07.jul.2014.

MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL. Previdência Social. Distrito Federal, 2014, 66p. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/wp-content/uploads/2014/04/Pre vid%C3%AAncia-Social.pdf>. Acesso em: 29.jul.2014.

CURSO DE ESPANHOL BÁSICO PARA BOMBEIROS

BATISTA, Ana Paula Santos de Oliveira
Aluna do curso de Letras Português e Espanhol e respectivas Literaturas/UFPel

MÜLLER, Fernanda Ferrari
Aluna do curso de Letras Português e Espanhol e respectivas Literaturas /UFPel

FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves
Coordenadora do Curso de Letras Português e Espanhol e respectivas Literaturas/UFPel, orientadora

O "Curso de Espanhol Básico para bombeiros" foi realizado com o intuito de oferecer uma noção básica de espanhol direcionado à atividade dos profissionais em questão, pois os mesmos por atuarem em uma área de fronteira podem vir a deparar-se com falantes de língua espanhola em situação de emergência, o que torna a comunicação mais difícil e dificulta o trabalho dos mesmos. Além disso, o projeto serviu para qualificar os profissionais desta área. Através do projeto os alunos bombeiros puderam conhecer e estudar aspectos de sua profissão em outro idioma, bem como a realidade de bombeiros de alguns países hispânicos.

Os estudos realizados levaram em consideração além dos aspectos linguísticos básicos da língua espanhola, os aspectos específicos de bombeiros como o cotidiano, a cultura, a história, os equipamentos e outros.

Apesar de ter sido realizado no local de trabalho, o projeto se desenvolveu de maneira bem espontânea, visto que o objetivo principal era ensinar aos membros do corpo de bombeiros de Pelotas a comunicar-se em Espanhol com vítimas e comunidade em geral, e é essa meta foi alcançada. Salienta-se ainda que para as ministrantes a experiência obtida ao longo do projeto foi de grande importância para sua aprendizagem e prática da docência, pois através dessa experiência pode-se unir o teórico vivenciado no curso de graduação em Letras com a prática vivenciada no cotidiano de um bombeiro.

Metodologia

O projeto "Curso de Espanhol Básico para bombeiros" foi desenvolvido através de uma abordagem comunicativa, com aulas expositivas, dialogadas, dinâmicas de grupos, vídeos, e simulações; os alunos deste curso foram avaliados de várias formas: qualitativa, diagnóstica e formativa para que os alunos bombeiros saíssem aptos para atender o público alvo.

As aulas foram ministradas nas dependências do Corpo de Bombeiros, sendo este o local adequado para o projeto em questão, tendo em vista que o mesmo se destinava para essa profissão específica e que o ambiente usado possuía os materiais necessários para a realização do próprio.

Os materiais empregados em sala de aula foram:

Datashow, quadro e caneta, computador e cópias de material impresso fornecido pelas ministrantes.

As aulas foram ministradas para 12 alunos, pois desta maneira todos poderiam ter mais tempo e atenção de cada uma das ministrantes do curso ofertado.

Resultados

O projeto obteve resultados positivos e esperados pelas ministrantes do curso. Os alunos receberam conhecimentos da língua espanhola de forma funcional e básica para que possam desempenhar sua função de bombeiro de uma forma mais eficiente.

O nível de aproveitamento dos alunos em relação a um conteúdo específico foi verificado através de uma avaliação qualitativa a partir da interpretação e comprovação dos resultados alcançados e relacionados aos objetivos propostos. Ou seja, ao longo do curso os alunos bombeiros conseguiram comunicar-se com prováveis vítimas falantes de língua espanhola. Cabe salientar que durante todo o processo de aprendizagem foi realizada uma avaliação diagnóstica que permitiu a identificação de diferentes progressos linguísticos, bem como determinados erros de pronuncia e ortografia que foram sanados através de novas explicações e exercícios. Ainda referente ao processo avaliativo realizou-se também uma avaliação formativa: que se deu mediante sucessivas avaliações, para assegurar a ampliação de conhecimentos por parte dos alunos, qualificando os resultados acadêmicos esperados.

As informações recebidas no curso os deixaram aptos para atender e compreender o público e/ou vítimas falantes nativos do idioma ensinado.

Conclusão

O objetivo principal do projeto "Curso de Espanhol Básico para bombeiros" foi alcançado, pois conseguimos com que os alunos aprendessem a língua para utilizá-la nos chamados de emergência, quando necessário. Percebemos que falar em espanhol durante as aulas oferecidas, fez com que os estudantes deste curso adquirissem o idioma e perdessem a vergonha de se comunicar nesta língua estrangeira. Visto estes aspectos, ultimamos que o projeto obteve êxito tanto para suas ministrantes como para os alunos bombeiros, que hoje são detentores de conhecimentos básicos e específicos em língua espanhola.

Referências

Brum-de-Paula, M. R.; Gonçalves, G. F.- Léxico & Gramática: uma relação de causa e efeito- Letras de Hoje-POA, 2008.

ESCOBAR, Cristina; MASATS, Mª Dolores; RODAS, Beatriz Caballero de.-Didáctica de las lenguas extranjeras en la educación segundaria obligatoria- Madri, Espanha, Síntesis Educación, 1999.

BRUNO, Fátima Cabral; MENDOZA, Maria Angelica. -Hacia El español: curso de lengua y cultura hispánica- São Paulo, Saraiva, 2000.

BRANDÂO, Eduardo; Berliner, Claudia. -Señas: diccionario para enseñanza de la lengua española para brasileños- Universidad de Alcalá de Henares/ Departamento de Filologia. São Paulo: 2ª. Ed. Martins Fontes, 2001.

LARGARTOS, Mª Luisa; MARTÍN, Mª Isabel, REBOLLO, Angeles. -Entre amigos: curso de español para niños- Madri: Editorial colóquio, 1990.

ELIAS, Enide; ISQUIERDO, Sonia; OSMAN, Soraia; REIS, Priscila; VALVERDE, Jenny. -Enlaces: español para jóvenes brasileños- São Paulo: 2º Edición, Macmillan, 2010.

MARTIN, Ivan. -Síntesis: curso de lengua española: ensino médio- São Paulo, Ática, 2010.

Referências eletrônicas

Manual de la Nueva Gramática utilizado para sanar dúvidas disponíveis em: http://fcarazo.files.wordpress.com/2011/01/rae-manual-de-la-nueva--gramc3a1tica- de-la-lengua-espac3b1ola-pdf.pdf Acesso em 07 de julho de 2014.

Gramática Alarcos disponível em: http://coleccion.narod.ru/manuales/RAE-Gramatica- de-la-lengua.pdf Acesso em 23 de junho de 2014.

Música amor de madre. Disponível em: http://letras.mus.br. Acesso em 3 de junho de 2014.

Idéias de elaboração de exercícios e matérias para slides. Disponível em: Difusión: http://www.difusion.com/ Acesso em 03 de junho de 2014.

Editora Edelsa: http://www.edelsa.es/ Acesso em 27 de maio de 2014.

DRAE: http://www.rae.es/recursos/diccionarios/drae Acesso em 27 de maio de 2014. Dicionário Wordreference utilizado para procurer o significado de palavras. Disponível em: http://www.wordreference.com/ Acesso em 7 de julho de 2014.

Centro Virtual Cervantes disponível em: http://cvc.cervantes.es/ Acesso em 12 de maio de 2014.

Imagens utilizadas na elaboração de slides. Disponível em: www.google.com.br- Acesso em 07 de julho de 2014.

Vídeo explicativo de “equipo de bombero”. Disponível em: www.youtube.com Acesso em 27 de maio de 2014.

Vídeo sobre veículos de bombeiros. Disponível em: www.youtube.com Acesso em 09 de junho de 2014.

Música Muelle de San Blas. Disponível em http://letras.mus.br Acesso em 07 de julho de 2014.

Materiais diversos sobre bombeiros de países falantes de língua espanhola. Disponível em: http://www.bomberos.df.gob.mx/wb/hcb/que_es_un_bombero Acesso em 01 de julho de 2014.

DESENVOLVENDO HABILIDADES DO PENSAMENTO COMPUTACIONAL NO QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

MACKEDANZ, Gleider
Aluno do Bacharelado em Engenharia de Computação/ UFPel, bolsista PROEXT/MEC

FINKENAUER, Plínio Junior
Aluno do Bacharelado em Engenharia de Computação/ UFPel, bolsista PROEXT/MEC

ANDRADE, Daiane Focking
Aluna do Bacharelado em Ciência da Computação/ UFPel, bolsista PROEXT/MEC

PERNAS, Ana Marilza
Professora do Centro de Desenvolvimento Tecnológico/UFPel, orientadora

CAVALHEIRO, Simone André da Costa
Professora do Centro de Desenvolvimento Tecnológico/UFPel, coordenadora

A definição amplamente aceita para Pensamento Computacional (ComputationalThinking) foi apresentada por Jeannette Wing (2006), à época chefe do Departamento de Ciência da Computação da Universidade de Carnegie Mellon. Pensamento Computacional (PC) utiliza os conceitos básicos da Ciência da Computação para resolver problemas, desenvolver sistemas e para entender o comportamento humano. De forma geral, as habilidades aplicadas originalmente na criação de programas computacionais são utilizadas para resolver problemas específicos como uma metodologia para resolver problemas gerais nas mais diversas áreas do conhecimento (Bundy 2007; Denning 2009; Nunes 2011).

A Sociedade Internacional de Tecnologia na Educação (ISTE) inclui habilidades específicas (mas não limita a estas) na definição operacional de PC para Educação no Ensino Fundamental e Médio (ISTE 2013), algumas delas são: representação de dados, algoritmos, procedimentos, paralelismo, abstração e simulação.

As escolas de Ensino Fundamental são veículos relevantes para fomentar o uso do PC, no sentido de incentivar habilidades para desenvolvimento pleno e efetivo do raciocínio lógico-dedutível, principalmente nos primeiros anos escolares. Nas empresas multinacionais, como Google e Microsoft, surgem projetos para promoção do PC em diversos níveis de ensino. No Brasil, surgiram iniciativas nesta direção. Apesar da temática já estar sendo veiculada em artigos nacionais (Nunes 2011; França, Silva; Amaral 2012) e da existência de projetos (Bell, Witten; Fellows 2010) de universidades brasileiras visando introduzir os fundamentos da computação em escolas, apresenta-se um desenvolvimento ainda seminal no nível educacional para implantação do PC na educação básica.

Este trabalho apresenta os principais resultados da aplicação piloto de atividades que visam o desenvolvimento de habilidades do PC em alunos de quarto ano do Ensino Fundamental. Esta iniciativa e os resultados aqui apresentados fazem parte do projeto de extensão intitulado Explorando o Pensamento Computacional para a Qualificação do Ensino Fundamental (EXP-PC), que tem por objetivo sensibilizar a rede de ensino para a relevância do ensino dos fundamentos da Ciência da Computação desde a educação fundamental, através

da elaboração e aplicação de atividades que desenvolvam habilidades consideradas essenciais no PC. Detalhes a respeito do projeto, com documentação relacionada ao desenvolvimento e aplicação das atividades de ensino propostas, podem ser obtidas na wiki[1] do projeto.

Metodologia

O desenvolvimento das atividades propostas usou como base o livro Computer Science Unplugged (Bell, Witten e Fellows 2010). Para a aplicação piloto aqui descrita, estenderam-se as atividades referidas como "Contando os Pontos", "Colorindo com Números", "Batalha Naval" e "O Mais Leve e O Mais Pesado". As extensões foram propostas para trabalhar com crianças do quarto ano (faixa etária 9 a 13 anos) da rede pública. No livro base, tem-se apenas uma descrição geral das atividades, com sugestões de materiais e discussões a serem levantadas com os alunos durante a prática. Dentro do projeto é apresentada uma proposta metodológica para as referidas atividades, incluindo a descrição detalhada do desenvolvimento das mesmas em sala de aula.

Em sua proposta, buscaram-se maneiras de aplicar as atividades de forma lúdica, viabilizando uma metodologia que fosse compreensível ao nível do quarto ano de uma escola pública. As atividades foram idealizadas para aplicação com periodicidade semanal, em intervalo de 1 hora e 30 minutos, sendo organizadas em tarefas. Segue uma breve descrição de cada atividade estendida.

Números Binários (Contando os Pontos): a primeira atividade consiste na introdução da base numérica binária, apresentando aos alunos como o computador representa números e letras. As competências trabalhadas foram: representação de dados e algoritmos e procedimentos.

Colorindo com os números: esta atividade tem como objetivo demonstrar a representação de pixels em telas de computadores, celulares e outros dispositivos eletrônicos. Os conceitos trabalhados foram: representação de dados, abstração, e algoritmos e procedimentos.

Algoritmos de Busca (Batalha Naval): esta atividade tem como principal objetivo introduzir os conceitos básicos de algoritmos de busca. Engloba as seguintes competências: representação de dados, algoritmos e procedimentos e paralelismo. Como instrumento lúdico de aprendizagem, foi utilizado um jogo estilo Batalha Naval, onde foram apresentadas três técnicas de busca: linear, binária e hashing.

Algoritmos de Ordenação (O Mais Leve e O Mais Pesado): nesta atividade, foram ensinados dois métodos de ordenação, Selectionsort e Quicksort. Para um trabalho mais prático e dinâmico, foram usadas garrafas com diferentes pesos, as quais os alunos deveriam ordená-las utilizando os algoritmos citados. Foram trabalhadas as competências de algoritmos e procedimentos e simulação.

As atividades foram aplicadas no período de Setembro a Dezembro de 2013. Como o projeto não contava com recursos financeiros, solicitou-se que a escola fosse próxima ao campus da Universidade, de forma a facilitar o deslocamento da equipe. Nas reuniões buscou-se identificar o perfil dos alunos a serem aplicadas as atividades.

A amostra constitui-se de 46 alunos de duas turmas do quarto ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ferreira Viana. No início das atividades os alunos responderam um questionário com dados pessoais e sobre acesso a computador e internet. Os pais dos alunos preencheram um questionário com informações socioeconômicas.

Resultados

Antes do início das atividades do projeto, os alunos foram submetidos a um teste que avaliou habilidades específicas. No final do período das atividades, esses alunos fizeram um novo teste semelhante ao primeiro. As diferenças entre as notas obtidas antes e depois do desenvolvimento das atividades foram analisadas por meio do teste t para amostras pareadas, ao nível 5% de significância.

A Tabela 1 apresenta a distribuição das notas dos alunos, nos dois testes, em relação à nota 7,0 (sete) que, em geral, é considerada nota mínima para a aprovação sem recuperação. Observa-se que no primeiro teste apenas 34% dos alunos obtiveram nota maior ou igual a 7,0, enquanto que no segundo teste esta frequência aumentou para 80%. O resultado do teste revelou que a diferença média entre as notas (1,24) foi significativamente maior do que zero ($p>|t| = 0,00013$). Isso significa que depois das atividades os alunos melhoraram seus desempenhos no teste, em média, 1,24 pontos. Os limites de confiança, ao nível de 95%, para a diferença entre médias são 0,66 e 1,83 pontos.

Com relação à distribuição de frequência dos alunos

Nota	Manhã		Tarde		Total	
	Antes	Depois	Antes	Depois	Antes	Depois
< 7	12 (75,0%)	4 (25,0%)	10 (52,6%)	3 (15,8%)	22 (62,8%)	7 (20,0%
≥7	4 (25,0%)	12 (75,0%)	9 (47,3%)	16 (84,2%)	13 (34,3%)	28 (80,0%
Total	16 (100%)	16 (100%)	19 (100%)	19 (100%)	35 (100%)	35 (100%

Tabela 1: Distribuição das notas dos alunos, nos dois testes, em relação à nota 7,0 (sete)
Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados fornecidos pelos entrevistados

Medidas descritivas	Atividade 1			Atividade 2		Atividade 3			Atividade 4	
	Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 1	Tarefa 2	Tarefa 3	Tarefa 1	Tarefa 2
Número de observações	41	37	20	41	37	43	34	42	38	38
Média	9,4	9,5	8,9	8,3	9,5	6,9	6,8	8,7	9,7	9,4
Desvio padrão	1,0	1,1	2,3	1,8	0,8	3,2	3,1	1,8	0,8	1,5
Mínimo	6,3	6,1	2,5	3,2	6,3	0,0	0,0	4,0	7,0	2,0
Primeiro quartil	8,7	10,0	9,5	7,5	9,5	5,0	4,7	7,0	10,0	9,0
Mediana	10,0	10,0	9,9	8,9	9,7	7,5	8,0	10,0	10,0	10,0
Terceiro quartil	10,0	10,0	10,0	9,5	9,8	10,0	9,5	10,0	10,0	10,0
Máximo	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0	10,0

Tabela 2: Descrição detalhada das notas obtidas pelos alunos nas atividades desenvolvidas em aula
Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados fornecidos pelos entrevistados

	Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4
Número de observações	98	78	119	76
Média	9,3	8,8	7,5	9,5
Desvio padrão	1,4	1,5	2,8	1,2
Mínimo	2,5	3,2	0,0	2,0
Primeiro quartil	9,5	8,5	5,0	9,8
Mediana	10,0	9,5	8,5	10,0
Terceiro quartil	10,0	9,8	10,0	10,0
Máximo	10,0	10,0	10,0	10,0

Tabela 3: Descrição geral das notas obtidas pelos alunos nas atividades desenvolvidas em aula
Fonte: Tabela elaborada pelo autor a partir de dados fornecidos pelos entrevistados

segundo seu desempenho nos dois testes, observou-se que 16% dos alunos reduziram seus desempenhos no segundo teste, 5,8% não alteraram, 22% aumentaram menos de um ponto no seu desempenho e 55% aumentaram entre 1 e 4 pontos.

As Tabelas 2 e 3 apresentam as medidas descritivas das notas das avaliações realizadas ao término das tarefas. O primeiro quartil delimita 25% das observações, ou seja, 75% dos alunos obtiveram nota acima do primeiro quartil. Importante destacar que a maioria dos alunos obteve nota acima da média da turma. Diante dos dados, é também possível observar que os alunos tiveram um ótimo desempenho nas atividades 1, 2 e 4. Já para atividade 3 não se pode observar o mesmo desempenho.

Conclusão

A atividade piloto foi importante em três aspectos: permitiu um primeiro contato dos alunos graduandos dos cursos de Ciência e Engenharia de Computação com a prática de ensino em escolas de Ensino Fundamental, da rede pública e na periferia; abriu espaço para maior interação entre Universidade e Rede Pública de Ensino Fundamental, incluindo discentes, docentes e gestores; possibilitou identificar a necessidade de melhorias na organização e metodologias de futuras propostas de trabalho do projeto envolvendo PC.

Referências

BELL, T., WITTEN, I. H., FELLOWPUS, M. F. Computer Science Unplugged. Acessado em 20 de jul. 2014 Online. Disponível em: csunplugged.org. 2010.

BUNDY, A. Computational thinking is pervasive. Journal of Scientific and Practical Computing, n.1, p.67-69, 2007.

Computer Science Teacher Association, International Society for Tecnology in Education and National Science Foundation. Computational Thinking Leadership Toolkit. DENNING, P. J. The profession of it: Beyond computational thinking. Commun. ACM, v.52, n.6, p.28-30, 2009.

FRANÇA, R. S.; SILVA, W. C.; AMARAL, C. J. H. Ensino de Ciência da computação na educação básica: Experiências, desafios e possibilidades. In: Proc. CSBC'12 [S.l.:s.n], 2012.

NUNES, D. J. Ciência da computação na educação básica. Acessado em 20 de jul. 2014 Disponível em: http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=79207. 2011. WING, J. M. Computational Thinking. Commun. ACM, New York, v.49, n.3, p.33-35, 2006.

DESENVOLVENDO O PENSAMENTO COMPUTACIONAL EM TURMAS DE QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DA ATIVIDADE SOBRE ALGORITMOS DE ORDENAÇÃO

ROCKE, Douglas
Aluno do Bacharelado em Engenharia da Computação/ UFPel, bolsista PROEXT/MEC

ANDRADE, Daiane
Aluna do Bacharelado em Ciência da Computação/ UFPel, bolsista PROEXT/MEC

FOSS, Luciana
Professora do Centro do Desenvolvimento Tecnológico/ UFPel, colaboradora

PIANA, Clause
Professora do Centro de Desenvolvimento Tecnológico/ UFPel, colaboradora

CAVALHEIRO, Simone
Professora do Centro de Desenvolvimento Tecnológico/ UFPel, orientadora/coordenadora

Em 2006 o pensamento computacional foi descrito por Jeannette Wing como uma forma de resolver problemas utilizando fundamentos e técnicas da Ciência da Computação (Wing, 2006), que segundo ela é uma habilidade fundamental para todos, não só para cientistas da computação (Wing, 2006).

Partindo desta perspectiva, o projeto Explorando o Pensamento Computacional para Qualificação do Ensino Fundamental (EXP-PC) inclui como um de seus objetivos propor diversas atividades para introduzir o pensamento computacional em turmas de quarto ano do Ensino Fundamental. Neste trabalho será descrita uma proposta metodológica para a a atividade "Algoritmos de Ordenação", originalmente proposta no livro Computer Science Unplugged (Adams, 2010), bem como será relatada os resultados de sua aplicação a duas turmas de quarto ano do ensino fundamental.

Metodologia

O desenvolvimento da atividade didática apresentada neste trabalho se baseou no material proposto pelo livro Computer Science Unplugged (2010), que propõe e descreve diversas atividades que introduzem conceitos base da Computação sem o uso de computadores. A atividade adaptada, objetiva apresentar conceitos introdutórios de algoritmos de ordenação, utilizando de um material didático composto por 8 kit's que contém um conjunto de 8 garrafas decoradas, cada uma com um determinado peso, um conjunto de 40 quadrados de cartolina de dimensão 8 x 8 e uma balança.

A atividade foi divida em 2 tarefas de 1h e 30 min. Na tarefa 1 foi apresentado o método de ordenação Selection Sort, o qual consiste em selecionar uma garrafa aleatória e a comparar com as demais. A comparação é sempre feita entre duas garrafas, ficando sempre na mão com a de menor peso. Após comparar todas as garrafas e obter a de menor peso entre elas, deve-se colocá-la em uma espécie de tabuleiro (onde posteriormente serão colocadas todas as garrafas, mas sempre ordenadas). Após, segue- se a procura da garrafa de segundo menor peso entre as restantes. Este processo é repetido até que todas as garrafas

sejam ordenadas, da menor para a maior.

Na tarefa 2 foi apresentado o método de ordenação Quick Sort, que funciona da seguinte forma: escolhe-se aleatoriamente uma garrafa denominada de pivõ e então, posiciona-se as garrafas de menor peso que o pivô a sua esquerda e as de maior peso que o pivô a sua direita. E após se repete o processo com os sub-grupos da direita e esquerda, com novos pivôs. Ao se escolher uma garrafa como pivô e posicionar as demais garrafas à direita (se maiores que o pivô) e à esquerda (se menores que o pivô), coloca-se o pivô na posição n+1, onde n se refere à quantidade de garrafas a esquerda do pivô e passa-se a repetir o processo com os sub-grupos restantes.

Tanto na tarefa 1 quanto na tarefa 2 os alunos deveriam registrar o número de comparações necessárias para cada conjunto de garrafas ordenadas. Isto deveria ser feito reservando um quadradinho preto para cada comparação realizada.

Para a realização da atividade, as turmas foram organizadas em trios. Cada trio possuía um kit e um voluntário para auxiliá-los na medição dos pesos das garrafas.

No inicio da primeira aula foi apresentado o kit a ser utilizado. O material foi entregue antes da apresentação do primeiro algoritmo de ordenação, para familiarizar os alunos com o material a ser trabalhado. Embora os alunos tenham se dispersado um pouco com o manuseio do material, eles utilizaram os kits de forma adequada.

Após a apresentação do material foi ensinado o método Selection Sort. Distribuiuse uma folha para os alunos anotarem o custo da ordenação. As garrafas ficavam sobre a mesa do aluno. O aluno que estava efetuando as comparações tinha que manter em sua mão sempre a garrafa mais leve. As outras garrafas, após cada comparação, eram colocadas no chão. Quando não havia mais garrafas sobre a mesa, posicionava-se a mais leve à esquerda e colocava as que estavam no chão sobre a mesa. O processo era então repetido sucessivas vezes, até não restar mais garrafa alguma no chão.

Na segunda aula foi ensinado o método Quick Sort. Para o ensino desse método, utilizou- se uma fita para marcar o pivô e um tabuleiro com oito posições (número máximo de garrafas). Escolheu-se uma garrafa aleatória para ser o pivô, e passou-se a compará-la com as outras garrafas, colocando a direita do pivô as garrafas que fossem mais pesadas e a esquerda as que fossem mais leves. Quando não houve mais garrafas para comparar, posicionou-se o pivô na posição do tabuleiro correspondente (número de garrafas que ficaram a esquerda do pivô mais uma). Após, reproduziu-se o processo com cada um dos grupos restantes de garrafas, separadamente, até que todas estivessem em seus respectivos lugares.

Resultados

As atividades foram aplicadas em duas turmas de quarto ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ferreira Viana.

As avaliações das duas tarefas compreenderam três questões com valores diferentes. Na tarefa 1 as questões valeram 2,5 e 3 pontos e na tarefa 2 valeram 2, 3 e 6 pontos. A descrição da pontuação dos alunos, por questão e total, nas avaliações de cada tarefa é apresentada na Tabela 1. As avaliações pretenderam aferir as habilidades de algoritmos e procedimentos, e simulação.

Na Tabela 1 observa-se que, nas questões 2 e 3 da tarefa 1, pelo menos 75% dos alunos alcançaram a pontuação máxima, e, na questão 1, esse percentual foi de 100%. A pontuação total na tarefa variou de 7 a 10, com média 9,69, evidenciando que o desempenho geral dos alunos foi excelente. A análise dos resultados por turma revelou que as turmas apresentaram desempenhos muito semelhantes nesta tarefa: turma da manhã com média 9,59 e coeficiente de variação de 9% e turma da tarde com média 9,81 e coeficiente de variação de 7%.

Os resultados da avaliação da tarefa 2 (Tabela 1) mostram que 100% dos alunos alcançaram pontuação máxima nas questões 1 e 3 e 74% na questão 2. A pontuação total dos alunos nesta tarefa variou de 2 a 10, com média 9,37. Como apenas um aluno obteve pontuação baixa, pode-se concluir que também na tarefa 2 o desempenho geral dos alunos foi excelente. Na comparação das turmas verificou-se que a turma da tarde (média 9,78 e coeficiente de variação 9%) apresentou desempenho ligeiramente superior e mais homogêneo que a turma da manhã (média 9,00 e coeficiente variação 21%).

Além desta atividade, outras atividades (que não fazem parte do escopo deste artigo) também foram trabalhadas nas mesmas turmas. Antes e depois da aplicação de todas as atividades foi aplicado um teste, com o objetivo de mensurar se houve algum ganho nas habilidades trabalhadas. A questão 4, valendo 3 pontos, estava relacionada com as habilidades desenvolvi-

Questão	Tarefa 1 (n=38)							Tarefa 2 (n=38)						
	Média	DP	Min	Q_1	Md	Q_3	Max	Média	DP	Min	Q_1	Md	Q_3	Max
1	2,00	0,00	2	2	2	2	2	3,00	0,00	3	3	3	3	3
2	4,86	0,47	3	5	5	5	5	5,61	0,92	1	5	6	6	6
3	2,99	0,05	2,8	3	3	3	3	1,00	0,00	1	1	1	1	1
Total	**9,69**	**0,80**	**7**	**10**	**10**	**10**	**10**	**9,37**	**1,46**	**2**	**9**	**10**	**10**	**10**

Tabela 1. Descrição do desempenho geral dos alunos das duas turmas, por questão e total, nas Tarefas 1 e 2 da atividade "Algoritmos de ordenação".
Nota: n = número de alunos; DP = desvio padrão, Min = menor valor; Q1 = primeiro quartil; Md = mediana; Q3 = terceiro quartil, Max = maior valor.

Turma	Antes		Depois		Ganho							Valor da		
	Média	DP	Média	DP	Média	DP	Min	Q_1	Md	Q_3	Max			
Manhã (n=16)	1,2	1,19	2,4	0,92	**1,16**	1,59	-2,5	0	1	2,8	3	0	2,90	0,0110
Tarde (n=19)	1,6	1,12	2,1	1,02	**0,53**	1,42	-1,5	-1	0,75	1,5	2,5	0	1,63	0,1233
Geral (n=35)	1,4	1,15	2,2	0,97	**0,81**	1,51	-2,5	0	1	2,3	3	0	3,18	0,0031

Tabela 2. Descrição da pontuação e do ganho dos alunos na questão 4 do teste aplicado antes e depois do desenvolvimento das atividades e resultados do teste de significância para o ganho, por turma e geral.
Nota: n = número de alunos; DP = desvio padrão, Min = menor valor; Q1 = primeiro quartil; Md = mediana; Q3 = terceiro quartil, Max = maior valor.

das com a atividade Algoritmos de ordenação. A Tabela 2 apresenta a pontuação dos alunos nesta questão e os resultados do teste de significância para o ganho dos alunos, por turma e geral. O ganho foi mensurado pela diferença entre as pontuações alcançadas no pós e no pré-teste. A pontuação média da turma da manhã (1,2) no pré-teste foi inferior à pontuação média da turma da tarde. Este resultado corrobora a suposição da professora de que a turma da manhã é um pouco mais fraca que a turma da tarde. Já no pós-teste, foi observado o inverso: a turma da manhã (média 2,4) obteve pontuação superior à da turma da tarde (média 2,1), significando que o ganho da turma da manhã (média 1,16) foi superior ao da turma da tarde (média 0,53). A significância desses ganhos foi verificada através do teste t para amostras pareadas, com ⊠=0,05. A hipótese sob verificação neste teste supõe que o ganho médio dos alunos não difere de zero. No teste para o ganho geral das turmas, a hipótese de nulidade foi rejeitada, significando que o ganho médio dos alunos com a execução da atividade foi significativo. No entanto, o teste individual por turma revelou que esta significância se deve ao ganho da turma da manhã. Verificase na tabela 2 que o ganho médio foi significativo para a turma da manhã, mas foi não significativo para a turma da tarde. Este resultado sugere que a turma da manhã respondeu melhor às atividades desenvolvidas em sala de aula.

Ao comparar resultados do teste com os das avaliações das tarefas,nota-se que, para a turma da tarde, esses resultados são discordantes. Enquanto o teste indica não haver ganho significativo com o desenvolvimento da atividade, as avaliações das tarefas evidenciam um desempenho excelente dos alunos. Esta diferença talvez possa ser explicada por uma deficiência do teste. É possível que o instrumento de avaliação (questões 4 do teste) não tenha sido sensível o bastante para detectar a melhoria que a execução da atividade promoveu no desempenho dos alunos desta turma, e que foi claramente percebida em sala de aula. Esta constatação foi importante para que se buscasse elaborar um instrumento mais adequado para avaliar os conhecimentos e habilidades a serem trabalhados nas atividades que serão desenvolvidas no ano de 2014.

Conclusão

Analisando os resultados das avaliações, é possível notar que os alunos compreenderam o funcionamento dos métodos, pois houve um grande percentual de alunos que conseguiram acertar 70% das questões. Na tarefa 1, todos os alunos acertaram 70% da avaliação, enquanto na tarefa 2, apenas um aluno não alcançou os 70% da nota.

Sendo assim, observou-se que a atividade foi bem aceita pelas crianças e que compreenderam a funcionalidade dos dois métodos.

Referências

ADAMS, R., McKenzie J. Computer Science Unplugged. Computer Science Unplugged, 2010. Acessado em 24 de jul de 2014. Online. Disponível em:http://csunplugged.org

EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NAS ESCOLAS

FLORES, Rodrigo Machado
Aluno do Curso Superior de Tecnologia em Transporte Terrestre/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

HOLZ, Raquel da Fonseca
Professora do Curso Superior de Tecnologia em Transporte Terrestre/CIM/UFPel

WEBER, Fernanda David
Professora do Curso Superior de Tecnologia em Transporte Terrestre/CIM/UFPel

STEIGLEDER, Clara Natalia
Professora do Curso Superior de Tecnologia em Transporte Terrestre/CIM/UFPel, coordenador

O trânsito é uma questão crucial no desenvolvimento sustentável das cidades, uma vez que seus impactos estão relacionados a questões sociais, econômicas e ambientais. No Brasil mais de 40 mil pessoas morrem anualmente em decorrência de acidentes de trânsito e mais de 350 mil ficam feridas, com um índice de 6,5 vítimas fatais por 10 mil veículos, índice elevado se comparado com o de países desenvolvidos: Japão 1,32; EUA 1,93; França 2,35; Alemanha 1,46. Além disso, pode-se perceber que o trânsito tem se tornado cada vez pior do ponto de vista das relações humanas, apresentando diferentes formas de conflitos. A falta de segurança viária, a degradação do mobiliário urbano e os congestionamentos contribuem para tornar o trânsito um dos piores problemas do meio urbano.

Com a compreensão do papel social que a Universidade tem e buscando contribuir a partir do conhecimento construído por professores e alunos do Curso Superior de Tecnologia em Transporte Terrestre (CSTTT), surgiu a idéia de desenvolver o projeto "Educação para o trânsito nas escolas" voltado para a comunidade escolar. O projeto atualmente envolve alunos das séries finais do Ensino Fundamental da E. M. Cônego Eugênio Mees, localizada em Eldorado Sul, cidade polo da UFPel onde está sediado o CSTTT. Este projeto representa uma forma do CSTTT somar-se aos esforços realizados pelo Poder Municipal e contribuir para o desenvolvimento de projetos que incluam o tema trânsito no contexto escolar.

Os objetivos principais são: contribuir, juntamente com a Prefeitura, com a elaboração e implementação de projetos de educação para o trânsito nas escolas, promovendo um comportamento seguro e solidário no trânsito; discutir aspectos da organização do trânsito da cidade com a comunidade escolar; envolver os alunos do Curso Superior de Tecnologia em Transporte Terrestre com a prática da educação para o trânsito.

Com estes objetivos, busca-se problematizar a realidade do trânsito do município fornecendo elementos sobre o trânsito local, do Estado e do País, bem como, discutir a importância da construção de uma mobilidade mais democrática e segura que considere as questões de preservação da vida e do meio ambiente.

Metodologia

O projeto está sendo desenvolvido em 4 etapas:

1) Realização de diagnóstico da realidade dos alunos no tocante à mobilidade urbana, conjuntamente com os professores participantes. O aluno bolsista elaborou e aplicou um questionário aos alunos participantes do projeto;

2) Elaboração, em conjunto com os professores das disciplinas Educação Física, Ensino Religioso, Educação Artística e Língua Portuguesa, de atividades de educação para o trânsito;

3) Exposições dialogadas com alunos - 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental sobre a realidade do trânsito, refletindo sobre os diferentes modos de deslocamento, a taxa de motorização, ocupação do espaço público e outras questões relativas à realidade do trânsito brasileiro. O objetivo é abordar de forma crítica a construção dos diferentes papéis no trânsito e os conflitos presentes nas relações sociais ao transitar.

4) Avaliação do projeto e elaboração de relatório.

Algumas das questões consideradas no planejamento de atividades de educação para o trânsito estão relacionadas à importância de pensar ações que promovam a análise, o debate e a reflexão sobre diferentes situações do transitar humano, a utilização do uso do ambiente real de circulação (a cidade) como principal recurso educativo para o exercício da cidadania no trânsito, a produção e a socialização de conhecimentos relacionados ao tema a partir do incentivo à pesquisa, à leitura e à escrita, à criatividade, à troca de ideias e de experiências, a promoção do envolvimento da família e da comunidade em atividades voltadas ao tema, a execução de ações e a utilização de recursos educativos que expressem as concepções adotadas nesta publicação. Em todas estas atividades o aluno bolsista participa tanto na sua elaboração quanto na avaliação e análise dos resultados.

Resultados

O projeto encontra-se no estágio de planejamento das atividades de educação para o trânsito a serem desenvolvidas na escola. Foi realizado o diagnóstico da realidade dos alunos em relação a sua mobilidade conjuntamente com os professores participantes. Ao todo foram 11 turmas e um total de aproximadamente 300 alunos entre 11 e 15 anos de idade. Captar as percepções desta faixa etária foi muito importante do ponto de vista do trânsito, uma vez que essa idade é significativa pelo desenvolvimento especialmente da autonomia do indivíduo. Normalmente a criança/jovem se encontra no estágio concebido por Piaget como Operatório Formal, que seria o quarto e último estágio do desenvolvimento cognitivo e tem início aproximadamente aos doze anos de idade, período em que o indivíduo desenvolve melhor a capacidade de pensar de forma abstrata, refletindo sobre situações hipotéticas de maneira lógica. A diferença desse estágio para os demais é que agora as operações mentais podem ser aplicadas também a hipóteses formuladas em palavras, pois antes eram aplicadas somente a objetos. No que tange a inserção do indivíduo no trânsito este momento ganha uma relevância especial justamente porque é quando a criança passa a circular sozinha pelas ruas, expondo-se muito mais a possibilidade de um acidente de trânsito.

Do ponto de vista qualitativo é interessante observar as representações sociais construídas pelos alunos sobre o que é trânsito. A maioria entende que trânsito está relacionado ao movimento de veículos. Isto pode ser observado, por exemplo, na resposta de um aluno ao que é trânsito: “Para mim, trânsito são máquinas tecnológicas movidas a gasolina”. Outra percepção que está muito presente é a de que o trânsito é algo muito violento e perigoso, “uma zona perigosa”, como declarou um aluno, como se fosse uma entidade a parte do indivíduo, algo do qual ele não participa ainda efetivamente – uma vez que não dirige – apenas observa, mas que percebe como algo exterior e violento. Poucas percepções estão relacionadas a sua participação efetiva e concreta como pedestre, passageiro, ciclista, skatista etc. no trânsito.

Conclusão

Entende-se que para o planejamento e desenvolvimento das atividades de educação para o trânsito, é necessário compreender as percepções do publicoalvo sobre o tema. Essas percepções podem ser consideradas representações sociais da realidade, que são interpretações, pensamentos, modos de perceber a realidade social, que podem ser traduzidos pelo que se conhece como senso comum, mas que é fundamental serem captadas para compreender o que orienta os indivíduos em suas ações. Nas interações cotidianas e na relação com o espaço construído, o indivíduo constrói as representações sobre a sua realidade, no caso, do trânsito, sobre seus movimentos no espaço de circulação. Por isso, para compreender o que está

orientando as práticas sociais dos indivíduos no uso do espaço público de circulação suas representações construídas a partir do seu agir na vida cotidiana, ressignificando os espaços de circulação, devem ser consideradas formas de interpretar o mundo e preparar-se para suas ações cotidianas no trânsito.

Referências

ALEXANDRE, Marcos. Representação social: uma genealogia do conceito. Rio de Janeiro: Faculdades Integradas Hélio Alonso, 2004.

BRINCO, Ricardo. Transporte urbano e dependência do automóvel. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística - RS, 2005.

CÓDIGO DETRÂNSITO BRASILEIRO: instituído pela Lei n°9.503, de 23 de setembro de 1997. Brasília: DENATRAN, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17° edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MINISTÉRIO DAS CIDADES Cadernos Mcidades: Trânsito, questão de cidadania. Governo Federal. Brasília: Ministério das Cidades, 2004.

NED, Ludd. Apocalipse Motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004 (Coleção Baderna).

RODRIGUES, Juciara. 500 anos de trânsito no Brasil: convite a uma viagem. Curitiba: ABDETRAN, 2000. Revista Retrato do Brasil, 1984, V.1.

ROLNIK, Raquel. O que é cidade. São Paulo: Círculo do Livro, Volume 26, s.d.

SÁVIO, Marco Antônio Cornacioni. A modernidade sobre rodas: tecnologia automotiva, cultura e sociedade. São Paulo: EDUC, 2002.

TRÂNSITO E EDUCAÇÃO: ITINERÁRIOS PEDAGÓGICOS. Org. Ana Mariza Ribeiro Filipouski, Fernando Seffner, Isabel Petry Kherwald e Neiva Otero Schäffer. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

TRINDADE JUNIOR, R. Acidentes de Trânsito e Exclusão Social no Brasil. Revista ABRAMET. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina de Tráfego, n.45, p. 26- 27, 2005.

VASCONCELOS, E. O que é trânsito. 3° edição. São Paulo: Brasiliense, 1992. WRIGHT, Charles Leslie. O que é transporte urbano. São Paulo: Círculo do Livro, 1998.

ENTOMOLOGIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O LÚDICO TRANSPONDO O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

DUTRA, Débora Bärwaldt
Acadêmica do curso de Ciências Biológicas /UFPel, bolsista Cnpq

MADEIRA,Taís
Acadêmica do curso de Ciências Biológicas /UFPel; bolsista PIBIC

PETER,Rejane
Acadêmica do curso de Ciências Biológicas /UFPel bolsista PROEXT/UFPel

BOBROWSKI, Vera Lucia
Professora Associada do Departamento de Zoologia, Ecologia e Genética/IB/UFPel, orientador

MANZKE, Vitor Hugo Borba
Professor adjunto IFSulCampus Pelotas- CaVG

A educação infantil corresponde à primeira etapa da educação básica, contemplando alunos de até cinco anos de idade. Neste período, o objetivo da escola é "promover o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social" de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no artigo. 29 (1996).

O ensino de ciências dentro da proposta lúdica pode trazer diversos benefícios para se desenvolver atividades com crianças da educação infantil. No caso da contagem de estórias, proporciona-se ao aluno um contato prazeroso com o que está sendo ensinado, desenvolvendo imaginação, gosto pela leitura e construção de significados (LAZIER, 2010). Já o ensino com música, além de apresentar baixo custo, aproxima o aluno do tema a ser trabalhado, passando a ser também uma atividade cultural (BARROS et al. 2013).

Objetiva-se por meio deste trabalho apresentar propostas lúdicas para a Educação Infantil que contemplem o conhecimento científico sobre a temática "Insetos".

Metodologia

As propostas lúdicas foram apresentadas na Feira de Ciências da Metade Sul RS 2013, promovida pelo PRONECIM com a participação de professores e alunos de escolas públicas dos municípios da AZONASUL, em Pelotas, assim como em uma oficina realizada com professoras de Educação Infantil da rede pública dos municípios de Jaguarão e Herval, Rio Grande do Sul (Projeto Rede Regional de Ciências - apoio CAPES).

As estórias sobre a vida dos insetos, elaboradas pelo grupo, foram contadas para alunos e professores dos eventos, sendo que os professores participantes da oficina foram convidados a escrever suas próprias estórias utilizando conceitos científicos de forma correta e apropriada para faixa etária dos seus alunos e a realidade em que este está inserido. Para complementar as estórias, propôs-se a utilização de músicas e dedoches, permitindo uma apresentação mais dinâmica.

As músicas também foram elaboradas pelo grupo, com melodias conhecidas pelas crianças e professo-

res, como “atirei o pau no gato” e “pirulito que bate--bate”. Para auxiliar no canto, foi utilizado um violão.

Os dedoches foram confeccionados pelos professores durante a oficina, utilizando E.V.A., tesouras, cola--quente e canetinhas, por serem um material de custo acessível e fácil manuseio.

Resultados

A intervenção realizada durante a Feira de Ciências da Metade Sul teve a participação dos alunos da Educação Infantil, que participaram ativamente da proposta realizada pelo grupo interventor através das músicas e de estórias sobre a vida dos insetos (Fig. 1). Além disso, participaram trocando informações e compartilhando o conhecimento que já apresentavam sobre o tema Insetos.

Através da intervenção, percebeu-se que métodos lúdicos permitem ao discente a apropriação de diversos sentidos, onde se pode desenvolver a coordenação através de atividades como o brincar enquanto ele aprende. Assim, tais possibilidades vêm a ser uma alternativa para contribuir na motivação do aluno frente ao ensino, facilitando a transposição do conhecimento cientifico em conhecimento a ser ensinado, levando em consideração a faixa etária na qual esta sendo desenvolvida a atividade.

Figura 1. Intervenção com os alunos Educação Infantil durante a Feira de Ciências
Fonte: Fotografia da autora, 2013

Com relação à atividade desenvolvida com as professoras da Educação Infantil, percebeu-se a participação de forma efetiva das professoras durante a atividade, mostrando-se interessadas em aprender atividades diferenciadas para desenvolverem com seus alunos (Fig.2).

Figura 2. Atividades de produção materiais didáticos pelos professores (dedoches) para uso durante a contagem de estórias. E elaboração de estórias com tema cientifico “insetos”
Fonte: Fotografia da autora, 2013

Conclusão

Através das intervenções e da oficina realizada com os professores de educação infantil percebeu-se que propostas diferenciadas como estórias, músicas e a construção do material pelos discentes são propostas

diferenciadas e possíveis para trabalhar ciências dentro da educação infantil, mostrando alternativas acessíveis para quem executa e dentro do contexto em que o aluno é capaz de entender.

Referências

BARROS, M.D.M.; ZANELLA, P.G.; ARAÚJO-JORGE, T.C. A música pode ser uma estratégia para o ensino de ciências naturais? Analisando concepções de professores da educação básica. Revista Ensaio, Belo Horizonte, v.15, n. 01, p. 81-94, 2013.

BRASIL. Lei n°9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e base da educação nacional. Diário Oficial [da]República Federativa do Brasil, Brasília, DF 20/12/1996.

LAZIER, J.F.C. Desenvolvimento do conceito de meio ambiente com crianças por meio da "contação de histórias": uma contribuição à educação ambiental. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2010.

ESTÁGIO EM GESTÃO ESCOLAR – A IMPLANTAÇÃO DE UM GRÊMIO ESTUDANTIL A PARTIR DA RELAÇÃO ENTRE A FACULDADE DE EDUCAÇÃO- UFPEL E ESCOLA

PALMA, Raquel Guterres
Aluna do Curso de Pedagogia/UFPel, bolsista do PET Educação/UFPel

CALDERIPE, Adriani Ramos
Aluna do Curso de Pedagogia/UFPel, bolsista do PET Educação/UFPel

CAMPOS, Bruna Iasmin Athaide de
Aluna do Curso de Pedagogia/UFPEL, bolsista de monitoria da PRG/UFPel, integrante do grupo de pesquisa do GEPIEM/UFPel

BAIRROS, Mariângela Silveira
Professora Doutora do Departamento de Ensino/FaE/UFPel, coordenadora

No presente trabalho apresentaremos o resultado do Estágio em Gestão Escolar, vivenciado durante o primeiro semestre do ano de 2014. Tendo como base a realização do projeto de implantação do Grêmio Estudantil na escola Brum de Azeredo da cidade de Pelotas/RS, com a finalidade de dar voz aos alunos dentro do ambiente escolar. Processo indispensável na construção da cidadania e democracia da gestão escolar.

Nossa maior expectativa foi criar o Grêmio Estudantil na escola, com o intuito de estabelecer uma união democrática entre o Grêmio composto pelos alunos da escola, gestores, professores e comunidade escolar. E assim, dar início as necessárias articulações para construir alternativas que ponham a educação a serviço do desenvolvimento das relações verdadeiramente democráticas, pois, todas as atividades precisam ser planejadas coletivamente com o corpo escolar desta escola. Nesta constatação observamos que a atuação da escola deve ser democrática dando voz aos alunos criando um vínculo através do diálogo, das práticas reais, contextualizadas e significativas.

Metodologia

Para dar início a este relato e memória deste estágio, vamos considerar os estudos, as discussões e alguns estudiosos sobre o assunto e nossos pontos de vista a partir das nossas experiências e vivências dentro da escola como equipe de gestão responsáveis pela criação, organização e orientação de um projeto com o objetivo de transformar o ambiente escolar através de uma prática pedagógica democrática com responsabilidade, que possa estimular o conhecimento e o desenvolvimento da ação e da união em conjunto, a implantação de um grêmio estudantil.

A gestão democrática é um aspecto que possui grande relevância na educação escolar. Sua função é de organizar, articular recursos materiais, mobilizar ações humanas no sentido da construção dos processos sócio educacionais nas escolas, voltados para a formação dos sujeitos. “A gestão não é um fim em si mesma, mas um meio, cujo principal objetivo é promo-

ver a qualidade do processo de ensino-aprendizagem" (LEDESMA, 2008). A gestão democrática da escola exige uma mudança no pensamento, de todos os membros da comunidade escolar, implica na ação dos usuários da escola e comunidade para que sejam seus gestores e não apenas seus fiscalizadores. Na gestão democrática pais, alunos, professores e funcionários assumem sua parte de responsabilidade pelo projeto da escola.

> "A gestão implica um ou mais interlocutores com os quais se dialoga pela arte de interrogar e pela paciência em buscar respostas que possam auxiliar no governo da educação, segundo a justiça. Nesta perspectiva, a gestão implica o diálogo como forma superior de encontro das pessoas e solução dos conflitos." (BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; GOVERNO FEDERAL DO BRASIL, 2005, p.14)

Ao pesquisar sobre o Grêmio Estudantil descobrimos que já uma preocupação dos órgãos governamentais e não governamentais sobre o assunto, com a preocupação de incentivar estudantes a participação estudantil, foram distribuídos às escolas materiais com informações detalhadas sobre os passos de criação do Grêmio, objetivos e funções.

A UBES (União Brasileira de Estudantes Secundários) lançou um caderno explicativo "Se tem Grêmio, não tem grilo", que aponta caminhos para a formação do Grêmio.

> "Os Grêmios estudantis compõem uma das mais duradouras tradições de nossa juventude. Pode-se afirmar que, no Brasil, como surgimento dos grandes estabelecimentos de ensino secundário nasceram também os Grêmios estudantis que cumpriram sempre, um importante papel na formação e no desenvolvimento educacional, cultural e esportivo da nossa juventude. O Grêmio é a organização dos estudantes na escola. Ele é formado apenas por alunos, de forma independente, e desenvolve atividades culturais e esportivas, jornal, organiza debates sobre assuntos de interesse dos estudantes que não fazem parte do currículo escolar e também organiza reivindicações, tais como compra de livros para a biblioteca, transporte gratuito para estudantes, e muitas outras. Por isso, é muito importante criar Grêmios." (UBES, 2002)

Nosso trabalho foi construído basicamente em 15 idas à Escola, onde pudemos ter contato direto com diretor, vice-diretora, funcionários e alunos. Nesse tempo fizemos as atividades e passo-a-passo descritos no documento para formação do grêmio estudantil da UBES; em nossas idas levamos alguns materiais, na apresentação do primeiro dia, usamos de uma apresentação em slide para introduzir aos alunos o que é o grêmio e folhetos simples e explicativos para auxiliar, também utilizamos de um vídeo onde alunos falam da importância do grêmio estudantil intitulado "FALA SÉRIO – Grêmio Estudantil, como e por quê?" (2011) retirado do site Youtube e deixamos na escola um banner explicativo com informações sobre o grêmio estudantil e sua criação.

Nos demais dias, utilizamos de reuniões com os alunos tanto integrantes da Chapa formada, como os integrantes da comissão pró-grêmio, onde discutíamos sobre quais os trabalhos que deviam ser feitos como: Para os alunos da Chapa – divulgação, como fazer; organização; interação e relacionamento com o diretor; feitura de atas, etc. Para os alunos do pró-grêmio – seus deveres, não poder votar; não fazer boca de urna; organização no dia da votação; feitura de atas, etc.

Resultados

Os princípios do projeto de estágio se articularam ao encontro da criação do Grêmio Estudantil e às questões de direitos e deveres que os alunos têm para com a instituição de ensino, com a responsabilidade de organizar o espaço social que a

escola destinará a eles de forma satisfatória para ambas as partes. Então, a escola e as ações praticadas em nosso estágio para a implantação do Grêmio Estudantil foram totalmente positivas. Tornaram o espaço escolar mais democrático para a mobilização cidadã e um melhor desempenho da aprendizagem, tornando os alunos envolvidos e protagonistas de sua própria história.

É na escola que encontramos espaços fluentes para a pluralidade de ideias elaboradas e articuladas com o contexto cultural da comunidade escola a qual a escola está inserida. Onde foi fundamental a tomada de decisões pelo grupo, o contato direto e as relações estabelecidas nas rotinas diárias dentro da escola, para que se concretizasse o projeto e a elaboração final do relatório de estágio.

Assim o significado desse projeto de estágio proporcionou expandir os nossos conhecimentos, unindo a teoria à práxis para uma ação efetivamente democrática e transformadora dentro da escola.

Conclusão

Nesta constatação temos a certeza que a ação continua do nosso grupo de estágio em Gestão Escolar se fez necessária para começar uma nova caminhada dentro da escola com incentivo, participação e informação. Um grupo que durante o processo trabalhou, pensou e agiu em equipe. E a gestão na escola se define assim "trabalho em grupo", promovendo sempre o espírito de equipe com motivação e inspiração. Com o intuito de fortalecer novas aprendizagens, com a participação de todos.

A Gestão Escolar auxilia, contribuindo para a elaboração e realização de projetos. E os profissionais que compõem o ambiente escolar, devem atuar em equipe, promovendo os resultados desejados. É o querer fazer que muitas vezes se perde e é isso que nos indagamos durante o estágio: "Por que algumas ações ficam perdidas na escola?"

Esperamos que depois de toda a construção e ações conjuntas realizadas nesse projeto de gestão, que a escola fortaleça o trabalho inicial, dando suporte para a sua continuidade. O esforço foi coletivo e assim possibilitou o resultado positivo tão esperado por todos, ao sairmos da escola conseguimos através da participação e articulação entre o nosso grupo e o da mesma, implantar um grêmio estudantil e por essa razão nós temos esse projeto de extensão como um sucesso.

Referências

LEDESMA, M. R. K. Gestão Escolar: desafio dos tempos. 157f. Tese (douturado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

Referências eletrônicas

BRASIL. Ministério da Educação; Governo Federal do Brasil. Boletim 19: Gestão democrática da educação. S.l., Salto para o futuro, 2005. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ppi/lib/exe/fetch.php?media=textos:03_gestao_democratica_textos.pdf>. Acesso em: 05 de janeiro de 2014.

UBES. Se tem Grêmio não tem grilo! UBES É MASSA. s.n., S.l., 2002. Disponível em: <http://www.estudantenet.com.br>. Acesso em: 18 de janeiro de 2014.

Slide de apresentação grêmio estudantil. 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BzLRkjvj9vR1SW1fRFVCQ1VOOTA/edit?usp=sharing> Acesso em: 09 de Agosto de 2014.

Folheto explicativo grêmio estudantil. 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BzLRkjvj9vR1eDJnbkx3VnRkRFU/edit?usp=sharing >. Acesso em: 09 de Agosto de 2014

.

Video FALA SÉRIO – Grêmio Estudantil, como e por quê? 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NUvFvdBSzsY>. Acesso em: 05 de Janeiro de 2014.

Banner Explicativo grêmio estudantil. 2014. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BzLRkjvj9vR1RmhwX1RGY2lueGc/edit?usp=sharin g>. Acesso em: 09 de Agosto de 2014.

ESTÍMULO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO À ESTUDANTES DA ZONA RURAL

PERES, André Fernandes
Aluno de residência em Saúde Pública/UFPel

PETER, Cristina Mendes
Aluna de mestrado em Veterinária PPG/UFPel

PICOLI, Tony
Aluno de doutorado em Veterinária PPG/UFPel

ROSIN, Julia
Aluna do curso de Medicina Veterinária/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

ZANI, João Luiz
Professor do Departamento de Veterinária Preventiva/ UFPel, orientador

O estímulo ao conhecimento é de fundamental importância para despertar a vontade de aprender. Segundo BLANCO (2007), a interatividade é a peça chave para o estímulo ao conhecimento. De acordo com o Caderno Educação (2014), o ideal é que este estímulo comece desde a primeira infância e seja reforçado por toda a vida.

Embora o meio rural abrigue apenas 13% dos estudantes brasileiros, metade das escolas públicas localizam-se neste meio. SANTANA (2014) aponta que o problema é a deficiência nestas escolas, tendo alunos com tempo médio de permanência em sala de aula de apenas quatro anos, talvez porque 50% destas escolas apresentam condições precárias de ensino. Assim sendo, o estudante não se sente estimulado para aprender. Segundo FONSECA (2011) de nada adianta encher os estudantes de livros e regras se não forem estimulados a pensar.

O Laboratório de Bacteriologia e Saúde Populacional (LABASP) é parte integrante da Faculdade de Veterinária (FV) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e desenvolve atividades de pesquisa com pequenos agricultores produtores de leite e saúde pública. Com foco nestas prerrogativas, a equipe do LABASP desenvolveu atividades educativas para alunos e professores buscando modificar a perspectiva de aprendizado de crianças e adolescentes de escolas do meio rural, na zona sul do Rio Grande do Sul. As atividades envolveram diversas áreas, como zoonoses, virologia, parasitologia e bacteriologia.

Metodologia

As atividades foram desenvolvidas em parceria entre a Universidade Federal de Pelotas e escolas públicas municipais e estaduais, localizadas no meio rural e envolve estudantes filhos de pequenos agricultores da região. O trabalho é conduzido através de visitas ao LABASP e outros laboratórios da universidade.

Visitas dos alunos ao LABASP: Para visitação ao laboratório, os alunos foram conduzidos em ônibus alugado para o projeto, juntamente com professores representantes de suas escolas, mediante autorização dos pais ou responsáveis.

Ao chegarem no LABASP, primeiramente é feita

uma palestra explicando a importância e o foco de trabalho do laboratório e os procedimentos básicos que estes poderão realizar durante a visita, após os alunos tem a oportunidade de conhecer os equipamentos e o andamento dos processos lá realizados como a detecção e identificação de bactérias presentes no leite.

É explicado aos alunos o funcionamento de equipamentos como estufas, autoclaves, destilador, balança de precisão, agitador magnético, banho maria, balança de precisão, banco de fluxo, pipetas, bico de Bunsen, microscópios entre outros. Assim como os equipamentos, também são explicados alguns procedimentos, como preparo de meios de cultura, esterilização de materiais e preparo de lâminas. Os alunos tem oportunidade de executar passo a passo todo o procedimento de coloração de gram, desde a semeadura das lâminas até a observação destas em microscópios e fazer a identificação bacteriana através de testes bioquímicos.

Após a realização da técnica e identificação das bactérias, os alunos tem oportunidade de uma rodada de perguntas e respostas sobre os assuntos abordados e dúvidas sobre como proceder para trabalhar naquele local. Palestras ministradas:

Nas palestras ministradas explica-se o funcionamento do laboratório, abordando o tema de microbiologia básica. Explica-se o que é uma bactéria, qual sua importância na natureza, doenças produzidas por bactérias, coloração de gram, agrupamentos bacterianos e como se dá a contaminação de alimentos e animais, contaminação ambiental e medidas de higiene e prevenção de doenças em animais.

Resultados

Com o presente trabalho, consegue-se ampliar a visão de conhecimento e ambições de formação profissional dos jovens. As informações passadas são utilizadas em trabalhos escolares pelos professores, gerando maior aproveitamento do conhecimento sobre a atividade laboratorial e das atividades fora do ambiente escolar, além da oportunidade de conhecer o ambiente universitário fora do meio rural. A longo prazo, espera-se uma mudança cultural, de forma que os jovens de escolas do meio rural vejam a importância de avançar nos estudos além do oferecido naquele meio, e especializando-se em áreas profissionais, como forma de melhorar o padrão de vida da população.

Conclusão

A execução dessas atividades é de extrema importância, pois oportuniza aos jovens do meio rural conhecer uma realidade bem diferente da vivenciada por eles e seus familiares. As crianças que visitaram mais de uma vez o laboratório, demonstram maior interesse, o que justifica a importância de ser mostrada a essas crianças as diversas possibilidades acadêmicas existentes. Projetos como o referido estimulam o jovem a querer estudar além do que seus pais estudaram e buscar novas áreas do saber e novas profissões, dando novos rumos para suas vidas.

Referências eletrônicas

Artigo “Escola Rural” por Ana Lúcia Santana. Disponível em: http://www.infoescola.com/educacao/escola-rural/; acessado em 14/08/2014.

Artigo “Estímulo ao conhecimento faz diferença na formação”. Disponível em: http://www.cadernodeeducacao.com.br/news/estimulo-ao-conhecimento-faz-diferen%C3%A7a-na-forma%C3%A7%C3%A3o/; acessado em 14/08/2014.

Artigo “Estimulo nos três primeiros anos é fundamental” por Gisela Blanco,2007. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/estimulo-tres-primeiros-anos-fundamental-419560.shtml; acessado em 14/08/2014.

Artigo “O estímulo ao pensamento “por Rogério da Silva Fonseca, 2011. Disponível em: http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/152/artigo234694-1.asp; acessado em 14/08/2014.

EXPOGEN - DESVENDANDO O SEGREDO DA VIDA: DA DUPLA HÉLICE À ERA PÓS-GENÔMICA

SANTOS, Priscila Silveira dos
Discente do Curso de Bacharelado em Biotecnologia/ UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

DALLMANN, Camila Müller
Discente do Curso de Bacharelado em Biotecnologia, bolsista PROBEC/UFPel

ABREU, Helene Santos de
Mestranda do PPGCTA/ DCTA/FAEM/UFPel

MELLO-FARIAS, Paulo Celso de
Professor do Departamento de Fitotecnia/FAEM/UFPel, orientador

CHAVES, Ana Lúcia Soares
Professor do Núcleo de Bioquímica/CCQFA/UFPel, orientador.

Nas últimas décadas, avanços científicos têm sido alcançados referentes à pesquisa em Bioquímica, Biologia Molecular e Biotecnologia. Esses conhecimentos proporcionam melhorias significativas na qualidade de vida do homem e na exploração sustentável dos recursos naturais, através da geração de novas alternativas tecnológicas para a agricultura, a pecuária, a saúde e o meio ambiente, abrindo novas perspectivas, principalmente na medicina, farmacêutica e nutrição. Novas vacinas, alimentos mais nutritivos, combustíveis alternativos, medicamentos mais eficientes e produtos transgênicos fazem parte do dia-a-dia de todos, mesmo que de forma imperceptível.

Entretanto, a Biotecnologia chega até a sociedade sob a forma de produtos e processos, sem que a mesma tome conhecimento de que tiveram origem em centros de pesquisa envolvendo as áreas do conhecimento citadas. Dentro desse contexto, a Universidade tem a obrigação, através de ações como EXPOGEN, de ultrapassar seus muros e levar informação fidedigna à comunidade, socializando e relacionando o conhecimento de forma atrativa, lúdica e simplificada. Somente assim o cidadão comum terá condições de se posicionar frente às novas biotecnologias existentes, à luz da ciência. Durante muito tempo a Biotecnologia foi considerada uma ciência do futuro; no entanto já está na hora de encará-la como uma ciência do presente.

Sendo assim a EXPOGEN tem como objetivo levar a comunidade escolar e universitária da cidade de Pelotas-RS, conhecimento científico e avaliar o retorno da comunidade em relação à proposta do projeto a respeito dos conhecimentos transmitidos principalmente em Biotecnologia, Genética e Biologia Molecular.

Através de ações como a exposição científica, pode-se proporcionar inclusão social em ciência, tecnologia e inovação, no que diz respeito aos avanços da biotecnologia e seus impactos para a qualidade de vida do homem e a sustentabilidade do ambiente.

Metodologia

Primeiramente realizou-se a pesquisa bibliográfica sobre os temas abordados pelo projeto, através de livros e páginas na internet. Após a revisão bibliográfica, passou-se para a fase de elaboração de banners com

textos, imagens e infográficos. Planeja-se a elaboração de folders, flyers, um blog e uma fanpage no Facebook para a divulgação da proposta EXPOGEN, e para possibilitar um retorno do público alvo.

A fase seguinte será a de contato com as escolas e apresentação da exposição, dando prioridade para as instituições públicas. Também está previsto a divulgação da exposição nos campi da Universidade Federal de Pelotas.

Resultados

O projeto prevê resultados bastante relevantes. Acredita-se que haverá bastante interesse por parte dos alunos e professores pelos temas abordados na exposição.

O contato com a rede escolar de Pelotas será fundamental para o desenvolvimento, formação de opinião e esclarecimento sobre informações relacionadas à área de Biotecnologia e de inovações tecnológicas.

Uma população cuja educação é deficitária quanto às descobertas recentes em áreas como a Biotecnologia pode ter seu progresso limitado. Diariamente depara-se com o novo, e é fundamental esclarecer o que é mostrado na mídia, por exemplo, a respeito de produtos transgênicos, DNA e vacinas. A iniciativa do projeto possibilitará à comunidade escolar o acesso à informação, informando que se pode ter mais qualidade de vida, tornando os alunos cientes da importância das pesquisas na universidade, das vantagens adquiridas com novas tecnologias e envolver-se em diálogos sobre o que é desenvolvido na academia, além de levar conhecimentos que utilizarão em a sua vida. O ensino precisa estar direcionado para desenvolver competências que permitam aos alunos lidarem com novas informações, compreendê-las, elaborá-las, e envolvê-los com os temas de reportagens que estes poderão entender e demonstrar uma posição sobre esses assuntos. O errado é adquirir resistência sobre as vantagens da aplicação das tecnologias, como a Biotecnologia, pois é necessário esclarecer com ética e segurança os benefícios, e se há desvantagens. Com isso, criaram-se tabus, preconceitos, como por exemplo, o que ocorre com os produtos transgênicos, que precisam ser desconstruídos.

Conclusão

O projeto vem preencher uma importante lacuna na difusão de informações sobre os avanços de ciências como a Biotecnologia, Biologia Molecular e Bioquímica, dentro da comunidade escolar, como forma de disseminação desses conhecimentos para a comunidade em geral.

Referências

Chaves, A.L.S. Biologia molecular para iniciantes. 2Ed. Pelotas: Editora UFPEL, 2006. 160 p. Chaves, A.L.S.

Dryden, G. & Vos, J. Revolucionando o aprendizado. São Paulo: Makron Books, 1996.

Falcetta, A. et al. Cem anos sem tédio: Língua Portuguesa: sugestões práticas, dinâmicas e divertidas para o professor. Porto Alegre: Padre Réus, 2000.

Liolios K; Tavernarakis N; Hugenholtz P; Kyrpides, N.C. The Genomes On Line Database (GOLD) v.2: a monitor of genome projects worldwide NAR 34, D332-334.

Lincho, P.R. & Ulbricht, V.R. Uma abordagem ergonômica dos recursos visuais projetados. XIV C ongreso Internacional de Ingeniería Gráfica, Espanha, 2002.

Watson, J.D.; Berry, A. DNA - O segredo da Vida. Ed. C ompanhia das Letras. 2005. 480p.

DNA: 50 Anos de Dupla Hélice. 2003. Cold Spring Harbor Laboratory. Disponível em: www.cshl.org. Acesso em maio de 2014.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Disponível em: www.fapesp.gov.br. Acesso em maio de 2014.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: www.fapergs.rs.gov.br. Acesso em dezembro de 2013.

Genome Illustrations. Disponível em: www.genome.gov. Acesso em outubro de 2012.

Human genome Project. Disponível em: ww.ornl.gov/sci. Acesso em dezembro de 2013.

EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA: ENCONTROS SOBRE O PODER ESCOLAR

SILVA, Nitiane Bitencourt da
Aluna do Curso de Pedagogia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

CAVALHEIRO, Tatiane Duarte
Aluna do Curso de Pedagogia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

CARLOS, Lígia Cardoso
Professora do Departamento de Fundamentos/FaE/UFPel, coordenadora

DALL'IGNA, Maria Antonieta
Professora aposentada do Departamento de Fundamentos/FaE/UFPel.

Este texto refere-se a um projeto de extensão universitária da Universidade Federal de Pelotas voltado para a formação continuada de professores/as da educação básica que atuam, principalmente, na região Sul do Rio Grande do Sul. É uma ação interinstitucional, iniciada em 2001, coordenada pela Faculdade de Educação da UFPEL, que reúne sete instituições: a Universidade Federal de Pelotas, a Universidade Católica de Pelotas, a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas, a 5ª Coordenadoria Regional de Educação, Instituto Federal SulRiograndense, o Conselho Municipal de Educação de Pelotas e o 24º Núcleo do CPERS-Sindicato. Esse caráter de organização coletiva, presente desde o seu início, revela um processo de colaboração que garante a sua realização com reconhecido sucesso.

O projeto tem como objetivos valorizar os profissionais do ensino; contribuir para a sua formação e, consequentemente, para a qualificação do trabalho docente; assim como, cooperar para que a escola, no exercício de sua autonomia, possa construir um Projeto Pedagógico de acordo com as necessidades da sua comunidade a fim de atingir o foco principal: a qualificação da educação escolar. A proposta fundamenta-se em quatro pressupostos: os professores, na sua prática pedagógica, produzem saberes, os saberes da experiência (TARDIFF, LESSARD e LAHAYE, 1991); os professores aprendem na troca de experiências, no encontro, no trabalho conjunto e colaborativo (FULLAN & HARGREAVES, 1999); o exercício da reflexão crítica sobre a prática é uma exigência da relação entre a teoria e a prática na qual evitamos o ativismo e o discurso descolado da realidade objetiva (FREIRE, 1997, p.24) e, finalmente, o entendimento de que as mudanças desejadas na educação escolar dependem da construção coletiva, democrática e autônoma de seus projetos (Paro, 2001).

Metodologia

Desenvolve-se através de ações com toda a comunidade escolar: professores/as, alunos/as, pais, mães e equipes diretivas; na escola e em encontros regionais de cada segmento. A culminância é um evento bianual (Encontros sobre o Poder Escolar) que conta

com a presença de 1500 participantes, em média. Nesse evento os profissionais da educação, através das "Mesas de Apresentação de Experiências", tornam-se protagonistas da sua formação apresentando e discutindo suas práticas e projetos pedagógicos. Além disso, participam de conferências, painéis e atividades culturais. Assim, os Encontros se caracterizam por reunir os saberes acadêmicos em conferências e painéis e os saberes da prática com a apresentação de experiências e projetos de professores/as e de gestores/as de escolas.

Resultados

A relevância dos Encontros sobre o Poder Escolar no contexto educacional da região, como espaço/tempo potencial de formação permanente, está no seu formato e na sua permanência. Participar dos Encontros faz parte da rotina de formação de muitos profissionais da educação: 64% dos inscritos em 2010 já haviam participado de encontros anteriores, 5,5% participaram de todos os encontros e 30,5% participaram pela primeira vez.

Na história desse projeto de extensão diferentes ações e dinâmicas foram se sucedendo. Nos últimos anos ampliaram-se as possibilidades de diálogo entre a comunidade escolar com a realização de quatro atividades acrescidas: curso Redes de Poder (2008-2010), o qual desenvolveu uma reflexão crítica sobre as práticas dos professores que apresentaram experiências em edições anteriores; encontros Voz dos Estudantes, a partir de 2008, Voz dos Pais, a partir de 2010 e a Voz das Equipes Diretivas iniciada em 2011. O desafio de organizar e promover situações de encontro para ouvir as diferentes vozes dos segmentos que compõem a comunidade escolar foi, paulatinamente, sendo incorporado às dinâmicas do projeto, ou seja, foram feitas propostas nas escolas, posteriormente desenvolvidas e discutidas em encontros menores e socializadas no evento de culminância.

Para muitos profissionais da educação participar dos Encontros sobre o Poder Escolar é uma atitude incorporada à rotina de formação, seja assistindo, seja apresentando experiências de sala de aula. As avaliações permitem afirmar que, nesses encontros, os docentes desenvolvem um processo de reflexão sobre a própria prática, resultando em aprendizagens e novas práticas.

De acordo com a natureza da proposta do Encontro, a forma mais concreta de valorização dos profissionais da educação são as Mesas de Apresentação de Experiências, onde os saberes produzidos nas escolas e salas de aula são apresentados e discutidos. Elas nos ajudam a tecer considerações na perspectiva de compreensão da prática docente e dos saberes dos professores. Investir na formação continuada a partir da socialização e discussão coletiva de suas próprias práticas evoca a questão dos saberes como um dos aspectos considerados nos estudos sobre a identidade da profissão do professor (PIMENTA, 1999). Leva em conta que essa identidade é constituída considerando os significados sociais e culturais da profissão e de suas práticas, bem como os sentidos das teorias confrontadas com as necessidades da realidade. Nessa perspectiva, aprofunda o fato de se valorizar o docente num processo de auto formação, de reelaboração dos saberes iniciais cotejados com sua prática vivenciada. Assim, seus saberes são reelaborados e fortalecidos a partir de uma reflexão na e sobre a prática. Essa perspectiva reflexiva vem se apresentando e se consolidando como uma política de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e das instituições escolares.

Conclusão

Assim, passada uma década, o projeto de extensão permanece fundamentado em duas premissas: a primeira, que os professores e professoras, em parceria com os demais segmentos da comunidade escolar, aprendam na troca de experiências, no encontro, na discussão coletiva e no trabalho colaborativo e a segunda, que o exercício da reflexão crítica qualifica as práticas escolares. Finalizando, é importante registrar nossa compreensão na qual a formação de professores no interior da universidade pode se ressignificar através das ações de extensão. Identificamos essa capacidade na medida em que muitos docentes que fizeram conosco sua formação inicial e estão hoje trabalhando nas escolas, socializam, através do evento de extensão, avanços na compreensão de seus saberes e fazeres. Porém, ainda não conseguimos nos apropriar desse recurso da extensão para realimentar nossas ações de ensino e pesquisa. A indissociabilidade permanece um desafio diante de todo o potencial que temos disponível.

Referências

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FULLAN, M.; HARGREAVES, A. A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade. 2 ed, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PARO, V. H. Administração escolar e qualidade do ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso? In: PARO, Vitor Henrique. Escritos sobre educação. São Paulo: Xamã, 2001, p. 101-112

PIMENTA, S. G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

TARDIFF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Os professores face ao saber. Esboço de uma problemática do saber docente. Teoria e Educação, n.4, Porto Alegre: Pannônica, 1991.

FORMAÇÃO EM PRESERVAÇÃO AMBIENTAL EM ESCOLAS RURAIS

PETER, Cristina Mendes
Aluna de mestrado em Veterinária PPG/UFPel

PERES, André Fernandes
Aluno de residência em Saúde Pública/UFPel

PICOLI, Tony
Aluno de doutorado em Veterinária PPG/UFPel

PONZILACQUA, Barbara
Aluna do curso de Medicina Veterinária/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

ZANI, João Luiz
Professor do Departamento de Veterinária Preventiva/ UFPel, orientador.

A palavra ambiental da expressão Educação Ambiental (EA), apenas adjetiva, qualifica um processo mais amplo que é o processo educacional. Desse modo, a EA é uma das extensões presentes na educação (GUIMARÃES, 2007).

Na sociedade há diversos projetos educacionais que atentam diferentes visões de mundo e que delas procedem. Sendo que, algumas ideias mais conservadoras outras mais críticas. Ideias conservadoras são aquelas visões de mundo comprometidas com o interesse em manter o modelo de sociedade atual e como críticas, as propostas voltadas para as transformações da sociedade em direção à igualdade e à justiça social (GUIMARÃES, 2007).

A escola representa um espaço de trabalho fundamental para iluminar o sentido de luta ambiental e fortalecer as bases de formação para a cidadania, apesar de carregar consigo o peso de uma estrutura desgastada e pouco aberta às reflexões relativas à dinâmica socioambiental (SEGURA, 2001). Contudo, isto não significa que a EA limita-se ao ambiente escolar, pelo contrário, cada vez expande-se para os mais diversos setores sociais envolvidos na luta pela qualidade de vida. E esse fato não poderia ser diferente, uma vez que toda a sociedade tem responsabilidade sobre os impactos da ação humana sobre o ambiente (SEGURA, 2001).

Diante do exposto, este trabalho teve por objetivo, a conscientização ambiental e sócia cultural com estudantes da zona rural do Município de Pelotas/ Rio Grande do Sul, através de visitas e palestras em locais de preservação ambiental, bem como Museus de Tecnologia.

Metodologia

O presente trabalho foi realizado com estudantes oriundos de escolas públicas da zona rural, e através de visitas e palestras teve por objetivo desenvolver e aperfeiçoar conceitos a cerca de meio ambiente, ciência e tecnologia a respeito da temática em questão.

Escolas Rurais: O trabalho foi desenvolvido com quatro escolas da zona rural. O Projeto foi conduzido com estudantes de escolas públicas municipais e estaduais, filhos de pequenos agricultores. O trabalho foi conduzido através de visitas a locais relacionados às diferentes temáticas abordadas.

Locais Visitados: Foram realizadas diversas visitas com os alunos a locais referentes à temática ambiental e sociocultural. As visitas eram guiadas pelos professores das escolas e pelos integrantes do projeto. Os locais visitados pelos alunos eram registrados através de imagens produzidas pelos próprios estudantes através de câmeras digitais fornecidas pelo projeto. Através das visitas aos locais como ao Ecocamping Municipal de Pelotas, Colônia de Pescadores de Pelotas (Z3) os alunos tiveram a oportunidades de conhecer estes lugares de fauna e flora e discutir a respeito das formas de preservação desses locais. Como também foi visitados o Museu Oceanográfico da Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e Ilha da Pólvora, onde nesses locais foram vistos animais marinhos vivos e empalhados pertencentes à região, riscos de extinção destes animais, formas de conservação da flora e fauna local e cuidados com o patrimônio histórico e cultural da região.

Ainda, dentro das atividades decorridas ao longo do projeto, os alunos tiveram a oportunidade de conhecer o Museu de Ciências e Tecnologia da Pontífica Universidade Católica (PUCRS) e também o Jardim Botânico de Porto Alegre. Através da visita ao Museu que é um espaço de formação e informação, os alunos puderam conhecer mais sobre a Ciência e a tecnologia através de forma interativa. E ainda no Jardim Botânico, os alunos conhecer os jardins do local que são campo para estudos florísticos, catalogação de novas espécies botânicas, plantas medicinais, plantas nativas, animais da fauna regional e discutir a respeito da conservação do ambiente.

Palestras ministradas Por Discentes e Docentes da Universidade: Durante as visitas aos diversos locais foram ministradas palestras pelos alunos e professores da universidade, a cerca da temática abordada do local visitado. Através da exposição de dados e fotos referentes aos locais visitados.

Resultados

Foi possível trabalhar na sala de aula os temas relacionados com as atividades que resultou em importante produção de conhecimento pelos alunos sobre a biodiversidade e conservação ambiental. Também, em exposições de fotografias nas escolas com participação de pais e de moradores da região, além da oportunidade de conhecer lugares diferentes fora do âmbito rural e a partir disso conhecer mais sobre questões importantes sobre o meio ambiente e também ciência e tecnologia.

Conclusão

Conclui-se que estas atividades de extensão são muito importantes, pois oferecem a oportunidade de estudantes da zona rural de menor poder aquisitivo discutir sobre questões ambientais, ciência e tecnologia, estimulando-os assim pela busca de conhecimento cientifico e cultural, abrindo horizontes e contribuindo para o seu crescimento pessoal e futuramente para o crescimento profissional dos estudantes pertencentes às escolas do projeto.

Referências

GUIMARÃES, M. Educação Ambiental: No consenso um Embate? Papirus editora, Campinas, São Paulo, Brasil. 2007, 87 p.

SEGURA, D. de S. B. Educação Ambiental na escola pública: Da curiosidade ingênua à consciência crítica. Anablume editora, São Paulo, Brasil. 1 ed. 2001. 214p.

GÊNERO, EDUCAÇÃO E ARTE EM UM PROGRAMA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

BASTOS, Andressa da Rocha
Aluna da Licenciatura em Pedagogia/UFPel, bolsista PROEXT/UFPel

SILVA, Márcia Alves da
Professora da Faculdade de Educação/UFPel, coordenadora

Este trabalho refere-se a um programa de extensão em andamento, denominado "Gênero, educação e arte: artesania, arte popular e formação em oficinas de criação coletiva", que busca articular diversas iniciativas, partindo do tripé 'gênero, educação e arte', no sentido de promover ações com mulheres que contribuam para um processo de emancipação das participantes. Essa experiência tem sido financiada pelo Edital PROEXT 2014. Nosso programa se baseia no potencial da arte como transformadora das relações sociais e de conhecimento, além da construção dos sentidos do trabalho feminino e sua relação com a categorização de gênero e histórias de vida das mulheres participantes. Estas se manifestam na forma de narrativas orais e na produção artística, nas Oficinas de Criação. Nosso programa de extensão busca incorporar grupos com perfis distintos de mulheres da região vinculados à diversos grupos de vulnerabilidade social, além de discentes das licenciaturas da UFPel; professores/as e alunos/as da rede de ensino. A união destas diversas iniciativas e sua configuração em um Programa articula pesquisa, ensino e extensão acadêmicos e amplia o alcance das ações implementadas.

A proposta é interdisciplinar e se ancora, especialmente, nos estudos de gênero e na arte-educação. O artesanato é visto aqui como uma importante ferramenta para a abordagem do universo feminino. As Oficinas de Criação Coletiva, Cultura Visual, Artesanato e Arte Popular se materializam como espaços de construção coletiva e de trocas de experiências de vida onde, aos poucos, a intenção é que as mulheres envolvidas valorizem o que fazem, reconheçam o artesanato como arte e como trabalho feminino e não como algo 'menor' e que, para os grupos mais vulneráveis, se materialize como uma possibilidade de geração de renda.

A intenção desse programa é propiciar espaços de fruição, criação e conhecimento em arte e cultura para mulheres pertencentes aos grupos participantes, estabelecendo uma aproximação e um diálogo entre eles, tendo a artesania como um vínculo em comum. O conceito de divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2003; HIRATA & KERGOAT, 2007), localizado dentro da lógica da teoria feminista, é o suporte teórico que possibilita a abordagem das trajetórias de gênero e

trabalho feminino, enquanto o referencial da arte-educação busca dar conta do fazer artesania.

O artesanato imbrica-se com a arte e com a educação na perspectiva de uma educação estética. Duarte Jr. (2001) refere-se a um esgotamento das formas de ensino puramente racionais e a emergência da necessidade de uma Educação Estética, categoria que possibilita produção de vida, trabalho e sentido. Nesta perspectiva, as Oficinas de Criação Coletiva (MEIRA, 2007), agregam Educação, Trabalho, Artesanato e Arte, para resgatar potencialidades criadoras, expressivas, sensíveis e de conhecimento de seus participantes, além de ressignificar suas práticas profissionais e existenciais.

Como objetivo geral, essa proposta busca contribuir com a inclusão de grupos de mulheres no âmbito de um espaço de criação e de vivências junto à arte e à educação, incluindo docentes da rede de ensino e acadêmicas da UFPel, proporcionando formação e criação coletiva com arte popular e artesania.

Dessa forma, temos as seguintes metas dessa proposta:

- Estabelecer uma aproximação com as trajetórias das mulheres em atividades no mundo do trabalho artesanal;

- Possibilitar identificar os saberes das mulheres envolvidas, o que significa buscar a compreensão dos seus próprios processos de formação;

- Promover a percepção das mulheres envolvidas de suas próprias trajetórias de formação, visando uma maior compreensão de suas vidas e do quanto suas experiências são constituidoras de suas trajetórias;

- Identificar o quanto o trabalho é produtor de saberes das mulheres envolvidas;

- Identificar possíveis vínculos entre a formação docente e o trabalho artesanal, estabelecendo um diálogo entre identidade feminina e docência;

- Implementação de oficinas de criação coletiva na modalidade de artesanato com as participantes, como forma de estabelecer aprendizagens no mundo artesanal, visando o aprimoramento das técnicas trabalhadas pelas participantes, qualificando seu trabalho, possibilitando uma ampliação da renda de alguns grupos.

Metodologia

A metodologia utilizada considera a diversidade das propostas, bem como a parceria com grupos comunitários e a inclusão de alunos como ministrantes, além dos professores, como modo de estabelecer o vínculo de entre ensino, extensão e pesquisa.

E a avaliação envolve os grupos participantes nas etapas de desenvolvimento e análise dos resultados.

Quanto à metodologia, os procedimentos constam de diagnóstico das especificidades de cada grupo, elaboração, organização e realização das Oficinas; organização de eventos, mostras, seminários e publicações de resultados.

A proposta teórico metodológica adotada é oriunda da corrente denominada pesquisa-formação, a partir do referencial construído por Marie-Christine Josso (2004, 1999), Pierre Dominicé e Gaston Pineau entre outros pesquisadores.

Trata-se de perceber o processo criativo e de vivência estética nas oficinas também como parte da uma trajetória de vida de todos os envolvidos, enquanto uma oportunidade para se refletir sobre sua trajetória, na perspectiva de se projetar o futuro, tanto do grupo como individualmente.

Portanto, nessa perspectiva metodológica, o processo de investigação não trata simplesmente de descrever os elementos que compõem o objeto da pesquisa, mas de apreendê-los historicamente em seus processos, numa totalidade que não se reduz a uma descrição de sua composição, mas se refere a um todo significativo que apreende o objeto como expressão de sujeitos humanos em determinadas condições históricas.

Resultados

Como a profissão docente tem se constituído, cada vez mais, em uma profissão majoritariamente feminina, um dos principais alvos da proposta são as acadêmicas de cursos de licenciatura da UFPel. Em função de outras investigações que temos encaminhado com esse grupo, temos percebido que há uma aproximação grande entre acadêmicas e o fazer artesanal. Muitas alunas tem envolvimento e experiências em artesania. Por isso, usamos o artesanato como uma forma de discutir gênero e identidades femininas também na formação docente. Inclusive docentes do programa de extensão ministram disciplinas que discutem a temática em cursos de licenciaturas da Universidade.

Nosso programa de extensão vem a se somar a essa iniciativa, aproximando e ampliando a discussão com a incorporação de outros grupos de mulheres que tem participado, como catadoras, professoras e professores da rede de ensino, alunas e alunos de EJA, agricultoras de assentamentos do MST, entre outras

que possam se agregar no decorrer da caminhada.

Figura 1: Mulheres agricultoras do MST participantes do Programa de Extensão Gênero, Arte e Educação
Fonte: Acervo do Programa. Abril de 2014

As oficinas se formam com o intuito de, além de possibilitar a aprendizagem em artesania, abordar a temática de gênero entre as participantes e coletar dados para a pesquisa, na forma de narrativas orais e também artesanais, pois as participantes sempre são provocadas a contarem suas histórias na produção que realizam. Diversas oficinas foram realizadas até agora. Citamos algumas: crochê, flores artificiais, fuxicos, bijuterias, papel machê, materiais reciclados (garrafas pet, papel, caixas de leite, etc.), tecelagem.

Além disso, foram realizadas como momentos de formação, mostra de cinema – denominada Gênerus Cine Clube para professoras da rede de ensino da cidade, trazendo a abordagem do universo feminino e ampliando a discussão e o debate de gênero entre as participantes. Também foi realizado neste primeiro semestre oficinas de histórias em quadrinhos, problematizando as mulheres heroínas apresentadas nas HQ's.

Conclusão

A concretização do programa pode contribuir no que se refere ao universo do trabalho feminino, no sentido de valorizar as produções artesanais como elemento constituidor das identidades femininas. Nossa experiência tem mostrado que é praticamente unânime a presença do artesanato em algum momento da vida de mulheres, especialmente na infância. A partir dessa concepção, pensar no feminino implica pensar nos mais diversos trabalhos femininos, que muitas vezes se mantém na invisibilidade do espaço doméstico. Portanto, a proposta pode contribuir em um processo de elaboração de um campo teórico sobre o trabalho feminino, que venha a ampliar o acúmulo teórico de produção da teoria feminista.

Figuras 2 e 3: Oficina de artesania na Escola Municipal Piratininho de Almeida
Fonte: Acervo do Programa. Jun. 2014

Além disso, as atividades de extensão, especialmente no que se referem às oficinas, além de serem momentos importantes da pesquisa, também possibilitam novas aprendizagens em artesanato, com novas técnicas ou aprimoramento de técnicas artesanais já conhecidas. Essas atividades podem contribuir na qualidade do trabalho artesanal, ampliando, dessa forma, as possibilidades de geração de renda em alguns grupos participantes.

Referências

DUARTE Júnior. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. 5 ed. São Paulo: Criar, 2001.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. In: Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

IASI, Mauro Luis. Ensaios sobre consciência e emancipação. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, Marli; et al (orgs.). Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p.55-63.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. Los cautiveros de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4. ed. México: UNAM, 2005, 884 p.

MEIRA, Mirela. Metamorfoses pedagógicas do sensível e suas possibilidades em oficinas de criação coletiva. 2007. 148 f. Tese. (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SILVA, Márcia Alves da. Alinhavando, bordando e costurando... possibilidades emancipatórias de trajetórias de trabalho de mulheres artesãs em uma cooperativa popular de Pelotas. 2010. 180f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Vale do Rio dos Sinos, Unisinos.

VIEIRA da Cunha, S. DOS SANTOS, Vera B. Prefácio. In: HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual. Porto Alegre: Mediação, 2007.

GRUPO DE ESTUDOS EM ANIMAIS SILVESTRES: RELATO DA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO

MARCANÇOLI, Renata Karina Marconi
Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPel, Gestora Ambiental, Coordenação GEAS/UFPel

MENEZES, Paulo Quadros de
Aluno do Curso de Medicina Veterinária/UFPel, Coordenação GEAS UFPel

VIEIRA, Fabíola Cardoso
Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPEL, Coordenação GEAS/UFPel

BARBOSA, Jéssica Sevilha
Aluna do Curso de Medicina Veterinária/UFPel, Comunicação GEAS/UFPel

BEHLING, Greici Maia
Bióloga NURFS/UFPel, orientadora

O Brasil é um país considerado megadiverso, e os desafios que envolvem a conservação e investigação sobre animais selvagens possuem a mesma dimensão (DA SILVA, 2006). Heizer, apud LANGE et al. (2013) salienta que a Terra é habitada por 47 mil espécies de vertebrados , incluindo a humana e cerca de 50 espécies domésticas; todo o restante é composto por animais selvagens. A partir destes dados, o estudo sobre animais selvagens assume considerável relevância, ao despertar a consciência da sociedade no tocante à conservação animal. Reitera-se ainda que, considerando a responsabilidade social e econômica, aliada à diversidade das espécies, observa-se a comunhão entre a Medicina da Conservação e a Biologia Conservacionista (LANGE et al., 2013).

Com a missão de fortalecer e amplificar a área de animais selvagens nas universidades do Brasil, formou-se o Grupo de Estudos em Animais Selvagens (GEAS), cujas sedes espalhadas em todo o país, cada qual com seu estatuto, oferecem acessória de alto nível aos grupos de estudos, promovendo encontros sociais, jornadas acadêmicas de qualidade, gerando intercâmbio de informações e incentivando a capacidade empreendedora do aluno (GEAS BRASIL, 2013).

O Grupo de Estudos de Animais Selvagens tem o objetivo de complementar a grade curricular do curso de Medicina Veterinária, deficiente no tema de animais silvestres, por meio de palestras teóricas e/ou práticas realizadas por docentes, discentes, pós-graduandos ou profissionais liberais; discutir casos ou temas propostos através da leitura e apresentação de artigos científicos ou relatos de casos; trocar experiências em estágios, cursos ou eventos entre os estudantes participantes; agregar estudantes para desenvolver pesquisas na área; organizar um serviço de atendimento a animais silvestres; auxiliar centros de conservação, criatórios, zoológicos ou outras instituições, além de conscientizar a população da região sobre assuntos relativos a animais selvagens.

Sendo assim, o GEAS, da Universidade Federal de Pelotas, surgiu sob o intuito de difundir conhecimentos a respeito da fauna silvestre e exótica na comunidade acadêmica e local.

Metodologia

A formação do grupo de estudos ocorreu através de processo seletivo, em etapa única, pelo qual os inscritos foram avaliados a partir de prova discursiva, e cujo tema permeava conhecimentos básicos sobre animais selvagens, cargo pretendido, e de que maneira o interessado poderia contribuir na formação da equipe. A avaliação dos selecionados prosseguiu-se pelo NURFS - UFPel (Núcleo de Reabilitação de Fauna Silvestre) e o resultado foi seguidamente divulgado em sua página institucional, conforme edital.

O GEAS é formado por 19 integrantes, sendo que 13 cursam graduação em Medicina Veterinária e dois, Ciências Biológicas. Dos quatro membros restantes, ainda formam a equipe dois médicos veterinários, um biólogo e outro, com ambas as formações acadêmicas. Reuniões são realizadas semanalmente a fim de confluir todo o contingente envolvido.

Com viés autossustentável, todos os envolvidos do GEAS alimentam o caixa do grupo contribuindo com pagamentos de mensalidades, cuja sugestão é conjugar futuras parcerias e realizar eventos à altura da comunidade acadêmica.

O grupo de estudos formulou o próprio estatuto, do qual saem todos os deveres, tais como: respeitar as decisões da assembleia geral; comparecer às reuniões mensais; colaborar com os trabalhos do grupo e colocar-se à disposição para a execução de trabalho de campo; desempenhar zelosamente as atribuições, missões ou serviços que lhes forem confiados; ter conduta moral e ética em todos os momentos, e pelo qual é mantida a coesão da organização.

Lavrado no estatuto, e como principal alicerce, está o regime de comissões. Tal sistema refere-se à ideia de um plano horizontal, destituído de quaisquer cargos e com base no cooperativismo. A finalidade principal é promover a integração e participação de todos a partir da cooperação mútua entre os integrantes, levando a melhores resultados nos objetivos almejados.

As comissões são formadas de acordo com as áreas de interesse pautadas nos objetivos do grupo. Seriam elas: comissão de coordenadoria, comissão de finanças, comissão de comunicação e comissão de secretariado. Em cada uma delas há um integrante-referência: o comunicador, o qual possui a responsabilidade de facilitar o diálogo entre as comissões. O comunicador é escolhido por votação dentro de cada comissão. Ele não representa liderança na equipe, mas sim a responsabilidade de transmitir com fidelidade e clareza o pensamento da equipe. Preserva características que favorecem a expressão e troca de ideias entre as comissões.

A atuação de todos os componentes possui relevância igualitária, portanto a valorização e responsabilidade de cada um permeiam a comissão.

Resultados

Conforme cronograma previamente elaborado, a cada reunião semanal é realizada uma apresentação, por um membro do grupo, relacionada aos temas afins, objetivando o nivelamento coletivo e apreensão de conteúdo. Ao final dela, gera-se uma discussão a partir da qual ocorre a interação de todos visando o entendimento e assimilação das informações expressadas pelo orador. Atualmente, tem-se seguido o "Tratado de Animais Silvestres" e, a cada integrante, é destinado um capítulo ao cabo do qual deve-se preparar tal apresentação. Seguidamente uma mesa redonda é formada a fim de debater informes e pautas de cunho interno e direcioná-los aos interesses do grupo e comunidade acadêmica.

O dinheiro recolhido a cada mês é utilizado na produção de boletins informativos – com saída mensal-, banners, documentos e material para fins internos, ou para o custeamento de profissionais que venham presidir algum evento aberto ao público. Deve-se considerar que periodicamente o grupo é agraciado com pequenas quantias, oriundas de patrocinadores, o que contribui para que a publicidade seja paulatinamente amplificada e profícua.

O grupo recentemente promoveu seu primeiro evento aberto à comunidade acadêmica – I Semana da Meio Ambiente GEAS/UFPel – cujo tema proposto foi "Interdisciplinaridade na Conservação da Biodiversidade". Foram convidados profissionais de diversas áreas permeáveis à biologia e medicina veterinária, valorizando o propósito da temática e levando não só à abrangência, mas também à pluralidade de escolas dos discentes inscritos.

Conclusão

"À medida que o conhecimento biológico cresça, a ética mudará fundamentalmente para que em todos os lugares, a fauna e a flora de um país sejam consideradas uma parte da herança nacional tão importante quanto sua arte, seu idioma e aquela estonteante mistura de conquistas e farsas que sempre definiram

nossa espécie". Deste modo, o grupo GEAS corrobora com a malha de ideias geradas ao integrar social, acadêmica e tecnicamente estudantes dos cursos de medicina veterinária e biologia. Vale salientar que o nicho aberto ao estudar minuciosamente os animais da fauna silvestre com relação a seu comportamento, morfologia, terapêutica e suas dinâmicas - além de educação ambiental, é algo valioso à pesquisa dentro da universidade, e que projetos como este podem oferecer retorno considerável, por tempo insondável, à Universidade Federal de Pelotas.

Referências

DA SILVA, M.A.N. et al.; Mamíferos do Brasil: Guia de identificação. Londrina: Technical Books, 2006. 439p.

GEAS BRASIL. O que fazemos?. Disponível em: <http://geas- brasil.webnode.com> Acesso em: 21 de jul. 2014.

LANGE, R.R.; LANG, A.; ALLGAYER, M.C.; ALBUQUERQUE, I.M.B; JUNIOR, J.L.R.; NETO, C.L. Das Práticas em Zoológico à Especialização dos Dias Atuais. Revista CFMV, Brasília, v. 19, n. 59, p.13-15, 2013.

PAULA, T.A.R; ARAUJO, G.R.; ARAUJO, T.D.S.; FERREIRA, L.B.C.; DA SILVA, L.C.; GARAY, R.M. Projeto Mata Ciliar. Revista CFMV, Brasília, v. 19, n. 59, p.16-21, 2013.

IMPLANTAÇÃO DA MEDIATECA DO LEP - LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO

CRUZ, Patrícia Cristina da
Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

CASTRO, Renata Brião de
Aluna do Curso de Museologia/UFPel, voluntária

GASTAUD, Carla Rodrigues
Professora do Departamento de Museologia e Conservação e Restauro/ICH/UFPel, coordenadora

Esse trabalho apresenta a criação da mediateca do Laboratório de Educação para o Patrimônio - LEP – que é um projeto de extensão vinculado ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas. O LEP constituiu a Mediateca no ano de 2013 para reunir e disponibilizar para consulta material educativo produzido por diversos museus e por instituições que valorizam e promovem o patrimônio cultural. A Mediateca recebe este nome pela variedade de materiais que são produzidos pelas instituições – jogos, livros, revistas, Cds, Dvds – que são armazenados e disponibilizados por este projeto.

O projeto é dirigido aos museólogos, conservadores e restauradores em formação e às instituições museológicas da região, considerando que a ocorrência das ações educativas ainda é incipiente na região. Nesse sentido, o LEP implantou a Mediateca, onde se reúne material educativo e de divulgação produzido por diversos museus e por instituições voltadas para o patrimônio e o disponibiliza para consulta, oportunizando através do contato com diferentes experiências educativas voltadas para o patrimônio, uma ampliação de repertório para os profissionais de museu em atividade e/ou em formação.

A mediateca do LEP tem como objetivo reunir e disponibilizar materiais educativos e, para isso, mapeia as instituições que desenvolvem trabalhos na área, solicita os materiais por elas produzidos; cataloga-os, implementa dispositivos de consulta e os disponibiliza.

É por meio das ações educativas que os museus estabelecem uma relação dialógica com as comunidades e reafirmam a sua vocação para a inclusão social. O contato imediato da população com o elenco de bens culturais responde a uma necessidade de afirmação identitária e traz à baila referências de um passado por vezes desconhecido.

Horta escreve sobre a importância dessas atividades desenvolvidas para o patrimônio:

> [...] a partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para

> um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p. 06).

O desenvolvimento de um trabalho educacional - centrado no patrimônio cultural e com forte apelo ao senso crítico - possibilita que diferentes públicos se apropriem e desfrutem dos bens culturais.

O usufruto do bem patrimonial e a criação cultural, decorrentes da relação direta com o patrimônio têm qualidades de inserção cultural e social que são desejáveis e promovem a apropriação desses bens pelos sujeitos que passam por essa experiência. Essa apropriação é desejável no sentido de que o patrimônio passa a receber um valor identitário, isto é, quem se apropria o percebe como parte de sua própria vida e história.

De acordo com Magali Cabral (2002), se o patrimônio é terreno em construção, fruto de eleição, campo de combate, espaço de relações humanas, é também "meio de comunicação e campo de educação", que pode e deve ser objeto de ações educativas que contribuam para a mudança social por "ensinar a pensar criticamente, fornecendo os instrumentos básicos para o exercício da cidadania".

É importante os museus definirem o seu papel de agente educativo, fortalecendo o diálogo com as escolas, estabelecendo relação direta com os conteúdos trabalhados pelos professores em sala de aula, sem que, para tanto, lancem mão excessivamente dos métodos e procedimentos pedagógicos concernentes ao universo escolar. Museus e escolas são espaços sociais complementares, que possuem linguagens e propostas pedagógicas próprias, indispensáveis na formação dos cidadãos. O objetivo deste projeto é justamente aproximar estas experiências das instituições locais e dos alunos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauro, que poderão desenvolver atividades deste tipo em suas atividades profissionais.

Metodologia

Num primeiro momento, a equipe da mediateca realizou o mapeamento de instituições museológicas nacionais e internacionais que desenvolvem trabalhos na área de ações educativas e estabeleceu contato com as mesmas. A partir disso solicitou materiais por elas produzidos que, recebidos e catalogados, estão disponíveis à comunidade universitária e museológica da região. À medida que os materiais chegam são fotografados, numerados, catalogados e disponibilizados para consulta de alunos, professores e interessados em ações educativas em museus.

Para possibilitar esta comunicação foi criado um endereço de email (lep.patrimonio@gmail.com), um site institucional (http://wp.ufpel.edu.br/lep/) e uma página no facebook (https://www.facebook.com/Lepparaopatrimonio?fref=ts). Foram elaborados dois modelos de correspondência de solicitação. Também foi constituído livro de registro do acervo e diário de trabalho que documenta todas as atividades e fichas catalográficas digitais e fichas de doação.

Resultados

A mediateca, com pouco mais de um ano de existência, já fez contato com mais de 160 instituições museológicas e centros de apoio à cultura, recebendo resposta de mais de 70% das instituições, das quais aproximadamente 45% enviaram materiais para compor a mediateca do LEP.

O material recebido foi catalogado e já foi utilizado pelos alunos da UFPel, por profissionais de museus e por professores que ministram disciplinas no Curso de Bacharelado em Museologia, conforme se pode ver no livro de registros do acervo. O maior uso do material se deu na disciplina de Ação Cultural e Educativa em Museus.

O material da mediateca do LEP também foi utilizado durante a primeira oficina realizada pelo Laboratório de Educação para o Patrimônio, que teve como tema "A produção de material educativo para museus". Para que os participantes pudessem pensar em uma ação educativa para os seus museus, foram mostrados diversos materiais que compõem a mediateca do LEP e a partir dissoos partícipes, além de conhecerem material educativo em outras instituições, planejaram uma atividade para os museus em que atuam.

Conclusão

A partir da criação da mediateca do LEP observou-se uma qualificação nas atividades de ensino dos alunos do Curso de Museologia e Conservação e Restauro no que se refere a ações educativas para o patrimônio, pois ao terem contato com experiências de museus e centros culturais diversos, através dos materiais por eles produzidos, conheceram outras realidades e ampliaram seu repertório cultural o que servirá de ins-

piração para projetos futuros. Dessa forma os futuros profissionais de museologia estarão aptos a planejar e desenvolver atividades educativas em museus.

O acervo da Mediateca já começa a ser utilizado para pesquisa. Atualmente há três pesquisas em andamento: uma das pesquisas analisa como os museus utilizam os jogos educativos; outra busca identificar quantas instituições possuem foco na formação de professores e produzem material específico para esse público e ainda, uma terceira, investiga o que os museus disponibilizam para visitantes com necessidades especiais.

Com o objetivo de ampliar o acervo da mediateca a equipe mantém continuamente o mapeamento e o contato com instituições nacionais e internacionais, além de buscar ampliar o público para o qual a mediateca se dirige, indo além do universo acadêmico.

Referências

CABRAL, Magali. Comunicação, educação e patrimônio cultural. Comunicação no 8º Fórum estadual de museus do Rio Grande do Sul, p. 1-8, 2002.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. et all. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN Museu Imperial, 1999.

INTRODUÇÃO AOS CONCEITOS DE ACESSIBILIDADE ESPACIAL

ZANCHIN, Mayara
Aluna do Curso de Engenharia Ambiental e Sanitária/ UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

ANDRÉIA, Milene Sottoriva
Aluna do Curso de Engenharia Civil/UFPel, voluntária

ANDRADE, Isabela Fernandes
Professora do Centro de Engenharias/UFPel, coordenadora

FRANZ, Luis Antonio
Professor do Centro de Engenharias/UFPel, colaborador

BROMBILLA, Douglas De Castro
Mestre em Arquitetura pelo PósARQ/UFSC, colaborador

Conforme dado divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU), cerca de 610 milhões de pessoas possuem alguma deficiência, sendo ela físico-motora (limitação de movimento), sensorial (relacionada à visão, audição e/ou ao equilíbrio), cognitiva (dificuldade de concentração ou raciocínio) ou múltipla (associação de duas ou mais deficiências).

Conforme Andrade (2009), para que seja atinja a acessibilidade é necessário projetar edifícios, cidades e produtos que possam ser utilizados com conforto, segurança e autonomia por todas as pessoas, independente de suas capacidades ou limitações, de forma igualitária. Consoante às ideias de Bins Ely (2004), o conceito de acessibilidade espacial está relacionado não só a condição de o indivíduo conseguir atingir um lugar desejado, mas também a possibilidade de "[...] compreender sua função, sua organização e relações espaciais, assim como participar das atividades que ali ocorrem" (DISCHINGER et. al., 2012). As autoras apontam que, para avaliar edifícios públicos e privados é necessária a compreensão dos componentes de acessibilidade espacial, divididos em quatro categorias: orientação espacial, comunicação, deslocamento e uso.

As condições de orientação dependem tanto das configurações arquitetônicas e informações adicionais (placas, sinais, letreiros) quanto das condições dos indivíduos de perceber, processar as informações e agir. A componente comunicação diz respeito ás possibilidades de troca de informações interpessoais. No deslocamento, faz-se necessária a possibilidade de qualquer pessoa poder movimentar-se ao longo de percursos horizontais e verticais (escadas, corredores, elevadores) de forma independente, segura e confortável. A categoria uso condiz com a probabilidade efetiva de participação e realização de atividades por todas as pessoas.

A fim de que todos os indivíduos possam usufruir dos mesmos direitos, em 2004 foi sancionado o Decreto-Lei nº 5296, que estabeleceu prazos para que as edificações existentes se adaptassem a acessibilidade. Além disso, esse Decreto determinou que a consideração dos parâmetros apresentados pela NBR 9050 – Norma Brasileira de Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos públicos – fosse obrigatória. Porém, ainda hoje é possível identificar, em projetos novos e de intervenção (reforma),

espaços deficientes, ou seja: as dificuldades oriundas a partir de uma deficiência podem ser evidenciadas se o ambiente construído não for planejado para atender a todas as pessoas, independente de suas capacidades e limitações.

Para criar ambientes acessíveis a todas as pessoas, é essencial conhecer as diferentes deficiências e assim, poder identificar os diversos tipos de problemas que podem ocorrer no uso dos espaços e equipamentos. Guimarães (2009) corrobora que, para atingir a acessibilidade, é necessário considerar a experiência do usuário em relação ao espaço. Para tanto, surgiu à ideia de ministrar minicursos que levem aos profissionais e estudantes das áreas de engenharia e arquitetura uma percepção do que é a acessibilidade e quais as possíveis limitações que acometem os indivíduos.

Metodologia

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos envolvidos. Depois de finalizada esta etapa, foi possível a elaboração e confecção de material didático a ser adotado em palestras e minicursos. Os minicursos foram desenvolvidos a partir de apresentação de slides, leitura de textos, simulações (vivência) que representam a falta de acessibilidade, como também, às dificuldades enfrentadas diariamente pelos deficientes ou pessoas com restrição no uso do espaço. Ao final, realizou-se uma discussão a respeito das dificuldades identificadas a partir das vivências.

Resultados

Através da exposição do material confeccionado previamente, abordouse a parte teórica do minicurso. Com a apresentação slides e textos, o ministrante abordou todos os conceitos acerca do tema de modo a introduzir os integrantes ao assunto acessibilidade. Um exemplo dos aspectos levantados e que geraram interesse e participação do público diz respeito à evolução dos termos empregados, como “pessoa portadora de deficiência” e “pessoa com necessidades especiais”. Salientaram-se algumas formas pejorativas que, em momentos da história, eram adotadas para se referir às pessoas com deficiências. Logo em seguida, iniciou-se a parte prática. Foram apresentados aos integrantes objetos utilizados diariamente por pessoas com deficiências físico-motoras, como cadeira de rodas (figura 1) e muletas (figura 2).

Figura 1: Simulação de uma deficiência físico–motora com o uso de cadeira de rodas
Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Figura 2: Simulação de uma deficiência físico–motora com o uso de muletas
Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Além disso, denotam-se objetos para simular outras restrições, como vendas para deficiência visual (figura 3), luvas e tipoia indicando a perda de movimento dos membros superiores.

Figura 3: Simulação de restrição visual com o auxílio de venda
Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

Figura 4: Participantes reunidos novamente para discussão acerca das experiências com a vivência.
Fonte: Elaborado pelos autores, 2014

É importante que os participantes simulem diferentes restrições, pois através dessa experiência, poderão compreender as dificuldades diárias das pessoas com deficiência ou ainda daquelas que sofrem alguma limitação ao utilizar os ambientes. Após a simulação, todos os participantes foram convidados a reunir-se novamente para discussão da vivência (figura 4).

Conclusão

Através da realização das discussões pode-se identificar troca de conhecimento das possíveis limitações que acometem as pessoas quando o ambiente não é planejado para o atendimento da diversidade humana.

Pode-se destacar que os materiais e métodos escolhidos mostraram-se satisfatórios na realização da dinâmica e, dessa forma, aspectos positivos puderam ser destacados, como a interação dos participantes ao longo da exposição pelo palestrante.

Ao final do minicurso acredita-se que muitos aspectos relacionados à acessibilidade tenham sido esclarecidos. De forma geral, os participantes avaliaram a proposta satisfatoriamente por sua relevância social e importância dos conceitos e conhecimentos adquiridos na aplicação em projetos, de modo a tornar a vida dos usuários do ambiente construído mais confortável e segura.

Referências

ANDRADE, Isabela Fernandes. Diretrizes para Acessibilidade em Edificações Históricas a partir do estudo da Arquitetura Eclética em Pelotas-RS. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de PósGraduação, UFSC, 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. Disponível em: http://www.mj.gov.br/sedh/ct/ CORDE/dpdh/corde/ABNT/NBR9050-31052004.pdf, Acesso em Julho de 2014.

BINS ELY, V.M. Seminário Acessibilidade no Cotidiano. Palestrante da Mesa Redonda Estudos da Acessibilidade no Espaço Construído, com o tema Orientar-se no espaço: condição indispensável para a acessibilidade. 2004.

BRASIL. Decreto nº 5.296, de dezembro de 2004. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm Acesso em Julho de 2014.

DISCHINGER, M.; BINS ELY, V.M; PIARDI, S. Promovendo acessibilidade espacial nos edifícios públicos: Programa de acessibilidade às pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida nas edificações de uso público. Florianópolis. 2012.

GUIMARÃES, Marcelo Pinto. Uma Abordagem Holística na Prática do Design Universal. In: CORREA, R. M. (Org.). Avanços e Desafios na Construção de uma Sociedade Inclusiva. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas. 2009.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. ONU e as pessoas com deficiência. Disponível em: http://www.onu.org.br/a-onu-em-acao/a-onu-e-as-pessoas-comdeficiencia/ Acesso em Julho de 2014.

IV CICLO DE DOCUMENTÁRIOS E DEBATES DO PET DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA: DIVERSIDADE SEXUAL NA PAUTA

OLIVEIRA, Ângela Pereira
Aluna do Curso de História Licenciatura/UFPel, bolsista do PET Diversidade e Tolerância/UFPel

SILVA, Lucas Rech da
Aluno do Curso de Ciências Sociais Licenciatura/UFPel, bolsista do PET Diversidade e Tolerância/UFPel

GILL, Lorena Almeida
Professor do Departamento de História/ICH/UFPel, coordenador

A orientação sexual é considerada tema transversal pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Talvez por esse motivo e pela tendência conteudista do ensino, a temática não tem muito espaço para esclarecimentos, seja nos cursos de licenciatura, assim como nos demais. Pensando na necessidade de discutir questões que permeiam a sexualidade é que o Programa de Educação Tutorial Diversidade e Tolerância, da Universidade Federal de Pelotas, preparou um Ciclo de palestras que tratou do assunto. O Ciclo de Documentários e Debates é realizado pelo grupo anualmente e, nesse ano, norteamos os debates e diálogos sobre as transversalidades da diversidade sexual. O trabalho em questão visa fazer a apresentação do projeto de extensão realizado pelo PET Diversidade e Tolerância, apontando como se deu o evento e os resultados obtidos.

A dificuldade do profissional da educação em abordar o assunto se dá por diferentes motivos, entre eles, podemos mencionar a questão de critérios morais e de comportamentos pré-definidos social e culturalmente. Tais fatos geram uma grande insegurança ao profissional, que tem que enfrentar e quebrar tabus, muitas vezes construídos no âmbito familiar. Pensando na necessidade de se esclarecer aspectos obre o assunto, não apenas para aqueles que se interessam nas questões políticas que o englobam, mas para todos que buscam uma formação ética e cidadã, optamos pela pelo debate de um tema tão difícil.

Metodologia

Pensando em colaborar para a construção de um cidadão informado, humanizado, solidário e livre de preconceitos, o Programa de Educação Tutorial Diversidade e Tolerância (PET DT), se propôs a debater a diversidade nas mais amplas expressões da sexualidade. Para isso construímos uma programação, a fim de discutir a temática em seis encontros, que debateram feminismo e visibilidade lésbica, construção de masculinidades, homofobia, visibilidade trans, homocultura e os direitos civis igualitários. Contamos com aproximadamente 60 participantes entre comunidade interna, professores da rede de ensino, petianos, palestrantes, estudantes da graduação e da pósgradua-

ção. Para além da qualidade do debate e da promoção do acesso à informação qualificada, o evento também teve como princípio a doação de dois kg de alimentos não perecíveis, que foram revertidos a uma associação filantrópica, que atende crianças em situação de vulnerabilidade social.

Nos seis encontros de duas horas realizados em seis semanas consecutivas, foram abordadas as temáticas supracitadas. Os palestrantes tiveram a liberdade de escolher os vídeos utilizados e também a metodologia de apresentação. Alguns preferiram apresentar o vídeo para após fazer o debate, assim como alguns mesclaram os recursos audiovisuais com diálogos, provocações e troca de ideias.

Figura 1: Acadêmico Bruno Kauss, do curso de Direito da UFPel, no último encontro do Ciclo.
Fonte: acervo do PET DT

Resultados

Conforme SEFFNER (2012):

> Ninguém será obrigado a ser o que não quer ser, mas vai aprender a respeitar as opções dos demais como também gostaria que as suas fossem respeitadas. (SEFFNER, 2012, p.114)

Pensando nessa perspectiva, de que a vida em sociedade requer que os seres humanos conscientizem-se da importância do respeito à dignidade de cada um, independente de suas particularidades e subjetividades, os debates realizados pelo ciclo promoveram, não apenas os valores da tolerância, pressuposto temático do grupo que o organiza, mas também o acesso à informação de qualidade, a troca de saberes e de vivências, o respeito e a solidariedade.

Houve, em todas as discussões, fluidez e valiosas contribuições dos palestrantes e dos participantes do evento. Foi perceptível a vontade dos participantes em trocar referências, experiências e informações sobre as temáticas desenvolvidas. Muitas vezes o debate extrapolou o assunto e o horário, o que consideramos como sendo extremamente enriquecedor para a realização de um evento de relevância para a extensão universitária da UFPel.

Tivemos dificuldades para preencher todas as 70 vagas[1] ofertadas, pois foram realizadas apenas 48 inscrições. Entretanto, pessoas que não realizaram inscrição também participaram dos encontros. A cada dia diferentes pessoas apareciam para acompanhar o debate e compartilhar ideias, vivências e saberes, sem que se exigisse a formalidade da inscrição, pois entendemos que na tentativa de expandir e estender as fronteiras da universidade, não se poderia impedir que a comunidade local pudesse participar e colaborar com o evento. Nesse aspecto, a inscrição foi encarada por nós como um ato simbólico de solidariedade e não como uma obrigatoriedade.

Acreditamos que a dificuldade do preenchimento de todas as vagas se deu em decorrência da temática, pois ainda é vista como um tabu até mesmo dentro da universidade onde se formam os profissionais, e principalmente, os professores. No último encontro, tivemos relato de um participante que afirmou ter sido apontado por colegas como homossexual pelo fato de estar participando de um evento sobre diversidade sexual. Esse participante é acadêmico do curso de Pedagogia na UFPel e heterossexual. Acabou por acontecer uma espécie de rotulação sobre os participantes, o que pode ter constrangido alguns a não participarem.

Tal fato nos leva a perceber que, infelizmente, ainda existe incrustado dentro das inúmeras instituições que compõe nossa sociedade, o preconceito para com as diferenças, não apenas a sexual, mas as diferenças culturais, raciais, religiosas, físicas, dentre tantas as possíveis formas de diversidade. E é contra esse preconceito que ainda há uma luta a ser travada. Sabemos que o caminho é longo, mas se acredita na possibilidade de um mundo diverso por natureza, respeitoso, solidário e seguro, para se viver na plenitude do gozo dos seus direitos e na possibilidade de estabelecimento de uma cultura da paz, tal qual prevê a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciências e a Cultura (UNESCO):

> A cultura de paz é uma iniciativa de longo prazo que leva em conta os contextos histórico, político, econômico e social de cada ser humano e

> sociedade. É necessário aprendê-la e colocá-la em prática no dia a dia familiar, regional ou nacional. É um processo que, sem dúvida, tem um começo, mas nunca pode ter um fim. A paz é um processo constante, cotidiano, mas não passivo. A humanidade deve esforça-se para promovêla e administrá-la (UNESCO, 2010. pág. 13)[2]

Conclusão

Acredita-se que a abordagem do tema se faz necessária e importante, porque a educação funciona como um espaço de construção do respeito e da cidadania. A universidade, assim como a escola, necessita romper com os muros simbólicos que o cercam para promover o conhecimento que produz para a humanidade. Levar o debate para além das fronteiras da sala de aula é fundamental para construção de um mundo mais humano e solidário.

É preciso romper, no sentido de levar e chegar ao outro, como também de propor assuntos que sejam abordados necessariamente de forma esclarecida, ética e sem tendências políticas, religiosas ou ideológicas. Promover a informação é levar o conhecimento às pessoas dos mais diferentes grupos. É, sem sombra de dúvidas, traduzir o conhecimento científico e acadêmico que buscamos dentro da universidade, para além de suas portas.

Tais experiências nos levam a compreender o sentido da nossa função como agentes das mudanças e do mundo que acreditamos. Refletem na nossa produção intelectual e também na nossa vida em sociedade, como cidadãos.

Consideramos que os objetivos aos quais nos propomos, ao construir a quarta edição do Ciclo de Documentários e Debates do PET DT, foram alcançados, pois atingimos um número expressivo de pessoas da comunidade externa e de acadêmicos de diferentes áreas do conhecimento. Além, é claro, de elaborar um debate de significativo valor social e humano que trouxe informações de qualidade, ideias e pontos de vistas distintos.

A diversidade sexual, por mais que seja um tabu, precisa ser discutida. Um dos pontos abordados, ao longo do Ciclo, foi o de que o professor não deve fechar os olhos para brincadeiras que criam rótulos entre os alunos e até mesmo dos professores. A Universidade trata a questão como um assunto transversal e a não participação dos demais alunos em eventos que possibilitem essa discussão gera maus mestres e instrutores. O professor é mais que um simples reprodutor de conhecimento, ele é um espelho para os alunos e suas atitudes podem contribuir e muito para que este seja um cidadão consciente de suas atitudes e que possa tornar o mundo ao seu redor, diferente.

Figura 2: Mostra a entrega dos alimentos arrecadados no evento ao Lar Dona Conceição
Fonte da imagem: acervo do PET DT

Notas

1. Foram ofertadas apenas 70 vagas em virtude do espaço físico do auditório onde foi realizado o evento, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, no Campus das Ciências Sociais da UFPel.
2. UNESCO: 2000-2010 Cultura de Paz: da reflexão à ação.

Referências

REIDEL, Marina (Mário); SEFFNER, Fernando. Docência e Ensino de História: Possibilidades e Reflexões Incorporando Questões de Gênero e Sexualidade. Trabalho apresentado na UFPEL no encontro Pensando a História e repensando seu ensino: um desafio do PIBID. Abril/2012.

MACE, Ronald; HARDIE, Graene; PLACE, Jaine. Accessible environments toward Universal Design. In PREISER, W.; VISCHER, J. C.; WHITE, E. T. (Eds.). Design interventions: toward a more humane architecture. NewYork: Van Nostrand Reinhold, 1991, p.203-240.

ORNSTEIN, S.W. (org.). Desenho universal: caminhos da acessibilidade no Brasil. São Paulo: Annablume, 2010.

BRASIL. Lei nº 11.904 de 14 de janeiro de 2009. Estabelece o estatudo dos Museus. Diário Oficial Brasília, DF, 15/01/2009.

Referências eletrônicas

NOLETO, M. J. CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ: 10 anos de história. União das Nações Unidas para a Educação, a Ciências e a Cultura, UNESCO. Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo – Brasília: UNESCO; São Paulo: Associação Palas Athena, 2010. 256 p. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001899/189919por.pdf. Acesso em 10 de Julho de 2014.

KIZOMBA NO PARQUE DA BARONESA – EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO CUMPRIMENTO DA LEI 10.639

SCHMITZ, Diego
Aluno da Licenciatura em Artes Visuais/UFPel, bolsista de INICIAÇÃO AO TRABALHO/UFPEL

PACHECO, Paula Lima
Aluna da Licenciatura em Artes Visuais/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

LEMOS, Rosemar Gomes
Professora do do Centro de Artes/UFPel, orientadora; coordenadora

O Projeto: Grupo D.E.A. - Design, Escola e Arte "Construindo Conhecimento e Fazendo Arte[1] tem, entre outros objetivos, conscientizar e proporcionar às crianças e adolescentes de Pelotas-RS, uma reflexão sobre diversos temas imprescindíveis à formação de cidadãos (GRUPODEA, 2014). O tema abordado na presente experiência busca cumprir a lei 10.639/03[2] (BRASIL, 2014), que trata respectivamente da abordagem da cultura africana e sua influência no Brasil.

No evento de extensão universitária realizado em novembro de 2013, no município de Pelotas, o grupo DEA elaborou e desenvolveu, o SECONEP - Seminário da Consciência Negra de Pelotas. Esse evento ocorre anualmente, desde 2009 e busca, de forma direta e/ou lúdica, em diferentes momentos, proporcionar aos alunos e a comunidade em geral "um espaço de discussão e definição de propostas para construção de uma sociedade que valorize e aborde de forma diferenciada a contribuição do negro para a sua construção e que de forma transversal tratem de cidadania" (SECONEP, 2014).

Assim que, em 2013, buscando interagir com a comunidade pelotense de forma mais efetiva no cumprimento da Lei 10.639, e interagindo com outros grupos sociais que trabalham na luta pelos direitos dos negros (Secretaria Municipal da Cidadania, Movimento Negro de Pelotas, entre outros) nesta cidade, o grupo inovou. Em um dos dias do evento realizou a "Kizomba[3]" na Baronesa. Nesta data divulgouse e difundiu-se, através de arte-educares (graduandos da Universidade Federal de Pelotas) a cultura negra da cidade para que sua comunidade pudesse conhecer a dimensão da diversidade cultural e os respectivos problemas sociais enfrentados pela população negra.

Metodologia

Na quinta edição do SECONEP, no ano de 2013, o grupo DEA teve a iniciativa de promover uma tarde cultural com temática relacionada à cultura negra para que pudesse fazer uma ponte entre a lei 10.639 e a comunidade de modo mais amplo. Para tanto, foi pensado em uma abordagem artística que pudesse dialogar com os trabalhos que o grupo já vinha de-

sempenhando ao longo dos anos sobre arte-educação propiciando à crianças, jovens e adultos, o trabalho dessa cultura no solo pelotense, ação de uma importância educacional. Frente a isso, os estudantes de Artes, componentes do grupo DEAconcordaram com essa ideia, estando de acordo com os objetivos dos PARÂMETROS CURRICULARES DAS ARTES (1997):

> "Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-adia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito".

Com isso, O grupo pretendia realizar um evento grandioso, que promovesse o conhecimento dessa cultura través de variadas abordagens artísticas.

Junto à a Prefeitura, colaboradora do SECONEP, solicitou-se na sua Secretaria de Cultura, o Parque da Baronesa para que o evento aí se realizasse.

Foram convidados inúmeros arte-educadores, muitos que já colaboravam com o projeto desde a primeira edição do SECONEP. e outros que eram conhecidos na cidade, ou mesmo do grupo DEA. Com essa frente disposta ao trabalho, o "Kizomba na Baronesa" contou com várias oficinas, hip-hop, capoeira, penteados, customização de roupas, confecção de instrumentos musicais, e mais algumas, todas evidenciando a cultura afro-brasileira (SECONEP, 2013).

Para que fosse possível oferecer ao público, frequentador do espaço, essas atividades gratuitamente, firmaram-se parcerias com empresas e comércio local, além de instituições privadas e públicas que cederam os materiais para a realização das oficinas. Outra ação positiva reside no fato de que, todos os oficineiros, cientes do papel social que executam não cobraram cachê para desenvolver suas atividades. Isso viabilizou, efetivamente, a possibilidade dessa forma de educação para além da escola, como FREIRE (1971) declara:

> "Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais".

Feito isso, conseguiu-se, juntamente com a Associação de Subtenentes e Sargentos, que possuem, frente ao Parque sua sede social, bancos e mesas para organização dos materiais e instalação confortavel dos participantes da Kizomba (SECONEP, 2013).

As atividades foram organizadas no Parque de modo a garantir uma ssérie de opções aos frequentadores do local, uma ao lado da outra, sob o arvoredo proporcinando sombra a todos. Assim, já possuindo o parque, um público assíduo de crianças e pais nos finais de semana, a Kizomba na Baronesa aconteceu como o previsto.

Ao todo, trabalharam no desenvolvimento das atividades artísticas aproximadamente 40 pessoas, entre universitários e voluntários (figura 1).

Figura 1: Criança participando da Oficina de Tranças
Fonte: Elaborado pelo autor

Resultados

O Kizomba na Baronesa conseguiu movimentar os frequentadores do parque, além de atrair outras pessoas, residentes em outras regiões da cidade.

Entre as crianças, foi percebida uma faixa etária bem abaixo do que alguns oficineiros tinham imaginado, tinha-se desde um ano e meio, se integrando com as demais salientando-se a oficina em que licenciandos do Curso de Artesda UFPEL, não tiveram problemas em lidar com este fenômeno. Frente á todos estes fatos, percebeu-se que as atividades foram bem aceitas pela comunidade e muito bem apreciadas pelas crianças.

Ao Grupo DEA, o Kizomba na Baronesa proporcionou aos seus membros uma ótima experiência didática para que pudessem agir de forma mais enérgica e prática nas ações que o grupo organizaria posteriormente, principalmente no que se refere à criatividade das ações, uma vez que o grupo além de ministrar oficinas,

pôde no dia, e posteriormente, aprender a desenvolver as demais atividades presentes no Parque, e agir em campo, seja nas escolas com o aprendizado absorvido; na sala de aula com métodos variados de acionar a atenção dos alunos; nas cadeiras dos cursos que faz parte, ou com as ideias afins compartilhadas dos outros oficineiros, no que tange a interação com outras frentes de lutas sobre o mesmo tema.. considera-se vasta a experiência adquirida. Na prática, foi relacionada todagama de resultados com os teóricos dos cursos do qual os alunos do grupo DEA fazem parte.

Conclusão

Conclui-se com a elaboração e execução do evento quea comunidade se beneficiou ao aceitar as diferentes demonstrações artísticas que remetem para valorização da cultura afro, algo visto nas escolas de ensino fundamental, médio e superior e que ganharam forças ao serem expostas e vividas pela mesma. A aceitação pela mesma vem a ser benéfica àAcademia, uma vez que a partir disso, se abrem portas para a para definição de ações extensionistas, formação e produção acadêmica.

Notas

1. Grupo de extensão e pesquisa interdisciplinar, formado por diversos acadêmicos da Universidade Federal de Pelotas dos cursos de: Artes Visuais Licenciatura, Museologia, Designer Gráfico, Tecnologia em Geoprocessamento entre outros
2. ”Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. (Brasil, 2003)
3. Kizomba era a festa do povo negro que resistiu bravamente à escravidão. Era congregação, confraternização, resistência. Um chamado à luta por liberdade e por justiça.Kizomba era festa e resistência cultural de um povo. Era a exaltação da vida e da liberdade (SECONEP, 2013)

Referências

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de janeiro: Paz e Terra, 1971.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Lei n.º10.639, de 9 de janeiro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acessado em: 05 agosto. 2014.

Referencias Eletrônicas

SECONEP – Seminário da Consciência Negra de Pelotas/2013; Disponível em: http://seconep.blogspot.com.br/p/programacao_24.html. Acesso em: 05 agosto. 2014

.GRUPO DEA – Design, Escola e Arte/2013; Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/dea/. Acesso em: 05 agosto. 2014.

Documento Lei Griô Nacional; Disponível em: http://www.leigrionacional.org.br/oquee-grio/. Acesso em: 05 de agosto de 2014.

MARGARIDAS SEM TERRA EM CENA

BARBOSA JÚNIOR, Hélcio Fernandes
Mestrando em Educação da UFPel/Bolsista CAPES

MOHAMMED, Francine Furtado Vieira
Aluna do Curso de Teatro/UFPel, bolsista do Programa Fronteiras da Diversidade/UFPel

BRITO, Jandira Dias de
Formada em Teatro Licenciatura pela UFPel / voluntária

BUSSOLETTI, Denise Marcos
Professora da Faculdade de Educação – FaE – da UFPel, orientadora e coordenadora do NALS – Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade – e do Programa Fronteiras da Diversidade.

O projeto de extensão "Margaridas Sem Terra" propõe a montagem teatral do texto "Margaridas sem Terra" de Denise Bussoletti e Vagner Vargas, publicado no livro "Leituras em Dramaturgia Teatral para a Diversidade", lançado no ano de 2013. O texto dramático parte da escrita de dissertação de mestrado de Bussoletti, intitulada "Mulheres sem terra: identidade em representação", que realizou pesquisa com mulheres que viviam no assentamento da Fazenda da Palma, Pelotas/RS, em 1996. Quanto à ideia da construção dramatúrgica do texto:

> [...] não pretendemos fechar nenhum tipo de leitura e interpretação que o leitor possa vir a fazer. Aqui, optamos em dividir a história entre cinco Margaridas. Porém, essa escolha surgiu apenas com o intuito de facilitar a possibilidade de dinâmica cênica, uma vez que, ao criar um texto para teatro, não o pensamos somente no âmbito literário, precisamos construí-lo dentro de perspectivas para encenação. (BUSSOLETTI; VARGAS, 2012, p. 155).

Apropriando-se da linguagem teatral, este projeto pretende além de proporcionar uma experiência de montagem de um espetáculo teatral, os participantes, produzir reflexão sobre os temas transversais contidos na dissertação de Bussoletti, entre eles: gênero, arte, direito e ocupação de terras, trabalho e sistemas de opressão.

O trabalho está sendo realizado com atores e não-atores[1], que juntos participam do processo criativo do espetáculo que teve início em maio deste ano. Através das inquietações dos participantes do projeto, o texto dramático tem possibilitado várias outras discussões dos envolvidos, de acordo com área da qual pertencem, citamos: antropologia, letras, ciências sociais e teatro.

Conceitos acerca do que significa o movimento dos sem terra, também estão sendo buscados pelo grupo. Em uma entrevista realizada por Bernardo Mançano Fernandes com um dos membros fundadores do MST João Pedro Stedile, participante ativo desde o ano de 1979, das atividades da luta pela reforma agrária, o mesmo explica de forma clara e objetiva o início e formação do Movimento comenta:

> Já conseguimos sistematizar um pouco, durante a própria evolução do MST, sobre a gênese de nossa organização. Mesmo não tendo a compreensão da amplitude de seu significado em uma teorização mais bem elaborada, dizemos que a gênese do MST foi determinada por vários fatores. O principal deles foi o aspecto socioeconômico das transformações que agricultura brasileira sofreu na década de 1970. Nessa década, houve um progresso de desenvolvimento que José Graziano da Silva denominou de "modernização dolorosa". Foi o período mais rápido e mais intenso da mecanização da lavoura brasileira. (STEDILE, 2005, p. 15)

Um dos desejos dos envolvidos no projeto é apresentar o espetáculo em alguns assentamentos Sem Terra, para promover a discussão junto aos diretamente ligados ao tema, mas também para a comunidade em geral.

Metodologia

Para que o espetáculo seja concebido, inicialmente fizemos uma leitura prévia do texto e da dissertação de Bussoletti com a finalidade de compreender o universo no qual iriamos nos inserir. Trabalharemos a partir de uma perspectiva do teatro épico de Bertolt Brecht, que segundo Rosenfeld "distingue-se pela sua estrutura mais aberta, repleta de episódios que não se interligam na linha de uma ação una, contínua, de tempo reduzido e lugar fixo (ou seja, o teatro épico rompe as chamadas unidades de ação, tempo e espaço)" (ROSENFELD, 2012, p. 29), e ainda "O teatro deve ser épico, também, para corresponder ao intuito didático de Brecht, para esclarecer o público sobre a sociedade e a necessidade de transformá-la" (ROSENFELD, 2012, p. 31).

Essa forma de fazer teatro aproxima o público da ação teatral, fazendo com que os atores sejam intimistas à plateia, que os assistem de maneira a serem tocados por aquilo que estão assistindo. Walter Benjamin nos ajuda a refletir sobre a metodologia utilizada quando diz que "o teatro épico põe em questão o caráter de divertimento atribuído ao teatro; ele abala sua validade social ao privá-lo de sua função na ordem capitalista; e por fim, ameaça a crítica em seus privilégios" (BENJAMIN, 2012, p. 91-92). Tratando de um tema delicado e de cunho indiscutivelmente político, o autor acima citado nos direciona a olharmos para o texto "Margaridas Sem Terra" de maneira cuidadosa quanto ás escolhas da metodologia por tratar de um tema delicado.

Trabalhos de expressão corporal e vocal estão sendo realizados durante o processo de criação do referido espetáculo, para que as atrizes e os atores envolvidos possam experimentar formas de conhecer os personagens que permeiam o texto teatral de Bussoletti e Vargas, mesmo os que inicialmente não possuem falas, constando apenas que aparecem em cena através das rubricas do texto.

Estão sendo pensadas também algumas visitas que serviram para todos os envolvidos no processo compreenderem um pouco melhor a realidade instaurada atualmente nos assentamentos sem terra de Pelotas e arredores.

Resultados

Através de exercícios de preparação corporal e vocal, as atrizes e atores que estão participando da montagem do espetáculo, já conseguem aquecer seus corpos para a prática teatral. Essa atividade é comum entre atores, e segundo Renato Ferracini "Antes de iniciar qualquer trabalho, o ator deve aquecer seu corpo. Isso é uma práxis comprovada e executada, não somente no teatro pelos atores, mas por qualquer pessoa, em qualquer atividade física" (2003, p. 136). Neste momento do trabalho, esta fase já foi apreendida pelos envolvidos e estamos partindo então para a próxima fase que é a montagem das cenas que comporão o espetáculo.

Paralelo a esse momento de preparação de atrizes e atores, estão sendo confeccionados, pelo grupo e outros parceiros, os elementos de cena do espetáculo como figurino, adereços de cena e, a trilha sonora.

Após cada dia de ensaio, os envolvidos no processo escrevem seus diários de campo, que servirão para futuras reflexões sobre a montagem do espetáculo "Margaridas Sem Terra".

Conclusão

A montagem do espetáculo "Margaridas Sem Terra" está nos fazendo refletir, e instiga-nos a pesquisar cada dia mais sobre essas mulheres e seus cotidianos nos acampamentos da vida. Ainda em início de processo, nossos questionamentos são muitos, mas temos certeza de onde queremos chegar. Estamos dispostos através do teatro não julgar valores ou moralmente quem quer que seja. Estamos apenas preo-

cupados em mostrar, a quem queira nos assistir, um "pouquinho de Brasil", que "embora cante e é feliz"[2], para muitos, e a nós também, muitas vezes se torna invisível no nosso cotidiano.

Notas

1. Termo utilizado pelo teatrólogo Augusto Boal para designar aqueles que participam de ações teatrais, não necessariamente atores amadores e/ou profissionais.
2. Referência a música "Isso aqui, o que é?", samba de Ary Barroso

Referências

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política, ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BUSSOLETTI, D. M. Mulheres sem terra: Identidade em representação. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1997.

BUSSOLETTI, D.M. Margaridas sem terra, identidade em representação. Pelotas: Editora Universitária/ UFPel, 2010.

BUSSOLLETTI, D M.; VARGAS, Vagner (ORG). Leituras em dramaturgia teatral para a diversidade. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2012.

FERRACINI, Renato. A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003.

ROSENFELD, Anatol. Brecht e o teatro épico. São Paulo: Perspectiva, 2012.

STEDILE, João Pedro. FERNANDES Bernardo Mançano. Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. Fundação Perseu Abramo editora. 2005. São Paulo.

MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: CULTURA LOCAL E RELIGIOSIDADE EM DIÁLOGO

ALVES, Mônica Flugel
Aluna do curso de Matemática/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

BERGMANN, Maristela
luna do Curso de Pedagogia/UFPel, bolsista Probit--Fapergs/UFPel

WEIDUSCHADT, Patrícia
Professor do Departamento de Fundamentos da Educação Fae/UFPel, orientado e coordenador

O Programa de Extensão surge da manifestação de interesse por parte das comunidades envolvidas, que buscam na Universidade um espaço para trocas sistematizadas de conhecimento sobre a temática em questão bem como uma estreita relação Comunidade- Escola-Universidade. Trata-se de uma ação de extensão que atinge comunidades formadas na região costeira da Laguna dos Patos em sua maioria remanescentes da ação de colonização realizada a partir de 1857, em São Lourenço do Sul, Canguçu e Pelotas. Os espaços envolvidos nesse programa em base de ação nas comunidades que compõe a grande região da Serra dos Tapes em parceria com comunidades do Estado do Espírito Santo, em especial, Santa Maria de Jetibá e de Pomerode, Santa Catarina. Esses espaços são territórios geo-culturais onde se apresentam grandes conglomerados de pomeranos rurais no Brasil. A proposta localiza-se nas escolas das comunidades rurais, com base na Metododologia das Rodas de diálogo, busca abranger diferentes grupos sociais, entre eles, estudantes, pais e mães, lideranças comunitárias e professores propondo a discussão da vida no campo, o modo de viver, produzir e partilhar. O processo de participação compartilhada da universidade com esses espaços tem se estabelecido há mais tempo exercendo o principio de indissociabilidade das atividades de ensino- pesquisa-extensão. O projeto pretende atender as escolas nas diferentes demandas curriculares que envolvam a cultura pomerana, em especial a religiosidade.

Por isso, pretende-se abordar os diferentes projetos educacionais constituídos historicamente pelas três diferentes instituições luteranas que atuaram no início da colonização pomerana na região da Serra dos Tapes.

Metodologia

Como aporte teórico metodológico será usado a História Oral (Bosi, 1987, Halbwachs,1990) para entender a memória a partir das entrevistas. Entende-se que a memória é construída coletivamente. Também será usado o conceito de Cultura escolar (Julia, 2001; Nunes, 2003), como um conjunto de normas e práticas do cotidiano escolar. Mas nessa realidade há falta de dados das escolas paroquiais, por isso, contamos

com as escolas municipais para entrarmos em contato com os avós, através dos netos que são alunos das escolas.

Resultados

No contexto da Serra dos Tapes entre os pomeranos três instituições luteranas organizaram a religiosidade numa perspectiva comunitária e com grande preocupação com a escolarização dos seus fiéis. As três instituições luteranas concorrentes são: Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IECLB), anteriormente constituída como Sínodo Riograndense, fundada em meados do século XIX, Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), chamada na sua fundação de Sínodo de Missouri, constituída em 1900 na região da Serra dos Tapes e Igrejas independentes, movimento de resistência dos imigrantes diante dos problemas enfrentados no país de origem com a igreja oficial, esse modo de organizar a religião veio concomitante ao processo de imigração. As três instituições organizaram escolas paroquiais, a IELB e IECLB investiam em formação dos professores e pastores, enquanto as independentes não se preocupavam com a formação de professores e pastores, mas organizavam as comunidades escolares e religiosas com objetivos culturais.

Nessa primeira fase da pesquisa, foram realizadas entrevistas a cinco depoentes que foram alunos e alunas nas diferentes instituições a fim de realizar um levantamento e mapeamento dessa cultura escolas.

Os depoimentos apresentam muitas semelhanças, os depoentes estudaram em escolas multisseriadas, o currículo era muito parecido, o professor, por vezes era pastor, com vínculos estreitos entre a escola e comunidade. Esses sujeitos sofreram o processo da nacionalização do ensino e usavam na escola e no cotidiano a língua pomerana e alemã. A depoente que estudou na instituição do Missouri revela a ênfase doutrinária:

> "o que mais gostava era religião, tenho um livro de histórias bíblicas, de catecismo, tinha oração... até hoje leio revistas da igreja, a minha mãe lia revistas de crianças, o Kinderblatt" (Depoimento Nair Rutz).

As escolas orientadas pelo Sínodo de Missouri buscaram ancorar o seu trabalho na religiosidade e em professores/pastores formados pelo ideal doutrinário luterano ortodoxo. A incidência da difusão de práticas educativas por parte do Sínodo de Missouri era maior no investimento em conteúdos religiosos-doutrinários, não se descuidando dos conteúdos seculares.

As escolas orientadas pelas igrejas independentes e de confissão luterana (IECLB) aceitaram aparentemente de forma facilitada a ingerência do poder público, representada pela presença de professores de outras denominações religiosas ou de origem lusa.

Já as outras instituições, independentes e de confissão luterana, adequaram-se as normas estatais e se transformaram em escolas municipais, colocando, em muitos casos, a infra estrutura da escola anterior a disposição, contava com a participação da comunidade, realizando rodízio da sede das escolas nas casas particulares, mas com um profissional contratado pelo serviço público. (Depoimento Afredo Luedtke).

Na verdade, o projeto Educamemória busca levantar memórias do povo pomerano através da escolarização, já que é considerado esse povo uma cultura silenciada (THUM, 2009), portanto, o programa de extensão abarca ampla interlocução entre a comunidade escolar e religiosa.

Conclusão

O que se pode concluir que, mesmo as comunidades pomeranas possuírem princípios unificadores, as diferentes instituições luteranas promoveram divergências no contexto. Em relação a manutenção das escolas paroquiais as escolas do Sínodo de Missouri conseguiram manter a autonomia da instituição por mais tempo, enquanto a do Sínodo Riograndense e as comunidades independentes aderiram logo a política educacional estatal nesse contexto. O projeto de extensão continua atuando para levantar outros aspectos sobre essas comunidades e valorizar a cultura local.

Referências

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade lembrança de velhos. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Revista Brasileira de História da Educação. nº 1, jan-jun, 2001, p. 9-43.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo, Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

NUNES, Clarice. Memória e história da educação: entre práticas e representações. IN: LEAL, Maria Cristina e PIMENTEL, Marília Araújo Lima (org.). História e Memória da Escola Nova. São Paulo, Loyola, 2003, p. 9-25.

THUM, Carmo. Educação, História e Memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes. São Leopoldo: Unisinos, Programa de Pós-Graduação em Educação- Tese de Doutorado- 2009.

MEMÓRIA E EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM PELOTAS - ACERVO DIGITAL DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS DE MATEMÁTICA DO COLÉGIO PELOTENSE (1902-2000)

VIEIRA, Ana Paula Madeira
Aluna do Curso de Licenciatura em Matemática/UFPel, bolsista Novos Talentos/UFPel

ARAUJO, Francine Fernandes
Aluna do Curso de Licenciatura em Matemática/UFPel, bolsista do PIBID/UFPel

MOREIRA, Laura Leal
Aluna do Curso de Licenciatura em Matemática/UFPel, bolsista do PIBID/UFPel

LUZ, Luciane Bichet
Aluna do Cursos de Licenciatura em Matemática/UFPel, bolsista do PIBID/UFPel

SANTOS, Mélany Silva dos
Aluna do Curso de Licenciatura em Matemática/UFPel, bolsista do PIBID/UFPel

RIOS, Diogo Franco
Professor do Departamento de Matemática e Estatística/IFM/UFPel, orientador

Em 2013, ligado ao Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) da Universidade Federal de Pelotas, iniciou-se o projeto de pesquisa "A modernização da matemática em instituições escolares de Pelotas-RS (1950-1979)" (RIOS, 2013), cujos objetivos estão voltados a "identificação, valorização e preservação dos acervos escolares, minimizando a vulnerabilidade em que estes se encontram", especialmente na Escola Estadual de Ensino Fundamental "Félix da Cunha", criada em 1913 e no Colégio Municipal Pelotense, criado em 1902.

Além dos objetivos relacionados à preservação documental, o projeto também visa contribuir com reflexões históricas que analisem as práticas didáticas relacionadas com a matemática em Pelotas durante o século XX, tomando inicialmente o acervo do Colégio Pelotense como fontes prioritárias para a execução da proposta.

Contudo, ainda não foi possível realizar análises históricas sistemáticas a respeito das práticas escolares de ensino de matemática com base no material existente no acervo documental dessas instituições, em função do grande volume de documentos encontrados e das condições que tais documentos se encontravam.

As condições precárias e acondicionamento e conservação, exigiram um redimensionamento dos processos de organização, higienização e catalogação pretendidos, levando a converter aquele projeto de pesquisa em projeto de extensão, o qual se encontra seguindo os trâmites para sua aprovação.

A criação do referido projeto de extensão tem por o objetivos dar continuidade ao trabalho que já foi iniciado no Colégio Pelotense e produzir de um acervo digital que contenha o acervo completo referente às práticas didáticas de matemática ocorridas na Instituição desde sua fundação até o final do século XX.

O Gymnasio Pelotense, primeiro nome da Instituição, foi fundado em 24 de outubro de 1902, pelas sociedades maçônicas Antunes Ribas, Lealdade e Rio Branco, e passou a oferecer, já nos primeiros anos de existência, desde o nível primário até o superior. Foi no interior dessa Instituição que foram criadas as Faculdades de Farmácia, Faculdade de Odontologia e, posteriormente, a Faculdade de Direito, que, depois de

alguns anos, passaram a integrar a Universidade Federal de Pelotas (AMARAL, 2005).

Inicialmente, o Gymnasio foi instalado na antiga residência do Dr. Miguel Barcellos, Barão de Itapitocai e, em setembro de 1903, passou a funcionar no casarão adquirido pela Maçonaria, na Rua Félix da Cunha, esquina com a Rua Tiradentes, onde o Gymnasio permaneceu até 1962, sendo transferido para a Rua Marcílio Dias, esquina com a Avenida Bento Gonçalves, onde permanece até hoje.

Sua criação teve grande repercussão na cidade, sendo inicialmente uma instituição privada, possuindo os regimes de internato e externato, aberto somente para meninos e posteriormente a ambos os sexos. O pagamento de taxas variava com a série que o aluno estava cursando, sendo pago trimestralmente.

Diante do legado que o Colégio Municipal Pelotense teve/têm para o município de Pelotas e considerando a preocupação com a preservação da memória institucional, tomamos essa instituição como o ponto de partida de nosso trabalho no município, iniciando o projeto a partir de seu acervo.

Seguem algumas imagens que ilustram as condições em que o acervo se encontrava antes de iniciarmos o projeto e em que estágio se encontra, com o andamento das atividades que vimos realizando.

A primeira ilustra bem a maneira pouco cuidadosa que se encontrava o acervo.

Figura 1: Antes do Início das atividades do projeto. Acervo do projeto "A modernização da matemática em instituições escolares de Pelotas-RS (1950-1979)"
Fonte: Diogo Rios, 2014

A segunda imagem apresenta os documentos já separados por década e aguardando o início do processo de higienização.

Figura 2: Documentos separados por década. Acervo do projeto: "A modernização da matemática em instituições escolares de Pelotas-RS (1950-1979)"
Fonte: Diogo Rios, 2014

Por último, apresentamos uma fotografia da oficina de higienização ministrada por Nitéri Ferreira Vieira, bolsista de Apoio Técnico do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação, da UFPel.

Figura 3: Acervo do projeto: "A modernização da matemática em instituições escolares de Pelotas-RS (1950-1979)"
fonte: Diogo Rios, 2014

Resultados

Até o presente momento o projeto já realizou a separação dos documentos institucionais, dividindo-os por décadas. Estamos, atualmente, na etapa final do processo de higienização dos documentos que permanecerão no Colégio. Boa parte dos documentos localizados não permanecerá no Colégio, mas será enviado para o Centro de Documentação (CEDOC/UFPel) que assumirá a responsabilidade de preservação e salvaguarda dos mesmos. Após a devida organização do acervo higienizado, serão iniciadas as etapas relacionadas especificamente com os documentos de matemática: os documentos serão catalogados e digitalizados, para posterior disponibilização para a comunidade escolar e para os pesquisadores interessados.

Conclusão

Uma das primeiras contribuições desse projeto é a organização, catalogação e digitalização do acervo documental de matemática do Colégio Municipal Pelotense, colaborando com a preservação destes, representantes da memória institucional da Instituição.

Reconhece-se que ainda há muito por ser feito, no que se refere às análises históricas sistemáticas desses materiais, etapa que já foi iniciada e está sendo realizada concomitantemente ao processo de preservação do acervo.

Estamos convencidos que este projeto articula objetivos extensionistas e de pesquisa que, ao se realizarem contribuirão para a evidenciar a importância de se preservar os acervos documentais escolares. Esperamos oportunamente apresentar mais resultados de um projeto que ainda está em fase inicial de desenvolvimento.

Referências

AMARAL, Giana L. Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas. 2. ed. Pelotas: Seiva, 2005. 236p.

AMARAL, Giana L.. Acervos escolares: possibilidades de pesquisa, ensino e extensão no campo da História da Educação. Projeto de Pesquisa. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2010.

RIOS, Diogo F.. A modernização da matemática em instituições escolares de Pelotas-RS (1950-1979). Projeto de Pesquisa. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2013. 9 f.

"MÚSICA ÀS 20 PRAS 10": UM FAZER MUSICAL NO CURSO DE MÚSICA - LICENCIATURA

NEIVERT, Cássia
Aluna do Curso de Música- Licenciatura /UFPel, bolsista PIBID/UFPel

HIRSCH, Isabel Bonat
Professora do Curso de Música- Licenciatura CA/UFPEL orientadora, coordenadora do Projeto Música às 20 pras 10

Este trabalho tem como objetivo relatar as práticas desenvolvidas pelo Projeto Música às 20 pras 10, existente desde 2003, coordenado pela Professora Isabel Bonat Hirsch e desenvolvido dentro do curso de Música - Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas/RS.

Sendo um curso de licenciatura, a prática musical caminha em conjunto com a educação musical, e se encontra em várias disciplinas ao longo do curso, tais como Coral, Prática Instrumental em Grupo, disciplinas de instrumento, entre outras. Porém, há pouco espaço para que os alunos se sintam livres para explorarem seus gostos, e se sentirem além de educadores, músicos de fato. Segundo Cavalcanti (2009),

> O ato de praticar ou aprender através de experiências sistemáticas é compreendido como um requisito essencial para aquisição de habilidades em diversos domínios. Na música, representa um ritual inevitável incutido na rotina diária daqueles que se envolvem com o estudo do instrumento musical. Músicos praticam para adquirir uma técnica proficiente (BARRY; HALLAM 2002 apud AUSTIN; BERG, 2006), aprender um novo repertório, desenvolver interpretação musical, memorizar uma peça e, consequentemente, preparar-se para a performance (CAVALCANTI, 2009, p. 15).

Oportunizar que o acadêmico, futuro educador musical, tenha um incentivo para que o seu estudo seja esse "ritual inevitável" dentro de sua formação é acreditar no profissional e na qualidade da educação da nossa universidade. Além disso, a grande carga horária do curso muitas vezes não permite que os acadêmicos vejam o resultado desse estudo realizado pelos colegas, suas performances e habilidades musicais, o que diminui a integração acadêmica e a troca de saberes.

Metodologia

O curso de Licenciatura em Música é diurno, sendo que a maioria das disciplinas ocorre na parte da manhã, e o intervalo entre uma e outra é das 9h40 minutos até às 10h. O Projeto oportunizou que os alunos dos cursos de música da UFPel – licenciatura

e bacharelado – pudessem utilizar esse período para apresentarem, pelo menos, uma vez por semana as práticas, saberes e competências adquiridas, por isso o nome “Música às 20 pras 10”, pois é o horário em que a música acontece.

Para que sejam organizadas as apresentações, o Projeto conta com duas alunas do curso de licenciatura que organizam as datas, fotografam e filmam as mesmas, para alimentar as redes sociais onde o projeto é divulgado para a comunidade participar e prestigiar. Sendo assim, a comunidade que quer participar entra em contato para agendar uma possível data, informando os materiais necessários. Nessas divulgações sempre é colocado junto o logo pro Projeto, conforme é ilustrado na FIGURA 1:

Figura 1: Logo do Projeto de Extensão “Música às 20 prás 10”
Fonte: Acervo do Projeto, 2007.

Para maior comodidade, caso necessário, é disponibilizado para os participantes dois violões, um piano, uma caixa de som, dois microfones, cabos e cadeiras. O espaço utilizado para as performances é o saguão do terceiro andar do Centro de Artes/UFPEL, onde há maior trânsito de alunos e o espaço é maior, como vemos na FIGURA 2:

Figura 2: Quarteto se apresentando no Projeto de Extensão “Música às 20 pras 10”
Fonte: Acervo do Projeto, 2014

As apresentações acontecem todas as quartas-feiras, no período do intervalo com a duração de vinte minutos. Vale ressaltar que apesar de o Projeto estar vinculado ao curso de Licenciatura em Música, não é necessário ter vínculo com a universidade para participar.

Resultados

Desde 2003, ano de início, o projeto nunca foi interrompido. Já se apresentaram mais de 150 grupos neste projeto. Neste primeiro semestre de 2014 já contou com a participação de 27 músicos. Através destas apresentações são divulgados vários gêneros musicais, sendo apresentadas diferentes práticas com variados instrumentos. Com isso, se incentiva a apreciação musical e se divulga várias culturas, acrescentando à bagagem musical também de quem ouve. Podemos notar isso nas figuras 3 e 4:

Figura 3: Apresentação de duo de Violões no Projeto de Extensão “Música às 20 pras 10”
Fonte: Acervo do Projeto, 2014

Figura 4: Apresentação do Grupo de Flauta Doce da Universidade Federal de Pelotas no Projeto de Extensão “Música às 20 pras 10”
Fonte: Acervo do Projeto, 2011.

Em entrevista realizada com duas acadêmicas que já se apresentaram através do projeto, percebemos que a motivação para se inscreverem vem do incentivo de colegas e professores, e o prazer de divulgarem

suas competências musicais.

Na mesma entrevista, foi ressaltado por ambas que as apresentações contribuíram para a melhora na presença de palco, postura e correções de técnica em uma situação de pressão e nervosismo. Também foi enfatizado o prazer de apresentar o trabalho que está sendo feito e sua divulgação entre os colegas, a oportunidade de auto avaliação, o aprimoramento da performance e como essa prática traz segurança para as apresentações que são realizadas dentro das disciplinas curriculares.

Conclusão

Desta forma, acredita-se que, sem prática, é impossível ser um educador musical competente, pois segundo Barbosa, Nascimento e Santiago (2007),

> "[...] a prática é necessária para capacitar o musicista a adquirir, desenvolver e manter aspectos técnicos, aprender uma nova música, memorizar músicas, desenvolver interpretações e prepará-lo profissionalmente."

E não só em questão técnica musical, mas também o prepara para a postura e disciplina em sala de aula, necessárias para o licenciando. Portanto, o projeto oportuniza os performers a propagarem seus trabalhos como músicos profissionais, incentiva os acadêmicos à prática musical em conjunto, estabelecendo novas relações, além de quebrar paradigmas, levando ao público diferentes fazeres musicais.

Participar de projetos como esse como voluntária no organizar, planejar, divulgar, contribui para autonomia da mesma tanto dentro do curso quanto na sua constituição como pessoa e educadora musical. Isso irá refletir nas suas futuras experiências dentro do ambiente de trabalho, seja no ensino formal, informal ou não-formal.

Assim sendo, é importante ter experiências dentro de um projeto de extensão, como o relatado neste trabalho, pois elas completam a formação do acadêmico, influenciando e ampliando no seu olhar sobre o fazer, pensar, educar e ouvir musicalmente.

Referências

BARBOSA, M.L.S., NASCIMENTO, L.C., SANTIAGO, D. Diagnóstico da prática musical na graduação em música na UFBA (licenciatura e bacharelado).In: Anais do III Simpósio de Cognição e Artes Musicais Internacional.

CALVALCANTI, Célia Regina Pires; Auto-Regulação e Prática Instrumental: Um estudo sobre as Crenças de Auto-Eficácia de Músicos Instrumentistas. 2009, 159 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/19468/Dissertacao%20-%20Celia%20Regina%20Pires%20Cavalcanti.pdf?sequence=1>.Acesso em 01 AGO 2014.

O LÚDICO NO PROJETO NOVOS CAMINHOS

SILVA, Valesca
Aluna da Licenciatura em Pedagogia, bolsista PROBEC/ UFPel

RANGEL, Gilsenira de Alcino
Professora do Departamento de Ensino FaE/UFPel, orientador

O Projeto de Extensão Novos Caminhos atende jovens com síndrome de Down e Deficiência Intelectual. É um projeto que tem, entre seus objetivos, promover a autoestima dos alunos, estimular autonomia e desenvolver habilidades linguísticas e matemáticas.

A equipe é formada pela coordenadora, uma psicopedagoga voluntária, nove acadêmicas da Pedagogia, denominadas professoras-aprendizes e um licenciado em Ciências Sociais. São atendidas duas turmas, uma Avançada (já alfabetizada) e outra em Alfabetização. As aulas acontecem na Faculdade de Educação. A alfabetização tem encontros todos os dias, das 9h as 11h e a Avançada tem encontros segunda, quartas e sextas-feiras, das 8h e 30min até 11h e 30min.

Partimos do pressuposto de que o lúdico contribui para a aprendizagem do aluno e proporciona ao professor o preparo de aulas dinâmicas, tornando-se um aliado do educador. O que faz com que o aluno interaja mais na sala de aula, o jogo auxilia no desenvolvimento do pensamento, bem como na imaginação, tomada de decisões e criatividade (LISBOA, 2012).

Brincadeiras e jogos tem grande importância na prática pedagógica, que enriquecem o processo de aprendizagem, por isso não devem ser usados somente como lazer na sala de aula, pois favorecem a criação, auto-confiança, autonomia, socialização e construção de laços afetivos (CAPATI, 2001).

O lúdico, além de auxiliar na aprendizagem, gera prazer, o que é essencial para as crianças. Porém, para que uma atividade pedagógica seja considerada lúdica, é importante que crianças e jovens tomem decisões, façam escolhas e descobertas, do contrário será considerada como mais um exercício (FERNANDES, 2007).

Os jogos devem ser incentivados desde o início da infância, como forma de incitar o seu senso de iniciativa, e manter a criança mentalmente ativa. Por isso a importância de levar para dentro da sala de aula, os jogos e brincadeiras, pois estimulam o desenvolvimento do pensamento(KAMII, 1991).

Metodologia

A atividade foi realizada em uma turma de quatro alunas, três com Síndrome de Down e uma com deficiência intelectual, que participam do Projeto de

Extensão Novos Caminhos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. As alunas receberam nomes fictícios para preservação de sua identidade: Dama, Rainha, Copa e Espada.

Todas já são alfabetizadas, a mais velha do grupo, a Dama tem trinta e cinco anos, a Copa e a Rainha com vinte e cinco anos e a Espada com vinte e quatro anos de idade.

A escolha dos jogos para a realização da atividade se deu pelo perfil da turma, pois tratam-se de alunas adultas, já alfabetizadas e os jogos ´´Pingo no i`` e ´´Buggle Slam`` são ótimos para serem jogados também por adultos, e por se tratar de jogos que não são tão infantis.

O ´´Pingo no i`` é um baralho diferente com letras no lugar de números e naipes. Com ele é possível jogar de várias maneiras, tendo como base o desafio de formar palavras que contenham no dicionário. Escolhemos duas formas para serem jogadas na aula.

Na primeira, cada jogador recebe nove cartas, Para iniciar a partida deve comprar outras duas, se formar alguma palavra, com no mínimo três letras, coloca-a em cima da mesa, descarta uma carta e passa a vez. E assim acontece até o primeiro jogador bater, isso se dá quando forma palavras e fica sem cartas na mão. Quando isso acontece, o jogador pode comprar outras nove cartas da mesa e continuar no jogo. Ganha o jogo quem bateu mais vezes.

Na segunda opção escolhida, espalham-se as cartas na mesa com as letras viradas para baixo. Cada jogador vira uma carta na sua vez e assim sucessivamente até alguém conseguir formar uma palavra com as letras abertas. A palavra deve ter no mínimo três letras. Ganha o jogo aquele que acumular o maior número de palavras.

Já o jogo ´´Buggle Slam`` é um jogo de palavras com quatro letras, as cartas são distribuídas igualmente entre os jogadores. A partida começa com a palavra JOGO no centro da mesa, os jogadores devem tentar mudá-la, colocando outra letra em cima de uma das letras. Como, por exemplo, colocar a letra L em cima da letra J, formando a palavra LOGO. Vence o jogo o quem terminar primeiro as suas cartas da mão. Caso aconteça de ninguém mais colocar novas letras para formar uma nova palavra então, o ganhador será quem tiver menos letras na mão.

Resultados

Ao começarmos o trabalho com jogos, perguntamos às alunas se conheciam jogos de cartas e responderam que sim, porém relataram que não sabiam como jogar. Falamos que eram jogos diferentes, que as cartas tinham letras ao invés de números. Então, explicamos as primeiras regras do jogo ´´Pingo no “I”.

Figura 1: Alunas jogando Pingo no “i”
Fonte: Fotografia da autora, 2014.

Depois que cada jogadora recebeu suas nove cartas, iniciou a partida. Na primeira rodada apenas a Rainha conseguiu formar a palavra mico, com quatro letras, e a Dama não construiu nenhuma palavra, a Espada e a Copa formaram palavras com três letras.

A Copa teve dificuldade de segurar as cartas em forma de leque, por isso não conseguia visualizar todas as letras ao mesmo tempo e demorava um pouco mais de tempo, do que as outras jogadoras, para montar as palavras.

Em quase todas as jogadas, foi preciso nossa intervenção, para montar as palavras, como sugerir que trocassem as cartas de lugar. Porém em algumas delas, as jogadoras não precisaram de ajuda.

A jogadora Espada teve dificuldades em perceber a palavra ´´meu``, então formamos a frase: O casaco que estou vestindo é meu. Assim ela conseguiu perceber a palavra.

Das vinte palavras formadas pelo grupo, apenas duas delas continham cinco letras, as demais tinham entre três e quatro letras. Esse jogo durou em torno de quarenta minutos, e a alunas gostaram muito. Depois que a partida acabou queriam continuar jogando, porém sugeri a outra forma de jogar o ´´Pingo no i`` e elas aceitaram.

Percebemos que nesse jogo, Rainha e Espada tive-

ram mais dificuldades. Uma delas tentou formar palavras que não existem no dicionário, a outra construiu poucas palavras, e às vezes com a ajuda das outras duas jogadoras. A Rainha ficou chateada, pois não conseguiu criar muitas palavras.

A Dama, que no jogo anterior formou menos palavras que as outras, nesse teve destaque, pois ficou bem atenta e até ajudou as companheiras. A Copa preferiu ficar em pé, assim conseguia ver todas as letras que já tinham sido viradas, e também teve destaque nessa partida.

Porém, muitas vezes, precisamos dar dicas às jogadoras, como´´ tem uma palavra na mesa que começa com a letra m``. Nessa versão do jogo não construíram palavras com cinco letras. A maior parte delas foi formada com três e quatro letras.

No fim do jogo, sobram apenas consoantes na mesa, então perguntei a elas se seria possível construir mais palavras, e a Espada respondeu que não, pois só havia letras consoantes.

O último jogo ´´Buggle Slam``, foi considerado pelas jogadoras o mais difícil. Elas tiveram dificuldades, e algumas vezes não conseguiam perceber qual letra e em que lugar deveria ser colocada, para formar uma palavra. Às vezes colocavam uma vogal sobre uma consoante, sem formar palavra alguma.

Foi necessário fazê-las pensar se com aquela palavra podia construir alguma frase, assim elas percebiam que era preciso colocar a vogal sobre outra vogal, para formar outra palavra.

Conclusão

A partir das atividades realizadas, foi possível observar que os jogos aplicados despertaram nas alunas interesse e motivação para conseguir realizar as atividades propostas.

O grupo se manteve atento e disposto, mesmo às vezes sem conseguir atingir o objetivo de formar palavras. Daí percebe-se a importância de fazer uso dos jogos pedagógicos em sala de aula, como forma de ajudar na aprendizagem dos alunos com deficiência, tornando esse processo mais eficaz e atrativo.

Portanto, o uso de jogos serviu para desenvolver a lógica, interação e vocabulário das alunas, bem como competências e habilidades para expor ideias próprias. Além disso, os jogos também contribuíram para concentração, pois através deles, foi necessário que elas ficassem atentas ao jogo, percebendo cada carta, para conseguir montar as palavras. Dessa forma, desenvolve também a percepção visual.

Outro aspecto desenvolvido é a cooperação, já que em muitas vezes, as jogadoras ajudavam umas às outras, dando dicas para as colegas e até mesmo mostrando a palavra que poderia ser montada através das cartas.

Os jogos estimulam o desenvolvimento cognitivo, que se dá através da interação social: aluna/ aluna-aluna/professora, e também em torno das regras dos jogos, pois é necessário entendê-las para poder jogar.

Referências

BROUGÈRE, G. Brinquedos e Companhia. Porto Alegre: Cortez, 2004.

CAPATI, Roseli Sybilla Grunemberg. O valor da brincadeira para o desenvolvimento da crianca de 0 a 6 anos .1991. Monografia em PSICOPEDAGOGIA. São Bernardo do Campo, 1991.

FERNANDES, Carine. A Escola Redescobre o Brincar. Revista Educação. Porto Alegre, Set/Out 2007.

KAMII, C. VRIES, Retha. Jogos em Grupo na Educação Infantil: Implicações da teoria de Jean Piaget. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

Referências eletrônicas

LISBOA, M. A importância do lúdico na aprendizagem, com auxílio dos jogos. Disponível em http://brinquedoteca.net.br/. Acesso em 27/07/2014

O TRABALHO COM O ACERVO DOCUMENTAL DO MUSEU DO COLÉGIO MUNICIPAL PELOTENSE – PELOTAS/RS

SICCA, Aline Dauniz
Aluna do Curso de Pedagogia/UFPel, bolsista do PROBIC/UFPel

VIEIRA, Nitéri Ferreira
Aluna da Pedagogia/UFPel, bolsista AT/CNPq

AMARAL, Giana Lange do
Professora do PPGE/FaE/UFPel, coordenadora

Este texto tem a intenção de apresentar o trabalho em andamento desenvolvido junto ao Museu do Colégio Municipal Pelotense, respaldado a partir do projeto "Acervos escolares: possibilidades de pesquisa, ensino e extensão no campo da História da Educação"[1], coordenado pela Professora do PPGE/FAE/UFPel, Giana Lange do Amaral; vinculado ao Centro de Documentação do Centro de Estudos e Investigação em História da Educação (CEDOC/CEIHE-FaE/UFPel).

O projeto, inserido no campo da História da Educação, prioriza a atuação junto a escolas da rede pública de ensino de Pelotas que tenham interesse em buscar a valorização, organização e constituição de seus acervos históricos (documentos, livros, mobiliário) e de sua história e memória institucional. Neste texto, abordaremos especificamente do trabalho de preservação de parte do acervo do Museu do Colégio Municipal Pelotense, que desenvolvemos desde o segundo semestre de 2013, com intensificação do trabalho em 2014.

O Colégio Municipal Pelotense (CMP), fundado em 1902, é uma das instituições públicas de ensino mais antigas da cidade ainda em funcionamento. Desde 2005, o seu Museu nas dependências da própria Instituição, sendo coordenado pela professora de História Marisa Dias. Além dos documentos, o Museu reúne diversos objetos que reportam a cultura material escolar, como mobiliário, fotografias, uniformes, entre outros. O acervo documental do MCP é constituído por documentos oficiais emitidos e recebidos, relatórios de notas e exames, diários de classe, fichas de matrícula do corpo discente, livro ponto dos docentes, atas de reuniões do corpo docente, documentos do grêmio estudantil, entre outros.

Metodologia

Para a compreensão de categorias de análise que perpassam o presente estudo, tomamos como fundamentação teórico-metodológica, Amaral (2002; 2005), Gatti Júnior (2002; 2007), Saviani (2005), Silva (2009) e Werle (2004) para análise da instituição escolar e Arriada; Teixeira (2012), Teixeira; Sicca; Vieira; Duarte (2013), Faria Filho et al. (2004) para a categoria acervos escolares; Froner (2008) e Spinelli (2010) para respaldo do processo de higienização de

documentos.

Em nosso trabalho, inicialmente, reuniu-se os documentos que se encontravam em vários locais da escola. Na sequência, separamos o material por décadas, desde a primeira do século XX até a década atual. Higienizamos e identificamos os documentos em um livro paginado. Até o momento realizamos a higienização e identificação dos documentos das quatro primeiras décadas do século XX. Após, realizaremos a digitalização dos documentos que estarão disponíveis em um "Blog do Museu" a ser constituído por nós. Blog esse que esperamos que sirva não apenas para disponibilizar o acervo do Museu, mas seja também um contato vivo com a comunidade que a ele recorrer. Ressalta-se que a materialidade dos documentos estará devidamente acondicionada e identificada em um espaço nas dependências do MCP.

É necessário ressaltar que o processo de higienização é executado de acordo com os procedimentos e estudos da área da Museologia conforme as especificidades do material e da instituição escolar, com o intuito de prolongar ao máximo a existência dos objetos, almejando estagnar e controlar os efeitos de degradação que os mesmos sofrem (Froner, 2008). Dessa forma, em mesas forradas com TNT branco, higienizamos página por página dos documentos. Utilizamos materiais como pinceis de diversos tamanhos, luvas, máscaras e jaleco - para preservação do documento e segurança da saúde de quem está executando a atividade. Depois do material higienizado, envolvemos as pastas e livros em TNT, embrulhando-as, antes de serem destinados ao local definitivo de arquivamento no Museu do Colégio.

Resultados

As pesquisas na área da História da Educação, nas últimas décadas, alargam-se e voltam-se, cada vez mais, para a investigação da História das Instituições Escolares.

A partir do conceito de cultura escolar, ampliou-se o campo de investigação, ampliando-se os objetos e fontes de análise.

> Desse modo, percebe-se que a perspectiva de análise da História das Instituições Educacionais almeja dar conta dos vários sujeitos envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino e de aprendizagem, por meio da busca da apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos. (GATTI JÚNIOR, 2007, p. 184).

Como já foi descrito, no trabalho desenvolvido, o acervo documental foi separado e agrupado a partir do ano a que se refere o documento. No momento, estamos fazendo a higienização do material, sendo que ainda não concluímos a primeira metade do século XX; devido ao grande volume de documentos do acervo. A seguir, apresentamos alguns registros fotográficos do acervo e do trabalho de higienização dos documentos.

Nesse sentido, consideramos que seja de grande importância o resgate e preservação do acervo desta instituição, como forma de resgatar e preservar sua memória e história, contribuindo para a consolidação da identidade Gato Pelado[2].

Conclusão

A partir do trabalho executado até o momento, de certa forma, já conseguimos alcançar a preservação de parte do acervo documental a nós disponibilizado. Cumpre ressaltar que esse é um trabalho que pretende-se que tenha continuidade e que gerará como fruto imediato uma publicação ainda no ano de 2014, sobre os 10 anos do Museu do CMP. Conforme já foi salientado, ele representa parte de um projeto maior que visa o resgate da identidade institucional e de acervos escolares, assim como a abordagem de aspectos da história e memória de instituições educacionais pelotenses.

Notas

1. Esse Projeto é financiado pelo Edital Universal/ CNPQ/2012 e Bolsa Produtividade em Pesquisa CNPQ/PQ2 à Profa. Giana Lange do Amaral.
2. Apelido dado aos alunos do Colégio Municipal Pelotense.

Referências

AMARAL, Giana Lange do. Gymnasio Pelotense, Colégio Municipal Pelotense: entre a memória e a história 1902 – 2002. Pelotas: Educat, 2002.

Figura 1. Acervo documental do Colégio Pelotense.
Fonte: Acervo CEIHE/CEDOC – UFPel.

Figura 2. Processo de higienização dos documentos do acervo da instituição.
Fonte: Acervo CEIHE/CEDOC – UFPel.

AMARAL, Giana Lange do. Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: Uma Face da História da Educação em Pelotas. 2ª ed. Pelotas: Seiva, 2005.

ARRIADA, E.; TEIXEIRA, Vanessa B. Acervos Escolares: espaço de salvaguarda e preservação do patrimônio educativo. R. Biblos, v. 26, n.1, p.43-56, 2012.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. Educ. Pesq., São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr. 2004 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a08v30n1.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2014.

FRONER, Yacy-Ara; SOUZA, Luiz Antônio C. Preservação de bens patrimoniais: conceitos e critérios. Belo Horizonte: LACICOR – EBA – UFMG, 2008.

GATTI JÚNIOR, D. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. In: ARAÚJO, José Carlos; GATTI JÚNIOR, Décio. (Org.). Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia (MG): EDUFU, 2002.

GATTI JÚNIOR, D. História e historiografia das instituições escolares: percursos de pesquisa e questões teórico-metodológicas. R. Educ. Qst., Natal, v. 28, n. 14, p. 172-191, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Instituições Escolares: Conceitos, História, Historiografia e Práticas. Cad. Hist. Educ., nº 4, jan./dez., 2005, p. 27 – 33.

SILVA, J.C. da. História da Educação: Instituições Escolares como objeto de pesquisa. R. Educere et Educare. v. 4, n.8, p.213-231, 2009.

SPINELLI, Jayme. Recomendações para a higienização de acervos bibliográficos e documentais. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Coordenadoria de Preservação (COP), 2010.

TEIXEIRA, Vanessa B. SICCA, Aline D.; VIEIRA, Niteri F.; DUARTE, Sheila. A organização e o tratamento técnico da Hemeroteca do Centro de Documentação (CEDOC-CEIHE): um espaço para salvaguardar a História da Educação da cidade de Pelotas/RS. In: 19º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO RIO-GRANDENSE DE PESQUISADORES EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (ASPHE). Pelotas, 2013, Anais... Pelotas: FaE, UFPel, 2013, p. 225-237. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/217834832

OFICINAS MULTILINGUAGENS DO GEPAM: POLO DE SÃO LOURENÇO DO SUL

GONÇALVES, Elisane Strelow
Aluna do Licenciatura em Matemática a Distância, bolsista GEPAM

BRACHER, Daniele
Aluna de Licenciatura em Matemática a Distância/IFM/UFPel

BENDER, Luciano
Aluno de Licenciatura em Matemática a Distância/IFM/UFPel

ROSA, Chaiane Barbosa da
Aluna da Licenciatuira em Matemática, bolsista GEPAM

RAMOS, Rita de Cássia de Souza Soares
Professora do Departamento de Matemática e Estatística/IFM/UFPel, coordenador

O presente resumo visa divulgar algumas oficinas do GEPAM – Grupo de Estudos e Iniciação à Pesquisa na Área de Matemática, promovidas através do projeto de extensão oficinas multilinguagens, vinculado ao programa Laboratórios Multilinguagens, do LIFE/UFPel. As oficinas tratam de conceitos de matemática do Ensino Fundamental e são ministradas pelos participantes do grupo supracitado, em sua maioria alunos do Curso de Licenciatura em Matemática a Distância, no polo de São Lourenço do Sul, com orientação de professores da UFPel.

Metodologia

As experiências apresentadas tratam de três oficinas de estudos, trabalhadas com alunos do Ensino Fundamental e estudantes do Curso de Licenciatura em Matemática a Distância da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. A proposta das oficinas aponta para que as mesmas, além de contribuírem para o aprendizado de matemática dos alunos do Ensino Fundamental, ajudem os estudantes do Curso de Licenciatura em Matemática a Distância a prepararem-se para a profissão docente.

Resultados

Estas oficinas foram planejadas e realizadas de três diferentes formas. A primeira foi realizada em forma de um pequeno curso com materiais lúdicos, e para a avaliação foi feita uma gincana no pátio do polo. Tanto o curso como a gincana foi realizada para um grupo de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, que pretendiam fazer a prova de seleção pra ingressar na escola técnica do IFSUL.

Figura 1: Aluna usando o transferidor
Fonte: Fotografia dos autores

Figura 2: Alunos na gincana
Fonte: Fotografia dos autores

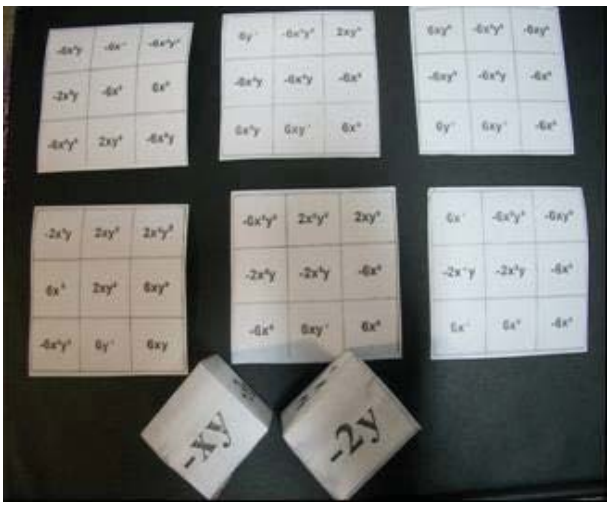


Figura 3: Cartela e dados do Danômio
Fonte: Fotografia dos autores

Nestas aulas o conteúdo trabalhado foi a geometria plana (área, perímetro, ângulos, triângulos e quadriláteros), conforme indicado nas figuras 1 e 2.

Salientando a importância do estudo da geometria Lorenzato (1995), diz que:

> Sem estudar geometria as pessoas não desenvolvem o pensar geométrico o raciocínio visual e, sem essa habilidade, elas dificilmente conseguirão resolver as situações de vida que forem geometrizadas; também não poderão se utilizar da geometria como fator altamente facilitador para a compreensão e resolução de questões de outras áreas do conhecimento humano. Sem conhecer a Geometria a leitura interpretativa do mundo torna-se incompleta, a comunicação das ideias fica reduzida e a visão da matemática torna-se distorcida. (LORENZATO, 1995, p.5).

A Segunda oficina ministrada foi sobre jogos e atividades lúdicas no ensino da Matemática. O público-alvo foram os alunos do Curso de Licenciatura em Matemática a Distância da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. O objetivo da atividade foi de ampliar as estratégias de ensino destes futuros professores. Foram dois os jogos construídos e analisados durante o encontro. Dentre os jogos construídos estão o Tabuleiro das Potências, disco de frações e o Danômio.

O "Danômio" proposto por Fietz e Martins (s/d, p.5), possibilita praticar a multiplicação de monômios. Consiste em dois dados com um monômio em cada face e tabelas respectivas com o resultado da multiplicação de duas faces dos dados, conforme apresentado na Figura 3.

Segundo TURRIONI (2003), ao falar do Laboratório de Ensino de Matemática (LEM), argumenta que o mesmo,

> [...] além de se constituir num espaço físico destinado a se guardar materiais didáticos, deve ser um ambiente agradável, onde os presentes se sintam a vontade e dispostos a pensar, criar, construir e descobrir estratégias de Educação Matemática que visem a melhoria do ensino-aprendizagem de Matemática. Nesse ambiente, é importante que o aluno produza o seu material, com a orientação do professor, e não apenas manipule materiais didáticos ou jogos, adquiridos já prontos. (TURRIONI, 2003, p.3)

A terceira oficina foi um curso do software Geogebra, também para alunos do Curso de Licenciatura em Matemática a Distância, realizada no laboratório de informática do polo de apoio presencial de São Lourenço do Sul. Participaram do curso 16 alunos de Licenciatura em Matemática a Distância, ministrado em 5 etapas de 4 horas/aula cada. Foi utilizado projetor com computador portátil para mostrar a utilização de cada ferramenta e um computador por participante.

O objetivo foi apresentar noções básicas para a utilização do software de geometria dinâmica Geogebra para o ensino da Matemática. Bezerra e Assis (2001, p.1), ao sugerirem o software Geogebra para introdução de conceitos de Geometria, nos dizem que

> As tecnologias vêm ocupando um espaço cada vez maior na sociedade, sobretudo no dia-a-dia, das pessoas nos mais diversos contextos: em casa, na rua, na escola e no trabalho. No entan-

> to, utilizar as tecnologias para fins educacionais implica reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem e a necessidade de formação adequada dos professores. (BEZERRA; ASSIS, 2001, p.1)

Foram abordados comandos e ferramentas básicas do software, prática no computador e construção de exemplos para uso em sala de aula, com ênfase em Geometria.

Conclusão

As atividades aqui relatadas tiveram resultados positivos e atingiram os objetivos propostos, pois os alunos que frequentavam perceberam significado nos conteúdos estudados e através da utilização de material concreto compreenderam conceitos que antes eram considerados sem aplicabilidade.

Materiais manipuláveis de diversos tipos são, ao longo de toda a escolaridade, um recurso privilegiado como ponto de partida ou de suporte para muitas tarefas escolares, em particular das que visam promover atividades de investigação e a comunicação matemática entre os alunos.

Característica importante da utilização de jogos e materiais concretos é que eles promovem o interesse dos alunos nas atividades propostas. Facilitando também para o professor que tem a oportunidade de exercitar os conteúdos de uma forma menos árdua. Embora a construção e o planejamento dos jogos seja bastante trabalhosa para o professor, é possível optar por atividades que os próprios alunos construam.

Os jogos e materiais concretos, quando bem planejados, facilitam a criação de um ambiente propício a construção do conhecimento, logo, é importante que os futuros professores saibam detectar aqueles que melhor condizem com os objetivos que se pretende alcançar naquela atividade. Para isso, o professor precisa desenvolver suas aulas com um olhar crítico, atentando para a constante reflexão de suas práticas.

Acreditamos que a participação nestas oficinas enriqueceu muito nossa formação. Quanto ao nosso aprendizado no papel de alunos-professores, percebemos como é fundamental refletir sobre as atividades e os materiais que vamos propor aos alunos, para que o objetivo de nossas aulas sejam alcançados e não fique somente numa recreação.

Referências

BEZERRA, Maria da Conceição Alves. ASSIS, Cibelle Castro de. Atividades com o GeoGebra: possibilidades para o ensino e aprendizagem da Geometria no Fundamental. XIII Conferência interamericana de educação matemática. Recife: 2011. Disponível em: <http://www.cimm.ucr.ac.cr/ocs/index.php/xiii_ciaem/xiii_ciaem/paper/view File/1646/196> Acesso em 08 de janeiro de 2014.

FIETZ, Henrique Moura. MARTINS, Sílvia Letícia Shardozim. Jogos e Materiais Manipulativos para o ensino da Matemática para o Ensino Fundamental. Disponível em http://www.pucrs.br/edipucrs/erematsul/minicursos/jogosematerialismanipulativos.pdf Acesso em 10/11/2013 às 20:09 horas.

LORENZATO, S. Por que não ensinar Geometria? Revista da Sociedade Brasileira deEducação Matemática, Blumenau, n. 4, p. 3-13, jan./jun. (1995).

MADRUGA, Adelson Carlos. SILVA, Elizangela Mário da. Jogo no Ensino de Potências de
Números Inteiros: Um Relato de Experiência. III Encontro Regional em Educação Matemática. UFPB Disponível
em http://www.sbemrn.com.br/site/III%20erem/relatos/doc/RE_Madruga_e_Silva.pdfAcess o em 29/10/2013 às 13:14 horas

TURRIONI, A. M. S. e PEREZ, G. O Laboratório de Educação Matemática na Formação Inicial de Professores. Anais do VII Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática- UNESP, São Paulo – Rio Claro, 2003.

PET DIVERSIDADE E TOLERÂNCIA: ARMANDINHO E A DIVERSIDADE DESDE A RAIZ

REIS, Maria Joilma Ferreira dos
Aluna de Licenciatura Letras/Francês da UFPel, bolsista do PET Diversidade e Tolerância/UFPel

FIGUEIREDO, Luma Lorrana Teixeira
Aluna do Curso de Psicologia/UFPel, bolsista do PET Diversidade e Tolerância/UFPel

GILL, Lorena Almeida
Professora Doutora do Departamento de História, Tutora do PET-Diversidade e Tolerância/UFPEL- coordenadora.

O presente trabalho trata da apresentação de uma atividade realizada no 1º semestre de 2014, pelo grupo PET Diversidade e Tolerância, que através dos projetos de extensão busca levar à comunidade discussões sobre preconceitos e formas de transformar a realidade.

Os pressupostos são o de pensar o homem na perspectiva biopsicossocial, considerando a saúde como "o estado de completo bem-estar físico, mental e social" (SÁ, Júnior, 2004, p. 2).

Buscou-se, através dessa atividade, trabalhar o tema da diversidade com as crianças que estão no início de sua educação, para que elas tenham a possibilidade de perceber que existe um mundo plural.

Através das tirinhas do Armandinho, criadas por Alexandre Beck, se trabalhou situações do dia-a-dia e a posição que se deve ter diante delas, principalmente as atitudes, não só no ambiente escolar, mas na rua, em casa e em todas as relações sociais. De caráter critico e uma linguagem simples, Armandinho propõe a seus leitores crianças, jovens ou adultos uma reflexão sobre assuntos rotineiros e que já deveriam estar incorporados à vida de cada sujeito. Essas ideias devem ser entendidas desde cedo pelas crianças, e cabe à escola e a família oferecer oportunidades para que esse conhecimento seja repassado aos mesmos, de forma gradual, mas duradoura.

Metodologia

Para a realização do projeto os petianos, após conhecerem a instituição com a qual irão trabalhar e, utilizando do conhecimento de suas graduações (Psi-

Figura 1: Uma das tiras utilizadas para trabalhar a diversidade durante o projeto
Fonte: Tiras Armandinho

cologia e Letras/francês) elaboraram conjuntamente atividades que estariam de acordo com o objetivo proposto. E, após apresentação do projeto para a diretora do local iniciou-se as atividades.Procurou-se trabalhar de forma lúdica o tema com crianças a partir de 8 anos.

Por meio de 4 encontros realizou-se atividades com leitura de contos de educação inclusiva: observação e análise de tirinhas retiradas da internet que tratassem da diversidade; atividades com massa de modelar onde as crianças puderam usar diferentes formas de expressão. Também se utilizou de dinâmicas de grupo, sendo elas, "prender no pé", as crianças são presas a um colega pelo pé e, devem trabalhar juntos para que consigam realizar a atividade proposta, "a bala", nessa dinâmica eles precisam descascar a bala sem usar as duas mãos e também não podem fazer isso sozinhos, dito isto, eles precisam pedir ajuda ao colega do lado senão não chupam a bala.

No primeiro e no último encontro as crianças realizaram desenhos a partir de sua percepção sobre a diversidade, para que após, os petianos, pudessem analisar, de forma qualitativa os mesmos e, conjuntamente com as observações de cada encontro, avaliar os resultados do projeto.

Resultados

Com o inicio das atividades observou-se, nos relatos das crianças, que essas já tinham uma percepção positiva sobre alguns aspectos da diversidade, porém em suas ações demonstravam o oposto, não respeitando a diferença de alguns colegas, ao se apelidarem, por exemplo, e não conviverem igualmente com todos.

Quando contada a história do João e Maria surdos4, as crianças agiram com naturalidade, chegando a ter algum conhecimento de LIBRAS, a língua brasileira de sinais.

Com o andamento do projeto, as crianças demonstraram estar mais próximas, apresentando uma melhora na relação interpessoal. Aos poucos foram deixando de se chamarem a partir de apelidos e as relações entre eles foram menos belicosas.

A partir da realização de atividades se percebeu uma mudança de comportamento. As transformações pretendidas foram enfatizadas em todos os encontros, de uma forma didática.

Ao se analisar os desenhos feitos por elas, no primeiro e último encontro, compreende-se que ampliaram seu conceito sobre a diversidade, pois ao ser proposto inicialmente que desenhassem o que sabiam sobre o tema as crianças apenas refletiram sobre a atividade realizada no dia. Já no último encontro, ao ser reivindicada a mesma atividade, de desenhar o que sabiam sobre diversidade, algumas crianças desenharam sobre a história do João e Maria ou sobre as suas modelagens, porém muitas crianças foram além das representações das atividades realizadas ao longo dos encontros e expressaram conceitos sobre igualdade e diversidade, através de suas próprias percepções.

Conclusão

Pode-se dizer que o projeto teve resultados positivos, pois todas as crianças participaram das atividades propostas demonstrando prazer na execução. Os petianos conseguiram tratar a diversidade em suas diferentes formas e, através do lúdico, aprenderam e tiveram prazer e motivação ao tratar do tema.

A compreensão da temática da diversidade não se encontra tão distante da realidade das crianças como pensávamos inicialmente, pois ao contrário do que aconteceu, elas já tinham certo entendimento do assunto trabalhado.

Apesar disso, entende-se que trabalhos como estes são de fundamental importância para que se possa refletir sobre as temáticas da diversidade e da tolerância.

Ficou visível que projetos, como os desenvolvidos, oferecem resultados interessantes, já que incitam transformações que podem ir se consolidando no decorrer da vida.

Referências

ARAUJO, U. FERREIRA; SOUZA, LEONARDO LEMOS. Educação moral e diversidade nas escolas: problematizações sobre gênero e sexualidades. Revista Ibero- americana de Educação, nº 59/4, 2012, p. 1. Disponível em: http://www.rieoei.org/deloslectores/4659Lemos.pdf. Acessado em 2 de julho de 2014.

JUNIOR, SALVADOR DE MIRANDA SÁ. Desconstruindo a definição de saúde. Jornal do Conselho de Medicina, Jul/Ago/Set de 2004, p. 1-3. Disponível em: http://www.hsp.epm.br/dis/pg/Def-Saude.pdf. Acessado em 3 de julho de 2014.

PRIMEIROS CONTATOS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

PLAMER, Fernanda Machado
Aluna do Curso de Licenciatura em Letras Português/ Francês e respectivas Literaturas da UFPel

PINHEIRO, Caroline Ferreira
Aluna do Curso Licenciatura em Letras Português e Literatura da UFPel

PEREIRA, Karina Ávila
Doutoranda em Educação/PPGE/UFPEL Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão , orientador

KLEIN, Madalena
Professor Titular FAE/UFPel, coordenador

Este trabalho tem como principal objetivo o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua (L2), para alunos surdos em nível de ensino fundamental, através da elaboração e a criação de um jornal escolar que fará parte das atividades programadas para comemorar o aniversário de 65 anos da Escola Professor Alfredo Dub[1].

Esta atividade está vinculada ao projeto de extensão intitulado Tempos e espaços na educação de surdos, coordenado pela Profª Madalena, da Faculdade de Educação da UFPEL. O projeto supracitado teve inicio em 2007, com foco na realização de ações de formação continuada junto a docentes envolvidos com a educação de crianças, jovens e adultos surdos na cidade de Pelotas e região e acadêmicos das licenciaturas interessados nessa área.

As reuniões para a discussão das ações para o desenvolvimento do Jornal começaram no primeiro semestre de 2014 e realizou-se um total de 05 encontros com os alunos surdos da referida escola de surdos.

Fazem parte dele discentes dos cursos de Letras, História, Teatro, Pedagogia e Matemática, mas cada uma dessas áreas promove atividades distintas com grupos diferentes de alunos. Quanto à criação e ao desenvolvimento do Jornal do DUB, estão envolvidos os discentes dos cursos de Letras, Historia e Pedagogia e seus respectivos orientadores. No entanto, o grupo coordenado pela História é responsável por fazer o resgate da historia da escola; a graduanda da Pedagogia faz um tipo de registro das atividades oferecidas, atualmente, à comunidade escolar; e o grupo da Letras trabalha na criação dos gêneros textuais que comporão o jornal da escola.

O nosso principal desejo é o de realizar com os alunos um trabalho diferenciado com a língua portuguesa por meio de textos de gêneros variados, de forma que o grupo reconheça a utilidade dessa segunda língua, enquanto instrumento de interação e comunicação social. Todavia, respeitando os princípios de uma educação bilíngüe e explorando a experiência visual dos surdos, já que eles estão inseridos em espaços em que as duas línguas co-existem e considerando o aluno um usuário da língua, capaz de se comunicar em diferentes situações e contextos.

Nesse sentido, acreditamos no desenvolvimento da competência comunicativa dos brasileiros surdos por meio do ensino sistemático da língua portuguesa ao lado da Língua Brasileira de Sinais, instaurado o bilingüismo, nas comunidades de usuários de LIBRAS, mas entendendo que esse é um processo de médio a longo prazo.

Com a leitura de alguns referenciais teóricos, percebeu-se a importância de um projeto que contemplasse as especificidades de uma minoria linguística, pois o português escrito é a língua presente nos espaços educacionais apresentados as crianças surdas e, assim como a LIBRAS, é a língua que lhes dá acesso às informações e a comunicação.

Segundo Quadros e Schmiedt (2006) a ineficiência do ensino ocorre porque "a aquisição do português escrito por crianças surdas ainda é baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem o português falado. A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada em português seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes de português". (QUADROS, RONICE Müller; SCHMIEDT, Magali L. P., 2006, p.23).

Então na tentativa de transformar essa realidade, partiremos da concepção de educação bilíngüe que incentiva uma proposta de ensino que preconiza o acesso a duas línguas no contexto escolar, considerando a língua de sinais a LM e partindo dela para o ensino da língua escrita. Assim, a aquisição da L2 passa a ser um processo dinâmico enfatizando interações contextualizadas voltadas para o desenvolvimento da competência comunicativa do aprendiz.

Metodologia

Nesse trabalho irá se falar, exclusivamente, sobre as atividades desenvolvidas com grupo Letramento. O grupo é coordenado por duas acadêmicas do curso de letras da UFPEL e conta com 11 discentes de níveis diferentes da Escola Alfredo DUB, ou seja, têm-se alunos de 5º, 6º e 7º anos.

O nosso principal objetivo é contribuir para uma melhora no letramento de língua portuguesa dos surdos, como L2, através da realização de atividades com os gêneros textuais presentes em jornais. Para isso, o grupo de discentes partirá sempre das experiências prévias dos alunos a partir de atividades de pré-leitura, para ativar os conhecimentos que eles trazem consigo.

Sobre a pratica de letramento cita-se Campos (2004:40) "As práticas de letramento estão diretamente relacionadas às atividades de leitura e escrita e às estruturas sociais em que se encontram, por isso elas mudam conforme o contexto. Essas práticas revelam os diferentes modelos culturais de utilização da a linguagem escrita que se fazem presente nas atividades mais simples do cotidiano das pessoas".

Os encontros com os aprendizes são realizados excepcionalmente as terças-feiras, e tem a duração aproximada de 02 horas. Neles apresentamos atividades pré-planejadas que visam praticar o letramento da língua portuguesa a partir de textos autênticos com temas relacionados à cultura e a comunidade surda, com o intuito de chamar a atenção dos estudantes, aproximando a língua alvo da realidade deles.

Como o modo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa para os surdos é o português por escrito, ou seja, a compreensão e a produção escrita, começamos as nossas intervenções dando ênfase, inicialmente, a leitura, pois segundo Garcez (2001:21) "a leitura é um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e de compreensão e intelecção do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, à memória e à emoção."

Partir da leitura é determinante porque "no caso do surdo, especialmente, o sucesso de uma produção escrita depende sobremaneira dos inputs a que se está exposto. Em outras palavras, quanto mais o professor inserir o aprendiz na situação em que se enquadra a atividade proposta, quanto mais 'insumos', isto é, contextos lingüísticos e situações extralingüísticas, forem ao aprendiz apresentados, melhor será o resultado. (SALLES, Heloisa Maria M. L.; FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Orlene Lúcia; RAMOS, Ana Adelina L., 2004 p.18).

Assim sendo, entende-se que para o surdo a aquisição/aprendizagem da escrita, principalmente, no que se refere a elaboração de textos, dependerá muito do habito de ler e da capacidade dele de decodificar e compreender o que está sendo lido. Por isso, buscou-se um trabalho contextualizado de acordo com uma perspectiva bilíngüe, aliando a LIBRAS, a recursos gráficos e visuais e ao texto propriamente dito.

A decisão de trabalhar a língua portuguesa para surdos a partir dos gêneros textuais se consolidou a partir da leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que consideram os gêneros textuais um aliado importante para a formação sócio-cultural do estudante.

Até o presente momento trabalhou-se somente o gênero "entrevista", começou-se com ela por acredi-

tarmos que se trata de um gênero menos complexo, já que se resume, basicamente, em perguntas e respostas. Para isso, utilizou-se uma entrevista por escrito de um atleta surdo, disponível na internet, começando com uma conversa em LIBRAS com a turma sobre as suas primeiras inferências a respeito da imagem, depois ao trabalho com o texto, sempre sinalizando as questões e partindo do entendimento dos alunos a cerca do texto.

Nos dois últimos encontros, elaborou-se atividades mais práticas, ou seja, em um deles os alunos precisaram elaborar questões escritas e sinalizadas para fazerem a duas pessoas da escola que eles escolheram e no outro eles entrevistaram-nas.

Resultados

Como o presente projeto está em andamento ainda não se tem exatamente resultados para serem apresentados, somente algumas considerações iniciais. Dentre elas, as mais relevantes são as dificuldades encontradas para nos comunicarmos com os aprendizes, pelo fato de não sermos fluentes em LIBRAS, mas sim aprendizes; o fato de não termos formação no ensino de língua portuguesa para surdos; e o nível de interlíngua muito precária dos aprendizes aliado ao desinteresse de alguns em adquirir essa segunda língua, talvez por não considerarem ou não reconhecerem a utilidade dela.

Conclusão

Então, conclui-se, a partir de todas as atividades realizadas até o presente momento, que a criação do Jornal do DUB será um trabalho bastante complexo e que demandará um tempo bem maior do que o previsto inicialmente, mas um objetivo capaz de ser alcançado. No entanto, para se obter um melhor resultado seria muito importante a colaboração da escola no sentido de realizar um trabalho integrado entre os professores da escola e os integrantes do projeto e para isso estamos a caminho desse ideal.

Referências

SALLES, Heloisa Maria M. L.; FAULSTICH, Enilde; CARVALHO, Orlene Lúcia; RAMOS, Ana Adelina L.. Ensino de Língua Portuguesa para surdos: Caminhos para a prática pedagógica vol. 01 e vol. 02. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

QUADROS, Ronice Müller; SCHMIEDT, Magali L. P. Idéias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

CAMPOS, Marcela Luz Saraiva de. As funções da escrita na perspectiva do letramento como pratica social. 2004146f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2004.

PROJETO DE EXTENSÃO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS CARROCEIROS DE PELOTAS: RELATO DE UMA EXPERIMENTAÇÃO DE APROXIMAÇÃO COM A COMUNIDADE CEVAL

RODRIGUES, Morgana Cardoso
Aluna do bacharelado em Psicologia/UFPel, bolsista PERMANÊNCIA/UFPel

RIET, Helena Strelow
Aluna do bacharelado em Psicologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

KREUTZ, José Ricardo
Professor do curso de Psicologia PRG/FaMed

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Projeto de Extensão Histórias e Memórias dos Carroceiros de Pelotas (PREC/CEAD/Psicologia/UFPEL). O projeto tem como objetivo registrar as histórias de vida das pessoas residentes na comunidade Ceval para dar visibilidade à elas, que têm como principal atividade laboral a reciclagem de lixo, sendo o meio de transporte para a coleta, a carroça de tração animal. O registro das histórias e memórias não será, necessariamente, uma reprodução fidedigna, pois trata-se de capturar esse material apenas por meio de relatos dos moradores e por nossas observações.

O projeto teve início em março deste ano, conta com um grupo de oito pessoas, sendo sete acadêmicos do curso de psicologia e o professor coordenador. Apresentaremos neste trabalho, a proposta do projeto e as atividades que estão sendo realizadas até o momento, com um foco específico no relato de uma experiência de aproximação com os moradores da comunidade Ceval, através de um evento que aconteceu no mês de maio para celebrar o dia das mães.

O evento foi organizado em uma ação coletiva com o Ambulatório CEVAL - HCV(Hospital de Clínicas Veterinária) com o auxílio dos alunos do projeto de extensão. Dentro dos objetivos do projeto é esperado uma abordagem direta com os moradores da comunidade para que se criem condições de possibilitar a escuta das histórias e memórias e vivências deles no intuito de construir os relatos e imagens para a produção de um material audiovisual. Tal construção é uma operação singular que pressupõe a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Percebemos que é importante fazer contato e ter uma aproximação com as pessoas que têm pouca ou nenhuma visibilidade em nossa sociedade, pois suas histórias e memórias são ricas, e a chance de serem registradas é rara. Sendo assim, divulgar as histórias e memórias dos carroceiros de Pelotas faz com que o público alvo se sinta valorizado, pois permite um olhar diferenciado para sua própria história, para a de seus pares e para a comunidade acadêmica. Este é precisamente o impacto que se espera do projeto.

Por outro lado, esta ação de extensão remete à alguns problemas de pesquisa que serão desdobrados

ao longo do projeto, mas que agora incidem diretamente sobre como nos relacionarmos com a comunidade. O referencial teórico utilizado para a análise preliminar do projeto lança mão de alguns conceitos que serão desenvolvidos no texto: (1) experimentação (Kreutz, 2003); (2) cartografia (Rolnik, 2006); (3) análise de implicação (Paulon, 2005).

Metodologia

A metodologia adotada para a realização do projeto de extensão é baseada no princípio da cartografia definida aqui como sendo o relato dos momentos vividos com todos os perceptos e afectos do pesquisador e transformá-los em material científico singular. A partir deste princípio é que se pretende localizar o nó problemático agenciado pela a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

Também adotamos alguns procedimentos metodológicos que são complementares: a) a ocupação de um local anexo ao Ambulatório CEVAL-HCV (Hospital de Clínicas Veterinária) onde os moradores da Ceval levam seus cavalos para atendimento veterinário; b) as inserções na comunidade Ceval, por meio de visitas sistemáticas; c) o diário de bordo; d) a realização de festas e atividades lúdicas; e) o oferecimento de sessões de filmes em escolas que as crianças da comunidade estudam, onde pretendemos obter a construção das histórias e memórias, sob o ponto de vista dos jovens que nascem e crescem inseridos neste contexto; f) a construção de imagens e escuta das narrativas dos carroceiros para produzir um material audiovisual.

Por enquanto, as atividades exercidas são coletivas, onde as alunas que são bolsistas no projeto, junto com os colegas voluntários participam de todos as ações, não tendo cada um uma atribuição de trabalhos individuais. Como estamos em fase de aproximação com a comunidade, é importante que todo o grupo seja visto e reconhecido pelos moradores da Ceval que trabalhem unidos com o objetivo de construir as histórias e memórias destes carroceiros.

Podemos destacar uma atividade a qual tivemos oportunidade de dar mais atenção e, por consequência, nos permitimos a experimentação da convivência com a população da comunidade que foi a festa de dia das mães. O evento, como foi citado anteriormente, foi construído em parceria com o Ambulatório CEVAL que já desenvolve atividades com a comunidade há 7 anos.

Foi combinado entre os colaboradores como seriam preparados os lanches, as oficinas de artesanatos e exposições, o pocket show musical, e uma palestra sobre a saúde da mulher. Para as crianças que foram acompanhar suas mães, também haviam algumas atividades, como a exibição de filmes infantis e brincadeiras com desenho em papel pardo e massinhas de modelar.

O grupo da Medicina Veterinária preparou o lanche e ajudou na distribuição; ofereceu a exposição de artesanatos e a mostra de como fazer sabonete com ervas e chás medicinais; e juntamente conosco organizou o evento. O pessoal da Psicologia ficou responsável pela palestra sobre saúde da mulher, onde foi chamada para falar sobre o assunto uma médica voluntária; pelo pocket show musical onde o coordenador e um aluno apresentaram música popular brasileira; e a exibição dos filmes infantis e brincadeiras com as crianças.

Nós ficamos com as crianças, todas entre 2 e 9 anos de idade, onde foi possível observar e descobrir algumas coisas que não esperávamos sobre a realidade delas, mas que sentimos ser importante relatá-las aqui. Sobre essa experimentação de convivência na festa, posso citar Deleuze, que nos deixa em alerta:

> (...)não consiste em ultrapassar a experiência em direção aos conceitos (...). Aqui, ao contrário, trata-se da experiência real em todas as suas particularidades. E, se é preciso ampliá-la, e mesmo ultrapassá-la, é somente para encontrar as articulações das quais essas particularidades dependem. Desse modo, as condições da experiência são menos determinadas em conceitos do que em perceptos puros" (DELEUZE, 1999, p. 19)

Essa ampliação, ou mesmo o ultrapassamento desta experiência, se deu com algumas cenas que chamaram atenção na vivência com as crianças as quais serão explicitadas nos resultados parciais do projeto.

Resultados

Podem ser citados dois episódios interessantes como exemplo destes detalhes da vida das crianças que foi possível captar, ambos ocorridos na sala onde houve a sessão de filmes e as brincadeiras.

O primeiro ocorreu na sessão de filmes infantis, o desenho animado da Peppa Pig e da Turma da Mônica onde as crianças não se sentiam atraídas pela televisão durante a exibição. Elas queriam fazer outras coisas, como conversar ou brincar. Assim como alguns colegas, tínhamos a expectativa de que os filmes fossem cativar a atenção delas, o que foi subvertido por

uma demanda completamente diferente. Essa cena nos impõe que pensemos sobre porque somos induzidos a pensar que as tecnologias e o entretenimento de massa são recursos que sempre irão capturar o desejo das crianças. Talvez, seja o momento de pensarmos em outras estratégias de relação com as crianças, não? Este foi precisamente o processo de implicação que se impôs a partir dessa cena.

O segundo deu-se como uma grande novidade, que pode ser chamado de o acontecimento da festa, que foi o descobrimento da "massinha de modelar". Muitas crianças não conheciam massinha de modelar e estranharam o material, até mesmo hesitaram tocá-la. Na medida em que nós fomos demonstrando as possibilidades de brincar e induzindo a percepção do tato e da criação das formas com o uso da massinha, elas foram se encantando com a nova brincadeira.

Com a frustração de nossas expectativas fizemos uma análise das implicações na experimentação com as crianças. Para compreender o que isso significa no campo científico, refletimos junto com Coimbra, que diz:

> A proposta de analisar nossas implicações é uma forma de pensar, cotidianamente, como vêm se dando nossas diferentes intervenções. (...)A análise de implicações traz para o campo da análise sentimentos, percepções, ações, acontecimentos até então considerados negativos, estranhos, como desvios e erros que impediriam uma pesquisa/intervenção de ser bem sucedida.

Após esse evento, temos a sensação de que diversos caminhos se abrem para as histórias e memórias dos carroceiros de Pelotas, desde que sigamos atentos e vigilantes aos nossos sentimentos morais que nos reforçam nestes lugares de saber tão confortavelmente produzidos pela academia.

As atividades que foram desempenhadas até o momento e a aproximação pretendida com a comunidade está acontecendo de forma contínua. A festa de dia das mães e as inserções na comunidade nos permitiram bons avanços tais como: (1) fazer contato com algumas pessoas que se disponibilizaram para construir conosco suas histórias e memórias; (2) dar mais visibilidade ao nosso projeto para os residentes da Ceval que reconhecem nosso coletivo quando vamos às ruas da comunidade. Com isso, pode-se dizer que os procedimentos metodológicos adotados são de grande auxílio para que consigamos chegar ao nosso objetivo principal e que, em sua maioria, têm produzido resultados positivos e motivadores para todos os que estão envolvidos no projeto.

Conclusão

Percebemos que a implicação de estar inseridos em atividades com a comunidade, afeta diretamente nossa percepção sobre muitas coisas e muda a nossa forma de pensar, mesmo que inconscientemente. E com certeza, o nosso estar ali, provoca alguma mudança no cotidiano e na história dos carroceiros e moradores da comunidade Ceval. Isso nos leva a crer que as formas de aproximação são diversas, nos dando indícios sobre as possibilidades de construção coletiva das histórias e memórias destes carroceiros.

Referências

DELEUZE, G. Bergsonismo. São Paulo: Ed. 34, 1999.

PAULON, S. M. A Análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. Psicologia & Sociedade, 2005.

ROLNIK, S. Cartografia Sentimental. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

KREUTZ, J. R. In(ter)venções em campo de devastação: um problema e três estudos clínicos no pátio do Hospital Psiquiátrico São Pedro. 2003. Tese de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PROJETO HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS CARROCEIROS DE PELOTAS: RELATO DE UMA EXPERIMENTAÇÃO EM ATIVIDADES NA ESCOLA COM CRIANÇAS DA COMUNIDADE CEVAL

RIET, Helena Strelow
Aluna do Bacharelado em Psicologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

RODRIGUES, Morgana Cardoso
Aluna do Bacharelado em Psicologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

KREUTZ, José Ricardo
Professor do Curso de Psicologia e Educação do Campo PRG/Famed/UFPel, coordenador

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Projeto de Extensão Histórias e Memórias dos Carroceiros de Pelotas (PREC/CEAD/Psicologia/UFPel). O projeto visa registrar e dar visibilidade as histórias de vida das pessoas residentes na comunidade Ceval, que tem como principal atividade laboral a reciclagem de lixo, sendo o meio de transporte para a coleta, a carroça de tração animal. . O registro das histórias e memórias não será, necessariamente, uma reprodução fidedigna, pois envolve uma complexidade em capturar esse material pelos relatos dos moradores e pelas nossas observações implicadas. O ponto chave deste trabalho é produção de material audiovisual contando as histórias e memórias destes moradores de forma lúdica e representativa.

O projeto teve início em março deste ano, conta com um grupo formado por acadêmicos do curso de psicologia, o professor coordenador e professores colaboradores. Será apresentada neste trabalho, a proposta do projeto e as atividades que estão sendo realizadas até o momento, focalizando o processo de integração do projeto na comunidade através de uma prática na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Simões Lopes.

Portanto esta ação de extensão remete a alguns problemas de pesquisa que nos interrogam acerca da natureza das atividades na escola os quais serão desdobrados ao longo do projeto, mas que agora nos fazem apostar numa problemática anterior a isso que diz respeito sobre como nos relacionarmos com a comunidade.

Durante o primeiro semestre de atividades, a principal preocupação foi constituir um vínculo e conhecer a comunidade, explorando suas particularidades. Já temos algumas atividades estabelecidas, como visitas sistêmicas a comunidade e a atividade que vem sendo desenvolvida na escola, porém encontram-se em andamento e vem trazendo resultados positivos.

Acreditamos que é importante dar visibilidade as atividades e histórias de vida dos carroceiros da cidade, pelo fato desta parcela da comunidade passar despercebida ao ritmo intenso dos fluxos urbanos e ou por muitas vezes ser considerada uma “sujeira urbana”.

Metodologia

A metodologia do projeto se sustenta por um princípio e alguns procedimentos a serem agenciados ao longo do projeto. O princípio metodológico é a cartografia na qual cartografar consiste em relatar os momentos vividos com todos os seus perceptos e afectos e transformá-los em material científico singular, onde cada relato tem sua individualidade e onde haverá infinitas formas interpretar esta experiência. Os procedimentos metodológicos são: diário de bordo; festas e atividades lúdicas vinculadas Ambulatório de Veterinária da Ceval; construção de estratégias lúdicas para promover a expressão das histórias das crianças a partir da sua experiência escolar; visitas sistemáticas à comunidade para escutar e construir narrativas das suas histórias e memórias; produção de material audiovisual para o registro das histórias e memórias dos carroceiros.

Dentre os procedimentos realizados até o momento, como forma de aproximação da comunidade, destacamos os seguintes: a ocupação de um espaço anexo ao ambulatório de animais que se encontra na comunidade Ceval. Este ambulatório é vinculado ao Hospital Veterinário da UFPEL e tem por finalidade atender os animais utilizados no trabalho dos carroceiros; o auxilio em festas que integram a comunidade e os profissionais que atendem no ambulatório; as visitas sistêmicas a comunidade. Por fim, será dado um destaque onde, foi feito contato com duas escolas nas quais estudam alunos residentes na comunidade. A partir destas formas de aproximação definidas, começou o trabalho de intervenção.

Entendemos que, para abordarmos as histórias dos moradores da Ceval, precisamos conhecer os modos de subjetividade que operam neste ambiente e que caracterizam as territorialidades presentes na comunidade. Então optamos num primeiro momento pela aproximação através das possibilidades descritas, para, posteriormente, partir à produção de materiais que registrem as territorialidades dos moradores.

O trabalho que vem sendo realizado tem caráter de cooperação mútua onde não foram especificadas atividades isoladas para cada colaborador, mas sim, há um envolvimento em todas as atividades por parte de todos os integrantes do grupo.

Consideramos que o trabalho em grupo é enriquecedor e fundamental para manter o envolvimento e a participação. No entanto uma das atividades que acompanhei mais de perto foi a inserção na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Augusto Simões Lopes, na qual venho desenvolvendo, junto com os outros colaboradores, atividades em duas turmas do 5º ano.

Como foi mencionado, destacaremos neste resumo o percurso cartográfico na escola. Para isso partimos da seguinte interrogação: Como a escola se apresentou a nós como uma porta de entrada para a comunidade? Antes disso vamos nos encontrar teoricamente com Suely Rolnik (2006, p.65) para que nos inspire a relatar algumas percepções que tivemos no processo:

> "A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das formações do desejo no campo social. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno de existência humana que se propõe a perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, mutações de sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... até os fantasmas inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, insticionalizados ou não."

Até eu chegar na escola foi necessário construir este processo quase que geográfico de desconstruir meu lugar idealizado do projeto e aceitar a escola como uma possibilidade de aproximação dos moradores da Ceval. Percebemos que o percurso cartográfico é justamente este, qual seja, mergulhar nas reentrâncias, "quebradas" e "becos" da comunidade. Ainda que o ponto de chegada sejam as histórias e memórias dos carroceiros, foi preciso perscrutar as vozes de onde estas histórias se faziam possíveis e por esse motivo pacificamo-nos com a ideia da escola e permitimo-nos pegar carona no fluxo do desejo de produção deixando-nos afetar pela prática.

Segundo Kreutz (2003, p.55) "não há um objeto a ser aprendido, nem uma expectativa de objetividade e de organização do problema, mas há uma implicação do pesquisador que é inevitável e absolutamente necessária para a avaliação dos dados.'' Mais ainda, Kreutz (2003) sugere que implicação significa estar dentro da dobra, dentro da plier1, no nosso caso, dentro da plier da escola . Considerando a proposta do projeto de extensão como um interior (um "dentro do plier" com seus objetivos, regras e expectativas de um produto final), necessariamente esse princípio carece de transversalidades com afetos e perceptos que se projetam de fora para dentro: im-pli(er)-cação.

Então ir ao encontro das crianças e adolescentes da comunidade foi a primeira ideia que surgiu para apro-

ximar o projeto da comunidade. Pensamos em projetar filmes e conhecer os territórios existenciais da comunidade conversando com os adolescentes e crianças e propondo a projeção de filmes no anexo ao ambulatório da CEVAL. Na primeira atividade, propusemos uma sessão de vídeo na sede do projeto, divulgada através da distribuição de cartazes, convidando para a sessão, em pontos estratégicos (comércios locais, ambulatório da veterinária) e também por contato direto com adolescentes na comunidade. No dia marcado para a realização da sessão de video não teve a presença de nenhum adolescente, observamos então a necessidade de procurar novos caminhos e procurar compreender quais os aspectos implicados nesta relação entre a comunidade e a presença dos acadêmicos de psicologia na comunidade.

A partir da frustração encontrada na aproximação nessa atividade com os adolescentes pensamos uma nova forma de constituir vínculos com esses moradores. Começamos então um contato com as escolas nas quais estudam alunos da comunidade. No primeiro momento buscamos contato com os responsáveis pelas escolas, onde observamos bastante interesse no nosso trabalho. Iniciamos então o trabalho com duas turmas que tem alunos oriundos da comunidade Ceval. Uma das turmas no turno da manhã é com alunos do 5º ano (turma esta que faz parte do "Projeto Acelera"). A outra turma do turno da tarde, também é do 5º ano.

A primeira atividade realizada foi uma sessão de vídeo, com o filme "Marcovaldo"2 da Produtora Moviola de Pelotas/RS, na turma do turno da manhã. Observamos demonstrações de bastante entusiasmo por parte dos alunos. Após a sessão, fizemos uma reflexão a partir de cenas do filme e, em seguida, propusemos dar uma continuidade na história de Marcovaldo através da produção textual dos alunos. Foi proposto então que esta produção deveria ser apresentada em encontro posterior.

A segunda atividade realizada foi semelhante a primeira atividade, porém com a turma do turno da tarde.

Depois desta primeira etapa pensamos em reconstruir a história de

Marcovaldo tendo como referência as histórias produzidas pelos alunos. E partir destas, materializar esta nova história, através da produção de uma maquete.

A cartografia nos levou necessariamente para um novo universo onde se faz necessário uma constante análise da experimentação. "Na psicologia social este princípio tem função de qualificar a implicação do pesquisador. Ele funciona como um medidor de intensidades sobre o acontecimento pesquisado. Experimentação , muitas vezes, é paciência e repetição em um exercício intenso de percepção na cartografia." KREUTZ (2003, p.42). Tal análise está intimamente articulada ao princípio extramoral, no qual é preciso se livrar de qualquer julgamento moral e nos apropriarmos do que está sendo observado sem deixar escapar as particularidades da cena em questão, permitindo assim dar visibilidade e dizibilidade dos campos por onde passamos. (KREUTZ, 2003).

Resultados

As atividades que vem sendo realizadas na escola tem mostrado resultados positivos. E diante da proposta houve contribuição e interesse por parte dos responsáveis pela escola, bem como uma excelente recepção e adesão dos alunos as atividades propostas. Percebemos que a sessão de vídeo com uma discussão posterior e proposta de continuidade despertou a curiosidade e vontade de criar das crianças. Esta atividade ainda encontra-se em andamento e o resultado final esperado é a criação de uma maquete, a qual contará a história do bairro e as vivências das crianças que residem no local, a partir deste material faremos a produção audiovisual. Leva-se em consideração a não fidedignidade destas criações, mas acreditamos que a possibilidade de criação será fundamental neste processo.

Portanto evidenciamos que o processo de aproximação com os alunos e professores nos conduziram a algumas bifurcações da ideia inicial dos objetivos do projeto que podem ser descritas pelo seguinte: para chegar ao objetivo principal do projeto que é a produção de material audiovisual, era necessário conhecer os moradores da comunidades, produzir a partir daí algumas reflexões teóricas possíveis que nos levarão constantemente a outros caminhos de criação.

Conclusão

No momento em que nosso projeto sofreu bifurcações, diante do objetivo inicial, tivemos a consciência de que a partir desta experiência, caminhamos para a formação de um novo projeto. Sabemos que a narrativa das crianças da escola é diferente daquela que esperamos na comunidade CEVAL. Mas, acreditamos que neste momento as histórias construídas pelas crianças, mesmo se tratando de uma construção fantasiosa, pode sim ter elementos fundamentais para

falar das subjetividades e vivências que compõe as suas histórias. Se trata de uma construção conjunta e lúdica, com a finalidade de ilustrar histórias, não dando ênfase à sua fidedignidade, mas sim sobre como essas histórias nos transformarão. A nossa aposta é que estas histórias terão um lugar de destaque no projeto, justamente por nos apresentar outras matérias de expressão.

Notas

1. Ao fazer uma pesquisa pelo google tradutor encontramos que dobra em francês é traduzido para plier
2. Conforme consta na capa do DVD, "Marcovaldo narra as 24 horas da vida de um brasileiro comum. Em tom documental, o filme busca promover a reflexão, utilizando uma narrativa nada convencional para apresentar uma realidade que, apesar de cotidiana, nem todos percebem."

Referências

KREUTZ, J. R. In(ter)venções em campo de devastação: um problema e três estudos clínicos no pátio do Hospital Psiquiátrico São Pedro. 2003. Tese de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Intituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PAULON, S. M. A Análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. Psicologia & Sociedade, v.17, n3, p.18-25, 2005.

RAMOS, C; CARVALHO, J. E .C. de. Espaço e subjetividade: formação e intervenção em psicologia comunitária. Psicologia & Sociedade, v.20, n.2, p.174-180, 2008.

ROLNIK, S. Cartografia Sentimental. Porto Alegre: Sulina, 2006

PROJETO VIDA DE INSETO: ESTRATÉGIAS PRÁTICAS E TEÓRICAS PARA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

BRUM, Thomáz Klug
Aluno de Licenciatura em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/ UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

TAVARES, Gustavo Medina
Aluno de Licenciatura em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/UFPel voluntário

PÉDRA, Marcela Gómez Marcos
Aluna de Licenciatura em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/UFPEL, bolsista PROBEC/UFPel

TRINDADE, Maira Aparecia Christello
Aluna de Licenciatura em CIÊNCIAS BIOLÓGICAS/ UFPEL, voluntária

BOBROWSKI, Vera Lucia
Professora Associada do Departamento de Zoologia, Ecologia e Genética/IB/UFPel, coordenadora

A Universidade tem um papel importante na divulgação científica para que a população adquira conhecimento sobre ciência e a reconheça presente em seu cotidiano. Uma das maneiras de ampliar esta função das universidades é realizar atividades de extensão para divulgar a ciência.

O projeto Vida de Inseto surgiu para divulgar conhecimentos científicos inicialmente através de uma abordagem de mitos e verdades sobre a classe Insecta. Insetos são animais invertebrados com exoesqueleto quitinoso, corpo dividido em três partes (cabeça, tórax e abdome), três pares de pernas articuladas, olhos compostos e duas antenas. Pertencem à classe Insecta, o maior e mais distribuído grupo de animais do filo Arthropoda (STORER et al., 1997). São animais extremamente bem sucedidos, todos os tipos de ecossistemas naturais e modificados apresentam comunidades de insetos, que possuem grande variedade de estilos de vida, formas e funções (GULLAN & CRANSTON, 2008).

Partindo da premissa que aulas práticas são essenciais na aprendizagem de Ciências, uma vez que a boa formação dos estudantes passa por experiências que transcendem o campo teórico e despertam nos alunos a curiosidade e o interesse de investigação dos diferentes componentes da natureza (BARBOSA, PAULO & RINALDI, 1999), utilizamos desta técnica como uma forma de diminuir a repulsa associada a esses organismos, já que eles são lembrados com frequência apenas como seres que causam doenças ou outros prejuízos (COSTA-NETO & PACHECO, 2004).

Este projeto de extensão visa contribuir com os professores de Ciências das escolas públicas facilitando o ensino da classe Insecta através de oficinas e/ou minicursos.

O projeto foi apresentado em diferentes encontros com professores da rede municipal e estadual do ensino básico da região de abrangência da Universidade Federal de Pelotas.

Metodologia

O minicurso Vida de Inseto foi apresentado a professores do ensino básico da rede municipal e estadual nos municípios de abrangência da Universidade Fede-

ral de Pelotas (UFPel) como Pelotas, Jaguarão, Arroio Grande e Herval.

Esta atividade utiliza materiais simples para a apresentação das abordagens tanto teóricas quanto práticas. Na abordagem teórica foi utilizada uma metodologia do tipo seminário com slides e vídeos, porém com um viés construtivista, pois os participantes são encorajados a fazerem perguntas e exporem seus conhecimentos prévios durante a apresentação e a partir disso são feitas pequenas quebras na linearidade do que seria um seminário tradicional tornando-o mais dinâmico.

Na abordagem prática, foram usados modelos didáticos construídos a partir de recorte e montagem em papel cartão, espécimes conservados presentes em caixas entomológicas e espécimes conservados em álcool 70%.

Nesse tipo de abordagem a observação e a demonstração diante dos modelos foram essenciais, fazendo com o que possivelmente tenha ficado abstrato durante a apresentação torna-se palpável e mais compreensível. A avaliação da atividade foi feita através de questionário com quatro perguntas para análise qualitativa da oficina.

Resultados

Participaram das atividades do projeto de forma direta 70 professores e considerando que cada professor tenha apenas uma turma de 30 alunos, o numero total de beneficiados com o projeto é de mais de mil pessoas nos municípios de Pelotas, Jaguarão, Arroio Grande e Herval, fazendo uma projeção baixa do alcance do trabalhado desenvolvido.

Como avaliação do projeto apenas um dos questionamentos foi abordado: “Cite duas coisas que aprendestes hoje”. As respostas variaram razoavelmente e os vinte seis participantes que responderam demonstraram que os assuntos que mais lhes chamaram atenção nos insetos foram os mitos e erros populares, a anatomia, a importância e a diversidade.

Primeiro com relação a mitos e erros, alguns participantes citaram que aprenderam que a maioria dos insetos não são venenosos. Isso provavelmente parte de um conhecimento prévio adquirido desde a infância quando os pais ensinam seus filhos dizendo que os insetos são perigosos, principalmente os maiores e agressivos como o louva-deus. Não obstante, já era esperado que os participantes falassem sobre isso porque durante a apresentação uma parte dela é relacionada aos mitos e as formas de defesa dos insetos, como o aposematismo, que induz o predador a pensar que os insetos são venenosos, mas na grande maioria é só uma estratégia evolutiva de defesa.

Da mesma forma, alguns erros em nomes populares de insetos como é o caso da cigarra no Rio Grande do Sul são muito lembrados, pois no seminário é destacado que às vezes a nomenclatura popular diverge da científica.

O segundo assunto que mais chamou a atenção foi a anatomia, que possivelmente foi citado porque a primeira parte do seminário é focada em características gerais dos insetos, com ênfase na morfologia (Figura 1) como sendo um indicador importante para a identificação de insetos.

Figura 1: Fotografia da atividade prática de identificação da morfologia dos insetos com o auxílio da caixa entomológica.
Fonte: Fotografia do Autor, 2014.

Terceiro, a importância e diversidade dos insetos são dois eixos muito comentados durante o minicurso, então é presumível que eles tenham se atido a esses pontos e sanados dúvidas referentes à importância médica, econômica e ambiental, bem como, a grande diversidade do grupo, que representa a maior riqueza de espécie dentre todos os seres vivos já classificados até o momento.

Outro ponto de conhecimento adquirido no seminário e relatado pelos participantes foi a apresentação dos modelos didáticos, pois estes permitiriam a exposição de aulas mais dinâmicas, possuindo um custo baixo de produção e a possibilidade de confecção pelos próprios alunos, além da possibilidade de trabalhar interdisciplinarmente com áreas como Artes e Matemática.

Conclusão

Com este trabalho constatamos a necessidade de mais estudos para o desenvolvimento de atividades práticas e modelos didáticos para o ensino de entomologia, bem como, estes serem incluídos nos planos de ensino que visam o estudo dessa área, aliados ao conteúdo teórico. Essas metodologias oportunizam espaços de discussão e debate, tornando as explicações dinâmicas e atrativas para os alunos, visando um melhor entendimento do conteúdo.

Referências

BARBOSA, J. O.; PAULO, S. R.; RINALDI, C. Investigação do Papel da Experimentação na Construção de Conceitos em Eletricidade no Ensino Médio. Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 105-122, 1999.

COSTA-NETO, E. M.; PACHECO, J. M. A construção do domínio etnozoológico “inseto” pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia. Acta Scientiarum. Biological Sciences, Maringá, v. 26, n. 1, p. 81-90, 2004.

GULLAN, P.J.; CRANSTON, P.S. Os insetos: um resumo de entomologia. 3.ed. São Paulo: Roca, 2008. 440 p.

STORER, T. I. et al. Zoologia Geral. 3.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971. 757 p.

RELATO DA OFICINA EDUCAÇÃO EM MUSEUS: A PRODUÇÃO DE MATERIAL EDUCATIVO PARA OS MUSEUS DA COLÔNIA DE PELOTAS

CASTRO, Renata Brião de
Aluna do Bacharelado em Museologia/UFPel, voluntária do LEP

CRUZ, Patrícia Cristina
Aluna do Curso de Museologia/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

GASTAUD, Carla Rodrigues
Professora do Departamento de Museologia, Conservação e Restauro/ICH/UFPel, orientadora e coordenadora do projeto de extensão

Esse trabalho tem como objetivo descrever a primeira oficina realizada pelo programa de oficinas realizadas pelo Laboratório de Educação para o Patrimônio[1]. A oficina intitulada de "Educação em Museus: a produção de material educativo para os museus da Colônia de Pelotas" teve como foco os museus da zona rural de Pelotas – Museu Etnográfico da Colônia Maciel, Museu Gruppelli, Museu e Espaço Cultural da Colônia Francesa – e Museu Histórico de Morro Redondo[2]. A realização das oficinas foi motivada por uma pesquisa realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2014, pelo laboratório com os museus da cidade de Pelotas cadastrados no Sistema Municipal de Museus - SMM. O levantamento buscou conhecer os aspectos educativos das instituições museológicas pelotense e os resultados mostraram que os museus não desenvolvem ações educativas voltadas para o patrimônio de forma regular[3]. A partir desses dados percebeu-se a carência dessas instituições na área educativa, e optou-se por realizar essa oficina que, além de auxiliar na elaboração de material educativo, poderia incentivar os museus a (re)pensarem acerca da educação em museus. A escolha dos Museus da Colônia de Pelotas e Morro Redondo se deu pelo fato deles serem vinculados a projetos de extensão da Universidade Federal de Pelotas.

Ações educativas podem ser definidas como:

> Elementos fundamentais no processo de comunicação que, juntamente com a preservação e a investigação, formam o pilar de sustentação de todo museu, qualquer que seja sua tipologia. Entendidas como formas de mediação entre o sujeito e o bem cultural, as ações educativas facilitam sua apreensão pelo público, gerando respeito e valorização pelo patrimônio cultural (MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, 2010, p. 5).

O Estatuto Brasileiro de museus afirma a importância dessas atividades. De acordo com a lei:

> Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações

> culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação (BRASIL, Lei nº 11.904, 2009, art. 29).

Os objetivos da oficina foram auxiliar os Museus da Colônia de Pelotas e o Museu Histórico de Morro Redondo na produção de material educativo; ressaltar a importância das ações educativas em museus e estimular sua prática nos museus alvo; promover o contato desses profissionais de museus com materiais educativos de outras instituições; conhecer as necessidades dos museus nesta área, produzir material educativo para uso nos museus.

Metodologia

Os museus foram convidados a participar através dos professores coordenadores dos projetos de extensão que indicaram um total de 21 pessoas.

A oficina aconteceu em três encontros, um a cada semana, e um quarto encontro será definido com os participantes da oficina para apresentação dos relatos sobre a utilização dos materiais produzidos nas ações educativas realizadas por cada museu.

No que diz respeito as atividades de cada encontro, no primeiro dia – 12 de maio – foram discutidos alguns conceitos a respeito de ação educativa em museus, como por exemplo: o que são ações educativas para o patrimônio, para que e para quem se pensa nessas atividades, a relação entre acervo e educação, a diferença entre museu e escola, elementos a serem considerados ao se planejar uma ação educativa: público, espaço, viabilidade, objetivo e avaliação. Além disso, buscou-se estabelecer um tema comum aos museus para a produção de material, vários assuntos foram elencados pelos participantes para posteriormente escolher um tema que unisse os quatro museus.

No segundo encontro – 19 de maio – em um primeiro momento, os partícipes conheceram um pouco do acervo da mediateca do LEP, o qual é formado por materiais educativos de diversas instituições museológicas/culturais a fim de ampliar seu referencial sobre o tema. Num segundo momento foi debatido sobre o tema que seria selecionado para a confecção do material, e optou-se por fazer um painel para cada museu com imagens do museu, do acervo e do seu entorno com o qual os visitantes pudessem interagir. A ideia inicial era produzir um conjunto de imagens em que o visitante possa identificar o que pertence ao museu e ao seu entorno e o que não faz parte daquele contexto.

O terceiro e último encontro - 26 de maio – foi dedicado a produção do material educativo, ou seja, do painel, a equipe de cada museu montou seu painel da maneira que melhor se adequasse às suas demandas.

Resultados

A primeira etapa do programa de oficinas para a produção de material educativo teve como foco os museus que possuem relação com a zona rural e estão vinculados a projetos de extensão da Universidade Federal de Pelotas. A necessidade da realização das oficinas foi evidenciada a partir de uma pesquisa realizada pelo laboratório com os museus da cidade de Pelotas[4] cadastrados no Sistema Municipal de Museus - SMM[5] que mostrou que os museus não desenvolvem ações educativas voltadas para o patrimônio de forma regular. A partir desses dados o LEP percebeu a carência dessas instituições na área educativa, e optou por constituir um programa de oficinas que, além de auxiliar na elaboração de material educativo, pudesse ser fonte de incentivo para que os museus (re)pensassem acerca da educação em museus, tendo em vista a importância de atividades educativas para o patrimônio tangenciadas pelas instituições museais, nesse sentido Horta escreve

> O diálogo permanente que está implícito neste processo educacional estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens (HORTA; GRUMBERG; MONTEIRO, 1999, p. 06).

Quanto aos participantes da oficina houve estagiários das quatro instituições museológicas convidadas. O que demonstra a priori que há interesse pelo tema.

Conclusão

Com a aplicação da primeira oficina do programa avaliamos que esta levou o pessoal dos museus a refletir sobre os processos educativos e sobre a aplicabilidade e a viabilidade das ações educativas em seus espaços. A oficina partiu da proposta de produzir um material educativo de forma simples e fácil, contextualizado na realidade dos museus locais, que pudesse ser utilizado de forma dinâmica em diversos projetos.

A proposta inicial da confecção do material era de um único painel para os quatro museus convidados,

porém conforme o desenvolvimento da oficina verificou que cada museu possuía uma necessidade diversificada e a partir disso cada museu estabeleceu um uso diversificado para o painel.

Ao final desta primeira oficina do programa foi possível podemos perceber que as instituições museológicas são sensíveis às questões educativas, o que foi potencializado pela oportunidade de contato com o material de outras instituições proporcionado pela Mediateca do LEP.

Após a realização do quarto encontro da oficina, o qual terá como propósito que cada um dos museus participantes relate como foi a utilização do material produzido, será possível ter uma avaliação melhor acerca desta primeira oficina realizada pelo laboratório, bem como do uso que cada uma das instituições museológicas conferiu ao painel educativo.

Notas

1. Este projeto pretende refletir sobre os museus como agentes educativos e colaborar para a qualificação das ações educativas desenvolvidas por estas instituições. Para tanto se investiga as ações educativas desenvolvidas em diversas instituições museológicas do Rio Grande do Sul. Além disso, constituiu uma Mediateca, que reúne material educativo e de divulgação produzido por diversos museus e por instituições, nacionais e internacionais, voltadas para o patrimônio e o disponibiliza para consulta, oportunizando o contato com diferentes experiências educativas. Mais informações estão disponíveis no site: wp.ufpel.edu.br/lep e na pagina no facebook: www.facebook.com/Lepparaopatrimonio.
2. Este museu fica no município vizinho, porém, tem características similares e também é projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas.
3. Um artigo relatando os dados dessa pesquisa foi aceito para publicação nos cadernos de educação patrimonial do Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional – IPHAN.
4. CRUZ, Patrícia. CASTRO, Renata. GASTAUD, Carla. Considerações sobre a educação para o patrimônio no município de Pelotas-RS: Uma possibilidade de aproximar museu e sociedade. In: Cadernos temáticos de Educação Patrimonial, v. 4. IPHAN, João Pessoa, 2014. (No prelo)
5 . SMM: http://www.pelotas.com.br/smm/ - Acessado em 20/01/2014

Referências

MINAS GERAIS. Ação Educativa em Museus. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Superintendência de Museus, 2010. (coleção falando de).

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras et al. Guia Básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

SESSÕES NO PLANETÁRIO MÓVEL DA UFPEL COMO FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E APOIO A PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

SANTOS, Ana Paula Malvina
Aluna do Bacharelado em Antropologia/UFPel, voluntária

VERONEZ, Gabriel Güez Vargas
Aluno do Curso de Física/UFPel, bolsista do PIBID/UFPel

ALVES, Virgínia Mello
Professor do Departamento de Física/IFM/UFPel, orientador

KREBS, Paulo Roberto
Professor do Departamento de Física/IFM/UFPel, orientador

Os planetários e seus espaços adicionais, em seus diversos estilos e vinculações, são locais de divulgação científica por excelência. É através da preocupação com a ampliação do uso desses espaços que se faz necessária a aproximação deles com o conhecimento atual da Astronomia, mostrando o fazer do astrônomo e os desafios atuais da área.

É importante ressaltar o reconhecimento da União Astronômica Internacional (IAU) da importância do desenvolvimento da Astronomia como catalizador do desenvolvimento econômico e social de todas as nações. Inclusive o plano estratégico da IAU para o decênio 2010-2020 está baseado em três áreas: tecnologia e capacidades; ciência e pesquisa; cultura e sociedade (MILEY, 2009).

Desde o Ano Internacional da Astronomia (2009) a UFPel se firmou como nó local, engajando-se a esse movimento de popularização da Astronomia. No mesmo periodo foram adquiridos os planetários fixo, da Sphaera Planetaria, e móvel, da Asterdomus e desde então, passou a realizar de forma contínua e consistente uma série de atividades como sessões de planetário, observações astronômicas, exposições (locais, regionais e internacionais), concurso de desenho, curso de formação de professores, ciclo de palestras, elaboração de oficinas e apoio a escolas e clubes de astronomia.

Houve no início apoio financeiro através de parcerias de projetos com a UFRGS (CNPq – PRONEX e AIA2009), IAG-USP (CNPq – INCT) e da OBA (Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica), tendo o trabalho desenvolvido com o apoio de alunos voluntários da UFPel e parcerias com escolas locais. Já em 2013, através de aporte financeiro do programa PROEXT, conseguimos adquirir uma melhor infra-estrutura para o desenvolvimento das atividades, em especial a itinerância das mesmas visando ao maior envolvimento da região de Pelotas. Além disso pudemos constituir um grupo maior de alunos de diversos cursos de graduação envolvidos que dão suporte ao projeto como bolsistas e voluntários a todas as atividades desenvolvidas.

Metodologia

A operação do Planetário Móvel da UFPel, hoje situado no prédio da antiga Laneira, é realizada pelos estudantes membros do Grupo de Astronomia e voluntários, e oferece sessões agendadas para escolas, ao longo da semana, e fixas para o público geral, aos sábados.

Esses agendamentos são realizados através de preenchimento de formulário disponível na página do Laboratório de Astronomia, o que direciona os interessados a um contato maior com as atividades desenvolvidas pelo grupo através de agenda e publicações de materiais próprios no canal.

Além das sessões agendadas para a Laneira, também realizam-se sessões em escolas que tenham local apropriado para a instalação do planetário, bem como em eventos da UFPel (CIC, Projeto Vizinhança, Calourada, etc.) ou locais (Fenadoce, Pic Nic Cultural, Feira do Livro, etc.).

Na elaboração de novos programas sempre há envolvimento dos acadêmicos, na busca constante por melhorias. Com a possibilidade da aquisição de novas técnicas projetivas (sistema digital), os tipos de sessão podem ser ampliados, inclusive desenvolvendo programas não vinculados à Astronomia, podendo assim oferecer recursos a uma gama ilimitada de usos acadêmicos para os professores de todas as séries.

Resultados

Através do apoio inicial recebido e, principalmente através da vinculação do Planetário da UFPel à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da Universidade, o grupo vinculado ao Laboratório de Astronomia tem crescido constantemente e qualificado-se cada vez mais. Hoje o Planetário da UFPel faz parte do Núcleo de Museus e da Comissão do Mercosul Multicultural de nossa instituição, além da Associação Brasileira de Planetários (ABP).

Em relação ao contato da população com a área da Astronomia, a cada ano conseguimos atingir um número maior de alunos e interessados em conhecer o Planetário. Apenas em 2013, o número estimado de visitas individuais ao Planetário na Laneira é de aproximadamente 600 alunos. O impacto das atividades desenvolvidas é visto durante e após cada sessão, na ansiedade e expressão de curiosidade daqueles que usufruem das sessões.

Conclusão

O Laboratório de Astronomia da UFPel vem desenvolvendo um trabalho contínuo, com crescimento visível em quantidade e qualidade. Quantidade de atividades, de pessoas atingidas e de pessoas colaboradoras. O apoio de colegas da área da Astronomia de outras instituições e de colegas de outras áreas de nossa instituição também é crescente e tem recebido o reconhecimento de nossos pares nos eventos específicos em que temos participado.

Pretendemos ampliar nosso trabalho à partir do investimento de recursos financeiros (editais de pesquisa, ensino e extensão), de recursos humanos (parcerias com os diversos cursos da instituição) e, principalmente com a concretização do projeto do Planetário Fixo da UFPel. Com a implantação do Planetário fixo, com seus espaços específicos, esperamos crescer ainda mais possibilitando uma participação mais ampla de mais cursos de graduação, ampliando as atividades hoje já desenvolvidas bem como possibilitando o desenvolvimento de novas atividades.

Enquanto isso, é imperativo que continuemos com novos trabalhos e sempre reforçando e aumentando nosso grupo de acadêmicos envolvidos, renovando nossas sessões e atividades para que cada vez mais pessoas sejam alcançadas e engajem-se no caminho da divulgação científica por meio da astronomia.

Referências

ABP. XVIII Encontro da Associação Brasileira de Planetários. Santo André, 22 a 26 de setembro de 2013. Disponível em http://planetarios.org.br/encontros/abp2013

Laboratório de Astronomia UFPel, 2014. Disponível em: wp.ufpel.edu.br/astronomia Acesso em 17 de agosto de 2014.

MILEY, GEORGE. Astronomy for Development: Building from the IYA2009 – Strategic Plan 2010-2020. Paris: IAU (International Astronomy Union), 2009.

UFRGS. Galactic Nuclei and their Connection with Stars and the Environment: Conference and Workshop in honor of Miriani Pastoriza. Gramado, 22 a 25 de outubro de 2012. Disponível em http://www.astro.if.ufrgs.br/workshop/

TEATRO DOWN: UM NOVO OLHAR SOBRE O ENSINO DE TEATRO

NOGUEIRA, Gabriel Almeida
Graduando em Teatro pela UFPEL, bolsista Probec

VARGAS, Vagner de Souza
Doutorando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPEL, bolsista CAPES

VIEIRA, Angela Carla Morais Becker
Graduanda em Pedagogia/UFPel, Bolsista Pibic/UFPel

HAFYD, Ryan
Graduando em Teatro pela UFPEL, bolsista Pet/UFPel

BUSSOLETTI, Denise Marcos
Professora da Faculdade de Educação – FaE – UFPel, orientadora e coordenadora do Programa Fronteiras da Diversidade e NALS (Núcleo de Artes Subjetividade e Linguagem)

Existem raros trabalhos que exponham maneiras efetivas de se trabalhar o ensino de teatro, utilizando processos lúdicos, afetivos, sensoriais e estéticos com jovens que necessitam de atenção especial (RABÊLLO, 2011). A evolução do ensino de teatro no Brasil vem mostrando que, atualmente, os professores de teatro têm revisto os conceitos e propostas metodológicas defendidas a partir da segunda metade do século XX. As relações entre os participantes, as propostas de jogos teatrais que permitam vivências e as experiências estéticas não necessariamente arraigadas nos textos da dramaturgia clássica, vem sendo pensadas como alternativas de abordagens contemporâneas para a pedagogia teatral (REBÊLLO, 2011).

Salientamos que o trabalho com a linguagem teatral nem sempre se vincula exclusivamente ao exercício cênico. Os objetivos de quaisquer atividades nessa área deverão estar relacionados ao que desejamos como produto final (ROUBINE, 1992; RYNGAERT, 1995; JAPIASSU, 2001; VARGAS; BUSSOLETTI, 2014). Por exemplo, se almejarmos montar uma peça de teatro, optaremos por uma série de propostas que instrumentalizarão o elenco para o momento da estreia ou se os objetivos forem relacionados ao campo da educação, voltaremos nossas metodologias para desenvolver o processo de significação, juntamente com a linguagem teatral(CARLSON, 1997; VARGAS; BUSSOLETTI, 2014).

Entretanto, o teatro também pode ser utilizado com objetivos pedagógicos nos mais diversos níveis de ensino (KOUDELA, 1992; VAZ, 1998; SANTANA, 2000; JAPIASSU, 2001; DESGRANGES, 2003; VARGAS; BUSSOLETTI, 2014). Além disso, quando não há estrutura e nem o intuito de montarmos um espetáculo de teatro, podemos nos apropriar de algumas alternativas para fomentarmos discussões, reflexões, propor outros tipos de criações artísticas, assim como teóricas (COURTNEY, 1980; MAGALDI, 1989; SALOMÃO, 2008; RYNGAERT, 2009; BARRETO, 2010; RACIÈRI, 2010; BERTHOLD, 2011; VARGAS; BUSSOLETTI, 2014).

Quando entramos no campo das particularidades relacionadas ao ensino de teatro para pessoas com Síndrome de Down, encontramos poucos estudos que relatem abordagens metodológicas e reflexões sobre o desenvolvimento dessas vivências estéticas e poéticas. Em muitos casos, as abordagens utilizadas para

o ensino das diferentes linguagens artísticas para as pessoas com Síndrome de Down, voltam seus olhos para aspectos do desenvolvimento psicomotor, ou enfatizando momentos lúdicos de atividades de recreação (FIGUEIREDO, 2009, REBÊLLO, 2011; MACCARI, 2011).

Nesse sentido, não devemos nos focar apenas na descoberta de metodologias e abordagens específicas para o ensino da linguagem teatral a pessoas com Síndrome de Down, mas, também refletirmos sobre como esse processo é significado por eles sob o ponto de vista estético e poético do fazer teatral. Além disso, a introdução de questões relacionadas ao trabalho corporal dentro das técnicas teatrais para pessoas com Síndrome de Down pode nos fornecer importantes subsídios para compreendermos como se processam as narrativas corporais dessas pessoas.

O objetivo desse trabalho é apresentar algumas atividades desenvolvidas pelo projeto Teatro Down, vinculado ao Programa Fronteiras da Diversidade e ao Núcleo de Artes, Linguagens e Subjetividades (NALS), da Faculdade de Educação (FAE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a atividade teve funcionamento do dia 21/08/2013 à 20/11/2013.

Metodologia

O Projeto Teatro Down tinha como objetivos primordiais oferecer aulas de teatro a pessoas com Síndrome de Down que pertenciam ao projeto "Novos Caminhos", vinculado à Universidade Federal de Pelotas. As aulas eram ministradas por um estudante do curso de Teatro da Universidade Federal de Pelotas, integrante do Projeto Fronteiras da Diversidade e do NALS, que possui a Síndrome de Down. O projeto desenvolveu suas atividades durante o ano de 2013, com 09 encontros de 90 minutos de duração, uma vez por semana, em uma turma com cerca de 15 alunos, variando suas idades entre 12 anos a 36 anos. O ministrante das aulas teve todas as suas atividades orientadas e supervisionadas pela coordenadora do projeto. Nas atividades, foram utilizados jogos teatrais (SPOLIN, 1992). Além disso, também eram realizados exercícios de expressão corporal e vocal com os participantes.

Resultados

Ao término desse período, além dos resultados lúdicos desenvolvidos ao longo do processo, os participantes das aulas puderam entrar em contato com a linguagem teatral, seus processos e metodologias. Além disso, as aulas de teatro possibilitaram a esses indivíduos se expressarem e terem vivências importantes por meio dos jogos e improvisações teatrais. Ademais, os exercícios de expressão corporal e vocal também funcionaram como adjuvantes nas práticas desempenhadas por outros profissionais para o desenvolvimento da psicomotricidade desses alunos.

Conclusão

O Projeto Teatro Down além de levar o ensino de teatro a um grupo específico de pessoas, também inova ao desenvolver essas atividades tendo como ministrante um aluno da UFPEL que também possui Síndrome de Down. A maneira como os exercícios teatrais foram adaptados ao contexto deste público alvo teve muito de seus pontos positivos associados ao fato do ministrante das atividades conhecer de dentro as peculiaridades dos indivíduos com essa síndrome.

Esse projeto pioneiro é desenvolvido de acordo com as propostas de Pedagogia da Fronteira e Estética da Ginga defendidas pelo NALS, onde as diferenças são encaradas como características que podem possibilitar adaptações/mudanças nas abordagens pedagógicas, agregando resultados positivos a todos os envolvidos (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013). As atividades do Projeto Teatro Down terão continuidade a partir do ano de 2014, juntamente com o projeto "Novos Caminhos" e com as mesmas características desenvolvidas anteriormente.

Referências

BARRETO, Cristiane S. A travessia do narrativo para o dramático no contexto educacional. VI Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2010.

BERTHOLD, Margot. História Mundial do Teatro. São Paulo/SP: Perspectiva, 2011.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Art and aesthetics of ginga: Boundary for the future in the in-between places of diversity. Global Journal of Human Social Science. Arts & Humanities. v. 13, issue 04, pp. 01-09, 2013.

CARLSON, Marvin. Teorias do teatro. São Paulo: UNESP, 1997.

COURTNEY, Richard. Teatro e pensamento. São Paulo: Perspectiva, 1980.

DESGRANGES, Flávio. A pedagogia do espectador. São Paulo: Hucitec, 2003.

FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho. O ensino do teatro na educação não-formal: contribuições para a formação inicial do professor de teatro. V Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. ABRACE, 2009. Disponível em: http://www.portalabrace.org/vreuniao/textos/pedagogia/Ricardo_Carvalho_de_Figueiredo_ -_O_ensino_do_teatro_na_educacao_nao-formal.pdf, Acesso em 22 de mai de 2014.

JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do ensino do teatro. Campinas: Papirus, 2001.

KOUDELA, Ingrid D. Jogos teatrais. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MACCARI, Aline Conti. Síndrome de Down: Envolvimento com o ensino da arte e suas diferentes linguagens. Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, 2011.

RABÊLLO, Roberto Sanches. Teatro Educação – uma experiência com jovens cegos. Salvador/BA: EDUFBA, 2011.

RANCIÈRI, Jacques. O espectador emancipado. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

RYNGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

RYNGAERT, Jean Pierre. Jogar, representar - práticas dramáticas e formação. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

ROUBINE, Jean-Jacques. A linguagem da encenação teatral 1880-1980. Rio de Janeiro; Zahar, 1992.

SALOMÃO, Marici. Os limites do autodidatismo na dramaturgia brasileira. Revista Sala Preta. 8(1): 2008.

SANTANA, Arão. Teatro e formação de professores. São Luís: EDUFMA, 2000.

SPOLIN,Viola. Improvisação para o teatro. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 1992.

VARGAS, Vagner de Souza; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Texto e contexto: dramaturgia teatral, educação e diversidade. Revista Querubim, num. 22, vol. 2, PP. 115- 122, 2014.

VAZ, Beatriz Cabral. Ensino do teatro — experiências interculturais. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

TOY ART, ESTIMULANDO UMA REFLEXÃO SOBRE O MEIO AMBIENTE

PACHECO, Paula Lima
Aluna da Licenciatura em Artes Visuais/UFPel, bolsista PROBEC/UFPel

SCHMITZ, Diego
Aluno da Licenciatura em Artes Visuais/UFPel, bolsista de INICIAÇÂO AO TRABALHO/UFPEL

LEMOS, Rosemar Gomes
Professora do Departamento de Centro de Artes/UFPel, orientador; coordenador

Este trabalho teve início no Projeto "Grupo Design, Escola e Arte (Grupo DEA) - Construindo Conhecimento e Fazendo Arte", registrado na Pró-reitoria de Extensão Universitária da Universidade Federal de Pelotas e coordenado pela Professora Doutora Rosemar Gomes Lemos. "Este Grupo surgiu da iniciativa de junção das ideias de contribuição social de professores e alunos de diferentes segmentos da Universidade Federal de Pelotas, Universidade Federal do Rio Grande e Universidade Católica de Pelotas (GRUPO DEA, 2014)". Os universitários pertencem às diversas áreas acadêmicas dentre eles: Artes Visuais, Design Gráfico, Tecnologia em Geoprocessamento, Música, entre outros.

As metas deste projeto são: conscientizar e fornecer às crianças (pertencentes às instituições públicas de Pelotas) uma reflexão sobre a lei 10.639/03 e a educação ambiental, através de filmes e oficinas práticas de Artes, utilizando-se de materiais didáticos (vídeos, jogos e livros), entre outros, criados pelo próprio Grupo de extensão e pesquisa.

Esta proposta vem obtendo resultados importantes para a Universidade, pois conhecimentos acadêmicos vêm sendo utilizados na proposição de reflexões e na construção do conhecimento, além de conseguir repassar para aos acadêmicos do Grupo DEA formação complementar em seus cursos.

Este trabalho tem por objetivo analisar a importância da contribuição de uma das oficinas didático-pedagógica elaborada por graduandos de Artes Visuais Licenciatura buscando que os alunos refletissem sobre a educação ambiental e incentivando à novas práticas. A oficina foi elaborada para execução em uma escola pública de ensino fundamental, pertencente à rede estadual de ensino, estando esta localizada da Zona Norte de Pelotas–RS. A proposta teve por fim ainda, despertar um pensamento consciente sobre educação ambiental nas crianças desta escola.

Metodologia

Em junho de 2013 o Grupo Design, Escola e Arte (Grupo DEA), após diálogo entre a direção, supervisão escolar e a coordenação do grupo DEA, criou um subprojeto denominado: "Diversão com pipoca: viajando pelo mundo e construindo histórias" (ainda em andamento). Elaborou um portifólio com a finalidade

de apresentar a Direção e Supervisão escolar de cada escola, onde era apresentado o projeto, suas finalidades, temas a serem abordados e sugestões de filmes (incluindo sinopse, censura e tempo de exibição). A capa é apresentada na figura 1.

Figura 1: Capa do livro
Fonte: Acervo do autor

Este subprojeto foi criado pelos acadêmicos do Grupo DEA que, selecionaram filmes e suas sinopses para cada nível escolar (filmes de temas indígenas e africanos à cultura brasileira em cumprimento à lei 11.645). Depois de assistidos pelo grupo, escreveram um texto de apresentação do projeto e elaboraram a capa. A partir daí portfólio do projeto estava pronto para ser apresentado nas escolas.

Esse trabalho continua sendo complementado com outros embates, onde são desenvolvidas aulas, que aliam prática de Arte, reciclagem de materiais, conscientização étnico-racial e outras questões vitais para a formação do aluno enquanto cidadão, referentes à autoconfiança, bullying e diversos tipos de preconceitos.

A escolha dos filmes onde a oficina foi realizada pela diretora da escola, a qual entrou em contado com a Coordenadora Geral do Grupo DEA solicitando a assistência do grupo na conscientização dos alunos sobre as questões ambientais e étnico-raciais. Dessa forma o DEA ficou responsável por elaborar e executar alguns encontros com os alunos da escola. No primeiro, foi feita uma sessão de cinema, julgando que o cinema é uma linguagem que atrai e retrata os pensamentos, atitudes, características e a cultura das populações em âmbito geral. Nos outros encontros, os acadêmicos foram divididos em duplas para atender cada turma em separado.

Desse modo, iniciou-se a atividade onde os acadêmicos apresentaram-se, dizendo de que instituição pertenciam, o que fariam na escola e como funcionava a forma de trabalho do projeto. Neste dia compareceram seis acadêmicos, dois das Artes Visuais, um da Sociologia, um do Designer Gráfico, um da Tecnologia em Geoprocessamento e um do Direito. Logo, foi apresentado O filme Wall-E para crianças de quinto, sexto e sétimo ano (figura 2). Haviam duas turmas de quinto, uma de sexto e uma de sétimo ano.

Figura 2: Alunos assistindo filme Wall-E
Fonte: Fotografia do autor

Em seguida, após a exibição do filme foi desenvolvida a técnica de exposição oral dialogada com os alunos, onde foram questionados os pontos mais importantes do filme (educação ambiental). Diz FREIRE (1996):

> Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pode pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de respostas a perguntas que não foram feitas.

No primeiro encontro, no qual ocorreu a sessão de cinema, a maioria dos acadêmicos do Grupo DEA participaram. Já no segundo, este foi dividido em três duplas para atender as turmas de forma mais focada às suas características. Neste foi executada a atividade prática, atendendo-se turmas individualmente, contendo o quinto ano, objeto deste trabalho, trinta alunos. A turma era bastante agitada, os alunos estavam inquietos e curiosos com a proposta, a faixa etária variava entre dez e doze anos. Neste evento compareceram quatro oficineiros, dois das Artes Visuais Licen-

ciatura, um do Designer Gráfico e um da Sociologia. Primeiramente foi distribuído papel sulfite, tamanho: A4, gramatura 150g. Estas folhas continham desenhos impressos dos Paper toys. A turma ficou curiosa com a proposta, pois a maioria não conhecia os Toy Art (Paper toy)[1]. Logo, os acadêmicos introduziram o tema, explicando o que é a Toy Art (Paper toy); depois elaboraram um exemplo para a turma. Em seguida os alunos começaram a desenvolver a proposta, na qual eles deveriam recortar o desenho que estava no papel, depois colorir e desenhar o rosto e o corpo do boneco (Paper toy) conforme desejassem, utilizando toda sua criatividade, seguindo o que pensa Vecchietti (2008):

> Por meio dos jogos e das brincadeiras o educando explora muito mais sua criatividade, melhora sua conduta no processo ensino-aprendizagem e sua autoestima, porém, o educador deve ter cuidado de como são colocados os jogos em seus fins pedagógicos, para que não se transformem em atividade dirigida e manipuladora.

A seguir os acadêmicos auxiliaram os alunos na colagem dos bonecos. Dessa maneira, enquanto a proposta estava sendo desenvolvida os arte-educadores iam conversando com a turma, explicando as questões ambientais, de forma, simplificada e divertida, para que eles pudessem compreender de forma lúdica os principais conceitos relacionados â preservação do meio-ambiente.

Resultados

Notou-se que a proposta foi aceita e desenvolvida pelos alunos, pois conseguiram elaborar os brinquedos, desenvolvendo ideias muito expressivas e criativas. Percebeu-se que foram participativos durante os questionamentos, após a sessão de cinema e durante toda atividade prática. Além disso, os acadêmicos conseguiram fazer com que os alunos refletissem sobre a educação ambiental falando sobre seus pontos de vista e formas de ação. Tal reflexão foi percebida através da análise dos desenhos que surgiram, os quais retrataram a natureza e questões ambientais.

O grupo retornou à escola posteriormente para elaborar outras atividades, envolvendo a temática educação ambiental. Notaram durante um pequeno debate sobre a questão, maior participação e opiniões construtivas a respeito. Verificou-se que os alunos haviam desenvolvido um pensamento mais consciente sobre o tema. O grupo DEA continua indo na escola e agindo com atividades distintas envolvendo o mesmo tema.

Pretende-se ainda realizar outras atividades pedagógicas com os alunos a fim de obter mais dados e averiguar os resultados de forma mais precisa no que se refere às mudanças de comportamento e consciência ambiental.

Conclusão

Após a realização desta experiência percebeu-se que os alunos conseguiram desenvolver um pensamento crítico sobre o tema abordado. Além de surgirem ideias muito expressivas durante o processo de criação dos Paper toys.

Para os acadêmicos foi importante a atividade, devido as expressividades que surgiram nos desenhos, ideias diretamente relacionadas à preservação do meio ambiente.

A oficina beneficiou a comunidade escolar ao vivenciar uma proposta que utilizou técnicas apreendidas no ambiente universitário e despertou à atenção e criatividade dos alunos, por ser diferente das atividades desenvolvidas cotidianamente. Acredita-se que a carência destas foi suprida e o processo de conscientização foi concretizado.

Para o Grupo DEA e a Universidade, a atividade extensionista foi de grande valia, devido aos conhecimentos acadêmicos terem sido aceitos pelos alunos, o que foi percebido através da expressividade e criatividade das crianças estimuladas durante a experiência. Surgiram desenhos muito criativos e para os arte-educadores a ação foi importante porque, ao desenvolver a prática docente, aplicou outros instrumentos, como: oficina de Paper toy e a inserção do cinema, para complementar a formação em seus cursos.

Notas

1. “é um meio alternativo de transmitir uma identidade particular já que a insatisfação dos artistas em relação aos bonecos disponíveis no mercado e a vontade de criar uma peça que refletisse o estilo do criador fizeram deles customizáveis” (UNICEUB, 2009).

Referências

FREIRE, Paulo; Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa, Ed. EGA, 1996.

Referências eletrônicas

Documento da Casa dos Girassóis, Universidade do Estado de Santa Catarina, 2008/01; Disponível em: http://casadosgirassois.org/2011/10/14/ludico-na--sala-de-aulapropondoatividades-diferenciadas/. Acesso em 03 de agosto de 2014.

Descrição do Grupo DEA – Design Escola e Arte, Universidade Federal de Pelotas, 2014; Disponível em: https://www.facebook.com/grupodeaufpel/info. Acesso em 03 de agosto de 2014.

Sinopse do filme Wall-E, ADOROCINEMA, 2008; Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-123734/. Acesso em 05 de agosto de 2014.

Documento do CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB, 2009/02;
Disponível em: http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1923/2/20515745.pdf. Acesso em 05 de agosto de 2014.

VIABILIZAÇÃO DA INCLUSÃO DIGITAL PARA JOVENS COM NECESSIDADES ESPECIAIS - PAIC

SOARES, Elenice Dillmann
Aluna do Curso de Psicologia/UCPel, bolsista BEX/UCPel

SALLES, Leticiane Nagera
Aluna do Curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas/UCPel, bolsista do BEX/UCPEL

ALMEIDA, Katarine Quinzen
Aluna do Curso de Direito/UCPEL, bolsista BEX/UCPel

COSTA-MOTTA, Fabiana Moura
Professora do Centro de Ciências da vida e da Saúde/UCPel, co-orientadora

MENDES, Fábio Raniére da Silva
Professor do Instituto Superior de Filosofia/UCPel, co-ordenador

O Projeto de Apoio à Inclusão Digital e Cidadania (PAIC) surgiu em 2004, com o objetivo principal de ser um centro mobilizador de inclusão digital, cidadania, mobilização social e atuação universitária, democratizando a informática para a população que vive em situação de vulnerabilidade social na área de abrangência da Arquidiocese de Pelotas. Entre os beneficiados pelo projeto, encontram-se alunos com necessidades especiais provenientes do CERENEPE (Centro de Reabilitação de Pelotas) e dos CAPS (Centro de Atendimento Psicossocial) de Pelotas. As pessoas portadoras de deficiência mental (PPDM's) são consideradas hoje como portadoras de funcionamento intelectual abaixo da média, porém podem apresentar qualidades e capacidades de responder às demandas da sociedade desde que orientadas e acompanhadas pela família ou profissionais capacitados para este fim. Nesse contexto, já que a tecnologia está dominando todas as áreas, pode-se considerar que a inclusão digital é importantíssima: essas pessoas podem melhorar suas condições de vida tornando-se produtivas e, por consequência, podem conquistar sua independência financeira e seus direitos de cidadão (CARMO, 2009). Diante do exposto, relatamos a experiência do PAIC como espaço de promoção para a inclusão digital das pessoas com necessidades especiais.

Metodologia

A metodologia de ação do PAIC consta dos seguintes passos: contato com a comunidade; seleção dos interessados; aulas e palestras ministradas nos laboratórios do Centro Politécnico da UCPel; utilização de apostilas; elaboração de avaliações e relatórios de acompanhamento; e discussões em grupo. Todas essas atividades são adaptadas para as turmas de acordo com o grau de acometimento das deficiências. As turmas com os alunos que possuem necessidades especiais além de serem reduzidas em termos de quantidade, de duração e de conteúdo, são acompanhadas por um profissional da Instituição de origem e o monitor/bolsista do PAIC do curso de psicologia.

Resultados

Durante 10 anos de atuação, o PAIC já atendeu mais de 2000 pessoas promovendo a descoberta da informática e sua aplicabilidade; técnicas de digitação; aquisição de conhecimentos a respeito dos programas Word, Excel e Power Point; aplicação dos conhecimentos sobre internet nas atividades escolares; estímulo à aprendizagem e a procura do primeiro emprego, visto que se apresentam mais seguros e qualificados para o trabalho. O projeto desenvolve ações permanentes com pessoas que apresentam deficiência mental e física, promovendo oficinas sobre libras, direitos humanos e sociais buscando assim, valorizar as potencialidades de todos independente de suas diferenças. Aproximadamente 150 pessoas com necessidades especiais foram atendidas neste período, permitindo o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas através das novas tecnologias possibilitado a integração deste público no meio onde estão inseridos.

Conclusão

Atualmente, entre os alunos do PAIC estão 47 pessoas com necessidades especiais, a participação desses jovens e adultos no PAIC permite que o mesmo cumpra com o objetivo principal que é atuar na promoção humana através da inclusão digital abrindo portas inclusive para o mercado de trabalho.

Referências

CARMO, Otonélia Santos do. A importância da inclusão digital para jovens portadores de deficiência mental no mercado de trabalho. V Simpósio internacional: O estado e as políticas educacionais no tempo presente. Uberlândia/MG, 2009.

Referências eletrônicas

Site do Projeto de Apoio a Inclusão Digital e Cidadania. Disponível em: http://paidc.ucpel.tche.br/